

A VERDADEIRA ESPOSA DE JESUS CRISTO

ou

**A Religiosa Santificada por meio das virtudes
próprias do seu estado**

Por Sto. Afonso Maria de Ligório
Doutor da Igreja

Tradução oferecida às religiosas e também a todas
as classes de pessoas,
como um guia seguro para a prática das virtudes cris-
tãs com perfeição

por

ANTÔNIO ALVES FERREIRA DOS SANTOS
*Decano da Sta. Igreja Catedral Metropolitana, e Ca-
pelão das Religiosas Concepcionistas do Convento
da Ajuda do Rio de Janeiro etc*

VOLUME II

APPARECIDA DO NORTE
Oficinas do Santuário de Aparecida
1922

Edição Pdf de Fl.Castro - 2004

CAPÍTULO I

DA CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

I. Da necessidade desta virtude e da sua prática nos pensamentos e sentimentos.

1. — Não se pode amar a Deus, sem ao mesmo tempo amar o próximo. O preceito que nos impõe o amor para com Deus, nos obriga igualmente a amar os nossos irmãos, no-lo afirma o Evangelista S. João¹. — Donde conclui S. Tomas que da caridade nascem o amor de Deus e o amor do próximo, porque a caridade nos faz amar a Deus e também o próximo, pelo mesmo motivo, isto é, porque o mesmo Deus assim o quer².

E assim se explica o que S. Jerônimo refere do mesmo Evangelista, que, sendo interrogado por seus discípulos, porque motivo lhes recomendava tantas vezes o amor fraterno, respondeu: Porque é o preceito do Senhor, e se for bem observado, só isto basta para nos salvar³. — Sta. Catarina de Gênova disse um dia ao Senhor: “Meu Deus, vós me mandais amar o próximo, e eu não posso amar senão a vós só”. Ao que lhe replicou o divino Salvador: “Minha filha, aquele que me ama, ama todas as coisas amadas por mim”. — De fato, quem ama uma pessoa, ama os seus parentes, seus servos, seus retratos e até seus vestidos. E porque? Porque essas coisas são esti-

madras da pessoa amada. — E porque devemos nós amar os nossos próximos? Porque todos eles são bem quistos de Deus. Donde, escreveu S. João que é mentiroso quem diz amar a Deus e tem ódio ao seu irmão⁴. E de outro lado, diz Jesus Cristo que considera como feito a si o bem que fizermos ao menor de seus irmãos, que são os nossos próximos⁵. — Dai concluía Sta. Catarina de Gênova que, para se conhecer quanto uma pessoa ama a Deus, é necessário ver quanto ama ao próximo.

2. — Mas a santa caridade, esta bela filha de Deus, repelida pela maior parte dos homens do mundo, vem procurar um refúgio nos mosteiros e casas religiosas. Que seria dela se fosse também banida dos mosteiros? — Assim como o inferno é o reino do ódio, assim o paraíso é o reino do amor, onde todos os bem-aventurados se amam uns aos outros, e onde cada um goza do bem dos outros como se fosse seu próprio. Oh! que paraíso um convento onde reina a caridade! Faz as delícias de Deus. Eis como é bom e agradável viverem unidos aos irmãos⁶! — Quanto se compraz Nosso Senhor de ver habitar na mesma casa os irmãos ou irmãs, unidos em uma só vontade de servir a Deus e de se auxiliar uns aos outros com caridade a se salvarem, para se acharem um dia unidos na pátria celeste! — Este é o louvor que S. Lucas dá aos primeiros cristãos, isto é, que todos os crentes tinham um só coração e uma só alma⁷. Era o fruto da oração que Jesus Cristo, na véspera de sua morte fez ao seu Pai Eterno, rogando-lhe que seus discípulos fossem unidos pela caridade, assim como ele e o Pai eram unidos por natureza: Pai santo... afim de que, como

nós, sejam uma só coisa⁸. — E é um dos principais frutos da Redenção, predito por Isaías: O lobo habitará em paz com o cordeiro e o leopardo com o cabrito, não se farão mal um ao outro⁹; — isto é, os discípulos de Jesus Cristo, apesar da diversidade de países, de raças e de caracteres, deveriam viver em uma doce paz entre si, procurando uns conformar-se com a vontade e índole dos outros por meio da santa caridade. E observa bem um autor, que significa a palavra *comunidade*, falando dos religiosos, senão *comunidade como unidade*? isto é, que todos devem ser tão unidos de vontade, como se fossem uma só pessoa? É a caridade que mantém a união, porque é impossível que todos os membros de uma comunidade tenham o mesmo gênio e uma só inclinação. É a caridade que une os espíritos e põe tudo em acordo, fazendo que mutuamente se suportem, e um se acomode à vontade do outro.

3. — Narra S. João Clímaco que, perto de Alexandria, havia um célebre mosteiro, em que todos os monges gozavam de uma paz do paraíso, porque todos se amavam cordialmente unidos pela santa caridade. Se algum deles acaso se queixava de outro, o primeiro que o percebia os reconciliava logo, com um simples sinal. E os que se não apaziguavam eram destacados para uma casa vizinha, como em degredo, porque esses *demônios*, assim os chamavam, não eram mais dignos de estar no mosteiro¹⁰.

Oh! como é belo ver um convento de religiosas, que só dizem bem umas das outras, se ajudam e servem mutuamente e se estremecem como verdadeiras irmãs! As religiosas se dão o nome de *irmãs*,

porque tais as torna a caridade, que as une muito mais intimamente, do que poderiam fazê-lo a carne e o sangue. “Aquela que não tem caridade, dizia Sta. Joana Chantal, não é religiosa senão de nome: é irmã de hábito, mas não de coração”. É por isso, que todos os santos fundadores e santas fundadoras de ordens, no momento da morte, recomendaram tanto a seus filhos e filhas a santa caridade, entendendo bem que onde não há união, não está Deus, como se lê nas suas vidas.

4. — Eis o que diz Sto. Agostinho: Quando vedes uma casa com as pedras e madeiras bem travadas e unidas entre si, entraís nela tranqüilos sem temer que se desmorone; mas, se vísseis as pedras desligadas das madeiras, não vos arriscaríeis sequer a meter o pé lá dentro¹¹. — Com isto quer dizer o santo que é feliz a casa religiosa onde todos vivem unidos pela santa caridade. Pelo contrário, desgraçado o convento em que entraram o ódio, as divisões e os partidos. Tais mosteiros não são casas de Deus, acrescenta S. Jerônimo, mas antros de Satanás: não são casas de salvação mas lugares de perdição¹². — E de que serve a um convento ser rico, ser bem construído, ter uma boa igreja e um belo jardim? Se nele não há caridade nem união, é um inferno, um *pandemonium*: uma fala da outra, outra procura rebaixar e desacreditar sua companheira, temendo sempre que domine o partido contrário; as suspeitas e rancores se aumentam; não se pensa nem se fala de outra coisa; só nisto se cogita na oração mental, na missa e na comunhão; pelo que se deve dizer: pobres missas, pobres orações, pobres comunhões! Em uma palavra, onde

não há caridade, não há recolhimento, não há paz, não está Deus.

Ó minhas irmãs, se por desgraça existem facções no vosso mosteiro, derramai lágrimas de sangue diante de Deus e rogai que Ihe mande o necessário remédio com sua mão poderosa, porque só esta poderá extinguir os partidos nos mosteiros onde se houverem introduzido. De resto, se podeis fazer alguma coisa contra este mal, fazei-o, custe o que custar; se, porém, nada podeis, ao menos conservai-vos indiferente, e guardai-vos como da morte, de aumentar essa miséria.

5. — Notai, porém, que eu não falo das monjas zelosas que sustentam a observância das regras e se opõem aos abusos. As que zelam o bem da comunidade são do partido de Jesus Cristo: eu queria que todas fossem deste partido. Se pois virdes nascer algum abuso, eu vos exorto a unir-vos com as mais observantes e fervorosas para combatê-lo; e ainda quando as outras abandonassem, mesmo que vos deixassem sós, não cesseis de defender a causa de Deus. O Senhor saberá recompensar-vos, ao menos por ter feito tudo quanto vos for possível, da vossa parte, para manter a observância. Ceder e até mostrar-se indiferente, quando se trata de observância das regras, não é virtude nem humildade, é antes pusilanimidade e falta de espírito e de amor para com Deus.

Quero, pois, falar das religiosas que fomentam os partidos para sustentar os próprios interesses ou os de suas amigas, ou para impedir suas adversárias de prevalecerem, ou ainda para vingar as afrontas rece-

bidas. De partidos desta sorte, quero que vos afasteis, ainda quando houvésseis de ser acusadas de ingratas, esquisitas e imbecis; e ainda que por isso devésseis ficar postas de parte, sem ofícios e aviltadas para sempre. De resto, para tornar ao nosso propósito, prescindindo dos abusos contra as regras, para conservar a caridade e a paz comum não é demais que sacrifiquemos todos os nossos interesses. Assim procedeu S. Gregório Nazianzeno: vendo que os bispos estavam em desacordo por sua causa, pois alguns o queriam como patriarca e outros o recusavam, disse-lhes: Meus irmãos, quero que vivais em paz e se para isso é necessário que eu, embora seja inocente, renuncie o meu bispado, estou pronto a fazê-lo. E de fato, para tal fim, deixou a Igreja de Constantinopla, e se retirou à solidão.

6. — Mas examinemos em particular o que deve fazer uma religiosa para conservar a caridade com todas as suas irmãs. Há de pôr em prática o que o apóstolo ensinou aos seus discípulos nestas breves palavras: Revesti-vos das entranhas de caridade¹³. — Disse: Revesti-vos de caridade. Assim como a religiosa sempre traz consigo o hábito e se cobre toda com ele, assim em todas as suas ações deve trazer consigo a caridade e estar toda coberta com a caridade. — Diz mais: revesti-vos das entranhas da caridade: a religiosa deve estar vestida não só de caridade, senão também de entranhas de caridade; quer dizer que deve possuir uma tal ternura de afeto para com suas irmãs, como se para cada uma delas tivesse um amor particular. Observai: Quando alguém quer muito bem a outrem, pensa sempre bem dele,

alegra-se com suas vantagens, e se entristece com seus males como se meus bens e males lhe fossem próprios. Quando o amigo comete algum defeito, com que empenho o defende, ou, ao menos, se esforça para escusá-lo. Se, ao contrário, faz alguma obra boa, ó como o louva e exalta até as nuvens! Tudo isto faz a paixão. Ora o que nos outros produz a paixão, em vós deve operar a caridade.

7. — Esforçai-vos, pois, sempre para praticar a caridade para com todos e especialmente para com as vossas irmãs, assim nos pensamentos, como nas palavras e nas ações.

Prática da caridade nos pensamentos e nos sentimentos.

I. Tende cuidado de lançar fora todo juízo, suspeita ou dúvida temerária, a respeito do próximo. É uma falta duvidar sem razão da inocente de outrem; mais falta conceber uma suspeita positiva; e uma falta ainda maior julgar alguém certamente culpado, sem *um fundamento certo*. Aquele que julga desta maneira, será julgado por sua vez, pois disse o Senhor no Evangelho: Não julgueis e não sereis julgados, porque vos julgarão do mesmo modo que julgardes os outros¹⁴.

Disse *sem um fundamento certo*, porque, se houvesse motivos certos para suspeitar e mesmo para crer mal de outrem, então não haveria falta. De resto, é sempre mais seguro e mais conforme à caridade pensar bem de todos e evitar os juízos e as suspeitas, pois diz o Apóstolo que a caridade não pensa

mal de ninguém¹⁵. Todavia é preciso é preciso advertir que esta regra não serve para as religiosas que exercem os ofícios de superiora ou de mestra, as quais, como dissemos em outro lugar, fazem bem ou antes devem suspeitar para prevenir o mal que pode suceder, com as diligências oportunas.

Se, pois, não estais encarregadas de velar pela conduta das outras, tomai a resolução de sempre pensar bem de todas as vossas irmãs. — Sta. Joana de Chantal dizia: “No próximo não devemos olhar o mal, mas somente o bem”. E se, falando do próximo, vos acontecer enganar-vos em seu favor e tomar por bem o que é mal, não fiquéis tristes por isso; porque, diz Sto. Agostinho, a caridade não lamenta o seu erro quando pensa bem ainda de um mau¹⁶.

Sta. Catarina de Bolonha dizia um dia: Há muitos anos que estou na religião, e nunca pensei mal de minhas irmãs, sabendo que aquela que parece imperfeita, é talvez mais agradável a Deus do que a outra que parece muito exemplar. — Guardai-vos, pois, de estar a espreitar os defeitos e ações dos outros, como fazem algumas, especialmente as que andam a perguntar o que se diz de sua pessoa, e que em seguida se encham de suspeitas, incômodos e aversões. Muitas vezes as coisas se referem adulteradas, ou, como se diz, *com franjas*. Por isso, quando ouvirdes dizer qualquer coisa sobre os vossos defeitos, não deveis dar atenção, nem procureis saber quem assim falou. Fazei tudo de modo que ninguém possa dizer mal de vós, e depois deixai que todos digam o que quiserem. E, quando ouvirdes censurar alguma falta vossa, respondi: É muito pouco o que sabem

de mim! Oh quantas coisas poderiam dizer, se soubessem tudo! — Ou então podereis dizer: Deus é que me há de julgar!

8. — II. Quando suceder ao nosso próximo alguma desgraça, uma doença, um prejuízo ou outro qualquer pesar, a caridade manda que nos entristeçamos, ao menos na parte superior de nós mesmos. Digo *na parte superior de nós mesmos*, porque, quando ouvimos falar de um dano sofrido por pessoas que nos são contrárias, nossa natureza rebelde parece que sempre sente certo prazer; mas nisso não há falta, quando a má complacência é repelida pela vontade. Assim, pois, quando arrastadas pela parte inferior a vos regozijardes do mal acontecido ao próximo, deixai-a gritar, como se deixa gritar uma cachorrinha, que ladra como animal sem razão; e acudi com a parte superior a ter compaixão dos males alheios.— É verdade que algumas vezes, é lícito alegrar-se com a enfermidade de um pecador público e escandaloso, porque talvez assim ele entre em si e se converta, ou, ao menos, porque assim cessará o escândalo dos outros. Entretanto, se a pessoa que sofre, nos deu algum desgosto, tal alegria pode ser suspeita.

9. — III. A caridade nos obriga a nos alegrarmos com a felicidade do próximo, expulsando a inveja que consiste em ver com desprazer o bem do próximo, porque o seu bem impede o nosso.

Segundo o doutor angélico, o bem alheio pode nos desagradar de quatro modos, a saber:

1.º - Quando tememos que esse bem possa causar dano a nós ou a outros. Este temor, quando o da-

no é injusto, não é inveja e pode ser isento de toda a culpa, segundo aquilo que escreve S. Gregório: Pode muitas vezes acontecer que, sem faltar a caridade, a desgraça do nosso inimigo nos alegra, como quando a sua queda serve para livrar muitos das misérias que padecem; e também pode suceder que, sem inveja, nos aflija a prosperidade do inimigo, quando tememos que lhe sirva para oprimir injustamente os outros¹⁷.

2.º - Quando vendo, o bem alheio, ficamos tristes, não porque dele goza o próximo, mas porque não gozamos também. Este desprazer não é inveja, é antes um sentimento virtuoso, tratando-se de bens espirituais.

3.º - Quando vemos com pena o bem do próximo, porque o julgamos indigno dele. Tal desprazer não é ainda ilícito, quando pensamos que essa vantagem, essa dignidade, ou essa fortuna será prejudicial à sua alma.

4.º - Quando enfim, nos afligimos com o bem do próximo, porque impede o nosso. E este desprazer é propriamente a inveja de que nos devemos guardar. O sábio diz que os invejosos imitam o demônio que induziu Adão ao pecado, porque sentia desprazer em vê-lo destinado ao céu, donde tinha sido expulso. É pela inveja do demônio que a morte entrou no mundo, e o imitam os que são do seu partido¹⁸. — Pelo contrário, caridade nos faz alegrar com o bem do nosso próximo como se fosse nosso, e nos faz olhar as suas perdas como nossas.

ORAÇÃO

Oh! Meu Redentor, como estou longe de ser semelhante a vós! Vós cheio de caridade para com os vossos perseguidores, e eu de ódio e rancor para com o meu próximo! Vós rogastes com tanto amor pelos que vos crucificaram, e eu logo cuido de vingar de quem me tem cansado dissabores! Perdoai-me, meu Jesus, pois não quero ser mais o que fui no tempo passado, e dai-me forças para amar e fazer bem aos que me ofenderem.

Não me abandoneis sob o domínio das minhas paixões, e não permitais que me separe de vós. Oh! que inferno não seria para mim, se depois de tantas graças que me fizestes, me visse separada de vós e privada da vossa amizade para sempre? Não o permitais, meu divino Esposo, pelo sangue que derramastes por mim! — Padre Eterno, pelos merecimentos de vosso Filho, livrai-me de cair em vosso desagrado. Se vedes que algum dia eu ei de vos ofender, fazei-me morrer agora, que espero estar na vossa graça. — O, Deus de amor, dai-me o vosso amor.

Ó Poder infinito, socorrei-me. Ó Misericórdia infinita, tende piedade de mim. Ó Bondade infinita, atraí-me inteiramente para vós! Eu vos amo, meu sumo Bem!

Ó Maria, Mãe de Deus, rogai a Jesus por mim. A vossa proteção é a minha esperança.

II. Da prática da caridade nas palavras.

1. I. Quanto à caridade de que devemos usar para com o próximo nas palavras, é preciso antes de tudo nos abster de toda a maledicência. O maldizente mancha a sua alma, diz o Espírito Santo, e incorre no ódio de todos, de Deus e dos homens¹⁹. Se há, às vezes, quem o aplauda e excite a falar do próximo, para se divertir, esse mesmo logo o foge e evita com diligência, pensando com razão que também não será poupado, quando houver ensejo para isso. — Diz S. Jerônimo que alguns, depois de ter renunciado os outros vícios, parece que não podem deixar o da murmuração²⁰. — E prouvera a Deus que tais indivíduos não penetrassem nos mosteiros! Infelizmente, porém, também ai se encontram, às vezes, certas religiosas que têm uma língua que não sabe mover-se sem morder e tirar sangue. Em outros termos, há algumas que nada sabem dizer, sem murmurar do próximo; de todas as pessoas de que falam, acham sempre que maldizer. Essas línguas viperinas deveriam ser absolutamente banidas dos claustros, ou, ao menos, estar sempre encerradas no cárcere; porque perturbam o recolhimento, o silêncio, a devoção e a paz de toda a comunidade. Em suma, são a ruína dos mosteiros. E queira Deus não lhes suceda o que aconteceu a um sacerdote murmurador conhecido de Thomaz Cantipratense, que narra ter o infeliz expirado em um acesso de furor, dilacerando a língua com os dentes²¹. — S. Bernardo fala de um outro murmurador, que, tendo querido dizer mal de S. Malaquias, sentiu logo a língua inchada e roída de vermes, e morreu miseravelmente depois de sete dias de cruéis sofrimentos²².

2. — Ao contrário, ó quanto é amada de Deus e dos homens uma religiosa que fala bem de todos! — Dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que se tivesse conhecido uma pessoa que nunca houvesse falado mal do próximo, a teria proclamado santa. — Tende, pois, cuidado de vos abster de toda a palavra que envolva murmuração de quem quer que seja, mais especialmente de vossas irmãs e ainda mais dos vossos superiores, como o prelado, a superiora, o confessor; porque falar mal dos superiores, além de lhes danificar a fama, faz as outras perder-lhes a obediência: ao menos faz perder a submissão do espírito: e se acaso as irmãs, por vossa causa, chegam a compreender que os superiores agem sem razão, depois difficilmente lhes obedecerão como devem.

Comete-se murmuração não só quando se procura denegrir a reputação do próximo, imputando-lhe uma falta que ele não fez, ou exagerando suas faltas reais, ou revelando as que ocultou, mas também quando se interpretam mal suas ações boas ou se diz que são feitas com má intenção. — É também murmuração negar o bem que fez ou contradizer os justos elogios que se fazem do próximo. — Para tornar a murmuração mais crível, que não fazem certas línguas malignas? Começam a louvar uma pessoa, e depois acabam murmurando: Fulana é muito talentosa, mas é soberba: é liberal, mas é vingativa.

3. — Procurai pois sempre falar bem de todos. Falai dos outros como quereis que falem de vós. A respeito dos ausentes, segui esta máxima de Sta. Maria Madalena de Pazzi: Não se deve dizer na ausência de alguém aquilo que se não diria em sua pre-

sença. — Se vos acontecer ouvir uma irmã murmurar de outra, guardai-vos de incitá-la a falar, ou mostrar-lhe que tendes prazer em ouvi-la, porque então vos tornaríeis cúmplices do seu pecado. Nesse caso, repreendei-a ou interrompei a conversa, ou retirai-vos, ou, ao menos, não lhe deis atenção. — Quando ouvirdes alguém murmurar, diz o Espírito Santo, cercai os ouvidos com espinhos, para que os não penetre a malediência²². É preciso então, ao menos pela guarda do silêncio, mostrando um ar triste ou baixando os olhos, testemunhar que tal conversa vos desagrade. Portai-vos, sempre, de modo que ninguém, para o futuro, ouse atacar a fama alheia em vossa presença. E a caridade exige que tomeis a defesa da pessoa de quem se murmura, quando vos for possível. — Esposa minha, diz o Senhor, eu quero que vossos lábios sejam como uma fita vermelha²³: isto é, segundo explica S. Gregório Nysseno, sejam vossas palavras abrasadas de caridade de modo que ocultem os defeitos alheios, quanto possível²⁴; ou, ao menos escussem a intenção, se for impossível desculpar a ação, acrescenta S. Bernardo²⁵. — Como refere Surio, o abade Constavel era chamado *Capa dos Irmãos*²⁶, porque este bom monge, quando ouvia falar dos defeitos do próximo, procurava meios de ocultá-los. — O mesmo se narra de Sta. Teresa, dizendo suas religiosas que, onde estava a santa, tinham certeza de que não lhes cortavam na pele, porque sabiam que ela as defendia.

4. — II. Guardai-vos também de referir às vossas irmãos o mal que outras delas disserem. Dai nascem muitas vezes perturbações e rancores que duram

meses e anos. Oh! que contas hão de dar a Deus as línguas semeadoras de discórdias nos mosteiros! Quem tal prática incorre no ódio de Deus; pois diz o Sábio: Há seis coisas que o Senhor odeia e uma sétima que detesta²⁷. Qual é esta sétima? É aquele que semeia discórdias entre os irmãos²⁸. — Quando uma religiosa fala arrastada pela paixão, merece alguma escusa: mas a que, de sangue frio, sem paixão, fomenta a discórdia e perturba a paz comum, como Deus a poderá sofrer? Se ouvirdes uma palavra contra alguma de vossas irmãs, segui o conselho do Espírito Santo: Não a deixeis ir adiante, abafai-a no vosso coração, e fazei-a morrer aí²⁹.

Enquanto um se acha encerrado em um lugar, pode dai evadir-se, e aparecer a vista de todos, mas quem morreu, não pode mais sair da sepultura: Em outros termos, estai atentas para não deixar transparecer nenhum sinal do que ouvistes; porque se derdes o menor indício, ainda que fosse só uma meia palavra ou um simples movimento de cabeça, as outras poderão combinar as circunstâncias, e adivinhar ou ao menos gravemente suspeitar o que tiverdes ouvido.

Há certas religiosas, que, ouvindo algum segredo, parece que sofrem angústias mortais, enquanto o não revelam de qualquer modo: sentem como um espinho a pungir-lhes o coração, até que o lancem fora. Quando descobirdes qualquer defeito de alguma, podeis dizê-lo somente aos Superiores, e isto somente quando for necessário fazê-lo para reparar o dano da comunidade ou da mesma irmã que falta ao seu dever.

5. — III. Quando estiverdes no recreio, nas conversas, guardai-vos de dizer palavras picantes, ainda por gracejo. Gracejos que desagradam ao próximo, são contrários à caridade e ao que disse Jesus Cristo: Tratai os outros como quereis que vos tratem³⁰.

Porventura vos agradaria serdes zombada e chateada diante das outras, do mesmo modo, como tratais as vossas irmãs? Portanto não mais o façais.

Além disso, procurai fugir das discussões e contendas, quanto for possível. Às vezes, por bagatelas e ninharias, travam-se disputas que degeneram em distúrbios e injúrias. Há algumas pessoas que tem o espírito de contradição, pois, sem nenhuma necessidade nem utilidade, mas somente para contrariar, começam a levantar questões impertinentes e fantásticas, e assim ferem a caridade e perturbam a união fraterna. Segui o conselho do Espírito Santo: Não discutais de coisas que vos não molesta³¹.

Mas dirá aquela: Eu não posso ouvir absurdos. — Eis o que lhe responde o Cardeal Belarmino: Mais vale uma onça de caridade do que cem carradas de razões. Quando se questionar, especialmente de uma coisa de pouca importância, dizei o vosso parecer, se quiserdes tomar parte na conversação, e depois ficai em paz, sem porfiar em defender a vossa opinião; é até melhor então ceder e adotar a opinião das outras. Dizia S. Frei Gil que, em tais controvérsias, quando um cede, então vence, porque fica superior em virtude e assim conserva também a paz, que é um bem muito maior do que a vantagem de ter vencido com razões, e ter feito prevalecer a sua asserção. E, por isso, dizia Sto. Efrem que ele, para

manter a paz, tinha sempre cedido nas contendas e discussões.

Pelo que S. José Calasans dava a seguinte advertência: Quem quiser paz, não contradiga a ninguém.

6. — IV. Se quereis amar a caridade, procurai ser afáveis e brandas com todo gênero de pessoas. A brandura é chamada a virtude do Cordeiro, isto é, a virtude estimada de Jesus Cristo, que por isso quis ter o nome de Cordeiro. Sêde mansas na vossa maneira de falar e de agir, não só com a Superiora oficiais, mas também com qualquer outra pessoa, e especialmente com as irmãs que, no passado, vos ofenderam, ou que no presente vos olham de má vontade, ou são do partido contrário, ou para as quais tendes natural antipatia, seja por suas maneiras pouco polidas, seja por sua falta de reconhecimento a vosso respeito. A caridade tudo suporta, porque é paciente³². Não se pode dizer que tem verdadeira caridade quem não quer suportar os defeitos do próximo.

Neste mundo não há pessoa alguma, por mais virtuosa que seja, que não tenha seus defeitos. Quantos não tendes vós, e quereis que as outras vos tratem com caridade e compaixão. É, pois, necessário que tenhais também caridade com as outras, e vos compadeçais das suas misérias e imperfeições, segundo exorta o Apóstolo: Auxiliai-vos uns aos outros³³. — Vede com que paciência sofrem as mães as travessuras dos filhos: e porque? Porque os amam. Pelo mesmo sinal se reconhecerá se amais as vossas irmãs com caridade verdadeira, amor que sendo

sobrenatural, deve ser mais forte do que o amor natural.

Com que caridade nosso divino Salvador não suportou as grosserias e imperfeições de seus discípulos durante todo o tempo, que com eles viveu? Com quanta caridade não suportou Judas, chegando até a lavar-lhe os pés para enternecê-lo?

Mas para que falar de outros? Falemos de vós mesmas. Com que paciência o Senhor não vos tolerou até agora? e vós não quereis sofrer as vossas irmãs? — O médico detesta a enfermidade, mas estremece o enfermo; e assim vós, se tendes caridade, deveis aborrecer os defeitos, mas ao mesmo tempo deveis amar as pessoas que os cometem. — Alguma dirá: Que hei de fazer eu! Sinto uma antipatia natural por aquela irmã, que não posso vê-la sem enfado. — E eu vos respondo: Tende um pouco mais de bom espírito e de caridade, e desaparecerá essa antipatia.

7. — Vamos agora a prática da mansidão.

Antes de tudo, procurai, nas ocasiões, refrear a ira, quanto puderdes. Guardai-vos, depois, de dizer palavras desabridas, e ainda mais de usar de maneiras altivas e grosseiras, porque, às vezes, mais desagradam os modos ásperos do que as próprias palavras injuriosas.

Se vossas irmãs dirigirem algumas palavras de desprezo, um pouco de coragem! sofri-o; sofri tudo por amor de Jesus Cristo, que suportou muitos outros desprezos maiores por amor de vós. Meu Deus! que miséria ver certas religiosas, que vão todos os dias à oração e tantas vezes à comunhão, mostrarem-se tão sensíveis e delicadas a toda palavra de pouco respei-

to e a todo ato pouco atencioso que se lhes fazem! — Sór Maria da Ascensão, quando recebia alguma afronta, corria logo ao altar do SS. Sacramento e dizia: Meu divino Esposo, eu vos ofereço este mimo. Dignai-vos aceitá-lo e perdoar a quem me ofendeu. — Porque não haveis de fazer assim? É necessário sofrer tudo para conservar a caridade. O Padre Alves dizia que esta virtude é fraca, enquanto não passou pelas provas dos maus tratos. É nestas ocasiões que se conhece, se uma alma tem caridade.

8. — Quando alguma vos falar com cólera, vos injuriar ou censurar de alguma coisa, respondi-lhe com doçura, e a vereis logo aplacada, porque está escrito: Uma resposta branda detém e acalma a ira³⁴. — Assim como o fogo não pode ser extinto pelo fogo, nota S. João Crisóstomo, assim também a ira não pode ser apaziguada pela ira³⁴. — Aquela pessoa vos fala com ira; vós lhe respondeis com cólera: como quereis que se acalme? Ainda que acendereis nela o furor, e ofendereis ainda mais a caridade. — Eis o que Sofronio refere a este propósito: Dois monges em viagem tendo errado o caminho, entraram, por acaso, em um campo semeado. O camponês, guarda do território, ao vê-los andando naquele sítio, os cobriu de injúrias. Eles, a princípio, calaram-se, mas vendo que o guarda se enfurecia cada vez mais e engrossava as afrontas, disseram-lhe: Irmão, nós eramos, nós fizemos mal. Por amor de Deus, perdoai-nos. — Essa resposta tão humilde o fez entrar em si, de modo que, por sua vez, se pôs a pedir perdão das injúrias irrogadas; e se compungiu tanto, que deixou o mundo e se fez monge com eles.

9. — Algumas vezes, talvez vos pareça razoável, ou mesmo necessário rebater a insolência de qualquer irmã, respondendo-lhe com vivacidade, sobretudo se sois superiora e ela vos tenha faltado como respeito. — Mas, cuidado com a ilusão! Sabei que nesse caso é antes a paixão, do que a razão, que vos leva a falar. Não nego que, especulativamente falando, às vezes, seja lícito irar-se, com tanto que faça sem defeito, como disse o rei profeta³⁵. — Mas a dificuldade está em pôr-se isto em prática. Entregar-se à ira é como montar em um cavalo fogoso que não obedece ao freio, sem saber onde nos levará. Por isso escreve sabiamente S. Francisco de Sales na sua *Philothéa*: Os movimentos da cólera devem ser reprimidos, por maior que seja a causa que os justifique. E acrescenta o Santo: É melhor que se diga de vós que nunca vos irais, do que se afirme que vos encolerizais com razão³⁶. — E Sto. Agostinho nota que é difícil lançar fora da alma a cólera que uma vez se deixou ali entrar; e por isso exortava a fechar-se a porta todas as vezes que tentasse lá entrar. — Um certo filósofo, chamado Agripino, tendo perdido todos os seus bens, dizia tranqüilo: Se perdi tudo, não quero perder também a paz. — Assim dissei também vós, quando receberdes algum desprezo. Se já sofrestes a afronta, quereis perder também a paz, entregando-vos à cólera? Irritar-vos seria causar-vos a vós mesmas um dano muito maior do que a perda da estima ocasionada pela injúria. Sto. Agostinho diz ainda que encolerizar-se com o insulto é castigar-se a si mesmo. É sempre nocivo perturbar-se, ainda que fosse por ter cometido alguma falta, porque, como diria S.

Luiz Gonzaga, na água turva, isto é, na alma inquieta, o demônio sempre acha que pescar.

10. — Eu vos disse que quando vos irrogarem alguma injúria ou vos falarem com ira, vós deveis responder com mansidão; entretanto, se, na ocasião, vos sentirdes perturbadas, será melhor guardar silêncio. Então a paixão vos fará parecer justo e razoável tudo o que disserdes. Observa S. Bernardo: Os olhos ofuscados pela indignação não vêem mais o que é justo e o que é injusto³⁷. Figurai-vos que a paixão é como um véu preto posto diante dos olhos, que vos não deixa discernir o torto do direito.

11. — Se acontecer que uma irmã, depois de vos ter ofendido, se arrependa e venha vos pedir perdão, guardai-vos de recebê-la de semblante carregado, ou lhe responder com meias palavras, ou de fitar os olhos no chão ou por-nos a olhar as estrelas. Fazendo assim, ofendereis muito a caridade e dareis ensejo a essa irmã de mais vos odiar, e além disso dareis um grande escândalo a todo o mosteiro. — Ao contrário, testemunhai-lhe uma sincera estima, e se, por humildade, ela se ajoelhar diante de vós, dobrai também os joelhos; e quando começar a pedir-vos perdão, cortai-lhe a palavra na boca, dizendo: Ó minha irmã, para que fazer isto? Sabeis quanto vos amo e estimo. Pedis perdão a mim? Eu é que vos devo pedir perdão de vos ter inquietado, pela minha ignorância e descuido, não usando da atenção que vos devia. Desculpai-me, pois, e perdoai-me.

12. — Se, porém, os suceder ofender alguma de vossas irmãs, empregai logo todos os esforços para apaziguá-la e tirar-lhe do coração todo o rancor.

Diz S. Bernardo, que não há meio mais próprio para reparar a caridade ofendida, do que humilhar-se³⁸. E fazei isto o mais cedo possível. Esforçai-vos por vencer a repugnância que experimentais; porque quanto mais demorardes, mais crescerá a vossa repugnância e depois nada fareis. Sabeis o que disse Jesus Cristo: Se estiverdes já diante do altar para ofender a vossa oblação, isto é para comungar ou para ouvir Missa, e vos lembrardes que vosso próximo está desgostoso convosco, deixai o altar e ide primeiro reconciliar-vos com ele³⁹. Advirta-se porém que, às vezes, não convém usar deste ato de humilhação, quando se julga que isso ocasione novo dissabor a pessoa ofendida. Neste caso, espere-se uma ocasião mais oportuna, ou empregue-se a intervenção de outra irmã, e tenha-se cuidado de demonstrar-lhe uma atenção e respeito particular.

ORAÇÃO

O meu Deus, não olheis para os meus pecados, mas para vosso Filho Jesus, que por minha salvação, vos sacrificou a própria vida. Por amor de Jesus, tende piedade de mim e perdoai-me todos os desgostos que vos dei, especialmente pela pouca caridade que tenho tido para com o próximo. Senhor, destrui em mim tudo o que vos não agrada e dai-me um verdadeiro desejo de em tudo vos comprazer.

Ah! meu Jesus, eu tenho o maior pesar de ter já vivido tantos anos e tão pouco vos ter amado. Ai, dai-

me parte naquela dor que tivestes no jardim de Getsemani pelos meus pecados!

Oh! Quem me dera ter morrido antes de vos ofender? Porém, fico consolada por me terdes dado ainda tempo para vos amar. Sim, quero empregar todo o resto da minha vida no vosso amor. Eu vos amo, ó bem imenso; eu vos amo, meu Redentor; eu vos amo, único amor da minha alma. Ai! Fazei-me toda vossa, antes que me venha a morte! Atraí todos os meus afetos, para que eu não possa amar outro, senão a vós. Mas enquanto eu viver, ó meu amor, estou em perigo de vos perder. Quando chegará o dia em que poderei dizer: Meu Jesus, eu não vos posso perder mais!

Ai! Uni-me à vós, mas segurai-me de modo que eu não possa mais separar-me de vós. Fazei isto pelo amor que me mostrastes, ao morrer por mim na cruz.

Ó Virgem Santíssima, vós sois tão querida de Deus, que ele nada vos recusa. Obtende-me a graça de não ofendê-lo mais e de amá-lo com todo o meu coração, e nada mais vos peço.

III. Da prática da caridade nas ações e das pessoas com as quais se deve praticar.

1. Quanto a caridade que deveis praticar nas vossas ações, procurai estar dispostas a servir vossas irmãs em todas as suas necessidades.

Algumas religiosas dizem que amam suas irmãs e que as conservam todas no coração, mas não que-

rem incomodar-se em coisa alguma por seu amor. Esquecem-se do que o apóstolo S. João escreveu aos seus discípulos: Filhinhos, não amemos com as palavras e com a língua, mas com obras e verdade⁴⁰. — Para satisfazer a caridade não basta amar o próximo somente com palavras, é preciso amá-lo também com fatos. Todos os santos, diz o Sábio, são cheios de caridade e de compaixão para com aqueles que tem necessidade de seus socorros⁴¹. — Escreve-se de Sta. Teresa que ela procurava todos os dias praticar algum ato de caridade com suas irmãs, e, quando, alguma vez, o não fazia durante o dia, procurava fazê-lo à noite, ao menos saindo da sua cela com a candeia, para fornecer luz às monjas que passavam no escuro diante dela⁴².

I. Quando puderdes fazer alguma esmola do vosso pecúlio, fazei-a. A sagrada Escritura diz que a esmola livra o homem da morte, o purifica dos pecados e lhe alcança a misericórdia divina e a salvação eterna⁴³. — E reflete S. Cipriano que nada há que o Senhor recomende tanto como a esmola, nas Sagradas Escrituras⁴⁴.

2. — Por esmola não se entende somente o dinheiro e os objetos materiais, mas também todo o alívio que se dá ao próximo necessitado desse auxílio. Como pode ufanar-se de ter caridade, pergunta S. João, aquele que vendo seu irmão na necessidade, lhe fecha suas entranhas, e lhe não vem em auxílio, quando pode⁴⁵? — A religiosa faz uma esmola muito agradável a Deus, quando ajuda suas irmãs nos seus trabalhos. — Sta. Teodora, religiosa, procurava ajudar todas as irmãs nos seus ofícios, e evitava ao con-

trário que as outras a ajudassem no seu. — Sta. Maria Madalena de Pazzi, quando havia algum trabalho extraordinário que se fazer, logo se oferecia para fazê-lo sozinha; e depois ajudava as outras em todos os ofícios mais penosos, pelo que era voz corrente no convento que só ela trabalhava mais do que quatro irmãs conversas. — Procurai também vos proceder desse modo, quanto for possível, e quando vos achardes cansadas, olhai para o divino esposo levando a cruz às costas, e abraçai alegremente vosso novo trabalho.

O Senhor virá em vosso auxílio, quando ajudardes as vossas irmãs. Ele mesmo o disse: Pela medida com que houverdes medido, sereis medidos⁴⁶. — Donde conclui S. João Crisóstomo que a prática da caridade é uma arte muito lucrativa e o meio de ganhar muito diante de Deus⁴⁷. — E Sta. Maria Madalena de Pazzi se achava mais feliz socorrendo o próximo do que gozando na contemplação, pois como dizia: Quando estou em contemplação, é Deus que auxilia e quando socorro o próximo, sou eu que ajudo a Deus. O divino Salvador, com efeito, declarou que o bem que fazemos ao próximo, nós o fazemos a ele mesmo⁴⁸. — Mas prestando serviços às irmãs, não deveis esperar delas nenhuma recompensa nem agradecimento. Regozijai-vos antes, se, em vez de agradecimentos, receberdes desatenções e censuras; porque, então, lucrareis uma dupla vantagem.

É também um ato de caridade condescender com os pedidos honestos que vos fizerem vossas irmãs. Mas isto sempre se entende, contanto que o pedido não prejudique o vosso adiantamento espiritual; por

exemplo: Se a irmã quisesse que omitísseis os vossos exercícios de piedade, sem outro motivo que ficar a conversar com ela para lhe comprazer; nesse caso, é melhor que cuideis dos vossos afazeres. A caridade é bem ordenada, como diz a Esposa dos Cantares⁴⁹. Não há pois caridade naquilo que prejudica o vosso bem espiritual ou o de vossa irmã.

3. — II. O melhor exercício de caridade é ter zelo pelo bem espiritual do próximo. Quanto a alma é superior ao corpo, tanto a caridade que se exerce com a alma do próximo vale mais diante de Deus do que a que se exerce com o corpo. Esta caridade se exerce em primeiro lugar pela correção daqueles que pecam. Quem converte um pecador, salva não só o seu irmão, senão também a si mesmo, porque Deus por essa caridade lhe perdoará todos os pecados, como escreve S. Tiago⁵⁰. — Pelo contrário, diz Sto. Agostinho que aquele que vê seu próximo se perder, v. g. irando-se contra seu irmão, ou maltratando com injúrias, e deixa de adverti-lo, com seu silêncio torna-se pior do que o outro com suas afrontas⁵¹. — Não vos escuseis por falta de capacidade. Para corrigir, vos responde S. João Crisóstomo que é mais necessária a caridade do que a sabedoria⁵². Fazei a correção no tempo oportuno com caridade e doçura, e vos saireis bem. Se sois superiora, estais obrigada a fazê-la, por ofício; se o não sois, estais obrigada por caridade, sempre que houver esperança de bom resultado. Quem visse um cego caminhar para um precipício, não seria cruel, se o não avisasse para livrá-lo da morte temporal? Muito mais cruel é quem, podendo livrar sua irmã da morte eterna, por negligência deixa

de fazê-lo. — Quando pois julgardes prudentemente que a vossa correção, será inútil, procurai, ao menos, advertir secretamente a superiora ou outra que possa remediar o caso. Não insteis em dizer: Este não é o meu ofício, não quero ser intrometida. Esta foi a resposta de Caim, que assim dizia: Sou eu, pois, guarda de meu irmão⁵³? — Cada um está obrigado a impedir a ruína do próximo, quando pode; pois diz o Sábio: Deus encarregou a cada homem de zelar pelo bem de seu próximo⁵⁴.

4. — S. Filipe Nery diz que quando se trata de socorrer o próximo, principalmente nas suas necessidades espirituais, Deus se compraz de ver-nos, se preciso for, deixar a oração. — Um dia, Sta. Gertrudes desejava entreter-se em orar, quando tinha que fazer uma obra de caridade; e o Senhor lhe disse: Dize-me Gertrudes, que coisa quereis? Quereis que eu te sirva ou queres me servir? — Dizia S. Gregório: Se quereis ir ter com Deus, não vos apresenteis sós diante dele⁵⁵. — O mesmo dizia Sto. Agostinho: Se amais a Deus, atraí todos os homens ao seu amor⁵⁶. — Se, pois, amais a Nosso Senhor, deveis esforçar-vos para não ser a única a amá-lo, mas procurai arrastar ao seu amor todas as criaturas, os vossos parentes, as pessoas com quem tratais, e sobretudo as vossas irmãs. — Ah! uma santa religiosa pode santificar um convento todo, com suas palavras e com seus exemplos, fazendo nesta intenção todos os seus atos de piedade, e induzindo as outras a fazer o mesmo que ela.

Com isto, não tenhais escrúpulo de vanglória: essas ações que nada tem de extraordinário, mas con-

vém à toda religiosa que se aplica à perfeição, como é obrigada, devem fazer-se também no intuito de dar bom exemplo e atrair mais a Deus as irmãs; pois ensinou Jesus Cristo: A vossa luz brilhe diante dos homens, para que vejam as vossas boas ações e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus⁵⁷. Assim comungar freqüentemente, mostrar-se piedosa, mortificada, exata na observância das regras, aplicada à oração, para dar bom exemplo às outras, não é ato de vaidade mas de caridade muito agradável a Deus.

5. — III. Procurai, portanto, auxiliar a todos, quanto for possível, com palavras, obras, e sobretudo com as vossas orações.. Todas as esposas de Jesus Cristo devem zelar a sua honra, como ele mesmo exigiu de Sta. Teresa, quando a constituiu sua esposa⁵⁸.

Se uma Esposa de Jesus Cristo não toma a peito os interesses de sua glória, quem o fará? Todos conhecem a promessa feita por Nosso Senhor de ouvir a quem pedir qualquer coisa a seu Eterno Pai em seu nome⁵⁹. Muitos doutores, apoiados na autoridade de S. Basílio, ensinam que essa promessa vale também para todas as pessoas por quem se pede, contanto que elas não ponham nenhum óbice positivo ao efeito da oração. Sendo assim nas orações comuns, nas ações de graças depois da comunhão e nas visitas ao SS. Sacramento, nunca deixeis de recomendar a Deus os pobres pecadores, os infiéis, os hereges e todos os outros que vivem afastados de Deus.

Oh! quanto agrada a Jesus Cristo ser rogado por suas esposas pelos pecadores! Ele mesmo disse um dia à venerável Soror Serafina de Capri: Ajuda-me, filha, a salvar almas com tuas orações. — De modo

semelhante disse um dia a Sta. Maria Madalena de Pazzi: Vês, Madalena, como os Cristãos estão a braços com o demônio? Se os meus eleitos os não livrassem com suas orações, seriam devorados. — Pelo que a santa assim falava às suas monjas: Irmãs, Deus nos separou do mundo não só para que cuidássemos do nosso bem espiritual, senão também para que trabalhássemos pelos pecadores. — Outra vez, lhes dizia: Minhas irmãs, nós temos de dar contas por tantas almas perdidas. Se nós as tivéssemos recomendado fervorosamente a Deus, Sor Estefânia de Soncino, pelo espaço de quarenta anos fez ásperas penitências, que aplicou todas pelos pecadores. Oh! quantas almas às vezes se convertem não tanto pelas pregações dos Sacerdotes, mas pelas orações dos religiosos! — Foi revelado a um pregador que os frutos que ele operava não eram efeito de suas predicas mas das orações de um frade que lhe assistia no púlpito. — Ao mesmo tempo não deixeis de orar pelos Sacerdotes para que trabalhem com verdadeiro zelo pela salvação das almas.

6. — IV. Não vos esqueçais de orar também pelas almas do purgatório. A caridade nos aconselha e até nos obriga, como diz um douto autor, a orar por essas almas santas que tanto precisam de nossas orações. — S. Tomás ensina que a caridade cristã se estende não só aos vivos, mas também a quantos morreram em estado de graça. Assim como somos obrigados a socorrer o nosso próximo durante a vida, quando tem necessidade do nosso auxílio, assim também devemos socorrer aquelas santas prisioneiras. — As penas que elas padecem, acrescenta o

doutor angélico, ultrapassam a todas as penas desta vida; e necessitam do nosso adjutório, porque por si mesmas não se podem ajudar. Assim o declarou um monge da Ordem de Cister, que, aparecendo, depois da morte, ao sacristão do seu mosteiro, lhe disse: Socorre-me com tuas orações, porque por mim mesmo nada posso obter. — Ora, se todos os fiéis estão obrigados a orar pelas almas do purgatório, tanto mais devem socorrê-las com suas orações as religiosas recolhidas por Deus aos mosteiros, que todos são casa de oração.

Não deixeis, pois, passar nenhum dia, sem recomendar a Deus em todas as vossas orações as benditas almas, esposas de Nosso Senhor que pedem o vosso auxílio. Sêde generosas com elas, oferecendo-lhes alguns jejuns e outras mortificações. — Sobretudo applicai-lhes as missas que ouvirdes, pois este é o grande sufrágio por essas santas almas, que não sabem ser ingratas. — Ainda do fundo do seu cárcere, alcançarão a Deus para vós grandes graças, e, quando entrarem no paraíso, ainda maiores.

7. — V. De tudo o que ficou dito, já vedes quão necessária é a virtude da caridade para a vossa santificação e para a vossa salvação. Deveis exercê-la com todos, e particularmente com vossas irmãs de religião, que convosco vivem no mesmo mosteiro. — Se habitásseis em um deserto, esta virtude não vos seria tão necessária; estando só na solidão, para vos santificar bastaria somente a oração e a penitência, mas, estando no mosteiro em companhia de tantas irmãs vossas, se não tiverdes bastante caridade, cairéis em mil defeitos cada dia, e quem sabe se não

vos condenareis. Quando um navio se acha no meio do mar, agitado por uma grandes tempestade, os passageiros tratam todos de se ajudarem uns aos outros para se salvarem do naufrágio. Pois bem: afigurai-vos que Nosso Senhor vos pôs neste mosteiro como em um navio, onde deveis socorrer-vos umas às outras para escapar do naufrágio da morte eterna e chegar ao paraíso, onde esperais estar unidas para sempre a louvar a Deus.

8. — Tende caridade especialmente com as irmãs enfermas, sejam coristas, sejam conversas. O Padre Antônio de Torres costumava dizer: Quando quizerdes conhecer se, em uma comunidade, há espírito de Deus, perguntai como são tratadas as enfermas. Por isso, quando ele era superior, embora fosse manso por natureza, todavia, se encontrava faltas de caridade com os enfermos, castigava severamente os que se descuidavam deles. — Oh! quanto agrada a Deus a caridade com os enfermos! — Todas as religiosas, cuidadosas da própria perfeição, procuram praticar com freqüência esta santa virtude assim no coro, como nas celas das enfermas. — Sta. Maria Madalena de Pazzi, ainda quando não era encarregada do ofício de enfermeira, sempre que podia, não deixava de assistir e servir as enfermas; e dizia que desejaria estar sempre em um hospital, para exercer toda a vida este ofício tão agradável a Deus Nosso Senhor.

Advirta-se que o mérito de servir as enfermas é muito maior do que servir as sãs. Primeiramente porque as enfermas tem muito maior necessidade de assistência. Às vezes, acham-se abandonadas das

outras, são atormentadas de dores, de melancolias, de temores. Oh! como agrada a Deus procurar consolá-las e ajudá-las neste estado de aflição! — Além disso é muito mais meritório, porque, no servir, as enfermas, sofre-se maior incômodo; pois, de ordinário, o ar impuro e o aspecto de suas celas causam enfado e tristeza.

Por isso, minhas irmãs, sempre que vos for possível, não deixeis de visitar as enfermas, ainda que sejam as irmãs conversas menos estimadas do mosteiro. Sêde antes mais cuidadosas de assistir a estas, porque ordinariamente são mais abandonadas, principalmente quando se prolongam muito suas enfermidades. Procurai consolá-las, servi-las, e trazer-lhes também algum mimo. Longe de esperar agradecimentos, sofri antes seus lamentos, suas impaciências e grosserias. Quanto menos reconhecimento vos testemunharem, mais o Senhor recompensará a vossa caridade para com elas. — Lê-se nas crônicas das Carmelitas que, quando morreu a Madre Izabel dos Anjos, viram sua alma subir direito ao paraíso, levada pelos espíritos celestes no meio de uma brilhante luz. Aparecendo depois a uma religiosa, disse-lhe que Deus lhe tinha concedido essa glória tão singular, em recompensa da caridade que teve para com as enfermas.

9. — VI. Finalmente, vos recomendo sobretudo a caridade para com as irmãs que vos contrariam. — Eu sou grata, diz aquela monja, a quem procede bem comigo: mas não posso suportar as ingratidões. — Jesus Cristo lhe responde que os próprios infiéis sabem ser gratos para com aqueles que lhes fazem

bem; mas a virtude de um cristão consiste em querer bem e fazer bem aqueles que o odeiam e lhe fazem mal. Eis as suas palavras: Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aqueles que vos odeiam: e orai pelos vossos perseguidores e caluniadores⁶⁰. — Que horror ver uma religiosa fazer oração todos os dias, comungar freqüentemente, e, apesar disso, guardar ódio de alguma de suas irmãs! e não se envergonha até de demonstrá-lo e, quando ouve seu nome, procura desacreditá-la, sempre que pode; se a encontra, não a saúda; se ela lhe fala, volta-lhe as costas. Mas, notai bem, se uma religiosa volta as costas à sua irmã, Deus, por sua vez, lhe voltará às costas a ela mesma.

Pensai como o divino Cordeiro olhará para estas tigres no inferno! Pobre e infeliz a monja que vive no mosteiro com ódio no coração! Padecerá a mísera um inferno lá e outro cá, sofrendo ainda nesta vida as penas dos condenados, com ser obrigada a viver sempre em companhia de uma que não pode ver.

10. — Mas, meu padre, replicará, esta irmã é impertinente demais e de todo insuportável. — Pois bem! a virtude da caridade está mesmo em sofrer a que é insuportável. Ela vos desacredita, atravessa os vossos intentos, tira até a vossa boa reputação. Fazei de conta que nada sabeis, e esforçai-vos para não lhe testemunhar o menor afastamento, a menor frieza. Falai-lhe com calma, sempre que a virdes; e se ela vos mostrar antipatia, sêde a primeira a saudá-la, e procurai ganhá-la com a doçura. Fazer isso não é vileza, e antes a maior ação que podeis obrar para agradar a Deus. Não persistais em dizer que vossa

irmã não tem razão de fazer assim. Ouvi o que diz Sta. Teresa: Aquela que não quer levar a cruz senão fundada em razão, volte para o mundo, onde essas razões poderão ser boas. A razão em que vós deve prevalecer é praticar a caridade para agradar a Deus, ainda que tenhais de rebentar de dor.

11. — Se a vossa irmã chegar até a vos fazer alguma injúria positiva, vingai-vos, como faziam os santos. Qual é a vingança dos santos? Eis o que vos responde S. Paulino: Amar, louvar os que nos fazem mal e prestar-lhes benefícios, eis a vingança dos santos⁶¹. — A uma mulher que tinha atacado Sta. Catarina em ponto de honra, a santa serviu como de escrava em uma longa enfermidade. — Sto. Acaio vendeu seus bens para socorrer a quem tinha privado da estima de que gozava. — Sto. Ambrósio estabeleceu uma pensão diária para que pudesse viver comodamente, a um sicário que tinha atentado contra sua vida. — Venustano, governador da Toscana, fez cortar as mãos ao Bispo S. Sabino por causa da fé, mas, depois, sendo atacado de uma grande dor nos olhos, lhe pediu que applicasse algum remédio. O santo orou pelo tirano, e alçando o braço ainda a gotejar sangue, o abençoou e lhe alcançou de Deus a saúde do corpo e também a da alma, pois dai voltou a si e se converteu. — De S. Melecio, patriarca de Antioquia, narra S. João Crisóstomo que, vendo o povo armado de pedras para lapidar o governador que o conduzia em seu carro ao exílio, se interpôs, o cobriu com seus braços e assim o livrou da morte. — O Padre Segneri conta um exemplo ainda mais notável. Diz ele que em Bolonha foi assassinado o único filho

de uma certa senhora de alta posição. O criminoso, perseguido pela justiça, refugiou-se em casa da mãe desolada. E que fez esta? Não contente de o ter escondido, lhe disse: Ora sus, já que perdi meu único filho, de hoje em diante ocuparás o seu lugar e serás meu filho e meu herdeiro. Toma, pois este dinheiro, e foge para outro lugar, porque aqui não estás seguro⁶². — A vista destes exemplos talvez alguma diga: Eles eram santos e eu não tenho força. Sto. Ambrósio responde por mim: Se não tendes a virtude necessária, pedi a Deus e ele vo-la dará⁶³.

12. — Quem perdoa a quem o ofendeu, está seguro de ser perdoado por Deus, segundo esta palavra do Evangelho: Perdoai e sereis perdoados⁶⁴. — A B. Baptista de Varano franciscana dizia: Se eu resuscitasse os mortos, não estaria tão segura de ser amada de Deus, como quando me sinto inclinada a fazer bem aos que me fazem mal. — Isto mesmo disse o Senhor um dia a B. Ângela de Foligno: O sinal mais certo de amor mútuo entre mim e meus servos é o amor que eles tem a quem os ofendeu. — Portanto, se outra coisa não podeis fazer, ao menos rogai fervorosamente a Deus por todos os que vos ofenderam e perseguiram, como vos recomenda Jesus Cristo⁶⁵. — A B. Joana da Cruz não fazia outra coisa senão orar pelos que lhe tinham dado algum desgosto. — Pelo que as irmãs do seu mosteiro costumavam dizer: Quem quiser as orações da Madre Joana, precisa fazer-lhe alguma afronta. Sta. Izabel de Hungria, tendo orado uma vez por quem a tinha ofendido, ouviu Nosso Senhor dizer: Sabe que nunca me fizestes uma oração mais agradável do que esta; e por ela te

perdão todos os teus pecados. — Segui este exemplo e ganhareis de certo a indulgência e afeto do vosso divino Esposo.

ORAÇÃO

Meu Jesus, dai-me o dom do vosso santo amor, que me faça abraçar todas as penas e afrontas para vos agradar. Dai-me a força para me privar de todas as coisas que vos desagradam, e para aceitar tudo o que repugna ao meu amor próprio, as dores, as perseguições, a perda dos meus parentes, da saúde, da própria estima, e todas as cruzes que me enviardes. Aceito agora tudo das vossas mãos: aceito todos os trabalhos da minha vida e especialmente as penas da minha morte. Fazei que eu só viva para vos dar prazer, e, morrendo, vos sacrifique com todo o afeto a minha vida.

Meu Deus, vós mandais que eu não vos ofenda; e eu temo mais a vossa ofensa do que a morte. Vós me ordenais que eu vos ame, e eu não desejo outra coisa senão amar-vos. Mas conheço a minha fraqueza. Ai, assisti-me sempre com a vossa graça; não me deixeis entregue a mim mesma, porque eu vos trairei de novo. Eu vos amo, meu sumo bem e espero amar-vos sempre.

Ó Maria, minha esperança e minha bondosa Mãe, obtende-me a graça de ser fiel a Deus, e de amá-lo, como merece ser amado um Deus de infinita bondade.

1. Et hoc mandatum habemus a Deo, ut qui diligit Deum, diligat et fratrem suum. *I. Joan. 4, 21.*

2. *2.2. q. 25, a. 1.*

3. Quia praeceptum Domini est; et si solum fiat, sufficit. *In Ep. ad Gal. c. 6.*

4. Si quis dixerit quoniam diligo Deum, et fratrem suum oderit, mendax est. *I. Joan. 4, 20.*

5. Quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis. *Matth. 25, 40.*

6. Ecce quam bonum, et quam jucundum, habitare fratres in unum. *Ps. 132, 1.*

7. Multitudinis autem credentium erat cor unum et anima una. *Act. 4, 32.*

8. Pater sancte, conserva eos... ut sint unum, sicut et nos. *Joan. 17, 11.*

9. Habitabit lupus cum agno, et pardus cum haedo...; non nocebunt, et non occident. *Is. 11, 6.*

10. *Scal. par. gr. 4.*

11. Quando vides in aliqua fabrica lapides et ligna bene sibi cohaerere, securus intras, ruinam non times. *Serm. 336, E. B.*

12. Sine charitate, monasteria sunt tartara. *Reg. Monach. c. 1.*

13. Induite vos ergo, sicut electi Dei..., viscera misericordiae. *Col. 3, 12.*

14. Nolite iudicare ut non iudicemini, in quo enim iudicio iudicaveritis, iudica bimini. *Matth. 7, 1.*

15. Charitas non cogitat malum. *I. Cor. 13, 4.*

16. Charitas non se multum dolet errare, cum bene credit etiam de malo *In Ps. 147.*

17. Evenire plerumque solet, ut, non amissa charitate et inimici nos ruina laetificet, et rursus ejus glo-

ria sine invidiae culpa contristet; cum et ruente eo quosdam bene erigi credimus, et, proficiente illo, ple-rosque injuste opprimi formidamus. *Mor. I. 22, c. 11.*

18. Invidia diaboli, mors introivit in orbem terrarum; imitantur autem illum, qui sunt ex parte illius, *Sap. 2, 24.*

19. Sussurro coinquinabit animam suam, et in omnibus odietur. *Eccli. 21, 31.*

20. Qui ab aliis vitiis recesserunt, in istud tamen incidunt. *Ep. ad Celant.*

21. *De Apib. I. 2, c. 37. — Vit. S. Mal. c. 13.*

22. Sepi aures tuas spinis, linguam nequam noli audire. *Eccli. 28, 28.*

23. Sicut vitta coccinea, labia tua. *Cant. 4, 3.*

24. *In Cant. hom. 7.*

25. Excusa intentionem, si opus non potes. *In Cant. s. 40.*

26. *17. Febr. Vit. c. 6.*

27. Sex sunt quae odit Dominus; et septimum de-lestatur anima ejus. *Prov. 6, 16.*

28. Eum qui seminat inter fratres discordias. *Prov. ibid.*

29. Audisti verbum adversus proximum tuum; commoriatur in te. *Eccli. 19, 10.*

30. Omnia ergo quaecumque vultis ut faciant vo-bis homines, et vos facite illis. *Matth. 7, 12.*

31. De ea re quae te non molestat, ne ceteris. *Eccli. 11, 9.*

32. Caritas patiens est. *I. Cor. 13, 4.*

33. Alter alterius onera portate. *Gal. 6, 2.*

34. Responsio mollis frangit iram. *Prov. 15, 1.*

35. Igne non potest ignis extinguui, nec furor furore. *In Gen. hom. 58.*

36. *Introd. p. 3. c. 8.*

37. Turbatus prae ira oculos rectum non videt. *De Considerat. l. 2, c. 11.*

38. Sola virtus humilitatis est laesae reparatio charitatis. *In Nat. Dom. s. 2.*

39. Si ergo offers munus tuum ad altare, et ibi recordatus fueris quia frater tuus habet aliquid adversum te, relinque ibi munus tuum ante altare, et vade prius reconcilia i fratri tuo; et tunc veniens offeres munus tuum. *Matth. 5, 23.*

40. Filioli mei, non diligamus verbo neque lingua, sed opere et veritate. *l. Joan. 3, 18.*

41. Iusti autem misericordes sunt et miserantur. *Prov. 13, 13.*

42. *Ribera. Vit. l. 4, c. 11.*

43. Eleemosyna e morte liberat, et ipsa est quae purgat peccata, et facit invenire misericordiam et vitam aeternam. *Tob. 12, 9.*

44. Dominus nihil crebrius mandat, quam ut insistamus eleemosynis. *De Op. et Eleem.*

45. Qui... viderit fratrem suum necessitatem habere, et clauserit viscera sua ab eo, quomodo charitas Dei manet in eo? *l. Joan. 3, 17.*

46. In qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis. *Matth. 7, 2.*

47. Eleemosyna est ars omnium artium quaestuosissima. *Ad pop. Ant. hom. 33.*

48. *Matth. 25, 40.*

49. Ordinavit in me charitatem. *Cant. 2, 4.*

50. *Jac. 5, 20.*

51. Tu eum vides perire, et negligis; peior es tacendo, quam ille conviciando. *Serm. 82. E. B.*

52. *De Sacerd. l. 2.*

53. Num custos fratris mei sum ego? *Gen. 4, 9.*

54. Et mandavit illis unicuique de proximo suo. *Eccli 17, 12.*

55. Si ad Deum tenditis, curate ne ad eum soli veniatis. *In Evang. hom. 6.*

56. Si Deum amatis, rapite omnes ad amorem Dei. *In Ps. 33, en. 2.*

57. Sic luceat lux vestra coram hominibus. ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est. *Matth. 5, 16.*

58. Deinceps, ut vera sponsa, meum zelabis honorem. *Offic. 15. Octob.*

59. Amen, amen dico vobis: si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis. *Joan. 16, 23.*

60. Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos et orate pro persecutibus et calumniantibus vos. *Matth. 5, 44.*

61. Inimicum diligere vindicta coelestis est. *Ep. ad Sever.*

62. *Christ. istr. p. 1, pag. 20, n. 20.*

63. Si infirmus es, ora; oras et Dominus te protegit. *Enarr. in Ps. 38.*

64. Dimittite, et dimittemini. *Luc. 6, 37.*

65. Orate pro persecutibus et calumniantibus vos. *Matth. 5, 44.*

CAPÍTULO II

DA PACIÊNCIA.

I. Da paciência em geral.

1. — A obra da paciência é uma obra perfeita¹. — Pela paciência oferecemos a Deus um sacrifício perfeito; porque sofrendo as tribulações e contrariedades, nada fazemos de nosso, senão aceitar de suas mãos as cruzes que o Senhor nos envia. Donde diz o Sábio: Quem padece com paciência, é melhor do que o varão forte². — Um será forte em promover e sustentar alguma obra pia, mas depois não terá paciência de sofrer as adversidades; melhor seria para ele, se fosse mais valoroso em sofrer tudo com paciência, do que em empreender grandes obras. Estamos neste mundo para adquirir merecimentos; e por isso esta terra não é lugar de repouso, mas de fadigas e de padecimentos, porque os merecimentos não se ganham com descanso, mas com trabalhos; e todo aquele que aqui vive, seja justo, seja pecador, há de sofrer alguma pena. A este falta uma coisa, àquele falta outra; um será nobre mas baldado dos bens da fortuna; outro será rico e nobre, mas lhe faltará a saúde. Em suma, todos, ainda os soberanos tem que sofrer; e até para estes, porque são os maiores desta terra, maiores também são os seus trabalhos.

Todo o nosso bem consiste pois em sofrer com paciência as nossas cruzes. É por isso que o Espírito Santo nos adverte que não imitemos os brutos, que

se iram quando não podem conseguir satisfazer os próprios apetites³. — Não façais como o cavalo e o mulo destituídos de razão. — E para que serve nos inquietarmos nas contrariedades, senão para aumentar os nossos males? O bom e o mau ladrão morreram ambos crucificados com as mesmas penas; mas porque aquele abraçou os sofrimentos com paciência, se salvou; e este porque os padeceu com impaciência e desespero, se condenou. — Lá disse Sto. Agostinho: O mesmo trabalho manda os bons para a glória, porque o aceitam com resignação, e os maus para o inferno, porque o sofrem com impaciência⁴.

2. — Muitas vezes acontece que aquele que foge da cruz que Deus lhe envia, encontra outra muito maior. Sucede-lhe o que dizia o santo Jó: Os que temem a neblina, ficam acabrunhados pela neve⁵. — Diz aquela religiosa: Tirai-me deste emprego e dai-me outro. Não se lembra a mísera que vai sofrer muito mais no tal ofício do que no primeiro e com pouco ou nenhum merecimento. Não façais assim. Abraçai o trabalho e a tribulação que Deus vos impõe porque ai alcançareis mais merecimentos e sofrereis menos; ou ao menos sofrereis em paz, sabendo que fazeis a vontade de Deus e não a vossa.

Fiquemos persuadidos do que diz Sto. Agostinho: Toda a vida do cristão há de ser uma contínua cruz⁶. — Tal deve ser sobretudo a vida das religiosas que querem santificar-se. — S. Gregório Nazianzeno diz que as almas nobres põem sua riqueza em serem pobres, sua glória em serem desprezadas, e seu prazer em se privarem dos prazeres terrenos. — Por isso pergunta S. João Clímaco: Qual é a verdadeira

religiosa? e responde que é aquela que se faz uma violência perpétua. E quando terminará esta violência? Quando terminar a vida. Assim responde S. Próspero nestes termos: O combate cessa quando está segura a vitória, pela entrada no reino eterno⁷.

Além disso, se vos lembrais de ter ofendido a Deus no passado, e desejais vos salvar, deveis regozijar-vos de ver que Deus vos faz sofrer nesta terra, segundo o pensamento de S. João Crisóstomo: O pecado é um abcesso na alma; se o ferro da tribulação não vier tirar o humor corrompido, a alma está perdida. Ai daquele, que depois de ter pecado, não é punido nesta vida⁸.

3. — Compreendei bem, diz Sto. Agostinho, que, quando o Senhor vos envia padecimentos nesta vida, procede como o médico: a tribulação que vos manda, não é castigo resultante da vossa condenação, mas remédio para a vossa salvação⁹. Pelo que deveis agradecer a Deus, quando vos castiga, porque é sinal que vos ama e recebe por filha. Deus castiga aqueles que ama, diz S. Paulo, fere com a vara a todos os que põe no número de seus filhos¹⁰.

Dai esta advertência de Sto. Agostinho: Estais atribulados? Reconhecei o pai que vos corrige¹¹. — Ao contrário, diz o mesmo santo doutor, ai de vós, se depois de terdes pecado, Deus vos isenta dos castigos nesta vida! É sinal que vos exclui do número de seus filhos¹². — Não continueis pois a dizer, quando vos virdes atribuladas, que Deus se esqueceu de vós: dizei antes que esquecestes dos vossos pecados. — Todo aquele que ofendeu a Deus, deve fazer-lhe esta oração de S. Boaventura: correi, Senhor, e feri vos-

sos servos com as feridas de amor e de salvação, para que não tenhamos de receber os golpes da vossa cólera e da morte eterna¹³.

Estejamos bem convencidos, Deus não nos envia as tribulações e as cruzes para nos perder, mas para nos salvar; se nós não nos aproveitamos delas, a culpa é toda nossa. — O Senhor disse pelo profeta Ezequiel que os Israelitas se tornaram como ferro e chumbo no meio da fornalha¹⁴. Eis como S. Gregório explica estas palavras: Eu procurei purificá-los para os converter em ouro pelo fogo da tribulação, mas eles se tornaram de chumbo¹⁵.

Tais são os pecadores que, depois de ter merecido muitas vezes o inferno, se impacientam por se verem flagelados, e se irritam e ousam até pretender acusar a Deus de injustiça e tirania. Destes há alguns que chegam a dizer: Senhor, eu não sou o único que vos ofendi, e parece que só de mim vos vingais: Sou fraco e não tenho forças para suportar tamanha cruz! — Desgraçado, que quer dizer isto? Afirmais que não fostes o único que ofendeu a Deus? Se outros também o ofenderam, e Deus quer usar de misericórdia com eles, também os punirá nesta vida. Não sabeis que o maior castigo de Deus para o pecador, é não puni-lo nesta terra? Considerai as palavras que disse pelo profeta Ezequiel: Eu não tenho mais zelo pela tua alma, e por isso descansarei e não me verás irado contra ti, enquanto viveres¹⁶. Mas diz S. Bernardo: Deus nunca está tão irado, como quando não irrita contra o pecador e não o castiga. Dai o santo assim orava: Senhor, eu desejo que me trateis como Pai de misericórdia, e por isso vos rogo que me castigueis

pelos meus pecados nesta terra e me preserveis das penas eternas¹⁷. — Vós dizeis: Não tenho forças para suportar tamanha cruz? Mas, se vos faltam as forças, porque não as pedis a Deus? Ele prometeu dar auxílio a todos que o rogam¹⁸.

5. — Portanto, irmãs caríssimas, quando o Senhor vos visitar com alguma enfermidade, perda ou perseguição, humilhai-vos e dizei com o bom ladrão: Senhor, eu bem mereço esta cruz, porque vos tenho ofendido¹⁹. — Humilhai-vos e consolai-vos, porque, se Deus vos pune nesta vida, é sinal que vos quer preservar do castigo eterno. Possa ter eu esta consolação, dizia o santo Jó, de que o Senhor me aflija e não me poupe nesta vida, para me perdoar na outra²⁰. — Oh Deus! Quem mereceu o inferno, como pode lamentar-se de que o Senhor lhe envie algumas cruces? Se os sofrimentos do inferno fossem somente penas leves, mesmo assim, como são eternas, nós os deveríamos trocar por todas as penas temporais que se acabam; mas nós sabemos que o inferno é a mansão de todas dores, e todas são grandes e eternas. — E ainda que não tivésseis manchado a inocência batismal, e jamais houvésseis merecido o inferno, ao menos tendes merecido um longo purgatório. Sabeis o que são as penas do purgatório? Diz S. Tomás de Aquino que as almas do purgatório são atormentadas pelo mesmo fogo que os condenados; e por isso Sto. Agostinho assegura que aquele fogo atormenta mais do que todas as dores que se podem suportar nesta vida²¹. Alegrai-vos, portanto, de ser castigadas nesta vida e não na outra. Tanto mais que, enquanto estiverdes nesta vida, aceitando as

cruzes com paciência, sofrereis com merecimento, e na outra vida padecereis muito mais, sem merecimento algum.

6. — Além disso, nas vossas penas, consolai-vos com a esperança do paraíso. — S. José Calasans dizia: Para ganhar o céu, tudo o que se sofre é muito pouco. Já antes disse o Apóstolo que todos os sofrimentos desta vida não tem proporção com as recompensas da vida futura²². — Seria pouca coisa sofrer todos os males desta terra para gozar um só momento do paraíso. Com quanta maioria de razão, devemos abraçar as cruzes que Deus nos envia, sabendo com S. Paulo que os curtos padecimentos deste mundo nos preparam uma felicidade eterna²³. — Em vez de nos entristecer, devemos, pois, nos regozijar em espírito, quando Deus nos dá que sofrer nesta terra. Aquele que passar à outra vida com maiores méritos, receberá maior recompensa; e por isso o Senhor nos manda as tribulações. As virtudes não são fontes dos merecimentos, senão pelos atos que praticamos; ora, quanto mais freqüentes ocasiões tivermos de sofrer, tantos mais atos de paciência obraremos; quanto mais injúrias recebermos, tanto mais atos de doçura faremos. É por isso que o apóstolo S. Tiago nos anima com estas palavras: Feliz daquele que sofre com calma os trabalhos e provações, porque, depois de ter sido bem experimentado, receberá a coroa da vida eterna²⁴.

7. — Animado por este pensamento, Sto. Agapito, jovem mártir de quinze anos, dizia ao tirano que ordenara lhe fosse envolvida a cabeça com carvões acesos: É muito pouca coisa ser-me queimada a ca-

beça para ser coroada de glória no céu. — Este mesmo pensamento fazia dizer o santo Jó: Se recebemos de Deus com alegria os males temporais que, queria dizer, nos servem de meios para adquirir os bens eternos do paraíso²⁵. — Igual pensamento regozijava o pobre eremita encontrado por um caçador no meio de uma floresta a cantar alegremente, apesar de estar coberto de úlceras com as carnes caindo aos pedaços. Interrogado se era quem assim cantava, respondeu ao caçador: Sim, eu cantava e com razão, pois entre mim e Deus só existe este frágil muro de meu corpo que se desmorona a cada momento. Canto, porque vejo aproximar-se o tempo de ir gozar do meu Senhor²⁶.

Isto mesmo fazia dizer a S. Francisco de Assis: O bem que espero é tão grande, que todas as penas me causam prazer. — Os Santos, em suma, se consolam quando se vêem atribulados nesta vida, e se afligem, de certo modo, quando se vêem felizes. — Lê-se nas crônicas da reforma de Sta. Teresa que a Madre Izabel dos Anjos tinha repugnância de recitar no ofício divino estas palavras: Quando nos haveis de consolar²⁷? Sempre as dizia com tanta pressa que antecipava as outras irmãs. Interrogada porque assim procedia, respondeu: Temo as consolações de Deus nesta vida.

8.— Passar por tribulações nesta vida é um grande sinal de predestinação. Lá disse S. Gregório: Viver no meio de aflições, neste mundo, é próprio dos eleitos, aos quais está reservada a bem-aventurança eterna²⁸.

Assim vemos nas vidas dos Santos que todos, sem exceção, foram sobrecarregados de cruces nesta terra. É o que escreveu S. Jerônimo a Sta. Eustaquia: Procura e verás que todos e cada um dos Santos sofreram as tribulações; só Salomão viveu no meio dos prazeres, e talvez por isso se condenou²⁹. O apóstolo diz que todos os predestinados devem ser semelhantes a Jesus Cristo³⁰. Ora a vida de Jesus Cristo foi um contínuo padecer; por conseguinte, diz ainda o Apóstolo, para sermos glorificados com Jesus Cristo, é preciso que com ele passemos pelos sofrimentos³¹.

9. — Mas sofrer com Jesus Cristo é sofrer com paciência, como nosso divino Salvador que não repelia injúria com afronta, conforme nota S. Pedro³². — Diz S. Gregório que assim como sofrer com paciência é sinal de predestinação, assim sofrer com impaciência é presságio de condenação. Por isso nos adverte o Senhor que nós não alcançaremos a salvação se não nos sofrimentos tolerados com paciência³³. — E fiquemos bem persuadidos que se Deus nos envia tribulações, é unicamente porque nos quer bem: desse modo procura desapegar-nos dos prazeres terrenos, que nos podem fazer perder a salvação eterna. — Diz Sto. Agostinho: O mundo é tão amargo, que todas as suas delícias são incapazes de satisfazer o coração do homem e todas se reduzem a amarguras e remorsos de consciência; e ainda assim é amado. Avaliai, pois, quanto mais o seria, se fosse doce, e como então nos esqueceríamos da alma, do paraíso e até de Deus³⁴! — A mãe para desmamar o filho e fazê-lo aborrecer o leite, põe azebre nos seios; assim

Deus procede conosco: torna amargos aos deleites do mundo para nos induzir a deixá-los e a anhelar os prazeres eternos que aparelha no céu para os que o amam. Ainda mais: Nosso divino Salvador quis vir do céu à terra e sofrer por nós, para com seu exemplo nos atrair a imitá-lo, seguindo os seus passos, como diz o apóstolo S. Pedro³⁵. — Eis em que termos nos convida a segui-lo: Se alguém quiser vir após de mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me acompanhe³⁶. É como se dissesse: Quem recusa sofrer e levar sua cruz, deixe de pretender ser meu discípulo e de me seguir em busca do paraíso.

10. — Mas o fim mais nobre que, abraçando os sofrimentos, se deve propor a alma que ama a Deus, há de ser o desejo de lhe agradar. Já disse o Eclesiástico que alguns são amigos só no tempo da prosperidade, mas, em presença da desgraça abandonam seu amigo e se retiram³⁷. — Ora o testemunho mais certo do amor é padecer pela pessoa amada; e o sacrifício mais agradável a Nosso Senhor é abraçar com paciência todas as cruzes que nos envia³⁸. — O amor é paciente, suporta tudo: as cruzes exteriores, como a perda da saúde, das honras, dos parentes, dos amigos; as cruzes interiores, como as ansiedades, as tentações, as dores, as desolações espirituais. A virtude se prova com a paciência. É por isso que, nas vidas dos Santos, costuma-se fazer especial menção da sua paciência nas adversidades. É assim que o Senhor prova a nossa fidelidade. O demônio nos tenta, e Deus também, mas o demônio o faz para nos perder e Deus para nos salvar. Assim como o ouro se prova pelo fogo, assim Deus experimenta

seus servos pelo fogo das tribulações³⁹. — Assim, pois, quando uma alma é afligida, é sinal de que é agradável a Deus, como o anjo declarou a Tobias: Porque eras querido de Deus, foi preciso que fosses submetido à prova e tentado⁴⁰. — Quando o Senhor dá a alguém ocasião de sofrer, diz S. João Crisóstomo, faz-lhe maior graça do que se lhe desse o poder de ressuscitar os mortos⁴¹. — E eis a razão que dá o Santo Doutor: quando nós fazemos milagres, somos devedores a Deus; mas quando suportamos as nossas penas com paciência, é de algum modo o Senhor que se torna nosso devedor⁴².

11. — Oh Deus! Quem olha para o crucifixo e vê Deus morto em um mar de dores e de desprezos, como é possível, se o ama, não suportar de boa vontade, ou antes não desejar sofrer todos os males por seu amor? — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia: Todas as penas, por maiores que sejam, tornam-se suaves, quando se olha para Jesus na cruz. — Justo Lipsio estava um dia atormentado de agudas dores. Um de seus amigos o exortava a sofre-las com firmeza, pondo-lhe diante dos olhos os exemplos de paciência dados pelos estóicos; mas ele, lançando um olhar para o crucifixo, disse: Eis aqui a verdadeira paciência. Com isto queria dizer que o exemplo de Deus sofrendo tanto por nosso amor, só por si basta para nos animar e sofrer todas as penas por seu amor. — As dores e os opróbrios agradam demais aos que amam o crucifixo, diz S. Bernardo⁴³. — Sta. Delfina perguntava um dia a seu esposo Sto. Elzeário como ele podia sofrer, sem se impacientar, tantas injúrias das pessoas grosseiros, e o Santo lhe res-

pondeu: Caríssima esposa, não penseis que eu seja insensível a estas injúrias: eu as sinto bastante, mas levanto meus olhos para Jesus crucificado e não cesso de mirá-lo até que meu espírito fique inteiramente tranqüilo. — O amor, diz Sto. Agostinho, torna fáceis todas as coisas⁴⁴. — Sta. Catarina de Gênova, depois de ferida pelo divino amor, dizia que não sabia mais que coisa fosse padecer; ainda que sofresse penas gravíssimas, nada sentia pensando que lhe eram enviadas por quem a amava tanto. — Assim, igualmente um bom religioso da Companhia de Jesus, quando Deus o visitava com alguma dor, enfermidade ou perseguição, falava sempre consigo: Dizei-me, ó dor, doença, perseguição, quem vos enviou? Foi Deus que vos trouxe? Sede bem-vindas. — Deste modo, nunca perdia a paz.

12. — Concluamos. Visto que nesta vida, de boa ou má vontade todos hão de sofrer procuremos sofrer com merecimento, isto é, com paciência. Esta virtude é um escudo que nos defende de todas as penas que nos causam as perseguições, as enfermidades, as perdas e quaisquer outros trabalhos. Quem estiver sem este broquel, está sujeito a todos os sofrimentos. Procuremos, portanto, antes de tudo, pedir a Deus a paciência; sem isto não alcançaremos tão cedo este precioso dom. Quando pois nos assaltarem as adversidades, esforcemo-nos, de nossa parte, e façamos o possível para não prorromper em palavras de impaciência e de lamentos. O fogo que arde na fornalha, logo se apaga, quando se lhe tira a possibilidade de se exalar. Não tardaremos a gozar o fruto desta vitória: Ao vencedor darei o maná escondido, diz o Se-

nhor⁴⁵. Quando uma pessoa se faz violência para se vencer nas contrariedades, abraçando logo a cruz que Deus lhe envia, oh! que doçura o Senhor lhe faz experimentar logo na mesma tribulação porque está passando, doçura oculta aos espíritos mundanos, mas não às almas que amam a Jesus Cristo! Lá dizia Sto. Agostinho: É mais doce gozar da boa consciência no meio dos trabalhos, do que estar com a consciência má no meio das delícias⁴⁶. — Sta. Teresa, falando de si mesma, dizia: Tenho experimentado mais de uma vez que, se desde o princípio delibero generosamente a fazer uma coisa, Deus logo me dá alegria em executá-la. Ele quer que a alma experimente esta sorte de temores a princípio, para que adquira mais merecimentos.

13. — Aquele que se resolve a sofrer por Deus, não padece mais. Leiamos as vidas dos Santos, e vejamos como se deliciaram em sofrer.

Sta. Gertrudes dizia que ela gozava tanto no padecer, que não tinha tempo mais penoso do que quando nada sofria. Sta. Teresa dizia que não tinha confiança em viver sem sofrer; por isso muitas vezes exclamava: Ou sofrer ou morrer⁴⁷. — Sta. Maria Madalena de Pazzi ia mais adiante e dizia: Sofrer sim, e não morrer. — O mártir S. Procópio dizia ao tirano que lhe aparelhava novas torturas: Atormenta-me quanto quiseres. Não sabes que aos que amam a Jesus Cristo, nada é mais agradável do que sofrer por seu amor?⁴⁸ — S. Gordião ameaçado de cruel morte se não renegasse a Jesus Cristo, respondeu: Tenho pena de não poder morrer senão uma só vez por Jesus Cristo meu Salvador. E assim morreu in-

trepidamente⁴⁹. — Sta. Potamiana disse ao tirano que a condenava a morrer em uma caldeira de pez a ferver: Pois bem, eu te peço não me atires na caldeira de um só jato, mas a pouco e pouco, para mais sofrer por meu Jesus. Fez-lhe a vontade o tirano, e a santa virgem só perdeu a palavra quando o pez lhe chegou ao pescoço e tirou-lhe a vida⁵⁰. — É também célebre o martírio das virgens Fé, Esperança e Caridade que, como refere Baronio, sendo tentadas pelo tirano Antiocho com ameaças de tormentos, cheias de coragem lhe responderam: Não sabes que para os cristãos não há coisa mais aprazível que sofrer por Jesus Cristo? A Sta. Fé depois de açoitada cortaram-lhe os seios, atormentaram com fogo e depois decapitaram. A Sta. Esperança fustigaram com azorragues, dilaceraram as costas com pentes de ferro, e depois lançaram em uma caldeira de pez a ferver. Sta. Caridade era a menor, não passava de nove anos. Pelo que o tirano esperava demovê-la com o temor dos suplícios. Disse-lhe pois: Minha filha, ao menos tu deves ser prudente, e não queiras morrer atormentada como tuas irmãs. Ao que a santa menina respondeu: “Estás enganado, Antiocho; todos os tormentos não me farão jamais abandonar a Jesus Cristo”. Então, o tirano mandou suspendê-la por uma corda para torturá-la, deixando-a cair do alto muitas vezes, até deslocar-lhe todos os ossos. Depois fez perfurar todos os membros da santa criança com pontas de ferro até exalar o último suspiro, esvaída em sangue.

14. — Vejamos agora outros exemplos mais modernos extraídos da história eclesiástica do Japão. Ai se refere de uma senhora casa chamada Maxencia,

que, sendo posta em tormentos, não aceitou a oferta de um dos algozes que lhe queria aliviar as penas, e continuou constante a confessar a fé. Tendo o algoz lhe chegado duas vezes a espada à garganta para atemorizá-la, respondeu-lhe: “Ora, pois! como queres assustar-me com a morte que eu desejo? Para me espantar, deverias antes prometer-me a vida”. E, dizendo isto, estendeu o pescoço para ao algoz lhe cortar a cabeça.

O Beato João Batista Machado, sacerdote da Companhia de Jesus, foi encerrado em uma prisão tão úmida e tão incômoda que, durante quarenta dias, não pôde repousar nem experimentar o menor alívio dia e noite. De lá escreveu a outro religioso: “Meu Padre, com tudo isto estou tão satisfeito que não trocaria meu estado com os primeiros monarcas da terra”.

O Beato Padre Carlos Espínola, da mesma Companhia, escrevia também do cárcere onde muito sofria, aos seus companheiros: Oh! como é doce sofrer por Jesus Cristo! Eu já recebi a notícia da minha condenação, e vos peço agradeçais a bondade divina o precioso dom que me faz. E em seguida assinou a carta: “Carlos Espínola, condenado por Jesus Cristo”. Pouco depois foi queimado vivo à fogo lento. Conta-se que, quando foi ligado ao poste, em agradecimento a Deus, entoou o salmo *Laudate Dominum omnes gentes*, e assim expirou. Mas, perguntará alguém, como podiam os mártires sofrer com tanta alegria? Não eram de carne como nós? ou os tornava Deus insensíveis à dor? — Responde S. Bernardo: Sua paciência e sua alegria nos sofrimentos não eram e-

feito de sua insensibilidade, mas do amor que tinham a Jesus Cristo. A dor não lhes faltava, mas a venciam e desprezavam por amor do divino Mestre⁵¹. — Um grande servo de Deus, o Padre Hippolyto Durazzo, da Companhia de Jesus, costumava dizer: Por mais que custe Deus, nunca é caro demais. — E S. José Calasans dizia: quem não sabe sofrer por Jesus Cristo, não saberá ganhá-lo.

Ah! as almas que entendem a linguagem do amor, sabem bem achar nas cruces todo o seu contentamento, porque sabem que, abraçando-as, agradam a Deus.

ORAÇÃO

Meu Jesus crucificado, vós sofrestes por mim tantas dores e tantas afrontas; morrestes para ganhar o meu amor; e eu tenho renunciado tantas vezes o vosso amor por um nada! Tende piedade de mim e perdoai-me. Bendita seja a vossa misericórdia, que por tanto tempo me suportou com tanta paciência. Então, eu vos não amava, nem me preocupava de ser amada por vós. Agora, eu vos amo de todo o meu coração, e a maior de todas as minhas penas é vos ter desgostado, ó meu Redentor, que tanto me amastes! Sim; esta é a minha maior dor; mas esta dor me consola, porque me dá confiança de que já me perdoastes. Oh! Quem me dera ter morrido antes de vos ter ofendido! Meu Deus, se no passado não vos amei, agora me entrego inteiramente a vós.

Quero deixar tudo, para amar somente a vós, meu Salvador, digno de um infinito amor! Bastam os

desgostos que vos dei: Quero empregar todo o resto de minha vida em comprazer ao vosso adorável coração, tão abrasado no meu amor. Dizei-me tudo o que de mim quereis, pois eu quero fazê-lo sem reserva. Dai a força para executá-lo. Eu vos amo, Bondade infinita; eu vos amo de todo o meu coração, e por vosso amor aceito todas as penas que vos aprouwer enviar-me.

Maria Santíssima, minha Mãe, socorrei-me com a vossa intercessão. Eu confio em vós.

II. Da paciência nas doenças, na pobreza, nos desprezos e perseguições, e nas desolações do espírito.

1. DA PACIÊNCIA NAS DOENÇAS.

1. Em primeiro lugar, devemos praticar a paciência nas *doenças*. Estas são a *pedra de toque* que faz conhecer o espírito de uma pessoa, e serve para distinguir o ouro do cobre. Certas religiosas parecem alegres, pacientes e devotas, enquanto passam bem de saúde; mas, quando são depois visitadas por qualquer doença, cometem mil defeitos e ficam inconsoláveis: São impacientes com todas as outras, mesmo com as que as tratam por caridade. Pela menor dor, pelo menor incômodo, rompem os gemidos, lamentam-se de todos, do médico, da superiora, das enfermeiras, acusando-as de negligentes e descuidadas. Eis o cobre que aparece, em lugar do ouro.

“Mas, meu Padre, dirá alguma, eu soffro tanto e não posso lamentar-me e dizer meus queixumes?” — Eu não vos proíbo manifestar vossas dores, quando são grandes. Quando, porém, forem leves, é fraqueza queixar-vos com todas e querer que todas se mostrem penalizadas. E se os medicamentos não conseguirem livrar-nos dos vossos padecimentos, eu vos concito a não vos impacientardes, mas resignai-vos com a vontade de Deus.

Uma outra exclama: “Onde está a caridade? Vede como as minhas irmãs se esqueceram de mim e me abandonaram neste leito de dor!” — Pobre doente, eu me compadeço de ti, não pela enfermidade do corpo, mas pela pouca paciência que tens, a qual te faz duplamente enferma, do corpo e da alma. As irmãs se esqueceram de ti, mas tu também te esqueceste de Jesus Cristo, que, por teu amor, morreu abandonado em uma cruz. De que te serve queixar-te desta ou daquela? Queixa-te de ti mesma, de teres tão pouco amor a Jesus Cristo, e por isso tão pouca paciência. — Lá dizia S. José Calasans: Se os enfermos tivessem paciência não se ouviriam tantos lamentos. — Escreve Salviano que muitas pessoas não poderiam ser santas, se gozassem de boa saúde⁵². Com efeito, falando especialmente das mulheres santas, lê-se em suas vidas que quase todas foram vítimas de diversas enfermidades. — Sta. Teresa, durante quarenta anos, não passou um só dia sem sofrimentos. É por isso que Salviano acrescenta que as pessoas consagradas ao amor de Jesus Cristo são enfermas e enfermas querem ser⁵³.

2. — Diz aquela outra: “Eu não me lamento de ser doente, mas sinto não poder ir ao coro, nem comungar, nem fazer oração, e ser pesada ao mosteiro”. — Deixai-me responder ponto por ponto. 1. Dizei-me, porque desejais ir recitar o ofício no coro e comungar na igreja? Para agradar a Deus? Pois bem. Se, porém, agradar a Deus que não rezeis o ofício nem façais a comunhão, mas que fiqueis no leito a sofrer, para que vos haveis de afligir? — O bem-aventurado Padre Mestre Ávila escreveu a um sacerdote enfermo estas palavras: Amigo, não persistais em considerar no que haveríeis de fazer, se tivésseis saúde; mas contentai-vos de estar enfermo pelo tempo que a Deus aprover. Se procurais fazer a vontade de Deus, que coisa mais vos importa? estar com saúde ou estar enferma⁵⁴? E até dizia S. Francisco de Sales que se serve mais a Deus com o sofrimento do que com o trabalho.

2. Dizeis que, estando enfermas, não podeis fazer a oração. Porque? concede que não possais aplicar o espírito a meditação; mas que vos impede de lançar os olhos sobre o crucifixo e de lhe oferecer as penas que padeceis? Ora, que mais bela oração poderíeis fazer do que sofrer e vos resignar com a vontade de Deus, unindo as vossas dores as de Jesus Cristo e assim apresentá-las a Nosso Senhor?

3. Dizeis, enfim, que neste estado, em vez de ser útil, sois pesada à comunidade. Mas, como vos conformais com a vontade divina, deveis supor que vossas irmãs se conformam também, vendo que, se sois pesada ao convento, não é por vossa culpa, mas pela vontade de Deus. Ai! estes desejos e estes sentimen-

tos não nascem do amor de Deus, mas do amor próprio, porque quereríamos servir ao Senhor não como lhe agrada, mas como nos apraz.

3. — Eia pois! Abraçai com resignação todas as enfermidades, que Deus vos envia, se quereis de veras dar-lhe prazer, e, ao mesmo tempo, dar bom exemplo às vossas irmãs. Oh! como edifica a religiosa que, no meio dos maiores sofrimentos e ainda mesmo achando-se em perigo de morte, mostra sempre o rosto sereno, não se lamenta dos médicos nem das irmãs, mas agradece a todos o menor cuidado ou serviço que lhe prestam, e aceita com submissão os remédios que lhe aplicam, por mais amargos e dolorosos que sejam! — Santa Liduvina passou trinta e oito anos estirada em uma tábua, abandonada, coberta de chagas e cruciada de dores, e jamais se lamentou de qualquer coisa, mas tudo suportou com calma e resignação. — A bem-aventurada Humiliana de Florença, franciscana, atacada de várias enfermidades dolorosas e violentas, levantava as mãos para os céus, repetindo sempre: Sêde bendito, meu amor; sêde bendito. — Sta. Clara esteve também constantemente enferma durante vinte e oito anos, e nunca deixou sair da boca o menor lamento. — O abade S. Teodoro Siceoto sofreu em toda a sua vida uma chaga que lhe causava dores agudas; e dizia que o Senhor lha tinha dado, como um motivo de contínuas ações de graças, que de fato não cessava de dar⁵⁵.

Quando sofremos alguma dor, lancemos um olhar sobre tantos santos mártires, que tiveram suas carnes dilaceradas com unhas de ferro ou mesmo queimadas com lâminas ardentes; e, sustentados pe-

lo seu exemplo, tenhamos coragem de oferecer a Deus qualquer dor, que padeçamos.

À paciência nas doenças, é necessário unir a paciência no rigor das estações. Quando faz muito frio ou muito calor, algumas se inquietam e se lamentam, principalmente se lhes faltam algumas vestes ou alguns alívios que desejariam. Longe de proceder assim, bendizei essas criaturas como ministras da vontade de Deus, e dizei como os três moços atirados na fornalha: Fogo e calor, gelo e frio, bendizei ao Senhor⁵⁶.

4. — Sobretudo no tempo da doença, devemos nos resignar com a morte, se a hora for chegada, e com a morte que a Deus aprover enviar-nos. E que coisa é esta vida, senão uma contínua tempestade, em que estamos sempre em perigo de nos perdermos? — S. Luiz Gonzaga que morreu na flor da mocidade, abraçou com alegria a morte, dizendo: Agora eu me acho na graça de Deus, como espero: depois, eu não sei o que será de mim: por isso deixo esta terra satisfeito, se apraz a Deus chamar-me à outra vida. — Mas dizeis vós: S. Luiz era santo e eu sou uma pecadora. Ouvi o que vos responde o B. Padre Mestre Ávila: Todo aquele que se acha com boa disposição, embora medíocre, deve desejar a morte, para evitar o perigo de perder a graça divina, no qual sempre se vive nesta terra. Que há de melhor do que adquirir, por uma boa morte, a certeza de não perder mais a amizade de Deus? — Mas, replicais, até o presente, eu nada ganhei para o céu; eu quereria viver ainda para fazer alguma coisa antes de morrer. — E se Deus não vos chama agora à outra vida, como

sabeis que, prolongando os vossos dias, não fareis ainda pior do que dantes, e que, por novos pecados, não acabareis por vos condenardes?

Afinal, se não tivéssemos outro motivo, deveríamos abraçar com resignação a morte, quando se apresenta, porque ela nos livra dos pecados. — Neste mundo ninguém está isento de pecados, ao menos veniais. Isto é o que fazia dizer S. Bernardo: Para que desejamos viver, sabendo quanto mais multiplicarmos nossos dias, mais havemos de multiplicar os pecados⁵⁷? Além disso, se amamos a Deus, devemos anhelar ir vê-lo eamá-lo face à face no paraíso; ora, se a morte não nos abrir a porta, não poderemos entrar na pátria celestial. É por isso que Sto. Agostinho, abrasado de amor de Deus, dizia: Senhor, fazei que eu morra, para vos poder ir ver⁵⁸.

2. DA PACIÊNCIA NA POBREZA.

5. — Devemos, em segundo lugar, praticar a paciência nos incômodos da pobreza, quando os bens temporais nos vêm a faltar. — Que é que vos poderá bastar, pergunta Sto. Agostinho, se Deus não vos bastar⁵⁹? Quem tem Deus, tem tudo, ainda que lhe faltem todas as outras coisas. Pode dizer então: Meu Deus, sois tudo para mim⁶⁰! — É por isso que o Apóstolo diz que os santos nada tem e possuem tudo⁶¹. Quando, portanto, vos faltarem os remédios nas enfermidades, vos faltar a alimentação, vos faltar o fogo no inverno, vos faltarem as vestes, dizei: Meu Deus vós só me bastais; e assim contentai-vos.

6. — Suportai do mesmo modo as perdas das criaturas, como bens temporais, parentes, amigos. Tal religiosa perde uma bagatela, um livro, uma imagem, uma medalha, amotina todo um mosteiro, e não pode achar sossego. Se um de seus parentes ou uma companheira de sua estima sucede morrer, fica inconsolável, deixa a oração, abandona as comunhões e, se torna impaciente com todas; fecha-se na cela, recusa tomar alimento, repele quem a vem consolar. Eu vos pergunto, está isto direito? É assim que amais a Deus? Logo não é verdade que Deus seja todo o vosso bem, pois se vê agora que, tendo perdido a criatura, não achais mais sossego, e parece que não vos lembrais mais de Deus. Dizei-me que lucráis com abandonar-vos à melancolia? Pensais talvez que assim agradais à pessoa falecida Não, decerto; desagradais a Deus e também à defunta. Quanto mais grato seria a esta, que vos conformásseis com a vontade divina e vos aplicásseis não a chorar e ulular como louca, mas unir-vos mais com Deus e orar por ela, caso se ache no purgatório! Derramar algumas lágrimas com a morte dos seus é fraqueza que se concede à natureza; mas lamentar-se demais é fraqueza de espírito e de amor de Deus. As religiosas santas sentem também a morte das pessoas amigas, mas logo se resignam, pensando que tal foi a vontade de Deus, e com paz vão orar por elas.

Em seguida multiplicam suas preces, as comunhões, e se apegam mais com Deus, reavivando a esperança de ir um dia possuí-lo juntamente no céu.

7. — Outras, porém, que pretendem ser mais devotas, se afligem menos com a perda dos parentes e

dos amigos, do que com a dos seus diretores. Parece, então, que quereriam lastimar-se até de Deus, dizendo que Nosso Senhor as abandonou, tirando-lhes o seu arrimo e guia espiritual. Que loucura! Deus é que nos há de santificar e não o confessor. O Senhor quer, de certo, que não deixemos o diretor, enquanto o temos, para aprender dele o que Deus quer de nós. Mas quando o tira, cuidará de nos dar outro ou suprirá de outro modo. Por conseguinte, inquietar-se quando falta o diretor costumado não é virtude, mas imperfeição e grande imperfeição; porque tal inquietação nasce de algum apego terreno, ou, ao menos, da falta de confiança em Deus. — Portanto, minhas irmãs, procurai estar sempre desapegadas do vosso diretor, e pronta para serdes privadas dele sempre que Deus o queira. E quando aquele vos deixar ou for chamado pelo Senhor a outra vida, dizei com o santo Jó: O Senhor nô-lo tinha dado, o Senhor o tirou; seja bendito o seu santo nome⁶². — Vós podeis seguir, então, as regras, que ele vos traçou a fim de que acheis um diretor conveniente; e, entretanto, nas coisas que ocorrerem, ajustai-vos com o confessor ordinário, o qual, comumente falando, pode ser considerado como o guia mais seguro, porque esse vos foi dado por Deus e o diretor particular será da vossa escolha.

3. DA PACIÊNCIA NOS DESPREZOS E PERSEGUIÇÕES.

8. — É necessário, em terceiro lugar, praticar a paciência nos desprezos e nas perseguições. — Eu

não cometi falta alguma, direis vós; para que hei de sofrer esta afronta, esta perseguição? Deus não quer isto. — Mas ignorais a resposta de Jesus Cristo a S. Pedro mártir que se queixava de estar preso injustamente, dizendo: Que mal fiz eu, Senhor, para sofrer esta perseguição? — Jesus crucificado lhe respondeu: E eu que mal fiz para ser cravado nesta cruz⁶³? — Se, pois, minha irmã, o divino Redentor houve por bem abraçar a morte por vosso amor, não é demais que abraceis esta mortificação por seu amor. É verdade que Deus não quer o pecado de quem vos insulta e persegue, mas quer que sofraís esta contrariedade por seu amor e também para vosso bem. Se nós não cometemos a falta que nos é imputada, diz Sto. Agostinho, temos todavia outros pecados que merecem estes castigos, e até castigos muitos maiores⁶⁴.

9. — Todos os santos foram perseguidos neste mundo. S. Basílio foi acusado de heresia perante o Papa S. Damaso. — S. Cirilo Alexandrino foi, além disso, condenado como herege por um concílio de quarenta bispos, e, por isso, privado do seu bispado. — Sto. Atanásio foi acusado de sortilégio, e S. João Crisóstomo de maus costumes. — S. Romualdo, na idade de cento e tantos anos, foi acoimado de um crime enorme, pelo qual houve quem dissesse que merecia ser queimado vivo. — S. Francisco de Sales foi infamado de ter comércio com uma mulher do mundo, e por três anos trouxe consigo esta pecha, até que se descobriu a sua inocência. — De Sta. Lidwina se conta que, certo dia, entrou uma mulher em sua cela, e começou a maltratá-la com as mais

atrozes injúrias que se podem imaginar: e porque a santa se conservava na paz de costume, a tigre mais enfurecida se pôs a cuspir-lhe na face. Vendo, enfim, que nem assim a santa se perturbava, pôs-se a gritar como louca. — Não há remédio, diz o Apóstolo: Todos aqueles que querem seguir a Jesus Cristo hão de sofrer perseguição⁶⁵. — Se, pois, não quereis sofrer coisa alguma, continua Sto. Agostinho, é para se temer que não tenhais ainda começado a seguir Jesus Cristo. Quem foi mais inocente e mais santo que o nosso divino Salvador? Entretanto, os homens o perseguiram e o fizeram morrer coberto de chagas e de ignomínias em sua cruz. — É por isso que S. Paulo, para nos animar a sofrer com calma as perseguições, nos exorta a ter sempre diante dos olhos o crucifixo: Lembrai-vos constantemente daquele que foi alvo de tantas contradições por parte dos pecadores⁶⁶. Tenhamos por certo que, se sofrermos com paz as perseguições, Deus tomará a si a defesa da nossa causa; e, se, por acaso, permitir que vivamos desonrados nesta terra, o fará para recompensar depois a vossa paciência com honras maiores em outra vida.

4. DA PACIÊNCIA NAS DESOLAÇÕES ESPIRITUAIS

10. — Em quarto e último lugar, devemos praticar a paciência nas *desolações espirituais*, que são as penas mais sensíveis e mais duras que uma alma amante de Deus pode experimentar nesta terra.

Quando a alma goza das consolações divinas, todas as injúrias, todas as dores, as perdas, e as per-

seguições longe de a afligirem, só fazem aumentar sua felicidade, dando-lhe ocasião de oferecer ao Senhor seus sofrimentos, e, por esta oferta, se une mais perfeitamente ao seu amado. A pena mais amarga para uma alma amante é ver-se sem devoção, sem fervor, sem aspirações, enfadada e tibia na oração e na comunhão. Mas Sta. Teresa observa que Deus então percebe as melhores provas de seu amor, quando está, sem atrativo, ou, antes, apesar da sua repugnância e do seu tormento, continua pacientemente o seu caminho. É pelas securas e tentações, diz a Santa, que o Senhor experimenta e prova os que o amam⁶⁷. — A B. Ângela de Foligno, achando-se no estado de aridez, se lamentava com Deus de que a tivesse assim abandonado. E o Senhor lhe respondeu: “Não, filha; agora te amo mais do que dantes, e te conservo mais perto de mim”.

Algumas religiosas principiantes, vendo-se desoladas, se consideram como abandonadas de Deus, e até pensam que o caminho da perfeição não foi feito para elas. Nesta ilusão, renunciam sua santa empresa, dão liberdade aos sentidos e perdem tudo o que fizeram. Quando à vós, minhas irmãs, estai alertas. Não vos deixeis enganar pelo inimigo. Quando vos achardes na aridez, sede constantes e não abandonéis os exercícios de piedade costumados. Humilhai-vos então, e dizei que mereceis ser assim tratados por vossos pecados. Sobretudo, resignai-vos com a vontade divina, e então mais do que nunca confiai em Deus, porque é o momento de vos tornardes mais queridas do vosso divino esposo. Pensais porventura que os santos viveram, nesta terra, sempre inunda-

dos de consolações e doçuras celestes? Sabei que eles passaram a maior parte da sua vida nas securas e obscuridades. E, para dizer a verdade, como aprendi com a experiência, eu pouco me fio dessas almas que abundam em doçuras espirituais, se antes não passaram pelo caminho das penas interiores; porque não raras vezes acontece que essas almas andam bem enquanto dura a consolação, mas quando depois são provadas pela aridez, deixam tudo e se entregam a tibieza.

11. — Alguma dirá talvez: Eu não recuso esta cruz, se Deus assim o quer; mas o que me aflige é o temor de que este abandono seja em castigo de minhas infidelidades. — Eu, porém, vos respondo: Seja castigo, como dizeis: é possível. Se cometestes a falta de vos apegardes à alguma criatura, Deus, com razão se retirou de vós, porque é zeloso de coração de suas esposas. Se é, pois, justo o castigo de Deus, e é sua vontade que o recebeis, aceitai-o com calma; e cuidai logo de suprimir as causas do vosso abandono e desolação: desapegai o afeto das criaturas, atalhai essa dissipação de espírito, esse desejo excessivo de ver, falar e ouvir, e dai-vos de novo inteiramente a Deus. Destarte, o Senhor se esquecerá, depressa, dos vossos defeitos, e vos fará voltar à primeira graça. Mas não cuideis que vos console com as antigas doçuras; esforçai-vos antes para que vos dê forças para lhe serdes fiéis. Ficai persuadidas que Deus manda as desolações somente para nosso maior proveito e para provar o nosso amor. Disse o Senhor a Sta. Gertrudes que muito lhe agradavam as

almas que o serviam *à sua própria custa*, isto é, na aridez e sem nenhuma doçura sensível.

12. — Aquele que corre atrás do amigo que foge, mostra mais amor, do que aquele que segue o que o acaricia. Dai estas palavras de S. Bernardo: Não temais, ó esposas de Jesus Cristo; nem vos inquieteis, se o esposo divino vos esconde a sua face por algum tempo. Ficai certas que faz tudo para vosso bem. Ele se retira para tornar mais segura a vossa felicidade, afim de que a abundância de seus favores não vos faça desprezar as vossas companheiras, julgando-as melhores do que elas. Ele o faz também para que com mais anseio o desejeis, e com maior ardor o procureis⁶⁸.

No entanto, é necessário que persevereis em todos os vossos bons exercícios, ainda que sofraís agonias mortais. Muito mais tormentosa foi a que o divino esposo padeceu no jardim de Getsemani, quando se preparava para a morte, orando por vós⁶⁹. — Não cesseis de procurá-lo, e ele não tardará a vir consolar-vos, diz o profeta⁷⁰. E se não vier dar-vos consolações e doçuras, contentai-vos que vos dê ânimo e forças para amá-lo sem recompensa neste mundo: Deus prefere o amor forte ao amor terno.

5. ALGUNS AVISOS PRÁTICOS PARA CONSERVAR A PACIÊNCIA NAS TRIBULAÇÕES.

13. — Falando em geral de todas as tribulações, que nos podem sobrevir, S. Tomás nos adverte que ajuda muito a recebê-las com fortaleza, preveni-las

antes que venham. Assim prepara Jesus Cristo os seus discípulos para as mesmas, dizendo: Meus filhos, sabeis que no mundo sereis aflitos e humilhados; mas tende confiança em mim que venci o mundo⁷¹. — A razão é que a previsão de um trabalho, com a resolução de o suportar com paciência, nos faz formar a idéia, não de um mal, mas de um bem com vistas a vida eterna; e, desta arte, a consideração prévia do trabalho tira da nossa alma o temor que consigo traz. Assim praticaram os santos: abraçaram as cruzes de longe, antes que chegassem. Deste modo se acharam preparados para sofrê-las com calma, mesmo quando lhes vieram de improviso. Acostumai-vos, pois, na oração, a abraçar as tribulações que provavelmente vos hão de ocorrer.

2. Quando as provações vos assaltarem, parecendo superiores às vossas forças, orai ao Senhor que venha em vosso auxílio, e confiai nele, dizendo: Eu tudo posso naquele que me conforta⁷². — Fazendo deste modo, ficai tranqüilas, por que, em tal caso, a oração vos há de impetrar a força que não tendes. Quem deu aos santos mártires o vigor para suportar tantos tormentos e mortes tão dolorosas, senão o orar e recomendar-se a Deus? — Quando vos achardes já sob o peso da cruz, de novo recorrei logo a oração, segundo o conselho de S. Tiago: Se algum de vós sofre alguma aflição, trabalho ou padecimento, ore, e não deixe de orar, enquanto o coração não tornar à calma⁷³. — O Senhor mesmo disse: Quando fordes atribulados, chamai-me em vosso auxílio; eu vos livrarei das vossas penas, e vós me honrareis⁷⁴. — Desde que uma alma atribulada se encomenda a

Deus, ou ele a livra do mal que padece, ou lhe dá a graça de suportá-lo com paciência; e com isso a alma honra o Senhor. — Sto. Inácio de Loiola dizia que a maior aflição que ele podia sofrer neste mundo, teria sido ver destruída a Companhia; mas esperava que nesse caso, lhe bastaria um quarto de hora de oração para recobrar a calma anterior.

3. Além disso, nos tempos da tribulação, procurai comungar mais freqüentemente. Durante as perseguições, os antigos cristãos se preparavam para o martírio pela comunhão freqüente.

4. Demais, conferenciai então com o vosso diretor ou com outra pessoa espiritual, porque uma palavra de conforto vos ajudará muito a levar a cruz com paciência. Guardai-vos, porém, de conferenciar com alguma pessoa imperfeita; porque esta poderá inquietar-vos mais e lançar-vos em confusão, principalmente quando houverdes recebido alguma afronta, ou sofrerdes atualmente qualquer perseguição.

5. Mas, sobretudo, repito, recorrei a oração, voltai-vos especialmente para Jesus sacramentado e rogai-lhe a graça de em tudo conformar-vos com sua santa vontade. Ele prometeu consolar a todos os atribulados que nele confiam, dizendo: Vinde a mim todos vós que sofreis e estes acabrunhados, e eu vos aliviarei⁷⁵.

ORAÇÃO

Meu Deus, eu vos ofereço os sofrimentos de Jesus vosso Filho em expiação dos meus pecados. Este é o Cordeiro que um dia vistes sacrificado para

vossa glória e para nossa salvação no altar da cruz. Por amor desta vítima tão cara ao vosso coração, perdoai-me todos os desgostos graves ou leves que vos dei pelo passado. Pesa-me de todo o meu coração de ter ofendido a vossa bondade infinita. Vós me chamais ao vosso amor; eis-me aqui! abandono tudo e venho a vós, meu tesouro e minha vida! Por vosso amor, renuncio todos os bens, honras e favores do mundo. Eu vos amo, ó sumo bem; eu vos amo mais do que todos os outros bens.

Ah! meu Jesus, não permitais que eu aumente mais as minhas ingratidões para convosco, resistindo ainda a tantas provas de vossa ternura para comigo. Ai! manifestai-me sempre mais as grandezas da vossa bondade infinita, para que vos ame cada vez mais. Como poderia eu amar a outro senão a vós, que vos mostrastes tão abrasado de amor para com a minha alma? Não, ó meu Redentor; de hoje em diante só para vós quero viver, só a vós quero amar.

Ó Maria, minha Mãe, ajudai-me, e impetrai-me a graça de ser fiel a esta minha promessa.

III. Da paciência nas tentações.

1. — Minha boa irmã no Senhor, Deus não está contente com a vossa vida passada, nem vós tão pouco estais. Se a morte viesse agora vos buscar, certamente morreríeis com pesar. Entretanto, se como espero, estais resolvida a servi-lo melhor e amá-lo mais perfeitamente para o futuro, preparai-vos para combater com as tentações. Este é o aviso que vos

dá o Espírito Santo: Meu filho, entrando para o serviço de Deus, predispõe a tua alma para a tentação⁷⁶. E sabeis que as religiosas, no dizer do profeta, são o manjar mais apetecido pelo demônio e o seu prato de predileção⁷⁷. O inimigo emprega mais esforços para ganhar uma religiosa, do que para vencer cem pessoas no mundo. E porque? Primeiramente porque reduzindo ao seu cativo uma esposa de Jesus Cristo, alcança um triunfo mais estrondoso. Em segundo lugar, porque, fazendo cair uma religiosa, facilmente conquistará mais de uma, pelo mau exemplo daquela que se arrastará outras após de si, sem trabalho. Por sua parte, o Senhor costuma permitir que as almas que lhe são mais caras, sejam mais atormentadas pelas tentações. S. Jerônimo, vivendo na solidão da Palestina, entregue à oração e às mais austeras penitências, era muito acossado pelas tentações. Eis que ele mesmo nos deixou escrito: Eu estava só e tinha o coração repleto de amarguras. Os meus membros secos e descarnados estavam a cobertos com um saco. A pele do meu corpo se tinha tornado negra como de um etíope. A terra dura era o meu leito, que servia antes para me fazer padecer do que para repousar. A minha alimentação era muito escassa. Entretanto, o meu coração, contra a minha vontade, estava cheio de maus desejos ardentes. O meu único refúgio era recorrer a Jesus Cristo e buscar o seu auxílio⁷⁸.

2. — O Senhor permite que sejamos tentados para nosso maior bem. Primeiramente, para que sejamos mais avisados e mais humildes. Diz o Eclesiástico que aquele que nunca foi tentado nada sabe⁷⁹. E

na verdade, quem já foi experimentado pela tentação conhece melhor a própria fraqueza. Adverte Sto. Agostinho que S. Pedro, antes de ser tentado, presumia de si mesmo, a ponto de se ufanar de ter a constância necessária até para abraçar a morte antes que negar a Cristo; mas logo que foi tentado renegou-o vilmente, e então conheceu a sua fraqueza e se humilhou⁸⁰. É por isso que o Senhor, querendo preservar da vaidade o apóstolo S. Paulo, depois das revelações celestes com que o favorecera e iluminara, permitiu que fosse molestado e importunado pela tentação desonesta que é a que mais humilha o homem. Eis como o Apóstolo o confessou: Para que a grandeza destas revelações não me elevasse demais, foi-me dado o agulhão da carne com um emissário de satanás para me esbofetear⁸¹.

3. — Em segundo lugar, o Senhor permite que sejamos tentados, afim de que possamos ser enriquecidos de maiores méritos. Muitas religiosas são atormentadas de escrúpulos pelos maus pensamentos que as molestam. Mas se inquietam sem razão, porque é certo que não é pecado ter maus pensamentos, mas consentir neles. As tentações por maiores que sejam, não mancham a alma, quando nos assaltam sem culpa nossa e são por nós imediatamente expulsas. — Sta. Catarina de Senna, e a B. Ângela de Foligno foram muito tentadas de incontinência; mas essas tentações, longe de diminuir a sua pureza, a aumentaram sobremodo.

Toda a vez que a alma vence uma tentação, lucra um grau de graça, pelo qual lhe será dado depois um grau de glória no céu. Por isso disse S. Bernardo

que as nossas coroas serão tantas quantas tentações vencermos⁸².

E o Senhor disse a Sta. Matilde: Aquele que é tentado orna na minha cabeça com tantas pedras preciosas quantas tentações vencer com meu auxílio. — Narra-se nas crônicas da Ordem de Cister que um monge tendo sido à noite acometido de muitas tentações impudicas, e as tendo vencido, um irmão converso teve esta visão: Pareceu-lhe um jovem formosíssimo lhe entregava uma coroa de pérolas e lhe dizia: “Vai ter com tal monge e leva-lhe esta coroa que ele ganhou esta noite”. O irmão comunicou a visão ao abade, que chamou o religioso indicado; e por ele informado da resistência havida, compreendeu que a tal coroa era o símbolo da recompensa que o Senhor lhe tinha preparado no céu. — A Mãe de Deus revelou também à Sta. Brígida que seria premiada pelo esforço que fazia para expulsar os maus pensamentos, embora não conseguisse lançá-los fora do seu espírito⁸³.

4. — Enfim, o Senhor permite as tentações, porque elas nos excitam a praticar as virtudes; mas não permite que sejamos tentados acima das nossas forças, como nos assegura o Apóstolo S. Paulo⁸⁴. — Pensa S. Jerônimo que não há tempestade pior para um navio, do que uma longa calmaria. Quer dizer que, graças a tentação, o homem não se corrompe na inação, mas, recorrendo a Deus pela oração, renovando os bons propósitos, e fazendo fervorosos atos de humildade, de confiança e de resignação, se apegam mais fortemente com Deus. — A este propósito, lê-se nas histórias dos Padres antigos que um jo-

vem era constantemente combatido de violentas tentações sensuais. Um dia, seu padre espiritual vendo-o tão aflito lhe disse: “Meu filho, queres que eu peça a Deus para te livrar de tantas tentações que te não deixam viver uma hora em paz?” Mas o virtuoso jovem respondeu: “Não, meu Padre; porque embora seja muito molestado por estas tentações, todavia experimento a sua utilidade; pois, desta arte, com o auxílio divino, exercito contínuos atos de virtude. Agora faço mais orações do que antes, jejuo mais vezes, durmo menos e mais me esforço para mortificar, de vários modos, a minha carne rebelde. É melhor, pois, que rogueis ao Senhor que assista com sua graça, afim de que sofra com paciência estas tentações e por meio delas me adiante na perfeição”.

Não devemos desejar semelhantes tentações; mas as recebamos com resignação, pensando que Deus as permite para nosso maior bem. S. Paulo, atormentado por elas, pediu três vezes ao Senhor que o livrasse de seus assaltos, e Deus lhe respondeu: Basta-te a minha graça⁸⁵. — Vós me direis que S. Paulo era santo. Eis o que vos responde Sto. Agostinho: Que pensais vós? Os santos como resistiram as tentações? Com as forças próprias ou com as de Deus? Os santos confiaram em Deus e assim venceram. E por isso acrescenta o santo doutor: Abandonai-vos também vós nas mãos de Deus, e não temais. Aquele que vos expõe ao combate, não vos deixará sós, nem vos abandonará para que vos perçais⁸⁶.

5. — Vamos a prática, e vejamos quais são os meios e as armas, de que devemos lançar mão para não sermos vencidos nesses combates.

I. O primeiro e principal meio, que poderíamos mesmo chamar meio único e absolutamente necessário para vencer as tentações, é recorrer a Deus pela oração. — Sto. Agostinho, falando da necessidade de ser humilde para ser verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, diz: Se me perguntardes qual é a primeira virtude de um cristão, eu vos responderei: A primeira é a humildade; qual a segunda? É a humildade; qual a terceira? É a humildade; e tantas quantas vezes me interrogardes, eu vos darei a mesma resposta⁸⁷. — Ora, se me perguntardes também qual é o meio de vencer as tentações? Eu vos responderei: O primeiro meio é a oração; o segundo é a oração; o terceiro é a oração. Se me perguntardes mil vezes, eu vos responderei sempre a mesma coisa.

Falando especialmente das tentações impuras, estas não se podem vencer sem o recurso a Deus, como disse o Sábio: Logo que soube que não podia obter a continência sem concessão de Deus, recorri ao Senhor e pedi o seu auxílio⁸⁸. — Por isso escreveu S. Jerônimo: Apenas o fogo impuro assalta os nossos sentidos, digamos: Senhor ajudai-me: não permitais que eu vos ofenda⁸⁹. — O abade Isaías exortava igualmente os seus discípulos a repetir sempre nesta sorte de tentações: Meu Deus, vinde em meu socorro⁹⁰. — Ele dizia que é este um meio seguro, e com razão; porque Deus não pode faltar a tantas promessas feitas aos que rezam: Gritai a mim; e eu vos ouvirei⁹¹. — Invocai-me nas vossas tribula-

ções; e eu vos livrarei⁹². — Pedi e vos será dado; procurai e achareis⁹³. — Porque todo aquele que pede, recebe⁹⁴. Pedireis tudo o que quiserdes, e vos será concedido⁹⁵.

6. — Refere-se no livro das sentenças dos Padres, que S. Pacomio narrava a seus discípulos ter ouvido, em uma conferência dos demônios, que um deles se vangloriava dizendo: O meu monge, quando eu o tento, me dá ouvidos e não se volta para Deus, e por isso o faço cair muitas vezes. Um outro, depois, se lamentava de não poder conseguir coisa alguma do seu monge, porque este recorria logo ao Senhor, e desse modo o vencia. Portanto, meus irmãos, concluía o santo abade, resisti as tentações, invocando o nome de Jesus Cristo⁹⁶. Mas isto é preciso fazer imediatamente, sem dar ouvidos à tentação, nem discorrer com ela. De um outro monge se conta nas vidas dos padres que se lamentava com um padre velho de ser constantemente tentado de impureza. O bom velho orou por ele e lhe foi revelado que o monge não afastava logo a vista da tentação, mas se detinha em mirá-la. Pelo que o corrigiu desse defeito; e, daí em diante, o monge não foi mais atormentado como dantes⁹⁷.

Apressai-vos pois em destruir o inimigo, enquanto é fraco, dizia S. Jerônimo⁹⁸. Mata-se facilmente o leão, enquanto é pequenino, mas não assim quando se tornou grande. As tentações desonestas devem ser lançadas fora logo, como se expelem as faíscas, que se levantam do fogo. O melhor meio de vencê-las é voltar-lhes as costas, como ficou dito, sem dar-lhes ouvidos. Se uma rainha fosse assim tentada por

um negro escravo, que faria? Não faria outra coisa, senão voltar-lhe as costas com desdém, sem dar-lhe resposta. Fazei o mesmo. Se o demônio vos molestar, voltai-lhe as coisas com desprezo e invocai os nomes de Jesus e de Maria; e fazendo assim, ficai sempre certos de não cair. — Diz S. Francisco de Sales: Logo que perceberdes em vós alguma tentação, fazei como as crianças quando vêem o lobo; imediatamente correm para os braços do pai e da mãe, ou ao menos gritam por socorro. Assim recorrei a Deus⁹⁹.

Recomendai-vos, pois, sempre com uma confiança filial a Jesus e Maria.

7. — Nas tentações também ajuda muito fazer o sinal da santa cruz. Sto. Agostinho diz: Morrendo na cruz, Jesus Cristo destruiu as forças do inferno, e por isso o sinal deste instrumento sagrado dissipa todas as maquinações dos demônios¹⁰⁰. Santo Atanásio refere que Sto. Antão abade apenas era assaltado destes inimigos infernais, se munia do sinal da cruz, e assim armado dizia-lhes: Porque vos cansais de me molestar, se eu me assegurei com este sinal e com a confiança em meu Senhor¹⁰¹. — S. Gregório Nazianzeno narra uma coisa muito mais maravilhosa. Diz o Santo, que Juliano Apostata, embora fosse inimigo de Jesus Cristo, conhecendo a virtude do sinal da cruz, se servia dele, quando era aterrorizado pelos demônios, e os punha em fuga¹⁰².

8. — II. O segundo meio para vencer as tentações consiste em se humilhar e desconfiar das próprias forças.

O Senhor, para nos tornar e conservar humildes, permite muitas vezes que sejamos acometidos de tentações e freqüentemente das mais vergonhosas que existem. Quando pois formos tentados, humilhemonos e digamos: Senhor, eu mereço sofrer este tormento, pelas ofensas que vos fiz na vida passada. — Narra-se nas vidas dos padres que uma virgem anacoreta chamada Sara, no deserto, era cruelmente assaltada pelo espírito de impureza. Não procurou todavia Deus para livrá-la da tentação, mas, se humilhando, somente pedia ao Senhor fortaleza para não cair. Quando mais o demônio se esforçava para tentá-la, tanto mais a virgem se esforçava para se abater e pedir socorro. Finalmente o inimigo, não podendo forçá-la a resvalar no vício impuro, procurou fazê-la cair em vanglória. Pelo que lhe disse em voz alta: Venceste, Sara, venceste. Então a humilde serva de Deus respondeu-lhe: Não, espírito maligno, não te venci. Foste vencido por meu Senhor Jesus Cristo¹⁰³.

Sigamos este exemplo, humilhemonos nas tentações, e ao mesmo tempo recorramos com confiança a Deus, que protege a todos que nele confiam¹⁰⁴. — Prometeu mesmo livrar os que nele esperam¹⁰⁵. — Quando, portanto, nos virmos atormentados das tentações e dos receios de perder a Deus, digamos com grande coragem: Senhor, em vós pus as minhas esperanças; não, não me verei jamais confundido e caído na vossa inimizade¹⁰⁶. — Digo *com grande coragem*, porque afirma Sta. Teresa que os demônios, quando são tratados com desprezo, ficam sem forças¹⁰⁷. Quando o inimigo nos mostrar ser difícil demais empregar os meios necessários para nos santi-

ficarmos, digamos desconfiados de nós e só confiados em Deus: Eu não posso nada por mim, mas posso tudo com o auxílio do Senhor que me sustenta¹⁰⁸.

9. — III. O terceiro meio contra as tentações é descobri-las ao padre espiritual. Os ladrões, quando são descobertos, fogem. É por isso que S. Filipe Neri dizia que uma tentação descoberta está vencida pela metade. — Sto. Antônio refere, a este propósito, que Frei Rufino, companheiro de S. Francisco, foi assaltado de uma forte tentação de desespero, cuidando que estava já condenado, e que era inútil tudo o que fazia. Desgraçadamente, nada manifestava a S. Francisco, seu superior, e a tentação crescia cada vez mais, porque o demônio lhe apareceu um dia sob a forma de Jesus crucificado, e lhe disse: Sabe que tu, Francisco, e todos os que o seguem, estão todos condenados. Depois disso, Rufino julgava-se perdido. Tendo disto revelação, S. Francisco mandou chamá-lo, pois não mais o procurava. Rendeu-se, afinal, e descobriu-lhe a tentação. O santo lhe ordenou que não fizesse caso dela. Voltou o demônio, mas, vendo-se desprezado, fugiu imediatamente. Depois desta vitória, apareceu-lhe deveras Jesus crucificado e assegurou-lhe a sua graça¹⁰⁹.

10. — IV. O quarto meio, também muito importante para livrar das tentações, é a fuga das ocasiões. — Diz S. Basílio que aquele que se acha na peleja contra a sua vontade, é socorrido por Deus; mas o que se põe a pelejar voluntariamente não merece compaixão e é de Deus abandonado¹¹⁰. Isto já antes tinha dito o Eclesiástico: Quem ama o perigo, nele morrerá¹¹¹. Ama o perigo aquele que vai por-se nele

ou se expõe à tentação, ou à ocasião espontaneamente. Então será inútil confiar em Deus, porque tal confiança não é santa, mas temerária e digna de castigo.

11. — V. Por fim, é preciso notar aqui dois avisos muito importantes.

1. Devemos advertir que algumas tentações se dão de vencer peito a peito, com atos positivamente contrários. Por exemplo, as tentações de vingança se vencem com procurar fazer bem a quem nos ofendeu; a tentação da vaidade com humilhar-se; a da inveja, com alegrar-se com os bens alheios, e assim outras deste gênero. Há, no entanto, outras tentações, como as contra a fé e contra a castidade, e também a da blasfêmia, que melhor se vencem com desprezá-las e fazer atos bons, mas indiretos, como de confiança, de dor e de amor. — Narra S. João Clímaco que um monge era muito atormentado da blasfêmia e muito se inquietava por isso. Foi ter com um bom padre e começou a relatar-lhe todas as execrandas blasfêmias que lhe passavam pelo espírito. Ficai tranqüilo, lhe respondeu o santo monge, eu tomo para mim todos os vossos pecados, e não façais caso deles daqui em diante. Assim o fez e ficou em paz¹¹².

Mas é sobretudo, quando se trata das tentações de incontinência, que não é prudente para as almas timoratas que se ponham a combatê-las diretamente, fazendo atos de violência repetidos, como dizendo: *Não, eu não quero fazer isto; não quero consentir em tal*; porque, no esforço de produzir estes atos diretamente contrários, excita-se mais a imaginação, os

objetos se representam mais vivamente ao espírito, e o combate se torna mais penoso e mais demorado. É melhor, então, renovar, em geral, o propósito de antes morrer mil vezes do que ofender a Deus. É bom também renovar os votos e especialmente o de castidade: e depois recorrer logo ao auxílio divino, fazendo atos de esperança e de amor, e invocar os santíssimos nomes de Jesus e de Maria, muitas vezes.

12. — 2. Devemos advertir, em segundo lugar, que as tentações mais perigosas são as que se apresentam sob a aparência do bem, de modo que uma pessoa, quase sem perceber, poderá achar-se caída em algum precipício. As pessoas espirituais, de modo particular, podem facilmente resvalar neste abismo, segundo nota S. Bernardo: O demônio não consegue enganar uma alma bem intencionada, senão simulando algum bem¹¹³. — Refere a este propósito S. Boaventura que um frade franciscano era tão dado ao silêncio que, nem ainda na confissão, queria falar, mas procurava exprimir-se por meio de sinais. O ministro geral o louvava muito por isso, junto de S. Francisco; mas o Santo lhe disse: Enganai-vos, meu padre; o que deveis fazer é ordenar-lhe que se confesse duas vezes por semana. O ministro deu-lhe esta ordem, mas ele não quis sujeitar-se e ficou tão obstinado na sua recusa, que finalmente saiu do estado religioso, para não obedecer¹¹⁴.

Mais perigosa seria a tentação que induzisse uma religiosa a afeiçoar-se mais do que deve ao seu padre espiritual ou a outra pessoa por acreditar que seja um santo. O demônio lhe persuadirá que a sua amizade ou direção só servirá para elevá-la a uma

alta perfeição. Portanto, acende-lhe no coração um desejo ardente de possuir esta vantagem e tanto faz que, afinal, o obtém. Isto feito, o inimigo começa por despertar-lhe no ânimo um afeto que parece todo espiritual. Depois, insinua-lhes a confiança recíproca, e em seguida a liberdade e a licença de palavras afetuosas. Afinal se deixam arrastar a palavras e ações indignas, ou a desejos sacrílegos. Mas deste ponto temos falado em outra parte.

Termino, repetindo-vos que, para triunfar das tentações, são ótimos todos os meios acima expostos; mas o primeiro e o absolutamente necessário é recorrer a Deus com a oração, afim de que nos dê luz e força para vencê-las. Sem orar é impossível vencer as tentações; e orando, a vitória é certa. Pois canta o Salmista: Invocarei o Senhor, e serei livre de meus inimigos¹¹⁵.

ORAÇÃO

Meu Deus, eu não quero mais resistir ao amor que me tendes. Este amor fez que me suportásseis com tanta paciência, quando eu vos ofendia.

Ai! Meu Jesus pelos vossos merecimentos, não permitais que eu vos torne a ofender. Fazei que eu acabe de vos ser ingrata, ou então cesse de viver. Vejo que quereis a minha salvação, e eu quero me salvar, para ir cantar para sempre as vossas misericórdias no céu. Senhor, não me abandoneis. Já sei que nunca me abandonareis, se eu não for a primeira a vos abandonar; mas eu o temo, pela experiência que tenho da minha fraqueza.

Ai! pela cruel morte que um dia por mim padeces-tes sobre a cruz, dai-me fortaleza nas tentações e especialmente a graça de recorrer logo a vós, na ocasião. Eu vos amo, ó Bondade infinita, e espero amar-vos sempre. Ligai-me com as doces cadeias do vosso amor, afim de que a minha alma nunca mais se separe de vós.

Ó Maria, vós sois chamada Mãe da perseverança; vós sois a distribuidora deste grande dom; eu vô-lo peço, e espero alcançá-lo com certeza por vosso intermédio.

1. Patientia autem opus perfectum habet. *Jac. 1, 4.*

2. Melior est patiens viro forti. *Prov. 16, 32.*

3. Nolite fieri sicut equus et mulus, quibus non est intellectus. *Ps. 31, 9.*

4. Una eademque tunsio bonos ducit ad gloriam, malos redigit ad favillam. *Serm. 52, App. E. B.*

5. Qui timent pruina, irruet super eos nix. *Job. 6, 16.*

6. Tota vita christiani crux est. *Serm. 52, App. E. B.*

7. Tunc finienda est pugna, quando succedit secura victoria. *De vita cont. l. 1, c. 1.*

8. Peccatum sanies est; poena, ferrum medicinale; ita peccans, si non puniatur, miserrimus est. *Ad pop. Ant. hom. 6.*

9. Intelligat homo medicum esse Deum, et tribulationem medicamentum esse ad salutem, non poenam ad damnationem. *In Ps. 21, 6.*

10. Quem enim diligit, Dominus castigat; flagellat autem omnem filium quem recipit. *Heb. 12, 6.*

11. Gaudes, agnosce Patrem blandientem. Tribularis, agnosce Patrem emendantem. *In Ps. 54.*

12. Si exceptus es a passione flagellorum, exceptus es a numero filiorum. *Serm. 46, c. 5.*

13. Curre, Domine, curre et vulnera servos tuos vulneribus sacris, ne vulneremur vulneribus mortis.

14. Et ferrum et plumbum in medio fornacis... facti sunt. *Ez. 22, 18.*

15. Purgare eos per ignem tribulationis volui, et aurum fieri quaesivi; sed in fornace mihi in plumbum versi sunt. *Pastor. p. 3, adm. 14.*

16. Auferetur zelus meus a te, et quiescam, nec irascar amplius. *Ez. 16, 42.*

17. Tunc magis irascitur Deus, dum non irascitur. — Volo irascaris mihi, Pater misericordiarum! *In Cant. s. 42.*

18. Petite et dabitur vobis. *Matth. 7, 7.*

19. Digna factis recipimus. *Luc. 23, 41.*

20. Et haec mihi sit consolatio, ut, affligens me dolore, non parcat. *Job. 6, 10.*

21. Gravior erit ille ignis quam quid potest homo pati in hac vita. *In Ps. 37.*

22. Non sunt condignae passiones hujus temporis ad futuram gloriam quae revelabitur in nobis. *Rom. 8, 18.*

23. Momentaneum et leve tribulationis nostrae... aeternum gloriae pondus operatur in nobis. *II. Cor. 4, 17.*

24. Beatus vir qui suffert tentationem; quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitae. *Jac. 1, 12.*

25. Si bona suscepimus de manu Dei mala quare non suscipiamus. *Job. 2, 10.*

26. *Specul. exempl. dist. 9, c. 138.*

27. Quando consolaberis me? *Ps. 118, 82.*

28. Electorum est hic conteri, quibus servatur de aeternitate gaudere. *Mor. I. 26, c. 18.*

29. Quaere et invenies singulos sanctos adversa perpressos: solus in deliciis Salomon fuit, et forsitan ideo corruit.

30. Quos praescivit et praedestinavit conformes fieri imagini Filii sui. *Rom. 8, 29.*

31. Si tamen compatimur ut et conglorificemur. *Ibid. 17.*

32. Qui, cum male diceretur, non maledicebat; cum pateretur non cominabatur. *I. Petr. 2, 23.*

33. In patientia vestra possidebitis animas vestras. *Luc. 21, 19.*

34. Amarus est mundus, et diligitur; puta, si dulcis esset, qualiter amaretur. *Serm. 298. App. E. B.*

35. Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus. *I. Petr. 2, 21.*

36. Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. *Matth. 16, 24.*

37. Est enim amicus secundum tempus suum; et non permanebit in die tribulationis. *Eccli. 6, 8.*

38. Caritas patiens est..., omnia suffert. *I. Cor. 13, 4.*

39. Tamquam aurum in fornace, probavit illos. *Sap. 3, 6.*

40. Quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te. *Tob. 12, 13.*

41. Quando Deus dat alicui ut mortuos resuscitet, minus dat quam cum dat occasionem patiendi.

42. Pro miraculis enim, debitor sum Deo; at, pro patientia, debitorem habeo Christum. *In Phil. hom. 4.*

43. Grata ignominia crucis ei qui Crucifixo ingratus non est. *In Cant. s. 25.*

44. Omnia fiunt facilia charitati. *De Nat. et Grat. c. 69.*

45. Vincenti dabo manna absconditum. *Apoc. 2, 17.*

46. Jucundius gaudere de bona conscientia inter molestias quam de mala inter delicias. *De catech. rud. c. 16.*

47. Aut pati aut mori.

48. *Surius. 8. Jul.*

49. *Vict. dos Martyres, p. 1, § 33.*

50. *Vict. dos Mart. p. 1, § 48.*

51. Neque hoc facit stupor, sed amor; nec deest dolor, sed superatur, sed contemnitur. *In Cant. s. 61.*

52. Si fortes fuerint, sancti esse non possent. *De Gub. Dei, l. 1.*

53. Homines Christo dediti, et infirmi sunt, et esse volunt.

54. *Part. 2, Ep. 54.*

55. *Surius. 22 Apr.*

56. Benedicite, ignis et aestus, Domino...; benedicite gelu et frigus Domino. *Dan. 3, 66 69.*

57. Cur vitam desideramus, in qua quanto amplius vivimus, tanto plus peccamus?

58. Eis Domine! Moriar ut te videam. *Solil. an. ad D. c. 1.*

59. Quid tibi sufficit, cui Deus non sufficit? *Serm. 105, E. B.*

60. Deus meus et omnia.

61. Nihil habentes, et omnia possidentes. *II. Cor. 6, 10.]*

62. Dominus dedit, Dominus abstulit...; sit nomen Domini benedictum! *Job. 1, 21.*

63. *Boll. 29 Apr. Vit. c. 1.*

64. Etsi non habemus peccatum quod nobis objicit inimicus, habemus tamen alterum, quod digne in nobis flagelletur. *In Ps. 68, s. 1.*

65. Omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur. *II. Tim. 3, 12.*

66. Recogitate enim eum qui talem sustinuit a peccatoribus adversum semetipsum contradictionem. *Heb. 12, 3.*

67. *Vida c. 11.*

68. Ne timeas, o Sponsa, si paulisper tibi subtrahit faciem suam; omnia ista cooperantur tibi in bonum; recedit ad cautelam ne incipias contemnere sodales... ut desideratus avidius quaeratur. *Scal. claustr. c. 8.*

69. Et factus in agonia prolixius orabat. *Luc. 22, 43.*

70. Expecta illum, quia veniens veniet, et non tardabit. *Habac. 2, 3.*

71. In mundo pressuram habebitis; sed confidite, ego vici mundum. *Joan. 16, 33.*

72. Omnia possum in eo qui me confortat. *Phil. 4, 13.*

73. Tristatur aliqui vestrum; oret. *Jac. 5, 15.*

74. Invoca me in die tribulationis; eruam te, et honorificabis me. *Ps. 49, 15.*

75. Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos. *Matth. 11, 28.*

76. Fili, accedens ad servitatem Dei..., praepara animam tuam ad tentationem. *Eccli. 2, 1.*

77. Cibus ejus electus. *Habac. 1, 16.*

78. *Ep. ad Eustoch.*

79. Qui non est tentatus, quid scit? *Eccl. 34, 9.*

80. Petrus, qui ante tentationem praesumpsit de se, in tentatione didicit se. *In Ps. 36, s. 1.*

81. Et ne magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis meae, angelus Satanae, qui me colaphizet. *II. Cor. 12, 7.*

82. Quoties restiteris, toties coronaberis. *In Quadr. s. 5.*

83. Tunc ille conatus reputabitur tibi pro corona. *Rev. I. 6, c. 94.*

84. Fidelis autem Deus est qui non patietur vos tentari supra id quod potestis, se faciet cum tentatione proventum, ut possitis sustinere. *I Cor. 10, 13.*

85. Propter quod ter Dominum rogavi; ut discederet a me, et dixit mihi, sufficit tibi gratia mea. *II. Cor. 12, 8.*

86. An isti in semetipsis, an non in Domino? — Projice te in eum: noli metuere; non se subtrahet ut cadas. *Conf. I. 8, c. 11.*

87. Si quaeras quid sit primum in disciplina Christi? Respondebo: primum est humilitas; quid secun-

dum? humilitas; quid tertium? humilitas. Et quoties interrogabis, toties hoc dicam. *Ep. 56.*

88. Ut scivi quoniam aliter non possem esse continens, nisi Deus det..., adii Dominum, et deprecans sum illum. *Sap. 8, 21.*

89. Statim ut libido titilarei sensum, erumpamus in vocem: Dominus auxiliator meus. *Ep. ad Eustoch.*

90. Deus in adiutorium meum intende.

91. Clama ad me, et exaudiam te. *Jer. 33, 3.*

92. Invoca me in die tribulationis; eruam te. *Ps. 49, 15.*

93. Petite et dabitur vobis; quaerite et invenietis. *Matth. 7, 7.*

94. Omnis enim qui petit, accipit. *Luc. 11, 10.*

95. Quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis. *Joan. 15, 7.*

96. *Vit. Pat. I. 3, n. 35.*

97. *Ibid. n. 13.*

98. Dum parvus est hostis, interfice. *Ep. ad Eustoch.*

99. *Introd. p. 4, c. 7.*

100. Omnia daemonum machinamenta (virtute crucis) ad nihilum redegit (Christus). *Serm. 247, App. E. B.*

101. *Vit. B. Aut. c. 8.*

102. Ad crucem confugit, eaque adversus terrores consignat. *In Julian. Orat. 1.*

103. *Vit. Patr. I. 5, libell. 5, 11.*

104. Protector est omnium sperantium in se. *Ps. 17, 31.*

105. Quoniam in me speravit, liberabo eum. *Ps. 90, 14.*

106. In te, Domine, speravi; non confundar in aeternum. *Ps. 30, 2.*

107. *Vida c. 25.*

108. Omnia possum in eo qui me confortat. *Phil. 4, 13.*

109. *Hist. p. 3, tit. 24, c. 7, § 7.*

110. *Const. Mon. c. 4.*

111. Qui amat periculum, in illo peribit. *Eccli. 3, 27.*

112. *Scal. par. gr. 23.*

113. Nec unquam bonus, nisi boni simulatione, deceptus est *In Cant. s. 66.*

114. *Vict. S. Franc. c. 11.*

115. Laudans invocabo Dominum, et ab inimicis meis salvus ero. *Ps. 17, 4.*

CAPÍTULO III

DA RESIGNAÇÃO COM A VONTADE DE DEUS.***I. Do mérito da resignação com a vontade divina.***

1. — Diz S. João Crisóstomo que toda a perfeição do amor para com Deus consiste na resignação com sua divina vontade. Assim como o ódio divide as vontades, assim o amor as une: de sorte que duas pessoas se amam deveras, quando uma não quer senão o que a outra quer, segundo escreveu S. Jerônimo a Demetriades¹. — Pelo que diz o Sábio que as almas fiéis em amar a Deus concordam em tudo o que quer o Senhor².

O sacrifício da própria vontade que é a coisa que mais estimamos, é por isso o mais agradável que podemos oferecer a Deus; e é o que o Senhor não cessa de exigir de nós com solícitude, dizendo: Meu filho dá-me teu coração, isto é, a tua vontade³. Se reservamos a própria vontade, Deus não ficará nunca contente com qualquer outra coisa que lhe dermos. Eu me explico com um exemplo: Se tiverdes duas servas, das quais uma quer sempre trabalhar, mas sempre a seu modo; a outra não trabalha tanto, mas obedece em tudo o que lhe ordenais. Certamente estimareis muito esta segunda, e pouco ou nada a primeira.

Oh! quantas vezes nos enganamos, quando, querendo empreender certos negócios que nos agradam, sem o concurso da vontade divina, dizemos que isto interessa a glória de Deus! É preciso que nos convençamos de que a maior glória que podemos dar a Deus, é nos conformarmos com a sua santa vontade. — O Beato Henrique Suso dizia: Deus não é tão glorificado quando abundais em luzes e consolações espirituais, como quando vos submeteis ao seu divino beneplácito. — Por isso é que a Beata Estefânia de Soncino viu no céu entre os serafins as almas de algumas pessoas que ela conheceu na terra, e lhe foi revelado que tinham sido elevadas à tanta altura, por terem tido neste vida a sua vontade perfeitamente unida à vontade de Deus.

2. — Toda a malícia do pecado consiste em querer o que Deus não quer; porque aquele que peca, procura de certo modo tirar a coroa de Deus. Como adverte Sto. Anselmo, quem quer seguir a própria vontade em oposição à vontade divina, como que arrebata a coroa de Deus, porque assim como a coroa é próprio só do rei, assim fazer a vontade própria, sem dependência de outrem, pertence a Deus só⁴. — Além disso, não querer conformar-se com a vontade de Deus, é uma espécie de idolatria, como disse Samuel a Saul⁵. — Diz-se *idolatria*, porque, nesse caso, o homem adora a sua própria vontade em vez de adorar a divina. Ora como toda a maldade da criatura consiste em se opor ao Criador, assim toda a sua bondade consiste em se unir à sua vontade. Quem se conforma à vontade de Deus, torna-se segundo o seu coração, como o Senhor disse falando de Davi: Achei

um homem segundo o meu coração, que fará todas as minhas vontades⁶. — Demais, disse o Senhor que a alma conformada será chamada com o nome de *minha vontade*⁷. — A razão é porque, nesta alma feliz, tendo morrido a vontade própria, só vive a de Deus.

3. — Bem-aventurado o que pode sempre dizer com a Esposa dos Cantares: A minha alma se liquefez, ao ouvir a voz do meu amado⁸.

Porque diz se *liquefez*? É porque as matérias líquidas não tem forma própria, mas tomam a do vaso em que se lançam; assim as almas amantes não conservam a própria vontade mas se conformam com tudo que quer o amado. Quer dizer que devem ser uma vontade dócil e maleável que se preste a tudo o que aprover ao Senhor, com diferença daqueles que tem uma vontade dura e resistente. Instrumento bom é o que obedece ao operário que o maneja. De outra sorte, para que serve? Se, por exemplo, um pincel resistisse a mão do pintor, se posto embaixo quisesse ir para cima, que faria o pintor? Não o deitaria logo ao fogo? Alguns há que pretendem ser santos, fazendo muitas penitências; outros, comungando frequentemente; outros, recitando muitas orações vocais; mas não é nisto que consiste a perfeição, mas em submeter-se à vontade divina, ensina S. Tomás⁹. As penitências, as orações, as comunhões são boas porque Deus as quer: Só servem de meios para nos unir à vontade divina; mas toda a perfeição e santidade consiste em executar o que Deus quer que se faça. Em suma, a divina vontade é a regra de toda a vontade e de toda a virtude. Sendo santa santifica tudo,

ainda as ações indiferentes, quando se fazem para agradar a Deus. Por isso diz o Apóstolo: O cumprimento da vontade divina é a santificação das vossas almas¹⁰.

4. — Eu bem sei que os homens se conformam, de boa mente, com a vontade de Deus na prosperidade; mas depois não querem conformar-se na adversidade. Isto é, porém, uma grande loucura, porque assim vimos a sofrer os males duplamente e sem mérito, visto que a vontade divina se há de cumprir, queiramos ou não, segundo diz o Senhor pelo profeta: Meus conselhos permanecerão e toda a minha vontade se fará¹¹. — Que lucra pois uma enferma em não querer suportar seus males com paciência, em se amofinar e se agastar com todos? Por essas amofinações que não se livra das suas dores, mas as aumenta, porque, resistindo a vontade de Deus, as padece mais veementes e perde também a paz da alma: Quem jamais achou a paz resistindo a Deus?¹² — Se as abraçasse com resignação, menos as sentiria e se consolaria com o pensamento de estar dando prazer a Deus, recebendo aquela cruz das suas mãos.

Oh! quanto agrada ao Senhor aquele que as tribulações diz com Davi: Meu Deus, fechei a minha boca e não ousei falar, porque vós o fizestes¹³. — De certo, ninguém há que possa melhor nos favorecer do que Deus, nem que mais nos ame do que o nosso Criador. Estejamos certos de que faz tudo para vosso bem e porque nos ama. Muitas coisas que nos parecem desgraças e que assim chamamos, veríamos que são graças se entendêssemos o fim porque Deus

as permite. Parece uma grande desgraça o que aconteceu ao rei Manassés, ser despojado do seu reino e ser feito escravo do príncipe dos Assírios; entretanto, foi uma felicidade, porque depois dessa adversidade, voltou-se para Deus e fez penitência de sua má vida¹⁴. — Nós somos sujeitos a vertigem; cuidamos que muitas coisas andam à roda, e não percebemos que não são elas que giram; mas é a nossa má cabeça, o nosso amor próprio que nos faz ver as coisas diversas do que são na realidade. — Diz aquela monja: Que é isto? Todas as coisas estão tortas! — Não, minha irmã, vós é que andais torta, torta está a vossa vontade; pois tudo o que sucede, é feito por Deus, e para vosso bem, mas não sabeis reconhecê-lo.

5. — E quem poderemos jamais encontrar que seja mais solícito do nosso bem e da nossa salvação, do que o próprio Deus? Para nos fazer entender esta verdade, o Senhor se compara ora ao bom pastor que anda procurando no deserto a ovelha perdida¹⁵; — ora à mãe que não pode esquecer-se do seu filho¹⁶; — ora à ave doméstica que recolhe e cobre seus pintainhos com as asas, para abrigá-los de qualquer dano¹⁷. Deus, em suma, diz Davi, nos encobre e protege com sua boa vontade, como com um escudo, para nos livrar dos danos dos nossos inimigos¹⁸. Porque, pois, não nos colocamos inteiramente nas mãos de tão bom pai? Não seria louco o cego que, estando no meio de precipícios, recusasse deixar-se guiar por um pai que o ama, e quisesse caminhar ao caso, a seu capricho?

Felizes as almas que deixam guiar por Deus pelo caminho por onde os dirige! — Narra o padre Saint-

Jure que um moço, querendo entrar na Companhia de Jesus, foi rejeitado por lhe faltar uma das vistas. Ora quem não teria dito que esse defeito era uma grande desventura para o pobre moço? Entretanto tal defeito foi causa da melhor sorte que poderia ter encontrado: porque, afinal, foi recebido com a condição de ir para as missões da Índia, como de fato foi e lá teve a ventura de morrer mártir da fé¹⁹. — Dizia a este propósito o Ven. Padre Baltasar Alvares: O reino do céu é a mansão dos estropiados, dos tentados e dos desprezados. — Deixemo-nos, pois, sempre guiar como cegos pela mão de Deus, qualquer que seja o caminho, áspero ou plano, por onde quiser nos conduzir; e fiquemos seguros de que por esse caminho acharemos a salvação.

Sta. Teresa dizia: O Senhor nunca nos manda um trabalho, sem pagá-lo com algum favor, todas as vezes que o aceitamos com resignação²⁰.

6. — Oh! de quanta paz goza a alma que tem a sua vontade inteiramente conformada com a vontade de Deus! Não querendo senão o que Deus quer, tem sempre tudo o que quer; porque neste mundo tudo sucede por vontade do Senhor. — Narra o Panormitano que, um dia, perguntaram ao rei Afonso o Grande que homem julgava ele fosse o mais feliz na terra, e ele sabiamente respondeu: Aquele que inteiramente se abandona à vontade de Deus. — E, na verdade, donde nascem todas as nossas inquietações senão de não sucederem as coisas segundo as queremos, e da repugnância que temos em nos submettermos à vontade divina? É um castigo justo, porque, como diz S. Bernardo, Deus dispõe com justiça que aquele que

recusa deixar-se guiar por ele em paz, se dirija a si mesmo com angústias e trabalhos²¹. — Pelo contrário, aquele que só quer o que é do agrado de Deus, vê sempre realizada a sua vontade; e, por isso, vive sempre em paz, tanto na prosperidade como na adversidade. — Quando pois virdes uma pessoa triste, podeis dizer que assim é, porque não está resignada com a vontade de Deus. Os santos, ainda no meio das mais duras perseguições, dos mais dolorosos tormentos, ignoram o que é a tristeza. E porque? Porque estão conformados e unidos com a vontade de Deus, pois diz o Sábio que não há sucesso algum que contriste o justo²². — Donde cantou em versos o Cardeal Petrucci: Este mundo volúvel e caduco é um teatro de ruínas. Seus atrativos mais doces e seus encantos, tem aparências de alegrias são tormentos. Mas se a Cristo seguirdes, os seus tormentos tem aparências de pena, e são encantamentos.

7. — Salviano dizia, falando dos santos: Quando são humilhados, não querem outra coisa; quando padecem a pobreza, nela se comprazem. Destarte, qualquer desventura que lhes suceda, estão contentes; e, desde esta vida, começam a ser bem-aventurados²³. — É verdade que os sentidos sofrem pelo que lhes é contrário, mas todo o seu sofrimento será na parte inferior da alma, e na superior reinará a paz. — Diz o padre Rodrigues que os santos são como o monte Olimpo, que nas faldas é açoitado pelas chuvas e tempestades, mas no cimo que se eleva além da região media do ar está sempre em perpétua calma. São em uma palavra, semelhantes ao nosso divino Salvador, que, no meio das dores e dos opró-

brios da sua paixão, nada perdeu da paz celestial de que gozava. Até pode se dizer dos santos que quanto mais padecem, mais gozam no espírito, porque sabem que, aceitando os sofrimentos, agradam ao Senhor, único objeto do seu amor. É o que experimentava Davi quando dizia a Deus: Os mesmos castigos que me destes me consolaram²⁴. — E que maior tesouro pode alguém adquirir do que encontrar em si um testemunho de que agrada a Deus? dizia Sta. Teresa²⁵. E o santo Padre Mestre Ávila nos deixou escrito: Mais vale um *bendito seja Deus* durante a adversidade do que seis mil agradecimentos no tempo da prosperidade.

8. — Aquela religiosa dirá talvez: Eu aceito todas as cruzes que me vem de Deus, as perdas, as dores, as enfermidades; mas como podereis aturar os maus tratos e as perseguições injustas? É certo que peca quem assim me persegue e Deus não quer o pecado. — Ó minha irmã, não sabeis que Deus é autor de tudo o que nos acontece? As prosperidades e adversidades, a vida e a morte, tudo vem de Deus²⁶. É preciso entender que em toda ação há o ser físico que pertence ao material da ação e o ser moral, que pertence à razão. O ser moral da ação é o pecado de quem vos persegue e pertence a sua malícia; mas o ser físico pertence ao concurso divino. Assim Deus não quer o pecado da pessoa que vos persegue, mas quer que sofraís essa perseguição e é ele que vo-la manda. Quando roubaram a Jó os seus rebanhos, Deus não queria o pecado dos ladrões, mas sim que ele sofresse essa perda; e por isso o santo disse então: O Senhor me tinha dado tudo, o Senhor tudo me

tirou: Sucedeu como aprouve ao Senhor, seja seu nome bendito²⁷. Nota Sto. Agostinho que Jó não disse: O Senhor me deu e o demônio m'o tirou²⁸. — Deus não queria tão pouco o pecado dos Judeus que crucificaram Jesus Cristo; entretanto o Salvador disse a S. Pedro: Não devo eu beber o cálice que meu Pai me deu²⁹? — Explicava com isso que a morte que lhe era dada por mão dos Judeus, fora mandada por seu Eterno Pai. — Observa S. Doroteu que aquele que é maltratado por outrem e se vinga dele, faz justamente como os cães que, atingidos por uma pedra, correm a mordê-la, sem olhar para a mão que a atirou³⁰. É necessário, pois, que em todos os maus tratos que recebermos do próximo, olhemos para a mão de Deus que os envia, e assim nos resignemos com sua divina vontade.

ORAÇÃO

Meu amado Jesus, vós sofrestes tantas dores e ignomínias por meu amor. E eu pelas misérias deste mundo, tantas vezes, vos tenho voltado as costas! Eu vos agradeço me terdes esperado até agora. Se eu então tivesse morrido, não vos poderia mais amar. Como ainda o posso, quero amar-vos com todo o coração. Ó meu amor, acolhei-me, pois, agora que a vós torno enternecida e arrependida dos desgostos que vos dei, não me rejeiteis. Mas, se não vos cansastes de correr após de mim, quando eu desprezava o vosso amor, como poderei temer que me repilais agora, que outra coisa não desejo, exceto o vosso amor? Vós me aturastes somente para que eu vos

amasse. Sim, eu vos quero amar. Eu vos amo, meu Deus, de todo o coração, e tenho maior pesar de vos ter ofendido no passado, do que se tivesse sofrido todos os outros males.

Ó amor de minha alma, de agora em diante, não quero dar-vos mais nenhum dissabor conscientemente, e proponho fazer tudo o que de mim quiserdes. Vossa vontade será, doravante, o meu único amor. Ensinai-me o que devo fazer para vos agradar. Estou pronta para tudo. Eu quero amar-vos deveras; e por isso abraço todas as tribulações que vos aprouver enviar-me. Castigai-me nesta vida, para que na outra vos possa amar eternamente. Meu Deus dai-me forças para vos ser fiel.

Maria, minha Mãe, a vós me recomendo, não deixeis nunca de rogar a Jesus por mim.

II. Em que coisas devemos especialmente nos resignar.

1. — Temos visto acima, quanto nos torna agradável a Deus a resignação com sua santa vontade, e quantas vantagens nos proporciona. Passemos agora à prática, e vejamos especialmente em que e como nos devemos resignar.

I. Notemos, antes de tudo, que é muito útil acostumar-se a praticar a resignação com a vontade de Deus nas coisas pequenas; por exemplo, quando nos dizem uma palavra picante, quando somos importunados por uma mosca ou por um cão que ladra, quando tropeçamos ao caminhar, quando uma lâm-

pada se apaga, uma veste se rasga, ou coisas semelhantes. Importa mais suportar com resignação estas coisinhas do que as grandes cruces: primeiramente, porque as pequenas contrariedades são mais frequentes; em segundo lugar, porque assim adquirimos mais depressa o bom hábito para nos resignarmos depois nas coisas árduas.

2. — II. Procuremos também ser resignados nas nossas enfermidades. Quem deseja agradar a Deus, deve buscar as ocasiões de fazê-lo; e, por isso, aquilo que o mundo chama desgraças, as almas boas chamam graças, e graças tanto maiores quanto mais acabrunham.

Os enfermos que sofrem e não sabem conformar-se com a vontade divina, são dignos de compaixão e os mais miseráveis do mundo, não só por suas penas, mas principalmente porque ignoram os tesouros que Deus lhes oferece no padecer. Desgraçados! Convertem em veneno o remédio dos seus males, pois os males do corpo são os remédios mais eficazes para curar os males da alma, como disse o Sábio³¹. Ao contrário dizia o padre Baltasar Alvares, a-quele que se resigna com os trabalhos e com as dores, chega depressa a se unir a Deus; ou antes atrai a Deus a se unir com ele, como Nosso Senhor mesmo revelou à Sta. Gertrudes: “Quando vejo uma alma atribulada me sinto atraído para ela, e faço minhas delícias em estar com as pessoas enfermas e penalizadas”. É o que Davi nos assegura em muitos lugares: O Senhor está ao lado dos atribulados de coração³². Eu estou unido aos que sofrem, diz o Senhor³³.

3. — Assim, pois, no tempo das enfermidades, podemos e até devemos tomar os remédios prescritos pelo médico, porque Deus quer também isto; mas depois devemos nos resignar inteiramente com a sua divina bondade. Podemos também pedir-lhe a saúde para empregá-la no seu serviço; mas devemos em seguida nos entregar nas suas mãos, afim de que faça de nós o que lhe aprouver. Este é o melhor meio de impetrar a graça de sarar.

Quem nas suas orações não busca a Deus, mas a si próprio, não será ouvido. Ao contrário será bem despachado aquele que nas suas preces procura Deus e sua divina vontade³⁴. O Senhor apareceu um dia a Sta. Gertrudes atormentada de febre e perguntou-lhe se queria a saúde. Ela abraçou o seu divino Coração e respondeu: “Eis aqui o que escolha e só quero a vossa vontade³⁵”. Oh! que grande remédio para todas as enfermidades é esta bela palavra: Seja feita a vossa vontade! *Fiat voluntas tua!* — Sta. Lidwina, estando pregada em um leito, coberta de chagas e acabrunhada de dores, dizia: “Senhor, o meu prazer é que me carregueis de trabalhos, porque a minha única consolação é executar em mim a vossa vontade”. — Uma alma tibia não pode chegar a tanta perfeição, mas o consegue uma alma amante. Oh como é belo sofrer por amor! É este agredoce, tão saboroso para as almas enlevadas em amor de Deus, e que tornava agradáveis aos santos mártires os açoites, os cavaletes, e as lâminas esbraseadas — O mártir Sto. Epicteto era torturado, dilaceravam-lhe as carnes com unhas de ferro e queimavam-lhe os lados com tochas ardentes. Entretanto não fazia

senão repetir: “Senhor, faça-se em mim a vossa santa vontade. Faça-se em mim a vossa santa vontade, Senhor”. E suportou todos os tormentos com grande calma³⁶. S. Boaventura narra que, estando S. Francisco atormentado de muitas dores, lhe disse um frade muito simples: “Meu Pai, pedi a Deus que vos trate com um pouco mais de doçura, pois parece que sua mão pesa demais sobre vós”. O Santo respondeu: “Escutai, meu irmão; se eu não soubesse que assim falais por simplicidade, não vos queria ver mais, porque pretendeis censurar o que Deus faz”. E, dizendo isto, saltou do leito em que jazia, atirou-se por terra, e beijando-a, disse: Eu vos agradeço estas dores, meu Deus, e vos suplico que as aumenteis, se vos aprouver; porque não desejo fazer outra coisa senão a vossa vontade”³⁷.

4. III. Devemos, em terceiro lugar, conformar-nos com a vontade divina nos defeitos naturais que tivermos, como engenho tardio, memória fraca, pouca vista, mau ouvido, habilidade escassa para os ofícios, saúde delicada etc. Aos que nos censurarem estes defeitos, digamos resignados com a vontade de Deus: Nós não nos fizemos, mas foi o Senhor que nos fez³⁸. — Nós somos pobres: devemos contentar-nos com a esmola que o Senhor nos dá. Que diríeis se vísseis um pobre que se lamentasse de que a roupa que lhe deram, não era tão rica como ele queria, e que a comida não é tão delicada como ele apreciava? E, por isso, contentemo-nos com o que Deus nos deu e não vamos procurar outra coisa. Não podia o Senhor deixar-nos no nosso nada? Não podia fazer que, em vez de homens, fôssemos sapos, mosquitos

ou fios de erva? Oh, quantas vezes, aproveitou a muitos para se salvarem o serem privados de engenho agudo, de beleza de corpo e de outros dons naturais? Pois que se fossem dotados dessas prendas, talvez se tivessem condenado por causa delas. Quantos se ensoberbeceram por causa do seu grande talento, beleza, nobreza ou riquezas, e por isso se precipitaram em muitos desatinos! Desejemos, portanto, só os bens que Deus nos quer dar e nada mais. Dizia o B. Henrique Suso: “Eu quereria antes ser o mais vil animal da terra com a vontade de Deus, do que um serafim com a minha”. Até mesmo a respeito da nossa perfeição, devemos nós, de nossa parte, aspirar à maior santidade que possamos conseguir; mas, depois, devemos contentar-nos só com o grau que o Senhor nos der.

5. — IV. Devemos especialmente resignar-nos nas desolações de espírito. São as penas mais duras para quem ama a Deus, mas não deve inquietar-se, nem dizer: “Eu não me entristeceria se soubesse que assim estou desolada porque Deus o quer; mas temo que o Senhor me tenha abandonado em castigo de meus pecados”. Pois bem, suposto que seja um castigo, eu vos respondo que a vontade de Deus é que sofraís esta pena. Aceitai-a, pois, e Deus ficará contente.

Para sair da inquietação a este respeito, é preciso entender que há duas sortes de aridez: uma, que está nos sentidos e não depende de nós expeli-la, e esta não desagrada a Deus; e outra que está na vontade e é propriamente a tibieza voluntária, à qual está em nossas mãos remediar, ou tirar fora. — Aqui não

trataremos desta segunda, porque dela já falamos bastante nos capítulos V e VI.

Quanto a primeira, pouco importa que nos achemos quase incapazes de elevar o nosso espírito para Deus e de fazer fervorosos atos de amor, de contrição ou de conformidade; basta que tenhamos vontade de fazê-los. Então, embora nos pareçam secos, insípidos e quase imperceptíveis, Deus ainda os aceita com agrado. Quando não pudermos fazer outra coisa em tal estado de trevas, ao menos procuremos aniquilar-nos diante de Deus, e, confessando nossas misérias, lancemo-nos em suas mãos, como se lança uma pedra do monte no vale, sem saber onde vai cair, e assim acharemos a paz. Em qualquer estado, que nos encontremos, de trevas ou de luz, oremos sempre, e digamos: “Senhor, conduzi-nos pelo caminho que vos aprouver: fizeti-nos executar a vossa vontade, que outra coisa não queremos”. — A alma que se inquieta na aridez, mostra que ainda não se conformou inteiramente com a vontade de Deus. — Sta. Teresa dizia: A única coisa que deve buscar quem se exercita, é conformar a sua vontade com a de Deus; e fique certo que nisto consiste a mais alta perfeição. Quem praticar isto melhor, mais dons de Deus receberá³⁹ — Donde concluía Sta. Maria Madalena de Pazzi: Todas as nossas orações devem resumir-se em fazer a vontade divina.

6. — Portanto, ó esposa abençoada do Senhor, acostumai-vos na oração a oferecer-vos sempre a Deus com a disposição de sofrer por seu amor qualquer pena espiritual ou corporal, qualquer desolação, qualquer dor, enfermidade, desonra ou perseguição.

Depois, rogai sempre ao Senhor vos dê forças para fazer em tudo sua santa vontade. E notai esta bela advertência que fazem os mestres da vida espiritual: Quando ocorre alguma grave adversidade, então não há melhor matéria para objeto da oração do que a mesma tribulação sucedida, e a ela devem aplicar-se os atos repetidos de conformidade com a vontade de Deus. Este foi o exercício contínuo dos santos. — S. Pedro de Alcântara ainda quando se punha a dormir, figurava-se como se estivesse a morrer, no momento de expirar, e replicava: Senhor, faça-se em mim a vossa vontade⁴⁰. Com isto, fazia intenção de que durante o sono cada respiração fosse um ato de resignação.

Oh! quanto o Senhor se compraz com estas oblações e atos de conformidade! Não porque lhe agrade nos ver sofrer, mas porque nisto reconhece o quanto lhe queremos bem. — Quando Deus mandou Abraão sacrificar seu filho Isaac, não queria a morte do menino, mas sim reconhecer se o patriarca estava pronto para executar sua vontade. E assim o Senhor quer que todos tenhamos sempre a vontade unida à sua.

Algumas religiosas, tendo livros de mística, se desvanecem da união sobrenatural, chamada *passiva*; mas eu preferiria que antes desejassem a união *ativa*, que é a perfeita conformidade com a vontade divina, na qual, segundo Sta. Teresa, consiste a verdadeira união da alma com Deus. — As pessoas, acrescenta a Santa, que só têm a união ativa, “talvez tenham muito maior mérito, porque a têm com seu trabalho, e o Senhor as conduz como almas fortes; e

tudo o que não gozam aqui na terra, reserva para dar-lhes depois juntamente lá no céu”⁴¹. — O Cardeal Petrucci diz igualmente que, sem contemplação infusa, uma alma pode bem conseguir, só com a graça ordinária, aniquilar a própria vontade e transformá-la na de Deus. Dai conclui que só devemos aspirar e pedir a Deus que faça em nós sua santa vontade, no que consiste toda a santidade. Assim é que morremos para nós mesmos, isto é, renunciemos todas as nossas satisfações e desejos, para fazer viver em nós somente a vontade divina. Isto é o que dava entender o Apóstolo por estas palavras: Não sou eu quem vive em mim, mas Jesus Cristo⁴²; porque eu não quero senão o que ele quer.

7. — Procurai, pois, minha irmã, em tudo o que acontece, especialmente nas coisas desagradáveis aos sentidos, ter sempre na boca estas palavras de nosso divino Salvador: Sim, meu Pai, seja assim como vos aprouver⁴³. — Um bom monge, como refere Cesario, fazia muitos milagres. Interrogado pelo superior que coisa extraordinária fazia ele para que Deus lhe concedesse aquela graça, respondeu: “Eu não faço outra coisa senão estar atento para querer só o que Deus quer, e aceitar tudo como vindo de suas mãos”. Mas, replicou o abade, aquele grande dano que o nosso inimigo nos causou anteontem, não te perturbou?” — “Não, Padre, respondeu o monge, porque pensei que tal fora a vontade de Deus”. — Com isto, verificou o abade a razão porque o religioso era tão querido de Deus⁴⁴.

Assim, também, quando vos afligir o temor de algum trabalho grave, que vos possa sobrevir, dissei lo-

go: “Senhor, eu quero o que quiserdes. Fazei de mim e de tudo o que me pertence, o que vos aprouver”. — S. Gregório fala de um bom religioso que, por três anos, foi atormentado pelo demônio em forma de uma serpente. Ainda que sofresse muito com isso, diz o Santo, que nunca perdeu a paz, dizendo ao inimigo: Faze de mim o que quiseres se a Deus assim aprouver⁴⁵.

Portanto, a vossa oração contínua seja esta: Faça-se a vossa vontade⁴⁶. Dizei-a, de manhã, ao levantar-vos do leito e de noite ao deitar-vos, nas meditações, nas comunhões, nas visitas ao SS. Sacramento; e não cesseis de repetir sempre: Seja feita a vossa vontade. — Sta. Gertrudes dizia trezentas vezes por dia: Meu Jesus, faça-se a vossa vontade e não a minha.

8. — Sereis feliz, se fizerdes sempre assim; se, em todas as circunstâncias, vos resignardes com a vontade divina! Bem-aventurada será a vossa vida, e mais ainda a vossa morte. — O venerável Luiz de Blois assegura que aquele que, no artigo de morte, faz um ato de perfeita conformidade com a vontade de Deus, escapará não só do inferno, mas também do purgatório, ainda que houvesse cometido todos os pecados do mundo⁴⁷. A razão é que aceitando a morte com perfeita resignação, adquire um mérito semelhante ao dos Santos Mártires, que deram voluntariamente a vida por Jesus Cristo. — Demais, quem morre inteiramente conformado com a vontade divina ainda no meio das dores, morre contente e satisfeito. Estava a morrer um monge de Cister. Gangrenavam suas carnes com dores cruciantes e tão acerbos que

lhe eram um suplício contínuo. Todavia com o rosto sereno e alegre, o bom religioso não cessava de dar graças ao Senhor. Ao aproximar-se o último suspiro, foi mais oprimido de angústias, começou a cantar mais alegremente. Os monges o rodeavam espantados de presenciar tanta alegria no meio de tantas penas, até verem-no exalar o último alento, sempre contente e feliz.

Para os que amam a Deus, diz o Apóstolo, todas as coisas fazem bem, tudo torna-se fonte de merecimentos e consolações, porque Deus não nos manda cruzes senão para nosso bem⁴⁸. Justamente assim, disse o Senhor um dia à Sta. Catarina: “Eu não posso querer senão o que te é útil. Como eu criei o homem por minha livre vontade, também o amo mais do que o poderias acreditar. Compreende, pois, que te não envio as tribulações senão para teu bem, pois te quero mais bem do que a ti mesmo queres”. — Uma outra santa estava a morrer, consumida por uma úlcera que a tinha inteiramente desfigurado; e o bispo que lhe assistia, ao vê-la sofrer tanto, não podia conter as lágrimas. Ela, entretanto, se ria e admirava de ver chorar o prelado. Este, ao contrário, surpreendido de vê-la tão alegre, perguntou: Porque te ris? E recebeu esta resposta: “Dizei-me: se uma princesa, estando no cárcere, soubesse que não pode entrar no seu reino, enquanto não for destruída a prisão, quanto não se alegraria ao ver cair os seus muros? É assim, que eu me rio e alegre, por ver chegar a hora de sair do cárcere deste meu corpo”.

9. Eu não cessaria mais de falar da conformidade com a vontade de Deus, mas não me estendo mais

sobre esta matéria, porque dela já fiz um pequeno tratado, que fiz inserir no livrinho das *Visitas ao SS. Sacramento*. Se tiverdes este livrinho, lede o que ai escrevi, e vos peço que repitais essa leitura muitas vezes, porque é certo que toda a nossa salvação, paz e perfeição consiste em unir-nos coma vontade de Deus, na qual se acha a verdadeira vida⁴⁹.

10. — Eu vos peço, enfim, procureis fazer todas as vossas ações, unicamente para cumprir a vontade de Deus; porque, desta arte, nunca vos inquietareis, quando as coisas não succederem segundo os vossos desejos. Estareis sempre em paz, e sempre agradareis a Deus. Oh que bela coisa agradar a Deus! Que-reis saber o que é agradar a Deus? Eu vô-lo direi com o que deixou escrito o Padre Antônio Torres. Quer dizer agradar ao coração amoroso ao qual tanto devemos; ser agradável aos divinos olhos sempre solícitos pelo nosso bem; satisfazer aquela vontade sempre occupada em nos amar. Agradar a Deus é o fim para o qual fomos criados; a meta a que devem aspirar todos os nossos desejos; a regra que deve dirigir nossa vida. Agradar a Deus é o que os santos procuram antes de tudo; é o que moveu tantas vir-gens a se consagrarem ao Senhor nos claustros, e arrastou tantos anacoretas a povoarem os desertos; é o que tornou insensíveis às calúnias e aos impopé-rios os que foram perseguidos, e adoçou aos mártires os tormentos e a morte. Agradar a Deus é a razão pela qual a alma iluminada se oferece a sofrer todos os espólios, todas as dores, as mais infames calú-nias, as mais penosas mortes e o mesmo inferno. Agradar a Deus vale tanto, que todos devem preferi-lo

a toda e qualquer felicidade; vale tanto que os próprios bem-aventurados, se soubessem ser mais do agrado de Deus que estivessem eles antes no inferno do que no paraíso, todos, tendo a sua frente a Santíssima Virgem, se precipitariam no abismo, para conseguirem, no meio de todos os tormentos eternos, dar maior prazer a Deus. Eis o que significa agradar a Deus”.

ORAÇÃO

Meu Jesus, tende piedade de mim. Como tenho sido miserável! quantas vezes para seguir a minha vontade, contra a vossa, me condenei por mim mesma ao inferno! Se então me houvésseis enviado a morte, agora estaria lançada naquele calabouço para maldizer e odiar para sempre a vossa vontade! Mas não! Eu agora a bendigo e amo e quero amá-la para sempre. Meu Redentor, perdoai-me, pois não quero mais ir de encontro à vossa santa vontade! Ensinai-me o que quereis de mim, e dai-me forças para executá-lo; pois não quero outra coisa. *Fiat voluntas tua*. Permiti que eu cumpra perfeitamente a vossa vontade na vida que me resta, e nada mais vos peço. Ah! doce amor meu, que outra coisa quereis a não ser o meu bem e a minha salvação? Padre Eterno, por amor de Jesus Cristo que me ensinou a orar em seu nome, dai-me esta graça que vos peço: Faça-se em mim a vossa vontade: *Fiat in me voluntas tua!* Que felicidade para mim, se passar o resto da minha vida, e se a terminar, cumprindo a vossa vontade!

O Maria, bem-aventurada sois vós, que sempre cumpristes perfeitamente a vontade de Deus! Minha terna Mãe, obtende-me, por vossa intercessão, que eu faça a divina vontade durante todo o resto da minha vida. Eu espero de vós esta graça.

1. Eadem velle et eadem nolle, firma amicitia est. *Ep. ad Demetr.*

2. Fideles in dilectione, acquiescent illi. *Sap. 3, 9.*

3. Praebe, fili, mi, cor tuum mihi. *Prov. 23, 26.*

4. Cum homo vult aliquid per propriam voluntatem, Deo aufert quasi suam coronam; sicut enim corona soli regi competit, sic propria voluntas soli Deo. *De similib. c. 8.*

5. Quasi scelus idololatriae, nolle acquiescere. *1. Reg. 15, 23.*

6. Inveni David, filium Jesse, virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas. *Act. 13, 22.*

7. Vocaberis voluntas mea in ea. *Is. 62, 4.*

8. Anima mea liquefacta est, ut locutus est. *Cant. 5, 6.*

9. Per hoc quod Deum honoramus, mens nostra ei subjicitur; et in hoc ejus perfectio consistit. *2. 2. q. 81, a. 7.*

10. Voluntas Dei sanctificatio vestra. *1. Thess. 4, 2.*

11. Consilium meum stabit et omnis voluntas mea fiet. *Is. 46, 10.*

12. Quis restitit ei, et pacem habuit? *Job. 9, 4.*

13. Obmutui, et non aperui os meum, quoniam tu fecisti. *Ps. 38, 10.*

14. Qui, postquam coangustatus est, oravit Dominum Deum suum, et egit poenitentiam valde coram Deo. *II. Part. 33, 12.*

15. *Luc. 15, 14.*

16. Numquid oblivisci potest mulier infantem suum, ut non misereatur filio uteri sui? *Is. 49, 15.*

17. Jerusalem, Jerusalem!... Quoties volui congregare filios tuos, quem admodum gallina congregat pullos suos sub alas, et noluisti! *Matth. 23, 37.*

18. Domine, ut scuto bonae voluntatis tuae coronasti nos. *Ps. 5, 13.*

19. *Filles de J. c. 5, § 11.*

20. *Vid. c. 30.*

21. Ad justam legem Dei pertinuit, ut qui a Deo noluit suaviter regi, poenaliter a seipso regeretur. *Epist. 11.*

22. Non contristabit justum, quidquid ei acciderit. *Prov. 12, 21.*

23. Humiles sunt, hoc volunt: pauperes sunt, pauperie delectantur; itaque quidquid illud fuerit, beati dicendi sunt. *De gub. D. I. 1, n. 2.*

24. Virga tua et baculus tuus, ipsa me consolata sunt. *Ps. 22, 4.*

25. *Vid. c. 10.*

26. Bona et mala, vita et mors... a Deo sunt. *Eccli. 11, 14.*

27. Dominus dedit, Dominus abstulit sicut Domino placuit, ita factum est; sit nomen Domini benedictum. *Job. 1, 21.*

28. Dixit: Dominus dedit, Dominus abstulit. Non dixit: Dominus dedit, diabolus abstulit. *In Ps. 90, s. 1.*

29. Calicem quem dedit mihi Pater, non bibam illum? *Joan. 18, 11.*

30. *Doctr. 7.*

31. Livor vulneris absterget mala. *Prov. 20, 30.*

32. Juxta est Dominus iis quis tribulato sunt corde. *Ps. 33, 19.*

33. Cum ipso sum in tribulatione. *Ps. 90, 15.*

34. Exquisivi Dominum et exaudivit me. *Ps. 33, 5.*

35. *Insin. l. 3, c. 54.*

36. *Vit. Patr. l. 1, c. 12.*

37. *Vit. S. Franc. c. 14.*

38. Ipse fecit nos, non ipsi nos. *Ps. 99, 3.*

39. *Cast. int. d. 2, c. 1.*

40. Domine, fiat in me voluntas tua.

41. *Cam. da perfeição, c. 18.*

42. Vivo autem, jam non ego; vivit vero in me Christus. *Gal. 2, 20.*

43. Ita, Pater, quoniam sic fuit placitum ante te. *Matth. 11, 26.*

44. *Dial. l. 10, c. 6.*

45. *Dial. l. 3, c. 16.*

46. Fiat voluntas tua.

47. Hoc si revera facere potuerit, neque infernum neque purgatorium subibit etiamsi totius mundi peccata commisisset. *Consol. pus. c. 34, § 2.*

48. Diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum. *Rom. 8, 28.*

49. Et vita in voluntate ejus. *Ps. 29, 6.*

CAPÍTULO IV

DA ORAÇÃO MENTAL.***I. Necessidade moral da oração mental para as religiosas.***

1. — A vida das religiosas deve ser uma vida de oração. É difícil, digamos melhor, é moralmente impossível que seja boa religiosa a que não ama a oração. Quando virdes uma religiosa tibia, dizei: *Esta não faz oração*; e direis a verdade. — O demônio emprega bastante esforços para que as religiosas percam o amor à oração; e se as vence neste ponto, vencerá em tudo. — S. Filipe Nery dizia: “Uma religiosa sem oração é uma religiosa sem razão”. Eu acrescento: Não é mais religiosa, é um cadáver de religiosa.

Examinemos as razões porque é tão necessária a oração.

I. Antes de tudo, a alma sem oração não tem luz. Quem tem os olhos fechados, diz Sto. Agostinho, não pode ver o caminho que conduz à pátria. As verdades eternas são coisas espirituais que não se vêem com os olhos do corpo, mas somente com os olhos d’alma, isto é, com o pensamento e com a consideração. As pessoas que não fazem oração mental, não vêem estas verdades, e é por isso que não vêem também a importância da salvação eterna, nem os meios que devem empregar para alcançá-la. A causa da perda de tantas almas é descuidar de considerar

no grande negócio da nossa salvação e naquilo que devemos praticar para os salvarmos: A desolação reina em toda a terra, porque ninguém medita em seu coração¹. — Ao contrário, o Senhor nos assegura, que aquele que tem diante dos olhos as verdades da fé, isto é a morte, o juízo e a eternidade feliz ou desgraçada que nos espera, não cairá nunca em pecado². Lembra-te de teus últimos fins e nunca pecarás. Aproximai-vos de Deus, e sereis esclarecidos, nos diz Davi³. E o nosso divino Salvador nos manda ter sempre cingidos os nossos rins e nas mãos lanternas acesas⁴. — Essas lanternas nos adverte S. Boaventura que são justamente as santas meditações⁵. É na oração que o Senhor nos fala e ilumina para acertar com o caminho da salvação⁶.

2. — S. Boaventura chama também a oração mental um espelho que nos mostra todas as manchas que temos na alma. — Sta. Teresa escreveu ao Bispo de Osma: Ainda que nos pareça que não há em nós imperfeições, estas aparecem bastante, logo que Deus nos abre os olhos da alma como soe fazer na oração⁷. Quem não faz oração não conhece os seus defeitos, e por isso os não aborrece, como diz S. Bernardo⁸, nem tão pouco vê os perigos que corre a sua salvação, e por isso nem pensa em safar-se ou preservar-se deles. Mas quem se dá à oração, logo enxerga os seus defeitos e os perigos de se perder, e vendo-os cuidará de remediá-los. Davi, meditando na eternidade, movia-se a praticar as virtudes e a se purificar dos vícios⁹. O Esposo dos Cantares dizia: Apareceram as flores na nossa terra; chegou o tempo da poda; ouviu-se a voz da rola¹⁰.

Quando a alma, como a rola solitária, se retira e recolhe na oração para falar com Deus, então aparecem as flores, isto é os bons desejos; e vem também o tempo de podar, isto é de reformar os defeitos que se descobrem na oração mental, como diz S. Bernardo¹¹. — Em outro lugar o Santo acrescenta: É assim, porque a meditação tem por efeito regular os afetos, dirigir as ações e corrigir os defeitos¹².

3. — II. Além disso sem a oração não se tem a força necessária para resistir aos assaltos dos inimigos e para praticar as virtudes cristãs.

A oração age sobre o nosso coração, como o fogo sobre o ferro. Quando este está frio, é muito duro e difícil de se trabalhar; mas, submetido a ação do fogo, amolece, e se amolda facilmente à vontade de ferreiro, segundo escreve o Venerável Frei Bartolomeu dor Martires¹³.

Para observar os preceitos divinos e os conselhos, é preciso ter um coração tenro, isto é dócil e disposto a receber as impressões celestes, e pronto para executá-los. Isto é o que Salomão pedia a Deus: Dareis ao vosso servo um coração dócil¹⁴. — Presentemente, por causa do pecado, o nosso coração é naturalmente duro e indócil: todo inclinado aos prazeres dos sentidos, resiste às leis do espírito, assim como se queixava o Apóstolo: Eu sinto em meus membros uma outra lei rebelde à lei do meu espírito¹⁵. — Mas o homem torna-se brando e dócil sob a influência da graça, que recebe na oração. Meditando na bondade divina, no grande amor que Deus lhe teve, nos grandes benefícios que lhe fez, se inflama, se enternece e se dispõe a obedecer à voz divina. Ao

contrário, sem a oração, o coração ficará duro, obstinado, desobediente, e assim se perderá, pois está escrito que o coração duro terá um fim desgraçado, e aquele que ama o perigo, nele perecerá¹⁶. Eis porque S. Bernardo exortava ao Papa Eugênio III que tinha sido seu discípulo, nunca abandonasse a oração por causa dos negócios exteriores¹⁷.

4. — Alguns consideram ocioso e perdido o tempo considerável que as pessoas devotas consagram aos exercícios da oração, e dizem que poderiam empregá-lo em obras frutuosas. — Mas não sabem que as almas na oração adquirem força para vencer os inimigos e exercitar as virtudes, como escrevia S. Bernardo¹⁸. — É por isso que o Senhor proíbe perturbar o sono da sua esposa: Não desperteis a minha amada, deixai-a dormir todo o tempo que quiser¹⁹. Diz *o tempo que quiser*, porque o sono ou repouso que a alma toma na oração é todo voluntário, mas é ao mesmo tempo necessário para a sua vida espiritual. — Quem não dorme, não tem força para trabalhar nem para caminhar, mas vai caindo pela estrada. A pessoa que não repousa e não toma forças na oração, torna-se incapaz de operar o bem e de resistir às tentações: vai de queda em queda. Lê-se na vida da venerável Sór Maria Crucifixa, que, estando na oração, ouviu o demônio gabar-se de ter feito certa religiosa faltar à oração comum, e de continuar a tentá-la em ponto grave, estando já prestes a sucumbir a pobre irmã. Pelo que a serva de Deus correu logo a socorrê-la, e com o auxílio divino a livrou da má sugestão. Veja-se em que perigo se põe a religiosa que deixa a oração! — Sta. Teresa dizia que aquele que

deixa a oração mental, não tem necessidade de demônios que o levem ao inferno, mas que nele se põe com suas próprias mãos²⁰. E o abade Diocles dizia: Aquele que abandona a oração torna-se em pouco tempo ou um bruto ou um demônio²¹.

5. — III. A oração nos é absolutamente necessária para a salvação, e a meditação necessária para orar bem. Se não orarmos; Deus não nos concede os seus auxílios, e sem estes não podemos observar seus mandamentos. É por isso que o Apóstolo exortava os seus discípulos a orarem sem interrupção²². Todos nós somos pobres mendigos, assim como Davi dizia de si mesmo²³. O único recurso dos pobres é pedir esmola aos ricos; e todo recurso está igualmente na oração, pois que com a oração obtemos de Deus suas graças. — Sem a oração, diz S. João Crisóstomo, é absolutamente impossível viver bem²⁴. Donde vem, com efeito, dizia o douto bispo Abelly, donde vem o grande relaxamento que se nota nos costumes, senão da falta de oração? Deus está todo disposto a nos enriquecer de suas graças; mas, como observa S. Gregório, quer ser rogado e como que forçado a nô-las dar, pelas nossas orações²⁵. — De outro lado, segundo S. João Crisóstomo, aquele que se aplica bem a oração, não pode cair em pecado²⁶. Os demônios, diz ele em outro lugar cessam de nos tentar quando nos vêem armados da oração²⁷.

6. — Desta necessidade absoluta que temos de orar, nasce a necessidade moral da oração mental; pois a pessoa que não medita e vive distraída com os negócios do mundo, não conhecerá bem as suas necessidades espirituais, nem os perigos que corre a

sua salvação, nem os meios que deve empregar para vencer as tentações, nem a grande necessidade que todos têm de se aplicar a oração. Destarte deixará os exercícios da oração, e, não orando, com certeza se perderá. O grande bispo Monsenhor Palafox, nas suas anotações às cartas de Sta. Teresa, assim escreveu: Como pode durar a caridade, se Deus nos não dá a perseverança? Como nos há de dar a perseverança, se nós lha não pedimos? E como a pediremos sem a oração? Sem oração não há comunicação com Deus para conservar as virtudes²⁸. — No mesmo sentido, afirmava o cardeal Bellarmino que era moralmente impossível viver sem pecado aquele que não medita.

Quanto a mim, dirá alguém, eu não pratico a oração mental, mas recito muitas orações vocais. — Mas é preciso entender, como nota Sto. Agostinho, que para obter as graças, não basta orar só de boca, é preciso fazê-lo também de coração. Sobre estas palavras de Davi: Elevei a minha voz ao Senhor²⁹, o santo observa que muitos gritam, não com a sua voz, a voz interior da alma, mas somente com a voz do corpo³⁰. Gritai no vosso pensamento, no vosso coração, acrescenta ele, porque é lá que Deus escuta³¹. Isto é conforme a exortação do Apóstolo: Orai sem cessar em espírito³². — As orações vocais, às mais das vezes, se fazem distraídas, com a voz do corpo e não com a do coração, especialmente quando são numerosas, e, sobretudo, quando são recitadas por pessoas, que não se aplicam a oração mental; e, por isso, Deus pouco as ouve e pouco as escuta. Muitos recitam o rosário, o ofício da Santíssima Virgem e

fazem outros atos externos de devoção e ainda continuam a permanecer no pecado. Entretanto quem continua a fazer a oração mental não pode continuar a estar em pecado: ou deixará a oração mental, ou deixará o pecado. — Dizia um grande servo de Deus: A oração mental e o pecado não podem ficar juntos. A experiência nos mostra, com efeito, que aqueles que praticam a oração mental, dificilmente perdem a graça de Deus; e se, por desgraça, caírem alguma vez, continuando a oração, logo entram em si e voltam para Deus. Por mais relaxada que seja uma alma, diz Sta. Teresa, se perseverar na oração, o Senhor a reconduzirá ao porto da salvação³³.

IV. A oração mental é sobretudo necessária para se tender à perfeição.

7. — Todos os santos chegaram à santidade com o auxílio da oração mental.. É nesta feliz fornalha que as almas se inflamam do divino amor: O fogo se acenderá na minha meditação, dizia Davi³⁴. — Segundo S. Vicente de Paulo, seria um milagre ver um pecador ouvir os sermões de uma missão ou um retiro espiritual e não se converter. Entretanto aquele que prega e que fala nestes exercícios, não é senão um homem, ao passo que aquele que fala a nossa alma na oração mental é o mesmo Deus: Eu a conduzirei a solidão e lhe falarei ao coração³⁵. Dizia Sta. Catarina de Bolonha: Quem não frequenta o oração, priva-se do vínculo que une a alma a Deus; e não será difícil ao demônio dominá-lo, achando-o só. — Como, dizia a santa, pretenderei achar amor de Deus em uma alma que não cuida muito de se entreter com o Senhor na oração?

E onde se abrasarão tanto de amor divino os santos, a não ser na oração? — Por meio da oração, S. Pedro de Alcântara chegou a arder de tanto amor de Deus, que, um dia, para se refrigerar, se lançou em um tanque gelado e fez a água ferver como em uma caldeira posta ao fogo. — S. Filipe Neri, pondo-se em oração, se inflamava e tremia de tal modo que fazia abalar toda a cela. — S. Luiz Gonzaga, na oração, se abrasava de divino ardor, de sorte que também seu rosto parecia todo afogueado, e seu coração batia com tanta força que parecia estar a ponto de saltar fora do peito.

S. Lourenço Justiniano escreveu que pela oração tem a virtude de expulsar as tentações, dissipar a tristeza, reparar as perdas da virtude, reanimar o fervor que se extingue e aumentar as chamas do amor divino³⁶. Por isso S. Luiz Gonzaga tinha razão de dizer que aquele que não faz muita oração, nunca chegará a um alto grau de virtudes.

8. — Uma alma aplicada à oração, diz o Salmista, é como uma árvore plantada perto da corrente das águas, que dá frutos no seu tempo; e todas as suas ações são meritórias diante de Deus³⁷.

Notai estas palavras: *No seu tempo*, — isto é no tempo em que deve suportar aquela dor, aquela afronta etc.

S. João Crisóstomo compara a oração à uma fonte que está no meio do jardim. Quando um jardim é constantemente irrigado pelas águas benéficas de uma fonte perene, como tem sempre cheias de viço e de frescura suas flores e plantas? O mesmo se dá com a alma aplicada a oração: crescerá sempre nos

bons desejos e nos frutos das santas virtudes. Onde lhe vem essas vantagens? Da oração, que, irrigando-a continuamente com suas águas salutareas e fecundas, dela fazem um jardim de delícias³⁸. Mas suprimi esta benéfica fonte: logo as flores caem, as plantas secam e tudo desaparece. Porque? Porque estancou-se a fonte vivificadora. Vede aquela pessoa que dá a oração, como é um modelo de modéstia, de humildade, de devoção e de mortificação. Se abandonar a oração, vereis logo como se tornará imodesta nos olhos, soberba, que se ressentirá de qualquer palavra que lhe digam, sem devoção, pouco se lhe dando da freqüência dos sacramentos e da igreja, e ainda menos da mortificação; toda entregue às vaidades, às hilaridades e conversas levianas, aos passatempos e outros prazeres terrenos. E porque! Porque lhe faltou a irrigação celeste e o espírito divino: A minha alma é diante de vós como uma terra sem água, e o meu espírito desfaleceu³⁹. Deixou a oração e o jardim secou, e a miserável vai de mal a pior. Quando uma alma deixa a oração S. João Crisóstomo a considera não só enferma, mas como já morta. Quem não ora a Deus, e não deseja assiduamente gozar da conversação divina, está morto... É a morte da alma não se prostrar diante de Deus⁴⁰.

9. — O mesmo santo doutor diz ainda que a oração é raiz da vida fecunda⁴¹. E S. João Clímaco lhe chama um baluarte contra as aflições, a fonte das virtudes e o canal das graças⁴². — Rufino assegura que todo o progresso espiritual das almas é devido à oração mental⁴³. — E Gerson chega a dizer que a-

quele que não medita, não pode, sem milagre, viver como cristão⁴⁴.

Jeremias, falando daquele que se entrega à oração, assim se exprime: Ele se conservará na solidão e no silêncio, porque tomou sobre si o jugo do Senhor⁴⁵. Por isto o profeta dá a entender que a alma não pode gostar das coisas de Deus, sem se afastar das criaturas e sem se conservar em repouso, isto é, sem se aplicar a contemplar a bondade, o amor, a amabilidade de seu soberano Senhor; mas quando se retira à solidão e ao silêncio, e recolhe à oração, isto é, deixa os pensamentos do mundo, então se eleva acima de si mesma e sai da oração bem diferente do que era antes.

Segundo Sto. Inácio de Loyola, a oração mental é o caminho mais curto para chegar à perfeição. Em uma palavra, quem mais se adianta na oração, maiores progressos faz na perfeição. Na oração a alma se enche de santos pensamentos, de santos afetos, de santos desejos, de santas resoluções e de sentimentos de amor para com Deus; sacrifica-lhe suas paixões, suas inclinações, seus apegos terrenos e todos os interesses do seu amor próprio.

Além disso, na oração, podemos salvar muitos pecadores, rezando por eles a exemplo de Sta. Tereza, de Sta. Maria Madalena de Pazzi e tantas outras almas penetradas de amor de Deus. Todas estas nunca deixam de recomendar ao Senhor os infiéis, os hereges e todos os pobres pecadores, e lhe suplicam que encha os Sacerdotes de santo zelo para que trabalhem afim de convertê-los.

Na oração podemos também ganhar os merecimentos de muitas obras boas que não fazemos, excitando o desejo de praticá-las; porque, assim como o Senhor pune os maus desejos, assim também recompensa a galardão os bons desejos, que formamos.

10. — É necessário sobretudo ir a oração não para ter consolações e doçuras espirituais, mas somente para agradar a Deus e saber dele como quer ser amado e servido por nós. — O Padre Baltasar Alvarez dizia que amar a Deus não consiste em receber seus favores, mas em servi-lo só para lhe agradar. E acrescentava que as consolações celestes são como paradas que o viajor faz de tempos a tempos, não para ai ficar, mas para se refrescar, e depois passar adiante com novo ardor. Quando, pois, vos achardes áridas na oração e, apesar de todo o tédio que sentirdes, continuardes a fazê-la com constância, ficai sabendo que agradareis muito ao divino Esposo e lucrareis grandes méritos. Dizei-lhe então: Meu Jesus, porque me tratais assim? Vós me privastes de tudo, dos bens, dos parentes, da vontade, e eu consenti em perder tudo para vos ganhar. Porque, pois, agora me privais de vós mesmo? — Dizei-lhe isto com humildade de coração, e ele vos fará compreender que assim faz porque vos ama e para vosso maior bem. Dizia o Padre Torres que levar a cruz com Jesus Cristo sem consolação, faz a alma correr, ou antes voar, para a perfeição.

ORAÇÃO

Meu Jesus, vós me amastes no meio das penas; e eu também quero vos amar no meio delas. Vós nada poupastes, vós chegastes até a dar todo o vosso sangue e toda a vossa vida para ganhar o meu amor; e eu continuarei a me mostrar reservada convosco, como fiz na vida passada? — Não, meu divino Salvador, não há de ser assim; basta a ingratidão com que vos tratei até agora. Eu vos consagro todo o meu coração; pois só vós mereceis todo o meu amor, e só a vós quero dedicá-lo. — Meu Deus, pois, que me quereis toda para vós, dai-me forças para vos servir o resto de minha vida, como mereceis. Perdoai as minhas tibiezas e infidelidades passadas. Quantas vezes deixei a oração para satisfazer os meus caprichos! Ai! quantas vezes podia entreter-me convosco para vos agradar, e me entretive com as criaturas a dar-vos desgostos! Ah! pudessem voltar atrás tantos anos que perdi! Mas se eles não voltam, há de ser todo vosso, meu amado Salvador, o tempo de vida que ainda me resta. Eu vos amo, meu Jesus. Eu vos amo, meu sumo bem. Vós sois e haveis de ser sempre o único objeto de meus afetos, o único amor da minha alma.

Ó Maria, Mãe do amor formoso, alcançai-me a graça de amar o vosso divino Filho, e consagrar ao seu amor todo o resto da minha vida! Vós obtendes de Jesus tudo o que desejais. Eu espero de vós este favor.

II. Prática da oração mental.

1. — Temos acima visto quanto a oração mental é necessária à religiosa, e quantas vantagens lhe oferece. Consideremos agora a sua prática, quanto ao lugar, ao tempo e ao modo.

1. DO LUGAR PRÓPRIO PARA A ORAÇÃO.

O lugar deve ser solitário, segundo o conselho do nosso divino Salvador: Quando quiseres fazer oração, entra no teu quarto e, fechando a porta, ai escondido ora ao Pai do céu⁴⁶. Observa S. Bernardo que o mesmo lugar silencioso e afastado do bulício exterior, como que força a alma a pensar nos bens celestes⁴⁷.

Cada um, pois, como ficou dito, tem no seu próprio quarto o lugar apropriado para a oração; para as religiosas, porém, é preferível o coro em presença do SS. Sacramento. Dizia o B. Padre Mestre Ávila que ele não podia desejar lugar nem santuário mais piedoso do que uma igreja onde reside Jesus oculto sob as espécies sacramentais. Além disso para fazer oração bem, ao silêncio exterior deve unir-se também o silêncio interior, isto é, o afastamento dos afetos terrenos. — O Senhor disse um dia à Santa Teresa, falando de certas pessoas apegadas ao mundo: Eu queria falar-lhes, mas as criaturas fazem tanto rumor a seus ouvidos que me não deixam um momento em que possa me fazer ouvir. — Trataremos melhor

deste assunto no capítulo seguinte, em que falaremos da solidão de coração.

2. DO TEMPO QUE SE DEVE CONSAGRAR À ORAÇÃO

Temos aqui de considerar duas coisas: o tempo do dia mais próprio para a oração, e o tempo que esta deve durar.

2. — 1.^o - Segundo Sto. Isidoro e S. Boaventura, a manhã e a tarde são as duas partes do dia, que regularmente falando, convém melhor à oração⁴⁸. — Mas especialmente a manhã, diz S. Gregório Nyseno, porque, quando a oração precede as ocupações diárias, o pecado não acha entrada na alma⁴⁹. — O Venerável Padre Carlos Carafa, fundador da congregação dos Pios Operários, dizia a este respeito que um ato fervoroso de amor feito de manhã, na oração, basta para manter a alma no fervor durante o dia todo.

Entretanto a oração é também necessária à tarde; pois, como escreve S. Jerônimo, o corpo não se deve entregar ao repouso, antes de se ter fortificado a alma na oração, que é o seu alimento⁵⁰.

De resto, em todo o tempo e em todo o lugar as religiosas podem fazer oração, mesmo trabalhando ou passeando: basta elevar o pensamento a Deus e fazer atos bons, pois nisto consiste a oração.

3. — 2.^o - Quanto ao tempo que deve durar a oração, a regra dos santos foi consagrar-lhe todas as horas deixadas livres pelas outras ocupações conve-

nientes à vida humana. S. Francisco de Borgia passava em oração oito horas, porque os superiores não lhe tinham concedido mais tempo. E quando terminavam as oito horas, ainda pedia por caridade permissão para continuar um pouco mais, dizendo: Por caridade, mais um quartozinho. — S. Filipe Nery nela empregava noites inteiras. — Sto. Antão abade estava toda a noite em oração; e quando nascia o sol, marcando o prazo por ele fixado, se queixava do astro rei e lhe reprendia o ter aparecido tão depressa. — O Padre Baltasar Alvares dizia que uma alma abrasada de amor de Deus, quando não está em oração, deve se achar em um estado de violência, como uma pedra fora do seu centro; pois nesta terra devemos, quando for possível imitar a vida dos bem-aventurados, que estão continuamente a contemplar a Deus no céu.

Notemos, além disso, que a posição própria do corpo na oração é estar de joelhos; mas, quando esta postura for incômoda demais, a ponto de causar muitas fadigas e distrações, faça-se a oração modestamente assentado, como aconselha S. João da Cruz.

4. — Mas passemos ao particular. Quanto tempo deve gastar na oração uma religiosa verdadeiramente desejosa da sua perfeição? — O Padre Torres assignava às religiosas que dirigia, uma hora de oração pela manhã, uma outra hora durante o dia e meia hora à tarde, a não ser que fossem impedidas por enfermidade ou trabalho prescrito pela obediência. Se isto vos parecer excessivo, eu vos aconselho que façais ao menos uma outra hora de oração, além da

que façais ao menos uma outra hora de oração, além da que se faz em comunidade.

O Senhor quer, às vezes, que deixemos a oração par a atender a alguma obra de caridade para o próximo; mas, então, deve-se observar o que diz S. Lourenço Justiniano: Quando a caridade o exige, a esposa de Jesus Cristo vai servir o próximo, mas ainda nesse tempo não cessa de suspirar por tornar a vir conversar com o divino Esposo na solidão da sua cela⁵¹. O Padre Vicente Carafa, geral que foi da Companhia de Jesus, empregava na oração todos os momentos, que podia roubar aos negócios do seu ofício.

5. — A oração é enfadonha à religiosa que fica apegada ao mundo, não porém à que só ama a Nosso Senhor. Mas como se poderá dizer que só ama a Nosso Senhor a religiosa, que se não cansa de estar a falar, no locutório, duas horas, com um parente ou outra pessoa estranha, e depois não acha para fazer oração uma hora sequer, além da empregada pela comunidade? Ah, certamente, a conversação com Deus nada tem de triste e de enfadonho para quem o ama deveras; é-lhe ao contrário fonte de alegria, como diz o Sábio⁵². E que é a oração, pergunta S. João Clímaco, senão uma familiar conversação e união com Deus?⁵³ — Como diz S. João Crisóstomo, na oração a alma fala com Deus e Deus com a alma. — Não, não é penosa a vida das religiosas santas que estimam a oração e fogem dos divertimentos da terra. — Se não acreditais, experimentai e vereis como Deus é suave a quem deixa tudo para viver só com ele⁵⁴. Enfim, quando nos pomos em oração, não de-

vemos ter em vista, como já temos dito muitas vezes, procurar consolações, mas ouvir do Senhor o que pretende de nós, despojando-nos de todo o nosso amor próprio. Ensina S. João Clímaco que para bem nos prepararmos para a oração, devemos renunciar a nossa vontade⁵⁵. Depois digamos a Deus: Mostrai o que devo fazer, pois só quero cumprir em tudo vossa santa vontade. Depois digamos a Deus: Mostrai o que devo fazer, pois só quero cumprir em tudo vossa santa vontade. Falai, Senhor, que vosso servo vos ouviu⁵⁶. É preciso dizer isto com ânimo resolutivo, porque, faltando esta disposição, o Senhor nos falará.

3. DO MODO DE FAZER ORAÇÃO.

6. — Quanto ao modo de fazer oração mental, quero supor que já estais instruídas; entretanto indicarei aqui as coisas principais, para as jovens principiantes, que lerem este livro.

A oração contém três partes: a *preparação*, a *meditação* e a *conclusão*.

I. A *preparação* consistem em três atos, a saber: — um ato de fé na presença de Deus e de adoração; — um ato de humildade e de contrição; — e um ato de petição de luzes. — Podem fazer-se do modo seguinte:

1. Meu Deus, eu creio que estais aqui presente, e vos adoro de todo o meu coração.

Procure-se fazer este ato com fé viva, porque a lembrança da presença de Deus ajuda muito para nos livrarmos das distrações. O cardeal Caracciolo, bispo de Aversa, grande servo de Deus, dizia que

quando alguém está distraído, é sinal que não fez bem o ato de fé na presença de Deus.

2. Senhor, eu deveria estar agora no inferno, pelas ofensas que vos fiz. Pesa-me de todo o meu coração. Tende piedade de mim.

3. Padre Eterno, por amor de Jesus e de Maria, esclarecei-me nesta oração e fazei que me aproveite.

Deve-se, em seguida, recomendar-se à Santíssima Virgem, com uma *Ave Maria*, a S. José, ao santo Anjo da guarda e ao santo Padroeiro.

Diz S. Francisco de Sales que estes atos devem ser feitos com fervor, mas devem ser breves, para se passar logo à meditação.

7. — III. Antes de começar a meditação, é preciso lançar fora todos os pensamentos estranhos, dizendo-lhes com S. Bernardo: Pensamentos meus, esperai aqui⁵⁷. Depois da oração falaremos das outras coisas que ocorrerem. Fixai, portanto, a vossa atenção, impedindo que o espírito discorra por onde quiser. Se depois disto, sobrevier alguma distração, não vos inquieteis nem procureis expulsá-la com impaciência e violência. Basta afastar-vos dela com paz e voltar a tenção para Deus.

Notemos que o demônio faz todos os esforços para nos sugerir distrações durante a oração, afim de que deixemos de fazê-la. Saiba, portanto, que dá prazer ao demônio quem deixa a oração por causa das distrações. — Cassiano diz que é impossível que o nosso espírito se aplique à oração sem ter alguma distração⁵⁸. — Assim pois quaisquer que sejam as distrações, não abandonemos este santo exercício. — S. Francisco de Sales assegura que, se não fizés-

semos outra coisa, na oração, senão combater as distrações e as tentações que nos assaltam, nossa oração ainda seria bem feita⁵⁹. Antes já tinha dito S. Tomás que as distrações involuntárias não tiram o fruto da oração⁶⁰. —Enfim, quando advertirmos que nos distraímos voluntariamente, entretemos em nós mesmos e corriamos o defeito, expulsando a distração; mas não abandonemos a oração.

8. — Quando a escolha do assunto da oração, a boa regra é meditar de preferência as verdades e mistérios que mais tocam e nutrem a nossa alma. Todavia para uma religiosa que ama a perfeição, o assunto mais conveniente, e preferível a qualquer outro, de ordinário, deve ser a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Escreve Luiz Blosio que o Senhor revelou as mais santas mulheres, como Sta. Gertrudes, Sta. Brígida, Sta. Mechtilde e Sta. Catarina de Senna, que lhe era muito grato ver as almas meditarem na sua paixão. Dizia S. Francisco de Sales que a paixão do nosso divino Redentor deve ser a meditação ordinária de todos os cristãos⁶¹. Ora quanto mais deve sê-lo da esposa de Jesus Cristo! Oh que belo livro é a paixão de Jesus! Aqui se compreende melhor do que em qualquer outro livro, a malícia do pecado, e, ao mesmo tempo, a misericórdia e o amor de um Deus para com o homem. Se Jesus Cristo quis padecer tantas penas diversas, como a flagelação, a coroação de espinhos, a crucifixão etc., entre outros fins que pode ter em mira, eu penso que um deles foi para que nós, tendo diante dos olhos os diversos mistérios dolorosos, pudéssemos variar o objeto de nossas meditações sobre sua paixão, e, por

isso mesmo, também os sentimentos de reconhecimento e de amor, que daí tiramos.

Quando a religiosa fizer sua oração em particular, é bom que sempre leia antes algum livro devoto. Sta. Teresa seguiu este método durante dezessete anos, lendo primeiro um pouco e meditando depois outro pouco. É assim que convém fazer, a exemplo da pomba que antes bebe e depois levanta os olhos ao alto.

9. — É preciso observar, entretanto que o proveito da oração mental não consiste tanto na meditação, como nos afetos, preces e resoluções, que são os três frutos principais da meditação. Dizia Sta. Teresa que o proveito da alma não consiste em pensar muito em Deus,, mas em muito amá-lo: e este amor se adquire pela resolução de trabalhar muito por ele⁶². — Os mestres da vida espiritual, falando da oração, dizem que a meditação é como a agulha, após a qual vem o fio de ouro composto de afetos, preces e resoluções, o que acima ficou dito, e agora passamos a explicar.

1. Assim, pois, logo que houverdes meditado um ponto e vos sentirdes penetradas de algum bom sentimento, elevai o vosso coração à Deus e oferecei-lhe atos fervorosos de humildade, de confiança ou de agradecimento; mas repeti sobretudo frequentemente, na vossa oração, os atos de contrição e de amor.

O ato de amor, como também o ato de contrição, é a cadeia de ouro que prende a alma a Deus. Um ato de amor perfeito basta para nos fazer perdoar todos os nossos pecados, como diz S. Pedro⁶³. — O Senhor declarou que não sabe odiar aos que o a-

mam: eu amo aqueles que me querem bem⁶⁴. — A Venerável Sórora Maria Crucifixa viu um dia um globo de fogo que consumia logo as palhas que lhe atiravam; e, com isto, lhe foi dado a entender que uma alma que faz um verdadeiro ato de amor de Deus, alcança logo o perdão de todas as culpas, que houver cometido. Além disso, o doutor angélico ensina que todo o ato de amor nos adquire um novo grau de glória⁶⁴.

São atos de amor dizer, por exemplo:

Meu Deus, eu vos estimo acima de tudo;

Eu vos amo de todo o meu coração;

Eu me regozijo pela vossa felicidade;

Queria ver-vos amado por todos;

Quero só o que vós quiserdes;

Fazei-me conhecer o que de mim quereis, pois estou pronto para fazê-lo;

Disponde de mim e das minhas coisas, como vos aprouver.

Este último ato de oblação é muito agradável a Deus; Sta. Teresa o repetia ao menos cinqüenta vezes por dia.

Advirta-se que só falo aqui da oração ordinária; porque, se alguma vez, a alma se sentisse unida a Deus com um recolhimento sobrenatural ou infuso, sem pensar de um modo particular em alguma verdade eterna ou algum mistério, não deve então procurar produzir outros atos além daqueles a que se sentir docemente atraída pelo Senhor; basta estar atenta em se manter neste estado de união íntima com Deus, sem pôr obstáculos à operação divina com esforços por fazer reflexões e atos. Mas isto se

entende somente quando o Senhor se digna chamar uma alma a esta oração sobrenatural. Enquanto não recebermos este favor, não nos devemos afastar do modo ordinário de orar, passando, como deixamos dito, da meditação dos afetos. Todavia para as pessoas habituadas à oração aproveita mais aplicar-se aos afetos do que aos raciocínios ou discursos.

10. — 2. Além disso, na oração, é extremamente útil e talvez preferível a tudo repetir as preces, pedindo a Deus com humildade e confiança, as suas graças isto é, as luzes necessárias, a resignação, a perseverança etc., mas sobretudo o dom do seu santo amor. — S. Francisco de Sales dizia que aquele que obtém o amor divino, alcança todas as graças; porque, de fato, uma alma que ama deveras a Deus com todo o coração, por si mesma, sem que ninguém lho diga, evitará tudo o que possa desagradar ao Senhor e se esforçará para lhe ser agradável em tudo o que puder. Se vos acontecer pois cair na secura e obscuridade, a ponto de vos sentirdes quase incapazes de produzir atos bons, basta que lhes digais: Meu Jesus, misericórdia! Senhor, por piedade, socorrei-me. E esta oração será talvez para vós a mais útil e frutuosa.

O Venerável Padre Paulo Segneri refere que, antes de ter estudado a teologia, ele, na oração, se applicava principalmente a fazer reflexões e afetos, “mas, enfim, acrescenta, Deus me abriu os olhos, e, desde então em diante, procurei entreter-me em preces; e, se algum bem há em mim, reconheço que o devo a este exercício de recomendar-me a Deus”. Segui este exemplo vós também. Pedi em nome de Jesus Cristo todas as graças que deseiais e as rece-

beréis. Não pode falhar a promessa que o mesmo nosso divino Salvador nos fez, nestes termos: Em verdade, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará⁶⁵.

Em uma palavra, toda a vossa oração deve consistir em fazer atos e preces. É precisamente o que a venerável Sór Maria Crucifixa declarou, em um êxtase, dizendo que a oração é a respiração da alma. Com efeito, assim como pela respiração, ora recebemos ora restituímos o ar, assim, pelas preces, a nossa alma recebe de Deus, e, pelos atos de oferecimento e de amor, se dá a si mesma a Deus.

11. — Ao terminar a oração, é preciso tomar uma resolução particular, como fugir de algum defeito em que se caiu mais vezes, ou de praticar melhor alguma virtude, por exemplo: sofrer o aborrecimento de uma irmã, obedecer mais exatamente a alguma religiosa, mortificar-se em tal coisa. A mesma resolução deve-se renovar muitas vezes afim de que nos livremos de tal defeito ou adquiramos aquele virtude. Depois de terminada a oração, é preciso ter cuidado de por em prática as resoluções tomadas, logo que se apresentar a ocasião.

Além disso, antes de acabar a oração, é bom renovar os votos feitos na profissão. É uma coisa muito agradável a Deus, pois que, pelos votos religiosos, uma pessoa se consagra inteiramente ao Senhor. Segundo a doutrina de S. Tomás, a religiosa fica absolvida de todos os pecados, no dia de sua profissão, em razão da doação absoluta que de si mesma faz a Deus por meio dos votos, consagrando-lhe tudo o que tem, seus bens, seu corpo e sua vontade⁶⁶. E o

mesmo favor aparece que concede àquela que renova seus votos de religião com um verdadeiro espírito de desapego de tudo. Eu vos aconselho, portanto, que os renoveis muitas vezes tanto na oração, como na comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento, ao levantar-vos pela manhã e ao deitar-se à noite.

12. — III. A *conclusão* da oração se compõe de três atos: 1. De agradecimento a Deus pelas luzes recebidas; 2. De propósito de observar as resoluções tomadas; 3. De petição ao Padre Eterno, por amor de Jesus e de Maria, impetrando a graça de lhe ser fiel.

No fim da oração, numa deixeis de recomendar a Deus as almas do purgatório e os pecadores. Segundo S. João Crisóstomo, nada prova melhor o nosso amor à Jesus Cristo, do que o nosso zelo em orar pelos nossos irmãos⁶⁷.

Além disso, S. Francisco de Sales aconselha que se colha do jardim da oração e se traga ao sair dela um ramalhete de flores para conservar o seu bom odor durante o dia, isto é, um ou dois pensamentos, que nos tem inspirado os mais vivos sentimentos de devoção, e nos possam inflamar o resto do dia.

As jaculatórias mais agradáveis a Deus são os atos de amor, de resignação e de oferecimento de si mesmo. Tenhamos particular cuidado de não começar nenhuma obra sem oferecê-la ao Senhor, e de não deixar passar um quarto de hora em qualquer ocupação, em que nos achemos, sem elevar o espírito ao Senhor com algum ato bom. De mais, nos tempos livres dos negócios, como quando esperamos alguma pessoa, ou passeamos no jardim, ou estamos doentes de cama, procuremos quanto possível unir-

vos a Deus. Ainda é preciso conservar os bons sentimentos e afetos hauridos na oração, guardando para esse fim, quando for possível, o silêncio, a solidão e a lembrança de presença de Deus. Mas disto falaremos mais amplamente no capítulo seguinte.

13. — Por último, acrescento aqui que, para uma religiosa ser uma alma de oração, é indispensável que se arme de fortaleza e não deixe de orar em tempo de aridez. Nada há de mais belo do que os avisos que, nesta matéria, nos legou a nossa mestra Sta. Teresa. Eis o que lemos em vários lugares de suas obras: O demônio sabe que as almas que se aplicam a oração com perseverança, estão perdidas para ele⁶⁸. — Aquele que persevera na oração, por maiores que sejam os tropeços que lhe arme o demônio, tenho por certo que finalmente o Senhor o conduzirá ao porto da salvação⁶⁹. — Quem não pára no caminho da oração, ainda que tarde, há de chegar⁷⁰. — O amor de Deus não consiste em ternuras, mas em servi-lo com fortaleza e humildade⁷¹. — É pela aridez e pelas tentações que o Senhor prova os que o amam. Ainda que esta provação dure toda a vida, a alma nunca deve abandonar a oração. Tempo virá em que tudo lhe será muito bem pago⁷³.

O doutor angélico ensina que a verdadeira devoção não consiste no sentimento, mas no desejo e resolução de abraçar prontamente tudo o que Deus quiser⁷⁴. Tal foi a oração de Jesus Cristo no jardim das oliveiras, toda cheia de tédio e aridez; todavia foi a mais devota e meritória que jamais houve no mundo. Consistiu em dizer: Meu Pai, faça-se a vossa vontade e não a minha⁷⁵.

Portanto, irmã caríssima, nunca abandoneis a oração em tempo de aridez. Se fordes assaltada de tédio demasiado, ao menos fazei a oração muitas vezes, e exercitai-vos mais em dizer preces, ainda que estas vos pareçam sem confiança e sem frutos. Bastará então dizer e repetir muitas vezes: Meu Jesus, misericórdia. Senhor, tende piedade de mim. — Rezai, e ficai certas que Deus vos ouvirá!

Sempre que fordes à oração, nunca tenhais em mira a própria satisfação. Proponde unicamente agradar a deus e saber o que exige de vós. Rogai, pois, sempre ao Senhor, que vos faça conhecer a sua santa vontade e vos dê forças para cumpri-la. Tudo o que devemos procurar na oração, é a luz necessária para ver e a fortaleza para executar o que o Senhor quer de nós.

ORAÇÃO

Ó meu Jesus, parece que não soubestes mais o que havíeis de fazer para atrair os homens ao vosso amor. Basta saber que vos fizestes homem, isto é, um vil bichinho da terra como nós somos. Quisestes levar uma vida saturada de dores e de opróbrios durante trinta e três anos, até finalmente consumá-la sobre um infame patíbulo. Quisestes ainda esconder-vos sob as espécies de pão, para ser assim o alimento de nossas almas. Como, pois, pudestes encontrar tanta ingratidão mesmo da parte dos cristãos, que crêem nestas verdades e ainda vos amam tão pouco? Ai de mim! Como fui eu também ingrata na minha vida passada? Procurei somente a minha satisfação,

esquecida de vós e do vosso amor. Agora que reconheço o mal que fiz, me arrependo do íntimo de minha alma. Meu Jesus, perdoai-me. Agora eu vos amo, e vos amo tanto que prefiro a morte e mil mortes antes que deixar de vos amar. Eu vos agradeço as luzes que me destes. Concedei-me, ó Deus de minha alma, a força de crescer sempre, cada vez mais, no vosso amor. Permiti que meu pobre coração vos ame. É verdade que algum tempo vos desprezou, mas agora está enlevado da vossa bondade, vos ama e só deseja vos amar.

Ó Maria, Mãe de Deus, ajudai-me. Ponho toda a minha confiança na vossa intercessão.

1. Desolatione desolata est omnis terra, quis nullus est qui recogitet corde. *Jer. 12, 11.*

2. Memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis. *Eccli. 7, 40.*

3. Accedite ad eum et illuminamini. *Ps. 33, 6.*

4. Sint lumbi vestri praecinctorum, et lucernae ardentis in manibus vestris. *Luc. 12, 35.*

5. Oratio est lucerna.

6. Lucerna pedibus meis verbum tuum. *Ps. 118, 105.*

7. *Carta S.*

8. Seipsum non exhorret, quia nec sentit. *De Consid. I. 1, c. 2.*

9. Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui... et exercitabar, et scopebam spiritum meum. *Ps. 76, 6.*

10. Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit; vox turturis audita est in terra nostra. *Cant. 2, 12.*

11. Puta tempus putationis adesse, si meditatio praeivit. *De Consid. 2, c. 6.*

12. Consideratio regit affectus, dirigit actus, corrigit excessus. *Ibid. I. 1, c. 7.*

13. Faber ignitum ferrum ictibus mollire satagit. *De gradu doct. spirit. c. 26.*

14. Dabis ergo servo tuo cor docile. *III. Reg. 3, 9.*

15. Video autem aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis meae. *Rom. 7, 23.*

16. Cor durum habebit male in novissimo; et qui amat periculum in illo peribit. *Eccli. 3, 23.*

17. Timeo tibi, Eugeni, ne multido negotiorum, intermissa oratione et consideratione, te ad cor durum perducatur; quod seipsum non exhorret, quia nec sentit. *De Consid. I. 1, c. 2.*

18. Ex hoc otio vires proveniunt.

19. Ne suscitatis neque evigilare faciatis dilectam, donec ipsa velit. *Cant. 3, 5.*

20. *Vid. c. 19.*

21. *Pall. Hist. laus c. 98.*

22. Sine intermissione orate. *I. Thess. 5, 17.*

23. Ego autem mendicus sum et pauper. *Ps. 3, 18.*

24. Simpliciter impossibile est, absque precationis praesidio, cum virtute degere. *De or. D. I. 1.*

25. Vult Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci. *In Ps. Poenit. 6.*

26. Impossibile est hominem congruo precantem studio unquam peccare. *Ad pop. Ant. hom. 79.*

27. Si nos conspexerit deprecatione munitos, illi-
co resiliunt. *De or. Dom. l. 1.*

28. *Cart. 8, n. 10.*

29. Voce mea ad Dominum clamavi. *Ps. 141, 2.*

30. Multi clamant non voce sua, sed corporis.
Cogitatio tua clamor est ad Dominum. *E narr. in Ps. 141.*

31. Clama intus ubi audit Deus. *In Ps. 30, n. 4.*

32. Orantes omni tempore in spiritu. *Eph. 6, 18.*

33. *Vid. c. 8.*

34. In meditatione mea exardescet ignis. *Ps. 38, 4.*

35. Ducam eam in solitudinem et loquar ad cor
ejus. *Os. 2, 14.*

36. Ex oratione fugatur tentatio, abscedit tristitia,
virtus reparatur, excitatur fervor, et divini amoris
flamma succrescit. *De Casto Conn. c. 22.*

37. Beatus vir qui... in lege ejus meditabitur die
ac nocte. Et erit tanquam ligum quod plantatum est
secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in
tempore suo; et folium ejus non defluet, et omnia
quaecumque faciet prosperabuntur. *Ps. 1, 3.*

38. Emissiones tuae paradus malorum punico-
rum cum pomorum fructibus... Fons hortorum puteus
aquarum viventium, quae fluunt impetu de Libano.
Cant. 4, 13.

39. Anima mea sicut terra sine aqua tibi; ... defecit
spiritus meus. *Ps. 142, 6.*

40. Quisquis non orat Deum, nec divino ejus colloquio
cupit assidue frui, is mortuus est... Animae mors est,
non provolvi coram Deo. *De or. D. l. 1.*

41. Radix vitis frugiferae. *Ibid.*

42. Oratio est propugnaculum adversus impetum afflictionum, virtutum scaturigo, gratiarum conciliatrix. *Scal. par. gr. 23.*

43. Omnis profectus spiritualis ex meditatione procedit. *In Ps. 36.*

44. Absque meditationis exercitio, nullus, secluso miraculo Dei, ad christianae religionis normam attingit. *De Med. cons. 7.*

45. Sedebit solidarius, et tacebit, quia levavit super se *Thren. 3, 28.*

46. Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito. *Matth. 6, 6.*

47. Silentium, et ab strepitu quies, cogit caelestia meditari. *Ep. 78.*

48. Maue et vespere tempus est orationis opportunum. *Spec. disc. p. 1, c 12.*

49. Si oratio negotium praecesserit, peccatum aditum non inveniet. *De Or. Dom. or. 1.*

50. Non prius corpusculum requiescat, quam anima pascatur. *Ad Eustoch.*

51. Cum charistas urget, se exponit proximo, sic tamen ut continue anhelet ad cubile Sponsi, reditum. *De Casto Conn. c. 12.*

52. Non enim habet amaritudinem conversatio illius, nec taedium convictus illius, sed delectationem et gaudium. *Sap. 8, 16.*

53. Oratio est familiaris conversatio et conjunctio cum Deo. *Scal. par. gr. 28.*

54. Gustate et videte quoniam suavis est Dominus. *Ps. 33, 9.*

55. Ad praeparandum te ad orationem, exue voluntates tuas.

56. Loquere. Domine, quia audit servus tuus. *I. Reg. 3, 19.*

57. Expectate hic. *De cont. D. c. 1.*

58. *Collat. 23, c. 7.*

59. *Lettre 629.*

60. Evagatio mentis, quae fit praeter propositum orationis fructum non tollit. *2. 2. q. 83. a. 13.*

61. *Introd. p. 2. c. 1.*

62. *Fund. c. 5.*

63. Charistas operit multitudinem peccatorum. *I. Pet. 4, 8.*

64. Quilibet actus charitatis meretur vitam aeternam. *1. 2. q. 114, a. 7.*

65. Amen, amen dico vobis: Si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis. *Joan. 16, 23.*

66. *2. 2. d. 189, a. 3.*

67. Nihil declarat quis sit amans Christi, quam si curam fratrum agat. *Contra Anom. hom. 6.*

68. *Vid. c. 19.*

69. *Vid. c. 8.*

70. *Vid. c. 19.*

72. *Vid. c. 11.*

73. *Vid. c. 11.*

74. *2. 2. q. 82. a. 1.*

75. Non quod ego volo, sed quod tu. *Marc. 14, 86.*

CAPÍTULO V

DO SILÊNCIO, DA SOLIDÃO E DA PRESENÇA DE DEUS.

Diz Cassiano que ora muito pouco aquele que só o faz, quando está de joelhos no coro ou na sua cela¹. — Para se conformar com as obrigações do seu estado, a religiosa deve ter sua alma continuamente unida a Deus; ora para ter esta união contínua, é preciso não cessar de orar: e, para obter isto, deve empregar três meios, isto é, o silêncio, a solidão e a presença de Deus. Estes justamente são os meios que o anjo insinuou a Sto. Arsênio, quando lhe disse: Se queres te salvar, retira-te à solidão, observa o silêncio, e descansa em Deus, andando sempre na sua presença².

De cada um destes meios falaremos aqui distintamente.

I. Do silêncio

1. — Primeiramente, o silêncio é um grande meio para nos ajudar a sermos almas de oração, e nos dispor para tratarmos continuamente com Deus. É difícil achar uma pessoa espiritual, que fale muito. Todas as almas de oração amam o silêncio, o qual se chama guarda da inocência, defesa contra as tentações e fonte da oração; porque, no silêncio, conser-

va-se a devoção, e nele povoam o nosso espírito os bons pensamentos. S. Bernardo diz que o silêncio e a calma forçam, de certo modo, a alma a pensar em Deus e nos bens eternos³. Por isso, os santos buscavam os montes, as grutas e os desertos, para acharem este silêncio, fugindo do tumulto do mundo, onde não se acha Deus, como foi mostrado a Elias⁴. O monge Teodósio guardou o silêncio durante trinta e cinco anos; e S. João Silenciaro, bispo feito monge, o observou por quarenta e sete anos, até a morte. Todos os santos, mesmo os que não foram solitários, amaram o silêncio.

2. — Oh quantos bens traz consigo o silêncio! É ele que cultiva a justiça nas almas, disse o profeta⁵. Com efeito, de um lado nos preserva de muitos pecados, impedindo as disputas, as maledicências, os ressentimentos, as curiosidades; e de outro nos faz adquirir muitas virtudes. Como exerce bem a humildade a religiosa que escuta modestamente e se cala, enquanto as outras falam! — Como pratica bem a mortificação a outra que se abstém de falar, reprimindo o desejo de contar um fato ou dizer uma graça que viria a propósito na conversação! Como exercita bem a doçura aquela outra que ouve as repreensões e injúrias, sem responder coisa alguma! É por isso que o mesmo profeta diz ainda: Vossa força estará no silêncio e na esperança⁶. — Com o silêncio evitaremos as ocasiões de pecar, e pela esperança obteremos as graças divinas para vivermos bem.

3. — Ao contrário, falando demais, sofreremos imensos prejuízos. Primeiramente, assim como com o silêncio conserva-se a devoção, assim também se

perde com o falar demais. Por mais recolhida que tenha estado uma alma na oração, logo se achará distraída e dissipada como se não a tivesse feito, se depois dela se põe a falar demais. Quando se abre a boca de um forno quente, o calor se evapora logo. — S. Doroteu dá este aviso: Evitai a loquacidade, porque ela expulsa do espírito os bons pensamentos e o recolhimento com Deus⁷. — Falando dos religiosos que não podem se conter de andar sempre a procurar novidades do mundo, S. José Calazans dizia que o religioso curioso mostra que está esquecido de si mesmo. — É uma regra certa que a pessoa que fala muito com os homens, pouco fala com Deus; e o Senhor por sua vez pouco lhe falará, porque está escrito que quando quer conversar com uma alma a conduz à solidão⁸. — Quando pois a alma quiser ouvir a voz de Deus, deve buscar a solidão. Se nos calarmos, acharemos a solidão, dizia a venerável Margarida da Cruz. A religiosa que procura a conversação com as criaturas, faz ver que não basta para contentá-la a conversação divina. como se dignará o Senhor de falar-lhe?

4. — O Espírito Santo nos adverte além disso, que no falar muito não deixará de haver algum pecado⁹. Enquanto fala e prolonga a conversa sem necessidade, aquela talvez pense que não cometeu nenhum defeito; mas, se depois se examinar bem, não deixará de achar alguma falta de murmuração, de imodéstia ou de curiosidade, ou ao menos algumas palavras supérfluas. — Dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que uma religiosa não deve falar senão por necessidade. Com efeito, as religiosas são obrigadas

por título especial a dar conta das palavras inúteis, pelas quais todos afinal serão responsáveis no dia do juízo, como nos adverte o nosso divino Salvador: Eu vos digo que no dia de juízo, os homens darão conta de toda palavra ociosa que houverem falado¹⁰.

Quando falamos muito, ordinariamente cometemos mil defeitos. A língua é chamada por S. Tiago um mal universal¹¹. — E assim é, porque, como adverte um douto autor, a maior parte dos pecados provém do falar ou ter ouvido falar.

Ai! quantas monjas veremos no dia de juízo que serão condenadas por não terem feito caso do silêncio! O que é pior é que a religiosa que se dissipa no trato com as criaturas e no falar muito, nem sequer saberá ver os seus defeitos, e destarte andará de mal a pior. O homem que fala muito, diz o Salmista, andará sem guia¹². Donde cairá em mil erros sem que ao menos tenha esperança de emenda. Há algumas monjas que parece não sabem viver sem falar sempre de manhã à noite. Querem saber tudo o que se passa dentro e fora do mosteiro. Andam até perscrutando os pensamentos de todas as outras. E depois perguntam que mal fizeram. — Eis, minhas irmãs, o que vos respondo: Reprimi a vossa loquacidade, procurai recolher-vos um pouco e então vereis quantos defeitos haveis cometido por falar demais.

5. — S. José Calazans dizia que um religioso dissipado é a alegria do demônio. E com razão; porque tal religioso ou religiosa, com sua dissipação, não só não faz bem a si, mas com o girar pelas celas e oficinas, buscando com quem falar ou falando em voz alta em todo o lugar não respeitando sequer o coro e

a sacristia da igreja, embaraça também o bem das outras. — Narra Sto. Ambrósio que certo sacerdote, estando em oração, era perturbado pelo coaxar de muitas rãs da lagoa vizinha; pelo que ordenou-lhes que se calassem e elas obedeceram prontamente.. A isto o Santo Doutor exclama: Calarão os irracionais pelo respeito à oração e não calarão os homens¹³. — Eu pergunto, com maioria de razão, se não calarão as religiosas que vieram ao mosteiro para se santificarem, observando a regra e mantendo o santo recolhimento? Farão o ofício dos demônios, perturbando as que querem orar e viver recolhidas em Deus? É com razão que um autor chama a estas monjas faladeiras *demônios familiares dos mosteiros*, onde fazem grande dano.

6. — Segundo Sto. Inácio de Loyola, para conhecer se o fervor reina em um convento, basta ver se nele observa-se o silêncio. Um convento onde se fala sempre é uma imagem do inferno, porque, banindo-se o silêncio, será continuamente desolado pelas contestações, murmurações, lamentos, amizades particulares, partidos e distúrbios. Ao contrário, o mosteiro, onde ama-se o silêncio, é a imagem do paraíso, e inspira a devoção não só às pessoas que nele habitam, mas também às de fora. — Foi o que decidiu o Padre Perez a se fazer carmelita descalço; pois, sendo ainda secular, entrou em um mosteiro dessa reforma e ficou tão edificado do silêncio ai observado., que abandonou o mundo para se consagrar a Deus. — É por isso que o Padre Natal da Companhia de Jesus dizia que para reformar uma casa basta restabelecer nela a regra do silêncio; porque, en-

tão, cada um ficará recolhido e atenderá ao seu aproveitamento espiritual. Por esse motivo, disse Gerson, os santos fundadores com tanto cuidado impuseram e recomendaram aos seus religiosos o silêncio, pois, sabiam quanto importava observá-lo para conservar o espírito interior. — Entre os artigos, que S. Basílio traçou nas suas regras para as religiosas, não um só, mas muitos tratam exclusivamente do silêncio; e S. Bento ordenou que seus monges procurassem guardá-lo sempre sem interrupção¹⁴.

7. — Aliás, ai está a experiência para provar que, no mosteiro, onde se guarda o silêncio, se mantém em vigor a observância das regras, mas reina pouco fervor onde pouco silêncio se guarda. Esta é também a razão porque há poucas religiosas santas: poucas são as que amam o silêncio. Em muitos mosteiros, acha-se bem escrita e muito recomendada a regra do silêncio, mas entre as religiosas parece que nem sequer se sabe o que é o silêncio; e por isso vivem as pobrezinhas dissipadas, sem espírito e sempre inquietas. — Não penseis, entretanto, caríssima irmã, que a negligência das outras vos escusa e vos isenta da regra que prescreve o silêncio. — Dizia Sta. Clara de Montefalco que no tempo do silêncio dificilmente se fala sem cair em algum defeito.

Há algumas, que se escusam, dizendo que, muitas vezes, têm necessidade de falar, para não ficarem acabrunhadas de melancolia. Mas como pode ser que o defeito de quebrar o silêncio pode preservar tais religiosas da melancolia? Persuadamo-nos que, quando nos achamos aflitos, nem todas as criaturas da terra e do céu nos podem consolar. — Só

Deus consola. E como nos poderá consolar no mesmo momento em que o ofendemos? Ao menos, quando houver necessidade de falar em tempo de silêncio, pedi licença a superiora. — Há algumas que não andam a procurar ocasião de falar; mas, quando ocorre qualquer ensejo, se deixam vencer e violam o silêncio para condescender com outras que querem conversar. Tal condescendência de certo não as escusam de defeito. É necessário, nesse caso, fazer-se violência e retirar-se de lá, ou calar, e, algumas vezes, dar sinal de que é hora de silêncio, pondo o dedo na boca.

8. — Ainda mesmo nos tempos em que o silêncio não seja obrigatório, procurai observá-lo quanto for possível, se quereis manter-vos, em recolhimento e evitar as imperfeições, porque nunca se peca mais facilmente, do que falando. Lá disse o sábio: Quem guarda a sua boca, guarda a sua alma¹⁵. — E S. Tiago nos assegura que é homem perfeito o que não peca pela língua¹⁶. Será, portanto, uma única coisa uma religiosa amiga do silêncio e uma religiosa santa; pois, observando o silêncio, será pontual no cumprimento das suas regras, será afeiçoada à oração, à leitura, à assistência ao ofício divino, à visita ao SS. Sacramento. Oh como se torna agradável a Deus uma religiosa que ama o silêncio! Sobretudo se sabe mortificar-se, calando-se em certas circunstâncias extraordinárias, por exemplo: quando se sente muito enfadada de uma longa solidão, ou quando lhe sucede alguma coisa muito triste ou muito alegre, de sorte que experimenta um vivo desejo de se comunicar!

Pelo contrário, a que se expande em palavras, será quase sempre dissipada, omitirá facilmente suas orações e outros exercícios de devoção, e assim perderá pouco a pouco o gosto das coisas de Deus. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia: A religiosa que ama o silêncio, é impossível que não ache prazer nas coisas divinas. De sorte que esta infeliz acabará por abandonar-se aos prazeres terrenos; e, assim, não lhe restará de religiosa senão o nome e o hábito.

9. É preciso, entretanto, observar que, nos mosteiros, a virtude do silêncio não consiste em calar sempre, mas em calar quando não há necessidade de falar. — É por isso que Salomão disse que há tempo de calar e tempo de falar¹⁷. — A isto nota S. Gregório Nysseno que o tempo de calar se põe antes do tempo de falar, porque é calando-se que se aprende a falar bem¹⁸. — No silêncio, aprende-se a considerar bem tudo o que se há de dizer depois.

Mas para uma religiosa que quer se santificar qual é o tempo de calar e o de falar?

O tempo de calar é todo o tempo em que não há necessidade de falar; e o tempo de falar é aquele em que a necessidade ou a caridade obriga a falar. — Eis a excelente regra dada por S. João Crisóstomo: Deve-se falar somente quando é mais útil falar do que calar¹⁹. — Dai este conselho: Ou calai-vos ou dizei coisas melhores do que o silêncio²⁰. — Feliz aquele que, na hora da morte, pode dizer com o abade Pambo, que como refere o Padre Rodrigues, não se lembrava de ter proferido uma palavra que depois tivesse necessidade de se arrepender de ter dito²¹. — Ao invés, Sto. Arsênio dizia que muitas vezes se ti-

nha arrependido de ter falado e nunca de ter calado²². Por isso Sto. Efrem dava este aviso aos seus religiosos: Falai muito com Deus, e pouco com os homens²³. — O mesmo dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi: Uma verdadeira serva de Jesus Cristo suporta tudo, trabalho muito e fala pouco.

10. — O que acima ficou exposto fará compreender a toda a religiosa que quer viver unida a Deus, com que cuidado deve fugir do locutório. — Assim como o ar que se respira no coro e na cela é o mais salutar para as religiosas, assim o mais pestífero para elas é o das grades. — Que é o locutório, no dizer de Sta. Maria Madalena de Pazzi, senão uma fonte de distrações, de inquietações e de tentações? — Um dia, a venerável Sor Maria Villani obrigou o demônio, da parte de Deus, a lhe manifestar em que lugar do convento ele ganhava mais. Respondeu-lhe o tentador: “Ganho no coro, no refeitório, no dormitório, e também perco; mas no locutório tudo lucro, porque esse lugar é todo meu”. — É pois com razão que a venerável Sor Filippa Cervina chamava o locutório de lugar empestado, onde facilmente se contrai o contágio do pecado. — Narra S. Bernardino de Senna que uma monja, depois de ouvir, no locutório, uma palavra indecente, caiu miseravelmente em uma culpa grave. — Muito mais feliz a virgem Sta. Febronia, que deu a vida pela fé aos dezenove anos: sendo religiosa, não consentiu nunca em aparecer na grade diante de qualquer pessoa secular, homem ou mulher. — Sta. Teresa, depois da sua morte, apareceu à uma de suas filhas e lhe disse que a religiosa que quer ser grande amiga de Deus, deve ser inimiga da grade.

Prouvera a Deus que em todos os mosteiros de religiosas houvesse ao menos grades de ferro, como se vêem em alguns onde reina a observância! Eis, a este respeito, o que conta um autor: A superiora de um convento tinha feito colocar no locutório uma grade apertada: o demônio, enraivecido, primeiro a torceu toda e depois a arrancou e foi rolando por toda a casa; mas a prudente superiora achou melhor colocá-la de ovo assim mesmo torta como estava, para que as monjas entendessem que assim como aquela grade desagradava tanto ao inferno, deveria tanto mais agradar a Deus. Oh que grande conta terão de dar a Deus Nosso Senhor as superiores que introduzem grades largas, ou descuidam de velar pelas conversas no locutório, por meio das escutas!

Em uma de suas cartas, Sta. Teresa escreve estas palavras notáveis: “As grades são portas do céu, quando estão fechadas, e são as do perigo, para não dizer do inferno, quando estão abertas”; e acrescentava: “Um mosteiro de mulheres onde há liberdade, serve antes para conduzi-las ao inferno do que para remediar a sua fraqueza”²⁴.

11. — Que grande progresso não faria no divino amor, como já dissemos²⁵, uma religiosa que se tomasse a resolução de nunca mais aparecer nas grades? — Ao menos, minha irmã, quando fordes ao locutório, não deixeis de vos portar nele como religiosa. Falando aos seculares, deveis não só evitar, como todo o cuidado, palavras afetuosas, mas também ser muito séria e muito reservada. — Sta. Maria Madalena de Pazzi queria que as suas religiosas *fossem selvagens como os veados*. São suas estas palavras.

— E Sta. Jacinta Mariscotti dizia: “A delicadeza das religiosas, no locutório, consiste na descortesia de cortar todo o discurso longo”. Isto se entende, ordinariamente falando, até das longas conversas que se tivessem com pessoas espirituais. — Dizia a Madre Maria de Jesus, Carmelita descalça: Ganha-se mais em espiritualidade no coro, ou na cela, do que no locutório, por mais longas que sejam as conferências.

Prestai aos confessores e diretores todo o respeito devido; mas não trateis com eles senão o necessário, explicando-vos com poucas palavras.

Se, alguma vez, vos acontecer ouvir no locutório alguma palavra indecente, fugi logo; ou, ao menos, não respondais coisa alguma. — A venerável Sórora Serafina de Capri já tinha falecido há tempos, quando, em um dos seus conventos, duas mulheres se puseram a falar de um casamento: logo a porteira ouviu a voz da fundadora defunta, que dizia: “Expulsai, expulsai depressa essas mulheres”. — Sempre que puderdes, procurai afastar essas conversas que são próprias dos mundanos. — Sta. Francisca Romana, um dia, recebeu uma bofetada do seu anjo da guarda, por ter tolerado duas senhoras falassem, em sua presença, sobre vaidades do mundo.

Deveis ainda estar mais atentas em guardar o silêncio no convento com vossas irmãs, porque aí a ocasião de quebrá-lo é muito mais freqüente e mais perto de vós. Para isso é preciso mortificar a vossa curiosidade. — Dizia o abade João: Quem quiser re-frear a língua, cerre os ouvidos com a mortificação da curiosidade de saber novidades. — Além disso, é preciso que fujais da convivência de certas monjas

que falam sempre. Demais, deveis fixar de antemão algum tempo do dia para a observância do silêncio, no qual estareis retiradas na cela ou em outro lugar solitário, para não ter ocasião de falar.

12. — Quando houverdes de falar, tende sempre cuidado de pesar o que ides dizer segundo este aviso de Espírito Santo: Faze uma balança para pesar as vossas palavras antes de proferí-las²⁶. — Por isso dizia S. Bernardo: Antes que as palavras cheguem à língua, passem duas vezes pela lima do exame, afim de que se cale o que não convém falar²⁷. — Isto explicava S. Francisco de Sales em outros termos, dizendo que, para falar sem defeito, seria preciso que cada um tivesse a boca fechada com botões; de modo que, devendo abri-la para falar, pensasse bem naquilo que haveria de dizer.

Quando, pois, houverdes de falar, considerai bem o seguinte:

1.º - A coisa que quereis dizer, para ver se não ofende a caridade, a modéstia ou a observância.

2.º - O fim pelo qual falais, porque, às vezes, alguns dizem coisas boas, mas com fim menos reto, como parecerem espirituais, ou passarem por pessoas engenhosas.

3.º - A quem falais: Se é às vossas superiores, às iguais, ou às inferiores, se é em presença de pessoas seculares, ou das educandas, que talvez possam escandalizar-se com o que dizeis.

4.º - O tempo em que falais: Se é durante as horas do silêncio ou do repouso.

5.º - O lugar em que falais: Se é no coro, na sacristia, nos corredores, na portaria ou no locutório.

6.º - A maneira com que deveis falar: com *simplicidade*, sem afetação; com *humildade*, evitando toda palavra soberba ou de vanglória; com *doçura*, sem nada dizer com impaciência ou ofensa do próximo; com *moderação*, não sendo a primeira a responder em qualquer coisa que se proponha, principalmente se fordes a mais nova de todas; com *modéstia*, não interrompendo a que está falando. Demais, guardai-vos de qualquer palavra que cheire o mundo; evitai os risos imoderados; nem façais gestos inconvenientes.

Falai com voz baixa, pois S. Boaventura julga ser grande defeito para uma religiosa falar em voz alta, especialmente no tempo da noite²⁸.

Se fordes superiora e houverdes de dar alguma repreensão, guardai-vos de elevar a voz; do contrário, a súdita perceberá que cedeis a um movimento de impaciência, e então pouco aproveitará a repreensão.

13. — Nas recreações, que são um tempo de descanso, falai, quando as outras se calarem; mas, então, quanto for possível, procurai dizer alguma coisa de Deus. — Dizia Sto. Ambrósio: Falemos de Jesus Cristo, e dele falemos sempre²⁹. — E que coisa deve alegrar mais uma religiosa do que falar do seu Esposo amabilíssimo? Quem ama muito uma pessoa parece que não sabe falar de outra coisa senão da mesma. Quem fala pouco de Jesus Cristo, dá sinal de que o ama pouco. Pelo que acontece muitas vezes que as boas religiosas, falando do amor divino, saem mais fervorosas desse discurso do que se saíssem do oração. — Dizia Sta. Teresa: Nas conver-

sações dos servos de Deus está sempre presente Jesus Cristo. — Disto exatamente nos refere um singular exemplo do Padre Gisolfo, pio operário, na vida do venerável Padre Antônio de Colellis. Diz ele que o Padre Constantino Rossi, mestre dos noviços, viu um dia entreterem-se juntos dois daqueles, que mais tarde foram os Padres Antonio de Torres e Filippe Orilia; e notou no meio deles um outro jovem de aspecto bellissimo. Admirou-se o mestre de ver que os dois jovens, tidos por ele por exemplares, conversavam com um forasteiro sem licença; e perguntou-lhes depois quem era aquele jovem que vira a discorrer com eles. Os noviços lhe responderam que não estivera com eles ninguém de fora. Ouvindo, porém, o mestre que, na ocasião, estavam falando de Jesus Cristo, compreendeu que era o mesmo divino Salvador que se tinha deixado ver entre eles.

14. — Afinal, fora do tempo de recreações, e de certas ocasiões extraordinárias, como assistir a alguma enferma ou aliviar alguma irmã atribulada, o melhor é guardar silêncio.

Lê-se nas crônicas da reforma de Sta. Teresa, que uma religiosa carmelita descalça dizia: É melhor falar com Deus, do que falar de Deus. — Quando, por obediência ou caridade, como acima ficou dito, fordes obrigada a tratar com as criaturas, é necessário que procureis sempre achar alguns intervalos, para ao menos reparar as perdas causadas pelas distrações inseparáveis das ocupações exteriores. Furtai ao menos os momentinhos que puderdes, para vos recolherdes com Deus, segundo o aviso do Espírito Santo³⁰: Não deixeis passar essa partícula de tempo sem

dá-la a Deus quando não puderdes dispor de outra naquele dia. Todas as vezes que puderdes abreviar a conversa, fazei-o sob qualquer pretexto conveniente. A boa religiosa não procura pretextos, como fazem algumas, para prolongar as conversas, mas as descobre para encurtá-las. — Pensemos que o tempo nos foi dado, não para perdê-lo inutilmente, mas para servir a Deus e adquirir merecimentos para a vida eterna. Dizia S. Bernardino de Senna que um momento de tempo vale tanto como Deus, porque em cada momento podemos adquirir a sua amizade, ou novos graus de graça.

ORAÇÃO

Bendita seja para sempre, ó meu Deus, a paciência com que me suportastes. Vós me destes o tempo para vos amar, e eu o empreguei em vos ofender e vos desgostar! Se me fosse preciso morrer agora, qual não seria a minha dor, ao pensar que vivi tantos anos no mundo sem nada fazer! Senhor, eu vos agradeço me dardes ainda tempo para remediar a minha negligência e a perda de tantos anos. Ó meu Jesus, dignai-vos me ajudar pelos merecimentos da vossa paixão; eu não quero viver mais para mim, mas só para vós e para o vosso amor. Eu não sei quanto tempo me resta a viver, se é pouco ou se é muito; mas, se me désseis, ainda cem ou mil anos de vida neste mundo, todos quereria empregá-los unicamente em vos amar e vos agradar. Eu vos amo, ó meu sumo bem, e espero amar-vos eternamente. Não quero ser-vos mais ingrata. Não quero mais resistir

ao vosso amor, que me convida desde muito tempo a me entregar toda a vós. Ai! que mais quero esperar? Esperarei que me abandoneis, ou que não me convideis mais?

Ó Maria, minha Mãe, socorrei-me, orai por mim e obtende-me a graça de perseverar na minha resolução, e de ser fiel a Deus.

II. Do amor da solidão e da fuga da ociosidade.

1. DO AMOR DA SOLIDÃO.

1. — Todas as almas que amam a Deus, amam a solidão, porque lá o Senhor se lhes comunica mais familiarmente, achando-as mais livres e desembaraçadas das ocupações e afetos terrenos. — É por isso que S. Jerônimo exclamava: Ó feliz solidão, em que Deus fala e se comunica familiarmente, com grande amor e grande intimidade, com as almas de sua predileção!³¹ — Deus não fala nas grades, no jardim, ou outro lugar em que as religiosas se entretêm a rir e palestrar inutilmente³². Mas, se o Senhor não está no lugar estrepitoso, onde falará? Ele mesmo o disse: Eu a conduzirei à solidão e lhe falarei ao coração³³. Fala na solidão, e faz ouvir ao coração palavras que o inflamam de seu santo amor, como atestava a Esposa dos Cantares: A minha alma se liquefaz, ao ouvir as palavras do meu Esposo³⁴. Narra Sto. Eucherio que certo homem, ansioso por se fazer santo, perguntou a um servo de Deus o que deveria fazer para encontrar o Senhor. O santo homem o conduziu a um

deserto e lhe disse: Eis onde Deus se acha³⁵. Com isto quis significar-lhe que Deus se deixa encontrar, não no tumulto do mundo, mas na solidão.

2. — A virtude se conserva facilmente na solidão, mas se perde facilmente nas relações com o mundo, onde Deus é pouco conhecido, e onde, por conseguinte, pouco caso se faz do seu amor e dos bens que ele reserva às almas que renunciam tudo para lhe agradar. — S. Bernardo dizia que, em relação às coisas divinas, ele muito mais tinha aprendido entre as faias e os carvalhos na solidão, do que nos livros e com os mestres³⁶. É por isso que, para viver na solidão e longe dos tumultos do mundo, os santos tanto amaram as grutas, os serros e as selvas, como foi anunciado pelo profeta: A alegria reinará na terra deserto e sem caminho; e o júbilo na solidão, que florescerá como o lírio e dará frutos abundantes... lá hão de ver a glória do Senhor e beleza do nosso Deus³⁷. — A solidão será uma fonte perene de alegrias para as almas que a buscam, florescerá como o lírio pela pureza e inocência da sua vida, e produzirá frutos de todas as virtudes. Essas almas felizes serão em fim elevadas, para verem a glória de Deus e sua beleza infinita. — É certo que para manter o espírito unido a Deus, é preciso conservar presente a idéia de Deus e dos bens imensos que ele prepara a seus amigos.

Quando, porém, estamos em contato com o mundo, este nos apresenta as coisas terrenas, que apagam em nós as idéias espirituais e nos privam dos sentimentos de piedade. É por isso que a religiosa, que não é amante da solidão, mas gosta de con-

versar com as criaturas, de ser visitada, de receber cartas, de ter gazetas e de falar muito das coisas do século, nunca poderá ser boa monja. Toda a vez que se puser a tratar com os seculares, sem necessidade, sempre perderá alguma coisa na perfeição religiosa.

3. — Ninguém, pois é mais digno de compaixão do que a religiosa que, não podendo sair para o mundo, faz de modo que o mundo venha ter com ela, passando grande parte do dia em ocupações vãs, conversas com os seculares no locutório, ou mesmo em diversões com as próprias irmãs, risadas, palestras, críticas e informações de tudo quanto acontece no país. Desta arte, uma esposa de Jesus Cristo que não deveria ter outro prazer que conversar com seu Deus, porá a sua consolação em se distrair dele e tratar com pessoas do mundo, que não deixarão de contaminar seu coração com seus discursos e por suas máximas corrompidas! e assim empregará ela o tempo que o Senhor lhe deu para se santificar.

Mas, ai! como pode assim a infeliz dissipar esse tempo tão precioso, que os Santos teriam comprado cada momento à custa do próprio sangue! Oh! Quando se aproxima da hora da morte, que não dará então para ter um dia, ou sequer uma hora, de tanto tempo que agora perde inutilmente! — Uma religiosa, estando no fim da vida, dizia: Oh, se eu tivesse ainda mais tempo, queria dá-lo todo a Deus! — Mas a infeliz desejava esse tempo, quando o tempo para ela já tinha acabado.

4. Considerai, além disso, minha irmã caríssima, que Deus, em sua bondade, nos livrou dos perigos do mundo e vos deu a força para deixá-lo. Para que,

pois, haveis de vos expor agora a esses mesmos perigos, tornando a entreter relações com o mundo? — Disse Tertuliano: Felizmente escapos, uma vez, ao mar tempestuoso do século, não vamos de novo atirar-nos nele, com grande risco, de nos perdermos, como acontece a tantos outros³⁸. — A religiosa que quer se santificar, deve esforçar-se por esquecer o mundo e ser dele esquecida: deve sobretudo fazer o possível para evitar ver os seculares e ser vista deles. — Sta. Clara de Montefalco, ainda quando falava com seu irmão, conservava o véu caído. Sendo advertida pela superiora de que, em tal caso, poderia alçar o véu, respondeu-lhe: Madre minha, uma vez que se fala só com a língua, deixai-me estar com o rosto coberto. — Não menos notável é o que dizia a Venerável Sór Francisca Farnese: “Minhas irmãs, estamos encerradas nestes muros, não para vermos e sermos vistas, mas para nos escondermos das criaturas. Quanto mais ocultas estivermos, tanto mais se nos manifestará Jesus Cristo”.

5. — Os mundanos fogem da solidão; e com razão, porque na solidão mais se fazem sentir os remorsos da consciência. Vão buscar as conversações e os tumultos do mundo, afim de que, ocupados pelo barulho, não ouçam os gritos incômodos da consciência. — Portanto a religiosa que foge da solidão dá sinal de ser uma dessas almas agitadas, que procuram abafar os remorsos de suas desordens com o tumulto do mundo. Pelo contrário, as religiosas que tem a consciência em paz, não podem deixar de amar a solidão, e, quando estão fora dela, se acham como peixe fora d'água, sem paz e como em um es-

tado violento. É verdade que o homem ama a sociedade; mas haverá mais bela do que a de Deus? De certo, não se experimenta nem pena nem enfado em afastar-se das criaturas para conversar a sós com o Criador. O sábio no-lo assegura, dizendo: Sua conversação não tem amargura, não se sente enfado em sua companhia, mas sim alegria e felicidade³⁹. — O Venerável Padre Vicente Carafa, Geral que foi da Companhia de Jesus, já alhures citado, dizia que nada desejava neste mundo, mas se houvesse de desejar alguma coisa, outra não anhelaria senão uma pequena gruta com um pedaço de pão e um livro espiritual para ai viver sempre em solidão.

6. — Não é verdade que a vida solitária seja uma vida triste, é um antegosto e um começo da vida dos bem-aventurados, que gozam de uma alegria imensa, ocupando-se unicamente em amar e louvar a Deus infinitamente amável. — S. Jerônimo, tendo deixado Roma e tendo se encerrado na gruta de Belém, para viver solitário, escrevia que naquela solidão tinha encontrado o paraíso⁴⁰. — Quando os santos vivem na solidão, parecem solitários, mas não estão sós. Dai, S. Bernardo dizia: Eu nunca estou menos só, do que quando me acho só⁴¹. Queria dizer: Estou então acompanhado de Deus, que me alegra mais, do que se estivesse a conversar com todas as criaturas. Parecem tristes, mas estão contentes na solidão. O mundo, vendo os santos longe dos divertimentos terrenos, os julga infelizes e desconsolados, mas é puro engano. Eles gozam de uma paz imensa e contínua, como nos atesta o Apóstolo: Nós parecemos tristes, porém estamos sempre alegres⁴². Isto já foi predito

pelo profeta Isaías, nestes termos: O Senhor consolará Sião, alegrará suas ruínas; fará do seu deserto um lugar de delícias e de sua solidão um jardim de maravilhosa beleza, mansão do gozo e da alegria, onde ressoarão as ações de graça e cânticos de louvor⁴³.

O Senhor saberá bem consolar a alma no retiro; e lhe recompensará generosamente todos os prazeres temporais, que houver perdido por seu amor; converterá sua solidão em jardim de delícias, onde haverá sempre contentamento e alegria, e onde só se ouvirão hinos de ações de graças e de louvores à sua divina bondade. Eis como o cardeal Petrucci canta a felicidade do coração solitário:

“Parece triste, e de alta alegria é cheio. Pisa na terra e já vive no céu. Nada para si mesmo implora, porque imenso tesouro no seio encerra. Parece agitado e absorto entre as tempestades, e já está chegado ao porto”.

7. — Para achar esta feliz solidão, caríssima irmã, não vos é necessário ir vos esconder numa gruta ou num deserto; mesmo no mosteiro, toda a vez que quizerdes, podeis encontrar a solidão que desejais. Fugi das grades, fugi das conversas e discursos inúteis; amai o coro e a vossa cela, entretende-vos aí até que a obediência ou a caridade vos chame a outra parte; e assim achareis a solidão que vos convém e a qual Deus vos convida. Assim a encontrou o rei Davi no meio dos grandes negócios do reino; é o que ele exprime nos termos seguintes: Eu fugi e me retire ao ermo, e permaneci na solidão⁴⁴. — O mesmo fez S. Filipe de Nery: como desejava retirar-se a um deserto, Deus lhe advertiu que não saísse de Roma, mas

que ai vivesse como no ermo. — A mesma coisa o Senhor exige das religiosas que desejam ser suas esposas verdadeiras; quer que sejam *jardins fechados*, para poder achar nelas as suas delícias⁴⁵. — Sobre isto, o abade Gilberto faz este reparo: Não sabe e não pode ser jardim de Jesus Cristo a monja que não quer ficar encerrada, isto é atenta a não deixar entrar em seu coração pensamentos e perigos mundanos, que facilmente se insinuam pelas relações freqüentes com as pessoas e coisas do mundo⁴⁶.

8. — Vivei pois solitária, diz S. Bernardo: retirai-vos, não com o corpo, mas com o espírito⁴⁷. Ainda quando estiverdes com vossas irmãs, nos trabalhos ou recreações comuns, procurai não sair da vossa solidão, isto é, estar sempre, o melhor que for possível, recolhida diante de Deus; e se não puderdes retirar-vos da conversação com o corpo, afastai-vos ao menos pelo afeto e pela intenção, ficando lá unicamente para fazer a vontade de Deus. — Assim, pois, quando fordes obrigada a tratar com criaturas, deveis proceder como uma jovem habituada a ficar constantemente em um quarto fechado e isolado. Se é constrangida a sair à rua, ela não pode suportar o ar frio nem o barulho que ai sente, e trata logo de voltar para seu quarto o mais depressa possível. Assim acontece às religiosas santas. Quando, pelo seu officio ou por conveniência, são obrigadas a tratar com pessoas seculares, dentro ou fora do mosteiro, sofrem uma espécie de martírio, parte pela repugnância que ai acham, parte pelo temor que têm de cometer

algum defeito; e, por isso, procuram desembaraçar-se quanto antes.

9. — Quando as ocupações externas se prolongam demais, é muito difícil que uma pessoa não cometa algum defeito. — Os santos apóstolos, ainda quando trabalhavam na conversão dos pecadores, deviam, por ordem de Jesus Cristo, retirar-se, de quando em quando, a algum lugar solitário, para dar algum repouso ao espírito. Vinde, lhes dizia, o divino Mestre, retiremo-nos a um lugar deserto e repousai um pouco⁴⁸. Porque nas ocupações exteriores, embora espirituais, a alma cai sempre em algumas distrações, inquietações, resfriamentos de amor e imperfeições; o repouso lhe é sempre indispensável para reparar as faltas cometidas e restaurar as forças para melhor caminhar para o futuro.

Não se deve, portanto, guardar sempre a solidão, mas se deve aproveitar sempre que for possível conseguí-la; ou, ao menos, amá-la sempre, quando não se pode gozar, como escreve S. Lourenço Justiniano⁴⁹. Assim, pois, quando a religiosa houver de interromper o seu retiro para servir a comunidade ou para socorrer a necessidade de alguma irmã, deve fazê-lo com liberdade de espírito, sem se inquietar; aliás, mostraria estar apegada ao retiro e isto já seria um notável defeito. Entretanto, saindo a tratar com as criaturas, não há de ter por fim recrear-se com sua conversação, mas unicamente obedecer e praticar a caridade; de sorte que, terminada a ocupação, deve voltar logo a sua querida solidão.

10. — Até aqui temos falado da solidão do corpo. É necessário que agora tratemos da solidão do cora-

ção, a qual é mais necessária do que a do corpo. Pergunta S. Gregório: Para que serve a solidão do corpo, quando falta a do coração?⁵⁰ — Para que serve ficar corporalmente no deserto, se o coração está apegado às coisas do mundo? Uma alma desapegada e livre das afeições terrenas acha a solidão mesmo no meio das ruas e das praças públicas, diz S. Pedro Crisósole⁵¹. — Ao contrário, de que serviria conservar-se uma em silêncio no coro e na cela, se, entretanto, no coração, os afetos às criaturas se fazem sentir, e com seu rumor impedem de poder ouvir as vozes de Deus? Eu repito aqui o que já acima referi, que o Senhor um dia disse à Sta. Teresa: “Oh como eu falaria de boa vontade a muitas almas! Mas o mundo faz tanto estrepito no seu coração, que não podem ouvir a minha voz. Oh se elas se apartassem um pouco do mundo!”

Compreendamos, pois, o que é a solidão do coração: consiste em banir de nosso coração todo o afeto que não é para Deus, buscando em todas as nossas ações não ter outro objetivo senão agradar a seus divinos olhos. Digamos com Davi: Meu Deus, que há no céu e sobre a terra que possa me contentar, senão vós mesmo? Vós sois o único Senhor do meu coração, e sereis sempre a minha única riqueza⁵². — Em uma palavra, a solidão de coração consiste em dizer com sinceridade: Meu Deus, só a vós quero, e nada mais.

11. — Há religiosas que se lamentam de não poder achar a Deus. Eis o que lhes diz Sta. Teresa: Desapegai o vosso coração de todas as coisas, e, depois, procurai a Deus e o achareis⁵³. — Para procurar

e achar a Deus, é preciso primeiro conhecê-lo. Mas como pode conhecer a Deus e suas belezas infinitas, quem vive apegado às criaturas? Se em um vaso de cristal cheio de terra não pode entrar a luz do sol, assim também, em um coração ocupado pelos afetos terrenos e pelo apego dos prazeres, às riquezas, e às honras, não pode brilhar a luz divina. É por isso que o Senhor nos diz: Purificai os vossos corações de toda a paixão, e vereis que eu sou vosso Deus⁵⁴. Quem quiser ver a Deus, deve tirar a terra de seu coração, e tê-lo fechado a todos os afetos mundanos. Justamente isto quis dar-nos a entender Jesus Cristo na célebre metáfora da *porta fechada*, quando disse: Quando fizerdes oração, entrai no vosso quarto, e, *fechando a porta*, rogai em segredo a vosso Pai⁵⁵. Quer dizer que a alma, para se unir com Deus na oração, precisa retirar-se no seu coração, que é, segundo Sto. Agostinho, o gabinete de que fala o Senhor, cuja entrada se deve fechar a todos os afetos terrenos⁵⁶.

12. — Isto é também o que notou Jeremias por estas palavras⁵⁷. — A alma solitária, ou desapegada, na qual calarão os afetos da terra, se estreitará com Deus na oração com santos desejos, com ofertas de si mesma e com outros atos de resignação e de amor: e então se achará elevada acima das coisas criadas, de sorte que se rirá dos mundanos que tanto estimam e buscam os bens desta terra, aos quais ela julgará mesquinhos e indignos do amor de um coração criado para amar o bem infinito que é Deus. Em um de seus cânticos, o cardeal Petrucci diz que um coração consagrado ao amor divino ultrapassa em grandeza ao mundo inteiro.

2. DA FUGA DA OCIOSIDADE.

13. — É preciso, além disso, notar que, por *solidão*, não se deve entender uma *pura ociosidade*, como se uma religiosa não tivesse mais que fazer, nem pensar. Deus quer sim que suas esposas sejam solitárias, mas não ociosas ou desocupadas. — Algumas religiosas vivem, é verdade, escondidas e retiradas, mas, no seu retiro, estão em ócio sem se aplicar a coisa nenhuma, ou se aplicam a leituras vãs ou outros trabalhos inúteis. Estarão em silêncio, mas darão contas a Deus desse silêncio inútil, como diz S. Basílio⁵⁸. — Solidão ociosa é a do animal bruto. A solidão empregada em certos estudos ou ocupações inúteis e curiosas é uma solidão mundana. A solidão religiosa não é ociosa nem mundana, mas toda frutuosa e toda santa. As religiosas devem estar nas suas celas como as abelhas, que, em seus alvéolos, estão sempre ocupadas em fabricar o mel. Elas devem, pois, sem perder um momento, estar sempre ocupadas, seja na oração, seja na leitura de livros de piedade, seja em qualquer trabalho manual, que lhes não impeça ter o espírito atento a Deus. — Diz S. João Crisóstomo que a solidão não consiste em estar só, na ociosidade, mas em se ocupar em Deus⁵⁹. — Em certo convento de S. Francisco havia um frade ocioso, que amava sempre a vagar pela casa, importunando ora um, ora outro. O santo o chamava *Frade mosca*.

Prouvera a Deus que, nos mosteiros, não houvesse muitas dessas *Freiras moscas*, que não sabem fazer outra coisa que andar sempre girando e espionando ora quem está nas grades, ora quem está no confessionário, ora quem manda ou recebe presentes e outras coisas semelhantes. Essas tais mereceriam ser deitadas fora da casa, como se enxotam as moscas, ou, ao menos, presas no cárcere, para não molestarem as outras.

14. — Diz-se comumente que a ociosidade é a mãe de todos os vícios; e isto é fundado no oráculo do Espírito Santo: A ociosidade ensinou muitas iniquidades⁶⁰. — S. José Calazans dizia: O demônio anda à caça dos religiosos ociosos. E S. Boaventura adverte que o religioso ocupado será molestado por uma tentação, ao passo que o ocioso por mil⁶¹.

É certo que a cela ajuda muito a religiosa a recolher-se com Deus; mas dizia S. José Calazans: Serve-se mal da cela a religiosa que ali não fala com Deus ou não se cansa por ele. — Não se pode estar sempre em oração; e é por isso que, nesta vida, as religiosas têm necessidade de aplicar-se também aos trabalhos manuais. — A mulher forte é louvada por Salomão porque se empregava em manejar a lã e o linho⁶². — Por isso, S. Jerônimo recomendava a virgem Demetriades tivesse sempre nas mãos o trabalho de lã⁶³. — E todas as santas mulheres, especialmente as religiosas, se ocuparam com trabalhos manuais. — Sta. Maria Madalena de Pazzi, embora fosse muito doente e débil, se entregava sem medidas a todos os trabalhos do convento, mesmo aos que eram próprios das irmãs conversas: ora trabalhava na

cozinha ou no refeitório, ora varria ou tirava água. Entregava-se com tanto afã a lavar a roupa, que se lhe deslocou um osso da mão. O autor de sua vida chega a afirmar que ela só fazia mais trabalho do que quatro irmãs conversas.

15. — É preciso notar aqui que é um engano acreditar que o trabalho é nocivo à saúde do corpo, quando é certo que o exercício corporal ajuda muito a conservar a saúde. Esta é uma das razões, porque, de ordinário, as conversas gozam de melhor saúde do que as coristas. Muitas vezes o que faz apresentar escusas do trabalho, não é tanto o perigo da saúde, mas o peso e fadiga que o acompanham e que desejamos evitar. Ah! Quem lançar os olhos no Crucifixo, não andará esquivando-se dos trabalhos. — Um dia, Sór Francisca do Santo Anjo, Carmelita, se lamentava de ter as mãos todas dilaceradas de tanto trabalhar, e Jesus Crucificado lhe respondeu: Francisca, olha as minhas mãos e depois lamenta-te.

Além disso, o trabalho é um remédio contra os enfados de solidão, e também contra as numerosas tentações que muitas vezes assaltam os solitários. — Sto. Antão abade achava-se um dia muito atormentado de pensamentos desonestos e ao mesmo tempo muito fatigado da solidão: não sabia o que fazer para se aliviar. Apareceu-lhe então um anjo, que o conduziu ao pequeno jardim que havia ali perto; e, tomando uma enxadinha, começou a lavar a terra, e, em seguida, se pôs a orar. De novo, principiou a trabalhar e depois tornou a orar. Com isto, ensinou ao santo o modo como havia de conservar a solidão e ao mesmo tempo livrar-se das tentações, passando da ora-

ção ao trabalho, e do trabalho a oração. Não se deve trabalhar sempre, mas também não se pode orar sempre, sem se arriscar a perder a cabeça, e se tornar depois absolutamente inútil para todos os exercícios espirituais. — É por isso que Sta. Teresa, depois de sua morte, apareceu à Sór Paula Maria de Jesus e lhe recomendou que nunca abandonasse os exercícios corporais sob pretexto de fazer obras mais santas, assegurando-lhe que tais exercícios aproveitam muito para a salvação eterna.

16. — De outra parte, os trabalhos manuais, quando se fazem sem paixão e sem inquietação, não impedem de fazer oração. — Sor Margarida da Cruz, arquiduquesa de Áustria e religiosa descalça de Sta. Clara, se dedicava aos ofícios mais trabalhosos do mosteiro, e dizia que, entre outros exercícios, o trabalho não é somente útil às monjas, mas também necessário, visto que não impede o coração de se elevar para Deus. — Narra-se que S. Bernardo, um dia vendo um monge que não deixava de orar enquanto trabalhava, disse-lhe: “Continua, meu irmão, a fazer sempre o que fazes agora, e alegra-te, porque, deste modo, quando morreres, serás livre do purgatório”. O mesmo santo seguia esta prática como refere o escritor de sua vida; pois, não descuidava dos trabalhos exteriores e ao mesmo tempo se recolhia todo em Deus⁶⁴. Assim devem fazer todas as religiosas durante os trabalhos manuais: não devem deixar de ter o coração ocupado com Deus; do contrário, todas as suas ocupações exteriores serão sem fruto espiritual e cheias de imperfeições. — Por isso à esposa dos Cantaras dizia o esposo: Ponde-me como um selo

sobre o vosso coração e sobre o vosso braço⁶⁵. — Exige, pois, que o leve sobre o seu coração, e em seguida sobre o seu braço, porque, se não pode fazer obras exteriores agradáveis ao Senhor. — Pelo contrário, Sta. Teresa dizia que as obras da vida ativa, quando nascem do amor divino, são a suma perfeição.

17. — Erram, pois, as religiosas que querem se limitar a viverem na solidão, fugindo de se ocuparem de algum exercício exterior. Mas também se enganam as que se sobrecarregam voluntariamente de tantas ocupações, que depois não lhes sobra o tempo conveniente para se recolher em Deus. Escutemos o que diz o Senhor: Meu filho, não empreendas tantas coisas, porque se queres fazer tudo o conseguirás, mas não sairás livre de pecado⁶⁶.

Há outras que, quando empreendem alguma obra, se aplicam tanto que se tornam inábeis para pensar em outra coisa. Uma pessoa deve fazer com diligência aquilo que tem de fazer, mas sempre com tranqüilidade e sem paixão, deixando ao espírito liberdade para voltar-se para Deus de tempos a tempos.

Deveis trabalhar, de certo; mas vós, que sois religiosa, guardai-vos dia e noite para acumular dinheiro. E para que? Para fazer presentes, ou para aparecer melhor, ou satisfazer os vossos caprichos? Deveis trabalhar; mas trabalhai como religiosa, isto é, pensando primeiro no bem espiritual da vossa alma e depois no de vosso corpo, e vos entregando aos exercícios exteriores com reta intenção, seja de praticar a obediência ou ajudar a comunidade, seja de

atender às vossas necessidades reais e de fugir da ociosidade, mas sempre sem avidez e sem inquietação que vos impeça de elevar o espírito a Deus. — Sto. Antônio dizia que em toda a ocupação exterior, por mais urgente que seja, devemos sempre conservar dentro de nós um cantinho secreto, onde possamos nos retirar e recolher com Deus, quando nos virmos acabrunhados excessivamente de trabalhos. — É pois muito útil, assim no começo como no decurso do trabalho, esforçar-se por elevar muitas vezes o coração para Deus, com alguns atos de amor, de oferecimento, de resignação e de petição. Por exemplo, quando estais ocupada a bordar ou coser, porque não poderíeis a cada ponto fazer um ato de amor de Deus, ou de oferecimento de vós mesma?

Eu concludo, dizendo que as religiosas fervorosas, em tudo o que fazem, procuram unir-se mais perfeitamente a Deus, e ganham sempre; ao passo que as túbias e negligentes só se ocupam em fabricar teias de aranha, porque trabalham para fins terrenos e assim perdem tudo.

ORAÇÃO

Meu Jesus, fazei que eu vos ame muito durante o resto da minha vida, e que eu seja toda vossa. Eu maldigo os dias em que vos causei desprazer amando as criaturas. De ora em diante não quero mais amar senão a vós. Eu vos peço que me deis força para me desapegar de todas as coisas, que me distraem do vosso amor. Fazei que meu coração me empregue exclusivamente em vos amar e vos consi-

derar como o único objeto digno de ser amado. — Ó Verbo Encarnado, vós viestes ao mundo para habitar em nossos corações, que remistes com o vosso sangue. Eu desejo, pois, que meu coração seja todo vosso. Tomai posse dele, e de lá providenciai a todas as minhas necessidades, esclarecei-me, inflamai-me e tornai-me pronta para executar todas as vossas santas vontades. Meu Jesus, meu sumo bem, eu vos amo e vos estimo acima de todos os bens. Eu me dou toda a vós. Aceitai o dom que vos faço de mim mesma para vos servir para sempre, não por temor, mas por amor. Vossa majestade merece o respeito e o temor, mas vossa bondade merece mais ser amada.

Ó Maria, minha Mãe e meu refúgio, fazei que eu seja toda de Jesus.

III. Da presença de Deus.

1. EFEITOS QUE PRODUZ ESTE SANTO EXERCÍCIO.

1. — O exercício da presença de Deus é chamado com razão o fundamento da vida espiritual, a qual consiste em três coisas: a fuga dos pecados, a prática das virtudes e a união com Deus. — Tais são precisamente os três efeitos que produz a presença de Deus: preserva a alma dos pecados, a excita a praticar as virtudes, e a leva a se unir com Deus por meio do santo amor.

2. — I. Quanto ao primeiro efeito, que é a fuga dos pecados, não há meio mais eficaz para domar as paixões, para resistir as tentações e por conseguinte para evitar as faltas, do que a lembrança da presença de Deus. Diz o doutor angélico que se nós pensássemos sempre que Deus está presente e tudo vê, nunca, ou quase nunca faríamos qualquer coisa desagradável a seus olhos⁶⁷. E S. Jerônimo escreve que a lembrança de Deus presente fecha a porta a todos os pecados⁶⁸. — Com efeito, se os homens em presença dos seus principais, pais ou superiores não ousam transgredir as suas ordens, como poderiam infringir as leis divinas, se pensassem que Deus os vê? — Narra Sto. Ambrósio que um pajem de Alexandre Magno, tendo na mão uma tocha acesa enquanto seu amo sacrificava, no templo, antes deixou-se queimar a mão do que cometer a irreverência de deixá-la cair. Donde o santo acrescenta ao nosso propósito: Se tanto pôde aquele jovem a reverência ao seu príncipe, vencendo a natureza para não ofendê-lo, quanto mais influirá sobre uma alma fiel o pensamento na presença de Deus, para vencer todas as tentações e sofrer todas as penas, antes que perder o respeito à face do mesmo Senhor?⁶⁹

3. — Todos os pecados dos homens derivam de perderem eles de vista a presença de Deus. — A causa de todo o mal, dizia Sta. Teresa, é que não pensamos na presença de Deus, e cuidamos que ele está longe⁷⁰. Já antes disse Davi: O pecador esquece que Deus o vê, e é por isso que o está sempre a ofender⁷¹. — E o abade Dioclécio chegava a dizer que aquele que se distrai da lembrança da presença de

Deus, torna-se um bruto ou um demônio⁷². E com razão; porque, então, será assaltado de apetites sensuais ou diabólicos, aos quais não terá força de resistir.

4. — Os santos, ao contrário, com o pensamento de que Deus os via, fizeram frente a todos os assaltos dos inimigos. — Este pensamento deu à casta Suzana coragem para repelir os velhos que a queriam seduzir, ainda que a ameaçassem de morte, e firmeza para lhes responder: É melhor para mim cair em vossas mãos inocente, do que pecar na presença do Senhor⁷³. — Este mesmo pensamento converteu uma mulher de má vida que teve a ousadia de tentar a Sto. Efrem; pois o santo lhe disse que, se queria pecar, viesse procurá-lo no meio da cidade. “Mas, respondeu ela, como é possível pecar em presença de tanta gente?” Então o santo replicou: “E como é possível pecar na presença de Deus que nos vê em todo o lugar? A estas palavras, a pobre pecadora debulhou-se em lágrimas, e, prostrando-se por terra, pediu perdão ao santo, e rogou-lhe que a pusesse no caminho da salvação. Sto. Efrem a colocou em um convento, onde viveu santamente, chorando os seus pecados até a morte⁷⁴.

Uma coisa semelhante sucedeu ao abade Pafúncio com outra pecadora chamada Thaís, que o tentou um dia, dizendo-lhe que naquele lugar ninguém os via, exceto Deus. O santo abade lhe respondeu com voz severa: “Tu crês, pois, que Deus te vê, e queres pecar?” — Thaís, ferida por esta palavra, entrou em si e começou a detestar a sua má vida. Depois, reunindo em uma praça pública todos os seus móveis,

roupas e jóias, que tinha adquirido em seu mister infame, queimou tudo e retirou-se a um mosteiro, onde jejuou todos os dias, à pão e água, durante três anos, repetindo sempre esta prece: Meu Deus, que me criastes, tende piedade de mim⁷⁵. No fim destes três anos, terminou felizmente a vida com uma santa morte. Foi revelado em seguida a um discípulo de Sto. Antão abade chamado Paulo o Simples que esta feliz penitente estava colocada no céu entre os santos em um trono de glória⁷⁶.

5. — Eis como a lembrança da presença de Deus ajuda a fugir do pecado. Oremos, portanto, sempre ao Senhor, como fazia o Santo Jó. Meu Deus, ponde-me em vossa presença, isto é recordai-me em todo o lugar que vós me vedes, e, se todos os meus inimigos vierem então me assaltar, eu sempre os venceréi⁷⁷. — Donde conclui S. João Crisóstomo: Se nos conservarmos sempre na presença de Deus, nenhum mal pensaremos, diremos nem faremos, considerando que o Senhor vê todos os nossos pensamentos, ouve todas as nossas palavras e observa todas as nossas ações⁷⁸.

6. — II. Quanto ao segundo efeito, que é a prática das virtudes, a lembrança da presença de Deus é ainda um grande meio para promovê-la com eficácia.

Com que valor não operam os soldados na presença do seu rei? O pensamento de que estão sob as vistas do seu príncipe único que tem o poder de puni-los ou de recompensá-los, basta para lhes comunicar uma coragem e força extraordinárias. Assim também a religiosa, quando está em presença da superiora, com quanta compostura faz a oração, com

que modéstia e humildade trata com as irmãs e com que atenção executa as ordens recebidas? É por isso que as religiosas, se pensassem que Deus a todas observa em tudo quanto fazem, fariam tudo bem e com reta intenção, sem cuidar em agradar a outrem que não a Deus só, em respeito humano. — Diz S. Basílio que se alguém se achasse em presença de seu rei e de um paisano, de certo se esforçaria, quanto pudesse, para contentar o soberano, sem cuidar do que desejasse o paisano; assim o que anda na presença de Deus, não procura contentar as criaturas mas somente agradar ao Senhor que o vê.

7. — III. Enfim, quanto ao terceiro efeito, que é a união da alma com Deus, é uma regra infalível que o amor aumenta sempre na presença do objeto amado. Isto tem lugar mesmo entre os homens, ainda que quanto mais conversa com eles, tanto mais se descubram os seus defeitos. Quanto mais crescerá o amor de uma alma para com Deus, se ela o tem sempre presente no seu pensamento? Sendo certo que o Senhor tanto mais manifesta a sua beleza e amabilidade, quanto mais com ele se conversa e trata! — A oração da manhã e da noite não basta para ter a alma sempre unida com Deus. Diz S. João Crisóstomo que a água embora ferva, quando depois se afasta do fogo, torna logo a frieza natural. É por isso que a alma depois da oração, precisa manter o fervor com a presença de Deus, renovando-lhe os seus afeitos.

S. Bernardo refere de si mesmo que, nos primeiros tempos de sua conversão, quando se achava inquieto e resfriado, bastava-lhe recordar-se de algum

santo personagem morto ou ausente, para recobrar logo a serenidade e o fervor no amor divino⁷⁹. Quanto não será mais vantajoso para uma alma que ama a Deus, lembrar-se que ele está perto dela e que lhe pede seu amor? — Dizia Davi que, só com a lembrança de seu Deus, ele se achava repleto de alegria e de consolação⁸⁰. Por mais aflita e desolada que esteja uma alma que ama a Deus, se ela se lembra de seu amado Senhor, não pode deixar de ser consolada. Por isso, as almas amantes de Deus vivem sempre com o coração tranqüilo e uma paz contínua. Em tudo o que lhes sucede e em tudo o que fazem buscam viver sempre e operar sempre à vista de Deus, a guisa da flor chamada girassol que anda sempre com a face voltada para o sol. Dizia S. Teresa que aquele que ama deveras, se recorda sempre do objeto amado⁸¹.

2. PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS.

8. — Vamos agora à prática deste excelente exercício da presença de Deus. Consiste ele parte na operação do espírito ou inteligência, e parte na operação da vontade. Pela primeira se considera que Deus está presente; e pela segunda, une-se a ela, fazendo atos de humildade, de adoração, de amor e outros semelhantes, dos quais falaremos aqui perto.

I. Pelo que respeita a oração do espírito, pode praticar-se a presença de Deus de quatro modos.

1. O primeiro consiste em figurar-nos que nosso divino Redentor nos acompanha e nos vê em todos

os lugares em que estamos. — Podemos no-lo representar ora em um mistério ora em outro, por exemplo: nós o veremos ora menino deitado no presépio de Belém, ora pobre desterrado fugindo para o Egipto; hoje simples operário trabalhando na oficina de Nazaré, amanhã condenado como criminoso em Jerusalém, flagelado, coroado de espinhos ou crucificado. — Sta. Teresa louvava muito este modo de considerar a presença de Deus. É preciso todavia observar que embora seja bom, não é porém o melhor e nem sempre é vantajoso por duas razões: primeiro, porque não é realmente conforme à verdade, visto que Jesus Cristo não está presente verdadeiramente como Deus e como homem, ao mesmo tempo, senão por ocasião e depois da comunhão, ou quando estamos diante do Santíssimo Sacramento. — Em segundo lugar, esse modo pode dar lugar à ilusões ou ao menos cansar e transtornar a cabeça, pelos esforços da fantasias exaltada. — Se, pois, alguém quiser servir-se dele, deve fazê-lo, com reserva, somente enquanto for útil, sem procurar com esforço representar ao espírito os próprios traços do nosso Salvador, o seu rosto, estatura, cor etc. Bastará representá-lo confusamente, como se estivesse a observar tudo o que fazemos.

9. — 2. O segundo modo, mais seguro e mais excelente, é fundado sobre a verdade. Consiste em olhar com os olhos da fé a Deus, que está presente em toda a parte, e nos rodeia, vendo e observando tudo o que fazemos. Que importa não o vermos com os olhos da carne? Não vemos também o ar, mas sabemos com certeza que por todos os lados, somos

circundados do ar e no meio dele estamos, pois sem ele não poderíamos respirar nem viver. Não vemos a Deus; mas a fé nos ensina que ele está sempre presente. Pois não é verdade, diz o Senhor, que eu encho com minha presença o céu e a terra?⁸²

Assim como uma esponja, no meio do mar, está, de toda a parte, cercada e penetrada de água, assim, nos diz o Apóstolo, vivemos em Deus, em Deus nos movemos, e em Deus existimos⁸³. — Este nosso Deus, diz Sto. Agostinho, está tão atento a observar todas as ações, palavras e pensamentos de cada um de nós, como se, descuidado de todas as outras criaturas, não tivesse que inspecionar senão a nós somente⁸⁴.

Além disso, não contente de ver o que fazemos, dizemos e pensamos, nota e escreve tudo, para nos pedir contas no dia de juízo e nos dar, em tempo próprio, o prêmio ou o castigo que merecermos.

Este segundo modo da divina presença não fadiga o espírito, pois que basta para exercitá-lo reavivar a fé por um consentimento afetuoso, dizendo interiormente: “Meu Deus, eu creio firmemente que estais aqui presente”. — A este pode-se acrescentar facilmente algum ato de amor, de resignação, de retidão, de intenção e outros.

10. — 3. O terceiro modo de conservar a lembrança da presença de Deus, é reconhecê-lo nas suas criaturas, que todas dele têm o ser e a força para nos servirem. Deus está na água para nos lavar, está no fogo para nos aquecer, no sol para nos iluminar, nos alimentos para nos nutrir, nas roupas para nos cobrir, e em todas as outras coisas que ele criou para

nossa utilidade. Quando vemos um belo objeto, como um belo jardim, uma bela flor, pensemos que ali brilha um pequeno raio da beleza infinita de Deus, que deu a existência a esse objeto.

Se tratamos com um homem santo e douto, consideremos que Deus é que lhe comunica uma parcela de sua santidade e sabedoria. Do mesmo modo, quando ouvirmos uma música agradável, quando sentirmos um bom odor, quando experimentarmos algum prazer na comida ou na bebida, afiguremo-nos que é Deus que, por sua presença, nos procura esses deleites, para deles nos elevarmos a aspirar as delícias eternas do paraíso.

11. — Acostumemo-nos, pois, a ver Deus presente em cada objeto, e façamos atos de agradecimento e de amor, considerando que, desde a eternidade, pensou em criar tantas formosas criaturas, para que `por elas nós o amássemos. Sto. Agostinho dizia: Aprende a amar na criatura o teu criador, sem dar o teu afeto ao que Deus fez, de modo que, te apegando à criatura, não percas aquele, pelo qual também foste criado⁸⁵. — É com efeito assim que praticava o santo doutor. A vista das criaturas elevava o seu coração a Deus, e ele exclamava com amor: Senhor, no céu e na terra, tudo me exorta a vos amar⁸⁶. Olhando o céu, as estrelas, os campos, as montanhas, parecia-lhe que tudo lhe dizia: Agostinho, ama a Deus, porque ele te criou somente para que o amasses.

O mesmo sucedia com Sta. Teresa. À vista dos campos, dos lagos, dos regatos, e de outros objetos agradáveis, ela imaginava que todas essas criaturas

lhes reprendiam sua ingratidão para com Deus. — Assim também Sta. Maria Madalena de Pazzi ficava arrebatada de amor divino, ao considerar uma bela flor uma deliciosa fruta, que tivesse na mão, e dizia consigo: É verdade! Meu Deus, desde a eternidade, pensou em criar esta flor, esta fruta por meu amor e para me dar um sinal do amor que me tem! — Conta-se também de S. Simão Salus, que, andando pelo campo, batia com o seu bastão nas flores e as ervas, dizendo-lhes: “Vamos, calai-vos. Basta, calai-vos. Vós me repreendeis de não amar a Deus que vos fez tão belas por meu amor, afim de me atrair a ele. Eu já vos ouvi. Basta. Não me repreendais mais. Calai-vos”.

12. — 4. Enfim, o quarto e o mais perfeito modo de manter a presença divina é considerar Deus dentro de nós. Não temos necessidade de subir ao céu para achar o nosso Deus; basta nos recolhermos e o acharemos em nós mesmos. Entreter-se com Deus na oração, como de longe, é um método que causa muitas distrações. — Sta. Teresa dizia: Eu nunca soube o que era fazer oração como se deve, senão depois que Deus me ensinou este modo de orar. Neste recolhimento dentro de mim, encontrei sempre grande proveito⁸⁷.

Para vir à prática, é preciso entender que Deus está em nós de um modo diverso do que nas outras criaturas. Em nós está como em seu templo, em sua casa, segundo escreveu o Apóstolo: Ignorais que sós o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?⁸⁸

É por que nosso divino Salvador disse que ele vem, com o Padre e o Espírito Santo, à alma que o ama, não para ai ficar só um instante, mas para morar sempre, e nela estabelecer a sua habitação perpétua: Se alguém me ama... meu Pai o amará e nós viremos a ele e nele fixaremos a nossa morada⁸⁹.

13. — Os reis da terra, embora possuam vastos palácios, têm todavia seus aposentos particulares, onde moram ordinariamente. Deus está em toda a parte. Sua presença enche o céu e a terra; mas ele habita de um modo particular nas nossas almas, onde prefere estar e passear com em outros tantos jardins que fazem suas delícias, segundo no-lo declara por boca do Apóstolo: Eu habitarei neles, caminharei no meio deles, e serei o seu Deus⁹⁰. — E ai quer ser amado e rogado por nós, porque está em nós todo cheio de amor e de bondade, para ouvir as nossas súplicas, para receber nossos carinhos, para nos defender, nos esclarecer, nos dirigir, nos comunicar seus dons, e para nos ajudar em tudo o que pode ser útil à nossa salvação eterna. Portanto, depois de reavivar a nossa fé, nesta verdade, procuremos muitas vezes nos aniquilar, à vista de tão grande majestade que se digna habitar em nós; e tratemos ao mesmo tempo de fazer atos de confiança, de oferecimento e de amor para com sua infinita bondade; rendamos-lhe graças por seus favores; regozijemo-nos de sua glória; peçamos-lhe conselho em nossas dúvidas, e nos julguemos sempre felizes de possuir este sumo bem dentro de nós, sem temer que nenhuma criatura no-lo possa arrebatara jamais ou que se afaste de nós, se o não banirmos voluntariamente.

14. — Tal era a pequena cela que Sta. Catarina de Senna tinha fabricado dentro de si mesma, e onde se conservava constantemente retirada, para ai se entreter em doces colóquios com Deus. Assim se desforrava da proibição recebida dos pais de se retirar à sua câmara para orar. Esta pequena cela foi mais vantajosa à santa, porque a faziam sair da sua câmara muitas vezes por dia, ao passo que nunca saia deste santuário interior, onde estava continuamente recolhida com Deus. — Pelo que Sta. Teresa, falando desta presença de Deus dentro de nós, dizia às suas religiosas: Aquelas que de tal modo puderem encerrar-se neste pequeno céu de sua alma, onde reside Aquele que o criou, eu creio que marcham por um excelente caminho; porque fazem grande viagem em pouco tempo⁹¹.

Em suma, é por este exercício da presença de Deus que os santos chegaram a adquirir o grande tesouro dos seus merecimentos. — Assim fazia o Profeta rei: procurava, dizia ele, ver sempre Deus presente em suas obras⁹². — O beato Henrique Suzo se applicou de tal sorte a este exercício, que fazia todas as suas ações, em presença de Deus; e por este meio, conversava continuamente com o Senhor com ternos afetos. — Do mesmo modo, Sta. Gertrudes se habituou tão bem a este exercício, que Nosso Senhor falando dela à Sta. Mechtilde, disse um dia: “Minha bem amada caminha sem cessar na minha presença; procura fazer sempre a minha vontade, e dirige todas as suas obras para minha glória⁹³. — É o que praticava também Sta. Teresa: em todas as suas occupações, não perdia de vista seu amado Senhor.

15. Se, pois, me perguntardes quantas vezes por dia vos deveis lembrar da presença de Deus, eu vos responderei, com S. Bernardo, que deveis fazê-lo a cada instante⁹⁴.

Como não há momento, em que não gozemos dos benefícios de Deus, nota o santo, assim não devemos passar um só sem nos lembrarmos dele e sem lhe testemunharmos nosso reconhecimento. — Se alguém soubesse que seu rei pensa sempre nele e na sua felicidade, embora nada lhe aproveitasse esse sentimento de benevolência não poderia esquecer um tão bom príncipe e o amaria do fundo do coração. Ora, é certo que vosso Deus está sempre pensando em vós, e não cessa de vos fazer bem, pelas luzes que vos envia, pelos socorros interiores, por visitas amorosas. Não seria uma ingratidão ficardes algum tempo esquecida de Deus? É pois um dever para nós, nos lembrarmos sem cessar, ou ao menos o mais possível, de sua divina presença.

Eis a advertência que o Senhor deu a Abraão: Procura caminhar sempre na minha presença e serás perfeito⁹⁵. — Tobias deu a mesma regra de conduta a seu filho: Meu filho, em toda a tua vida, tem sempre Deus diante dos olhos⁹⁶. — E S. Doroteu recomendou sobretudo este exercício da divina presença a S. Dositeu, seu discípulo que lhe perguntou o que devia fazer para se santificar: Pensai, lhe disse ele, que Deus está sempre perto de ti e te vê⁹⁷. — S. Doroteu refere que seu fiel discípulo seguiu tão bem este conselho que, em todas as suas ocupações e nas enfermidades extremas que teve de sofrer, nunca perdeu a Deus de vista. É assim que, de jovem soldado que

antes era entregue aos vícios, conseguiu, no espaço de cinco anos somente, chegar a um tal grau de perfeição, que depois de sua morte foi visto sentado no céu, na ordem dos mais santos anacoretas.

16. — O grande servo de Deus padre José de Anchieta que, pela prática da presença de Deus, chegou a levar uma vida muito perfeita, dizia que nada pode nos afastar deste exercício, a não ser a pouca atenção que lhe damos. — É por isso que o profeta Michéas nos dá este aviso: Ó homem, eu vou indicar-te o que é bom e o que o Senhor exige de ti. Ele quer que apliques tua atenção e todos os teus cuidados em fazer as tuas ações em sua presença⁹⁸. Quem assim procede, faz bem tudo. Pelo que escreveu S. Gregório Nazianzeno: Devemos lembrar-nos de Deus todas as vezes que respiramos⁹⁹. E acrescenta que, deste modo, faremos tudo bem. — Diz um outro pio autor que pode omitir-se a meditação, em algumas circunstâncias, como em tempo de doença ou de ocupação grave e urgente; ao passo que deve sempre praticar-se o exercício da presença de Deus, por meio de atos piedosos, de boa intenção, de oferecimento, e outros semelhantes, como depois diremos mais explicitamente.

17. — II. Até aqui temos falado da operação do espírito ou entendimento. Falemos agora da aplicação da vontade a este santo exercício da presença de Deus. Antes de tudo, é preciso notar que conserva-se sempre diante de Deus, com os olhos da alma sempre fixos nele, é a felicidade dos bem-aventurados. Entretanto, no estado presente, nesta vida, é moralmente impossível manter-se constante-

mente na presença de Deus, sem nenhuma interrupção. Por isso, devemos procurar conservá-la quanto for possível, não porém com uma solicitude inquieta e com esforços excessivos e indiscretos, senão com doçura e tranqüilidade.

Há três meios para tornar fácil a aplicação da vontade a este exercício.

1. O primeiro é elevar freqüentemente o nosso coração a Deus, por curtas mas fervorosas jaculatórias, ou ternos afetos para Deus presente. Isto pode-se praticar em todo o lugar e em todo o tempo, quando se caminha, quando se trabalha, quando se vai à refeição, ao recreio etc. Estes afetos podem ser atos de preferência, de desejo, de resignação, de oferecimento, de amor, de abnegação, de agradecimento, de súplica, de humildade, de confiança e outros semelhantes. Qualquer que seja a vossa ocupação, nada vos impede voltar-vos de tempos a tempos para Deus, e lhe dizer:

Meu Deus, eu quero só a vós, e nada mais;
Eu não desejo outra coisa, senão ser toda vossa;
Fazei de mim e de tudo o que me pertence, o que
vos agradar;
Eu me dou toda a vós;
Eu vos amo mais do que a mim mesma;
Eu só quero o que quiserdes;
Eu renuncio tudo por amor de vós;
Eu vos agradeço todas as graças, que me tendes
feito;
Ajudai-me. Tende piedade de mim;
Dai-me vosso santo amor.

Senhor, eu deveria estar agora no inferno!
 Eu me regozijo pela vossa felicidade;
 Eu quereria que todos vos amassem;
 Não permitais que eu me separe de vós;
 Eu confio inteiramente em vós;
 Quando vos poderei ver e amar face à face?
 Tudo o que eu soffro, e tudo o que faço, seja para
 vós;
 Seja feita à vossa vontade!

Os Padres antigos faziam grande caso destes curtos afetos ou preces, que são muito mais próprias para conservar a presença de Deus, do que as longas orações. — S. João Crisóstomo dizia que aquele que os repete muitas vezes, fecha a porta ao demônio, e o impede de vir molestá-lo com maus pensamentos¹⁰⁰.

18. — Há momentos em que se deve mais particularmente ter cuidado de reanimar a fé na presença de Deus. Primeiramente de manhã ao despertar, dizendo: Meu Deus, eu creio que estais e estareis presente em todos os lugares, em que eu hoje hei de estar. Protegei-me por toda a parte, e não permitais que eu vos ofenda diante dos vossos olhos. — Segundo, quando se começar cada oração, quer mental, quer vocal. Dizia o cardeal Caracciolo que, quando alguém se distrai na oração, é sinal que foi negligente em fazer bem o ato de fé na presença de Deus. — Terceiro, quando se sofre alguma tentação de impaciência ou de impureza, por exemplo: Se soffrerdes uma dor aguda, se receberdes uma afronta grave ou virdes algum objeto escandaloso; então, recordai-vos

logo da presença de Deus, e fortificai-vos pelo pensamento de que Deus vos vê. Assim fazia Davi para vencer as tentações, pois dizia: Eu terei sempre meus olhos voltados para o meu Deus, e ele me livrará das ciladas que me armam meus inimigos¹⁰¹. É preciso também agir do mesmo modo quando se houver de exercer um ato de virtude muito difícil. Assim fez a gloriosa Judite, que, tendo já levantado a espada e segurado os cabelos de Holofernes adormecido, antes de dar o golpe, dirigiu esta oração a Deus: Senhor, fortificai-me neste momento¹⁰². — Assim teve a coragem de cortar a cabeça do general inimigo.

19. — 2. O segundo modo de conservar a presença de Deus pelos atos da vontade, é renovar sempre, nas ocupações que podem distrair, a intenção de fazer tudo para agradar a Deus. Assim, no começo de cada negócio ou ação que fizerdes, quer trabalheis, quer vos alimenteis, quer descanséis ou repouseis, dizei: Senhor, eu não faço isto por minha satisfação mas somente para cumprir a vossa vontade.

No decurso da ação, procurai renovar a mesma intenção, dizendo: Meu Deus, seja tudo para vossa glória. — Deste modo, conserva-se bem a presença de Deus sem esforço do espírito, pois o mesmo desejo de lhe agradar é uma amorosa lembrança da sua presença. — É também útil determinar certos momentos ou certos sinais particulares, para recordar a divina presença, como quando o relógio dá horas, quando se vê o crucifixo, quando se sai da cela, ou quando se entra de novo. Há pessoas que costumam

colocar na sua câmara qualquer objeto destinado a este fim.

20. — 3. O terceiro meio é que, quando, durante o dia, vos acontecer ficardes distraída demais ou com o espírito demasiadamente preocupado com os trabalhos, peçais licença à superiora para ir ao menos alguns momentos ao coro ou à cela, para lá vos recolhêdes com Deus. — Se vosso corpo viesse a cair extenuado por um grande cansaço ou um jejum prolongado, procuraríeis algum alívio para poder continuar o vosso trabalho. Quanto mais deveis fazer a mesma coisa para a vossa alma, quando ela sentir que se lhe diminui o fervor e o amor divino, por ter ficado longo tempo em jejum, isto é, privada de oração e recolhimento? — Repito o que acima já referi, que dizia o padre Baltasar Alvares, que a alma, fora da oração, deve achar-se como um peixe fora da água, como que em um estado violento. É por isso que, depois de ter estado longo tempo nas ocupações exteriores e nas distrações, deve se ter o cuidado de ir, por assim dizer, tomar fôlego na solidão, recolhendo-se com Deus com afetos e orações. — A vida bem-aventurada no céu consiste em ver e amar a Deus; donde concluo que a felicidade de uma alma na terra consiste igualmente em amar a Deus e vê-lo, não face à face como no paraíso, mas por meio da fé, considerando-o sempre presente; o que a enche de respeito, de confiança e de amor ao sumo Bem.

Quem assim faz, começa, desde este vale de lágrimas, a gozar a vida dos bem-aventurados que sempre vêem a Deus¹⁰³. E por isso não podem deixar de amá-lo. E assim desprezará todas as coisas terre-

nas, sabendo que, fora de Deus, tudo é miséria e fumo; e começará, desde esta vida, a possuir aquele sumo Bem, que satisfaz os corações, mais do que todos os outros bens.

ORAÇÃO

Meu adorado Jesus, vós não recusastes dar-me todo o vosso sangue; e eu recusaria dar-vos todo o meu amor? Não, meu amado Redentor, eu me ofereço toda a vós! Aceitai-me, e disponde de mim, como vos aprouver. Mas, já que me destes o desejo de vosso puro amor, ensinai o que devo fazer, pois quero vos obedecer em tudo. Fazei que este coração, que, algum tempo, foi desgraçadamente privado de vosso amor, não ame de ora em diante e não busque senão a vós; fazei que nada queira fora do que quereis. Ai! houve tempo, em que para me satisfazer a mim mesma, desprezei a vossa vontade e tive a desgraça de me esquecer de vós. Fazei que, de hoje em diante, eu esqueça tudo e me esqueça de mim mesma, para não pensar senão em vos amar e vos agradar. Meu Deus, mais amável que todos os bens, quando me pesa de ter feito pouco caso de vós no passado! Senhor, perdoai-me e atraí-me toda para vós; não permitais que eu vos ame pouco, ou ame outra coisa, fora de vós. Em tudo espero da vossa bondade e por vossos méritos, ó meu Jesus!

E ponho toda a minha confiança em vossa intercessão, ó Maria, minha Rainha, minha Advogada e minha Mãe. Recomendai-me, por piedade, ao vosso Filho que em tudo vos ouve, e nada vos nega.

1. Perperam orat, quisquis, illo tantum tempore quo genua flectantur, orare consuevit. *Collat. 10, c. 14.*

2. Si vis salvus esse, fuge, tace et quiesce. *Vit. Patr. I. 3, n. 190.*

3. Silentium, et a strepitu quies, cogit caelestia meditari. *Ep. 78.*

4. Non in commotione Dominus. *III. Reg 19, 11.*

5. Erit... cultus justitiae silentium. *Is. 32, 17.*

6. In silentio et in spe erit fortitudo vestra. *Is. 30, 15.*

7. Cave a multiloquio; hoc emin sanctas cogitationes extinguit. *Doctr. 24.*

8. Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus. *Os. 2, 14.*

9. In multiloquio, non deerit peccatum. *Prov. 10, 19.*

10. Dico autem vobis, quoniam omne verbum otiosum, quod locuti, fuerint homines, reddent rationem de eo in die judicii. *Matth. 12, 36.*

11. Universitas iniquitatis. *Jac. 3, 6.*

12. Vir linguosus non dirigetur in terra. *Ps. 39, 12.*

13. Silent igitur paludes; homines non silebunt. *De Virg. I. 3.*

14. Omni tempore silentio debent studere monachi. *Reg. c. 42.*

15. Qui custodit os suum, custodit animam suam. *Prov. 13, 3.*

16. Si quis in verbo non offendit, hic perfectus est vir. *Jac. 3, 2.*

17. Tempus tacendi et tempus loquendi. *Eccli.* 3, 7.

18. Per silentium disci, quod postea proferatur.

19. Tunc solum loquendum est, quando plus proficit quam silentium. *IN Ps.* 140.

20. Aut tace, aut dic meliora silentio.

21. *Exercicio de perf. p. 2 tr. 2. c. 8.*

22. Me saepe poenituit dixisse, nunquam tacuisse. *Surius* 19 Jul.

23. Cum Deo, multis, cum hominibus paucis loquere. *Encom. in Ps.*

24. *Vid. c. 7.*

25. *Vid. c. 10, § 11.*

26. Verbis tuis facito stateram. *Eccli.* 28, 29.

27. Bis ad limam veniant verba, quam semel ad linguam. *Punct. perf.* 7.

28. *Spec. disc. p. 1, c. 31.*

29. Loquamur Dominum Jesum, ipsum semper loquamur. *In Ps.* 36.

30. Particula boni doni non te praetereat. *Eccli.* 14, 14.

31. O solitudo, in qua Deus cum suis familiariter loquitur ac conversatur!

32. Non in commotione Dominus. *III. Reg.* 19, 11.

33. Ducam eam in solitudinem et loquar ad cor ejus. *Os.* 2, 11.

34. Anima mea liquefacta est, ut locutus est dilectus. *Cant.* 5, 6.

35. *Ep. ad Hilar.*

36. *Epist.* 106.

37. Laetabitur deserta et invia et exultabit solitudo et florebit quasi liliū; germinans, germinabit...; ipsi

videbunt gloriam Domini et decorem Dei nostri. *Is. 35, 1.*

38. Evasimus semel; hactenus periculosus nos non inferarrus. *De Poenit. n. 7.*

39. Non enim habet amaritudinem conversatio illius, nec taedium convictus illius, sed laetitiam et gaudium. *Sap. 8, 16.*

40. Solitudo mihi paradisus est. *Ep. ad Rust.*

41. Nunquam minus solus quam cum solus. *De Vita sol. c. 4.*

42. Quasi tristes, semper autem gaudentes. *II. Cor. 6, 10.*

43. Consolabitur Dominus Sion; et consolabitur omnes ruinas ejus; et ponet desertum ejus quasi delicias, et solitudinem ejus quasi hortum Domini; gaudium et laetitia invenietur in ea, gratiarum actio, et vox laudis. *Is. 51, 5.*

44. Ecce elongavi fugiens et mansi in solitudine. *Ps. 54, 3.*

45. Hortus conclusus soror mea sponsa. *Cant. 4, 12.*

46. Hortus nescit esse, qui nescit esse conclusus. *In Cant. s. 35.*

47. Sede ergo solitarius; secede, non corpore, sed intentione. *In Cant. s. 40.*

48. Venite seorsum in desertum locum et requiescite pusillum. *Marc. 6, 31.*

49. Solitudo semper amanda est, tenenda vero non semper. *De Cast. Conn. c. 6.*

50. Quid proderit solitudo corporis, si solitudo defuerit cordis? *Mor. I. 30, c. 23.*

51. In plateis, in triviis suum pietas habet secretum. *Serm. 9.*

52. Quid mihi est in coelo? et a te quid volui super terram?... Deus cordis mei et pars mea Deus in aeternum. *Ps. 72, 25.*

53. *Avis. 36.*

54. Vacate, et videte quoniam ego sum Deus. *Ps. 45, 11.*

55. Cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et, clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito. *Matth. 6, 6.*

56. *Manual. c. 30.*

57. Sedebit solitarius, et tacebit, quia levavit super se. *Thren. 3, 28.*

58. Reddent rationem pro otioso silentio.

59. Solitudinem non facit esse solum. *In Ps. 140.*

60. Multam enim malitiam docuit otiositas. *Eccli. 33, 29.*

61. *De Prof. rel. l. 1, c. 39.*

62. Quaesivit lanam et linum, et operata est consilio manuum suarum. *Prov. 31, 13.*

63. Habeto lanam semper in manibus. *Ep. ad Demetr.*

64. Totus exterius laborabat, et totus interius Deo vacabat. *Lohner. Bibl. tit. 13, p. 2.*

65. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum. *Cant. 8, 6.*

66. Fili, ne in multis sint actus tui; et si dives fueris, non eris immunis a delicto. *Eccli. 11, 20.*

67. Si Dominum praesentem, et omnia videntem, semper cogitarem, aut, vix aut nunquam peccarem. *Opus. 58, c. 2.*

68. Memoria Dei excludit cuncta flagitia. *In Ezech. c. 22.*

69. Tanta in puero disciplina reverentiae, ut naturam vinceret. *De Virg. l. 3.*

70. *Cam. da perf. c. 29.*

71. Non est Deus in conspectu ejus; inquinatae sunt viae illius in omni tempore. *Ps. 9—10, 5.*

72. *Pallad. Hist. claustr. c. 98.*

73. Melius est mihi absque opere incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini. *Dan. 13, 26.*

74. *Metaphraste. Vit. S. Ephrem.*

75. Qui plasmasti me, miserere mei.

76. *Vit. Patr. l. 1.*

77. Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me. *Job. 17, 3.*

78. Si ita nos ipsos disposuerimus, nihil mali faciemus, nihil mali dicemus, nihil mali cogitabimus. *In Phil. hom. 8.*

79. Ad solam defuncti seu absentis memoriam, flabat spiritus et fluebant aquae. *In Cant. s. 14.*

80-. Memor fui Dei et delectatus sum. *Ps. 76, 4.*

81. *Fund. c. 5.*

82. Numquid non caelum et terram ego impleo? *Jer. 23, 24.*

83. In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus. *Act. 17, 23.*

84. *Solil. c. 14. — Conf. l. 3, c. 11.*

85. Disce amare in creatura creatorem, et in factura factorem, ne teneat te quod ab illo factum est, et amittas eum a quo et ipse factus es. *Enarr. in Ps. 39.*

86. Caelum et terra, et omnia quae in eis sunt, mihi dicunt ut te amem. *Conf. I. 10, c. 6.*

87. *Cam. da perf. c. 30.*

88. Nescitis quia templum Dei estis, et Spiritus Dei habitat in vobis? *I. Cor. 3, 16.*

89. Si quis diligit me... et Pater meus diliget eum, et ad eum veniemus et mansionem apud eum faciemus. *Joan. 14, 23.*

90. Inhabitabo in illis, et inambulabo inter eos, et ero illorum Deus. *II. Cor. 6, 16.*

91. *Cam. da perf. c. 29.*

92. Providebam Dominum in conspectu meo semper. *Ps. 15, 18.*

93. *Insin. I. 1, c. 12.*

94. *De Int. Domo. c. 27.*

95. Ambula coram me, et esto perfectus. *Gen. 17, 1.*

96. Omnibus autem diebus vitae tuae, in mente habeto Deum. *Tob. 4, 6.*

97. Dei tantum memor esto, eumque tibi praesentem considera. *Bolland. 23. Febr.*

98. Indicabo tibi, o homo, quid sit bonum, et quid Dominus requirat a te; utique... sollicitum ambulare cum Deo tuo. *Mich. 6, 8.*

99. Nec enim tam saepe spiritum ducere quam Dei meminisse debemus. *De Theol. orat. 1.*

100. Si crebris precationibus te ipsum accendas, non dabis occasionem diabolo, aut ullum ad tuas cogitationes aditum. *De Anna. hom. 4.*

101. Oculi mei semper ad Dominum; quoniam ipse evellet de laqueo pedes meos. *Ps. 24, 15.*

102. Confirma me, Domine Deus, in hac hora.
Judith. 13, 9.

103. Semper vident faciem Patris. *Matth. 10, 18.*

CAPÍTULO VI

DA LEITURA ESPIRITUAL.

1. Se a oração é útil para a vida espiritual, talvez não o seja menos a leitura dos livros de piedade. Segundo S. Bernardo, nós ai aprenderemos, ao mesmo tempo a fazer oração e a praticar as virtudes. Donde concluía que a leitura e a oração são armas com que se pode vencer o inferno e adquirir o paraíso¹. Nem sempre podemos ter junto de nós nosso padre espiritual, para nos ajudar com seus conselhos em todas as nossas ações, e especialmente em nossas dúvidas; mas a leitura supre tudo, nos fornece as luzes necessárias e nos ensina como havemos de proceder para evitar as ciladas do demônio e do nosso amor próprio, e para nos conformarmos com a vontade de Deus. — Dizia por isso Sto. Atanásio que não se verá ninguém que de propósito se aplique ao serviço de Deus, que não seja dado a leitura espiritual². — É por isso que todos os fundadores de ordens muito recomendaram este santo exercício aos seus religiosos. — S. Bento, entre outros, ordenou que cada um dos seus monges fizesse todos os dias a sua leitura, e que houvesse dois encarregados de ir visitar as celas, para verem se todos observavam esta regra; e quando se achava algum nisto negligente, queria que

fosse penitenciado. — Mas, antes de todos, o Apóstolo a impôs a seu discípulo Timóteo, dizendo-lhe: Aplica-te à leitura³.

Estas palavras são dignas de nota: Significam que, por mais ocupado que estivesse S. Timóteo nos seus trabalhos pastorais, como bispo, S. Paulo queria que se applicasse ainda a leitura dos livros santos, e isto não de passagem e por pouco tempo, mas aturadamente.

2. — Tanto é nociva a leitura dos livros maus, quanto proveitosa a dos bons. Assim como esta foi muitas vezes a causa da conversão dos pecadores, assim aquela não cessa de perverter uma multidão de moços inexperientes. — O Espírito de Deus é o primeiro autor dos livros de piedade, ao passo que o autor dos livros perniciosos é o espírito do demônio, que muitas vezes tem a arte de ocultar o veneno aos olhos de certas pessoas, sob o pretexto de que tais livros servem para aprenderem o modo de falar bem e conhecerem as coisas do mundo para seu bom governo, ou ao menos para passarem o sem enfado. — Para as religiosas sobretudo, eu digo que nada é mais pernicioso do que a leitura dos maus livros. E por maus livros eu entendo não só os proibidos pela Santa Sé que tratam de heresia e de matérias torpes, mas também todos o que versam sobre amores mundanos. Que piedade poderá ter uma religiosa que lê romances, comédias ou poesias profanas? Que recolhimento poderá ter na oração e na comunhão? Deverá essa tal chamar-se esposa de Jesus Cristo? ou antes uma má esposa do mundo? Pois que até as

jovens do século, que soem ler esses livros, raramente são boas seculares.

3. — Mas, dirá aquela, que mal fazem os romances e as poesias profanas, onde não há palavras imodestas? Vós perguntais que dano fazem? Ei-lo: inflamam a concupiscência, despertam sobretudo as paixões, as quais facilmente dominam a vontade, ou, ao menos, a enfraquecem de tal modo que, apresentando-se depois a ocasião de conceber alguma afeição desregrada, o demônio acha o coração já disposto para vencê-lo. — Notou um sábio autor: É pela leitura de tais livros perniciosos que a heresia fez e faz todos os dias tantos progressos; porque ela assim deu e dá mais força à libertinagem. O veneno desses livros entra pouco a pouco na alma; apodera-se primeiro do espírito, infecciona depois a vontade e acaba por dar a morte à alma. O demônio talvez não tenha meio mais eficaz e mais seguro para perder uma jovem, do que a leitura de tais livros envenenados. Oh que assolação não fará esse veneno, se acaso se introduzir em uma comunidade? Bastará um só livro mau desta espécie para arruiná-la! — Esposa bendita do Senhor, se vos acontecer ter nas mãos um livro semelhante, lançai-o imediatamente no fogo; digo no fogo, para não aparecer mais. Se fordes superiora, empregai todos os esforços possíveis, para extirpar e afastar essa peste do convento sob pena de dar contas severas a Deus, nosso Senhor.

4. — Adverti, além disso, que certos livros não serão maus por si mesmos, mas serão inúteis para o vosso proveito espiritual. Esses serão também nocivos para vós, porque vos farão perder o tempo que

podereis empregar em ocupações proveitosas para a alma. — Eis que S. Jerônimo escreveu na sua discípula Sta. Eustochia, para instruí-la: Na sua solidão de Belém, ele apreciava e lia muitas vezes os livros de Cícero; e, ao contrário, tinha certo honor aos livros sagrados, pelo estilo inculto que achava nestes. Sobreveio-lhe uma enfermidade grave, na qual se viu transportado e apresentado ao tribunal de Jesus Cristo. Então o Senhor lhe perguntou: *Quem és?* — Ele respondeu: *Eu sou cristão.* — *Mentes*, replicou o Juiz; *tu és cristão? Não. Tu és ciceroniano e não cristão.* — E ordenou que imediatamente fosse flagelado. O santo logo prometeu emendar-se, e, voltando a si, achou as espáduas lívidas e contundidas, em consequência do castigo recebido durante a visão. Desde este momento, deixou as obras de Cícero e entregou-se à leitura dos livros sagrados. — É verdade que alguns autores profanos às vezes apresentam algum pensamento útil à vida espiritual; mas o mesmo S. Jerônimo, escrevendo a uma outra sua discípula, faz esta sábia reflexão: Que necessidade tens de procurar um pouco de ouro no meio da lama, quando podes ter livros de piedade onde acharás ouro puro, sem mistura de lama?⁴

As obras de teologia moral são também livros ordinariamente inúteis e algumas vezes mesmo nocivos para as religiosas, porque podem facilmente perturbar-lhes a consciência, ou ensinar-lhes o que lhes seria mais vantajoso ignorar. Igualmente, a leitura dos livros de teologia mística pode ser nociva a algumas, que presumam ter pretensões à oração sobrenatural: para consegui-lo, deixariam a costumada

oração ordinária, que consiste na meditação e nos afetos, e desta arte ficariam privadas de ambas; pois ninguém se deve elevar à contemplação, se Deus a não leva a tal manifestamente. — É por isso que Sta. Teresa apareceu, depois de sua morte, a uma de suas filhas e ordenou que as superiores proibissem às religiosas ler o que ela escreveu sobre as visões e revelações; e acrescentou que ela se tinha santificado pelo exercício das virtudes e não com as visões e revelações.

5. — Voltemos ao nosso assunto, e consideremos os felizes efeitos que produz em nós a leitura dos bons livros.

Primeiramente, se a leitura dos maus livros, como dissemos, nos enche de sentimentos mundanos e perniciosos, a dos bons livros, ao contrário, nos sugere bons pensamentos e santos desejos. Quando uma religiosa passa parte considerável do dia a ler livros curiosos e profanos, que lhe abarrotam o espírito com uma multidão de idéias mundanas e afetos terrenos, como pode recolher-se, ocupar-se de pensamentos piedosos, conservar-se na presença de Deus e produzir freqüentes atos de virtudes? — O moinho mói o grão que recebe. Se recebe mau grão, como poderá dar boa farinha? — Depois de ter empregado um bom espaço de tempo em ler algum livro curioso, vá uma religiosa à oração, à comunhão; em vez de pensar em Deus e de fazer atos de amor e de confiança, estará toda distraída; por que a lembrança de todas as vaidades que leu, se apresentará ao seu espírito. — Ao contrário, aquela que nutre seu espírito com coisas edificantes, tais como as máximas espirituais e

os exemplos dos santos, não só no tempo da oração, mas ainda fora dela, será sempre acompanhada de santos pensamentos e se conservará quase sempre unida a Deus. — S. Bernardo nos faz compreender bem esta verdade, por uma outra comparação, ao explicar as palavras do divino Mestre: Procurai e achareis⁵. — Procurai pela leitura dos livros de piedade, diz ele, e achareis na meditação, o que houverdes buscado; porque a leitura nos põe na boca a nutrição espiritual, que digerimos depois na meditação⁶.

6. — Em segundo lugar, a alma que se nutre de santos pensamentos na leitura, tem mais força para repelir as tentações interiores. — Eis o conselho que dava S. Jerônimo à Salvina, sua discípula: Procura ter sempre à mão algum bom livro, afim de que te sirva de escudo para te defender dos maus pensamentos⁷.

Em terceiro lugar, a leitura espiritual nos ajuda a descobrir as maculas de nossa alma e a fazê-las desaparecer. O mesmo S. Jerônimo em sua carta a Demetriades, lhe recomenda o uso da leitura espiritual como de um espelho⁸. Queria dizer que, assim como o espelho nos mostra as manchas que temos no rosto, assim os bons livros nos fazem conhecer as faltas que mancham a nossa consciência. — Falando da leitura espiritual, S. Gregório diz: Nela podemos contar nossas perdas e nossos adiantamentos de espírito: nela observamos o atraso ou proveito que temos adquirido no caminho de Deus⁹.

Em quarto lugar, na leitura dos livros santos, recebem-se muitas luzes e inspirações divinas. — Dizia S. Jerônimo que na oração nos falamos a Deus, mas

na leitura é Deus que nos fala¹⁰. O mesmo dizia Sto. Ambrósio: Quando oramos, Deus escuta as nossas preces; mas quando lemos, escutamos a voz de Deus¹¹. — Como já vos disse, não podemos ter sempre, perto de nós, nosso padre espiritual, nem ouvir os santos pregadores que nos dirigem e nos comunicam as luzes necessárias para caminhar bem no caminho do Senhor: Os bons livros suprem suas instruções. — Sto. Agostinho diz que eles são outras tantas cartas que o Senhor tem em sua bondade nos envia, para nos advertir dos perigos que corremos, nos ensinar os caminhos da salvação, nos animar a sofrer as adversidades, nos esclarecer e inflamar de seu divino amor. Quem pois deseja salvar-se e adquirir o amor divino, deve ter freqüentemente estas cartas do paraíso.

7. — Quantos santos, pela leitura de algum bom livro, se decidiram a deixar o mundo e se entregar a Deus! É sabido que Sto. Agostinho estava miseravelmente encadeado por suas paixões e vícios, e, com a leitura de uma Epístola de S. Paulo, foi iluminado pela divina luz, saiu das suas trevas e começou a se santificar. — O mesmo sucedeu a Sto. Inácio de Loyola. Era soldado e estava preso no leito por uma grave enfermidade. Para se desenfastiar pôs-se a ler as vidas dos santos em um livro que tomou ao acaso. Isto foi bastante para se determinar a começar uma vida santa; e eis como veio a ser o pai e fundador da Companhia de Jesus, que tanto bem tem feito à Igreja. — Assim também S. João Colombini, lendo quase contrariado um livro de piedade, resolveu a deixar o mundo, se santificou e fundou também um instituto

religioso. — Eis ainda o que conta Sto. Agostinho: Dois cortesãos do Imperador Teodosio entram um dia em um mosteiro. Um deles se põe a ler por acaso a vida de Sto. Antão abade, que encontra em uma cela, e logo se sente tão penetrado de santos pensamentos, que toma a resolução de renunciar o mundo. Depois, fala com tanto ardor ao seu companheiro, que o persuade a ficar com ele no mosteiro para se consagrarem ao serviço de Deus. — Lê-se também na crônica dos Carmelitas descalços que uma senhora de Viena se tinha preparado para ir uma tarde a um festim. Não se realizando porém este, ela tomou para distrair a sua cólera, um livro de piedade com que deparou, e nele aprendeu tão bem o desprezo do mundo, que o abandonou com suas vaidades e se fez carmelita da reforma de Sta. Teresa. — O mesmo aconteceu à duquesa de Montalto, na Sicília, a qual, também por acaso, se pôs, um dia, a ler as obras de Sta. Teresa; e tanta impressão lhe causaram que obteve o consentimento de seu marido e entrou na ordem das Carmelitas descalças.

8. — A leitura dos livros espirituais foi útil aos santos, não só no começo de sua conversão, mas também durante toda a sua vida, para se manterem e aproveitarem cada vez mais no caminho da perfeição. — O glorioso S. Domingos beijava ternamente seus livros de piedade e os apertava com amor ao seu coração, dizendo: “Estes livros me dão o leite que me nutre”. — E como poderiam os anacoretas passar tantos anos a viver no deserto, longe de todo o comércio com os homens, se não tivessem a prática da oração e o uso dos livros espirituais? — O

grande servo de Deus Tomas a Kempis não podia gozar de mais doce consolação, do que estar em um canto de sua cela a ler um livro que lhe falasse de Deus. — O mesmo se dava com o venerável padre Vicente Carafa, já citado em outro lugar: assegurava que não podia aspirar maior felicidade neste mundo, do que passar a sua vida em uma pequena gruta, com um pedaço de pão e um livro de piedade. — S. Filipe Nery empregava todas as horas de que podia dispor, em ler livros espirituais, e particularmente as vidas dos santos.

9. — Se me perguntardes agora que livro seria preferível para vós, que sois religiosa, eu vos aconselho antes de tudo que procureis ter aqueles em que vossa alma acha mais devoção e dos quais mais vos aproveitastes para ter união com Deus. Tais podem ser as obras de S. Francisco de Sales, de Sta. Teresa, de Luiz de Granada, de Rodrigues, de Saint-Jure, de Nieremberg, de Pinamonti, e outros semelhantes, especialmente os Avisos aos Religiosos pelos Padres de S. Mauro e o Diretório ascético do Pe. Scaramelli, obra moderna, mas muito doutra e devota. — De resto, geralmente falando, eu vos aconselho a deixar os livros difíceis, e escolher os que são devotos e fáceis. Procurai ler as matérias que sabeis serem mais úteis para a vossa perfeição. Lede muitas vezes, entre outros, as vidas dos santos e principalmente das santas e santos que foram religiosos, como de Sta. Teresa, de Sta. Maria Madalena de Pazzi, de Sta. Catarina de Senna, de Sta. Joana de Chantal, da Venerável Sór Francisca Farnese, da Venerável Sór Serafina de Capri, de S. Pedro de Alcântara, de S. João da Cruz,

de S. Francisco de Borgia, de S. Luiz Gonzaga, e outros. Lede também freqüentemente as vidas dos santos mártires, principalmente de tantas santas virgens que deram a vida por Jesus Cristo. Para este fim podeis adquirir as vidas dos santos publicadas pelo padre Croiset, as quais se vendem em três volumes separados da sua obra grande dos Exercícios de Piedade.

Oh! como é vantajoso ler as vidas dos santos! Nos livros de instrução sobre as virtudes, vê-se o que se deve fazer, mas nas vidas dos santos se mostra o que fizeram tantos homens e tantas mulheres que eram da mesma carne que nós. Seu exemplo se outra utilidade não nos trouxesse, ao menos nos faria humilhar e prostrar com a face em terra. Quando lemos as grandes coisas que fizeram os santos, de certo nos envergonhamos do pouco que fizemos e fazemos por Deus.

10. — Falando de si mesmo, dizia Sto. Agostinho: Meu Deus, a consideração dos exemplos dos vossos servos consumia a minha tibieza e me inflamava de amor para convosco¹². — S. Boaventura escreveu também de S. Francisco, que, quando ele pensava nos santos e em suas virtudes, se sentia tão abrasado de novo amor de Deus, como se estivesse em contato com outras tantas pedras encandecidas¹³.

S. Gregório conta que havia em Roma um pobre chamado Sérvulo, que era enfermo e tinha necessidade de mendigar para viver. Das esmolas que recebia dava uma parte aos outros pobres como ele, e com outra parte comprava também alguns livros devotos. Não lia, mas os fazia ler por outros a quem da-

va hospedagem nos aposentos em que dormia. Deste modo, diz S. Gregório, Sérvulo adquiriu uma grande paciência e, ao mesmo tempo, uma admirável ciência das coisas divinas. Quando chegou o tempo de morrer, pediu a seus amigos que continuassem a sua cara leitura; mas, antes de expirar, os interrompe, dizendo: “Calai-vos, calai-vos. Não ouvis como todo o paraíso ressoa em cânticos e harmonias?”. E, dizendo estas palavras, terminou docemente a vida. Apenas expirou, um odor celeste se espalhou pelo quarto, e provou a santidade do mendigo que partiu deste mundo pobre dos bens materiais, mas rico de virtudes e merecimentos¹⁴.

11. — Eis o que se deve observar para tirar muito fruto da leitura espiritual:

Primeiramente, antes de começar, é preciso recomendar-se a Deus, a fim de ser esclarecido por sua luz nas coisas que se vão ler. Já ficou dito, que, na leitura espiritual, é o Senhor que se digna de nos falar. Devemos, pois, ao pegar no livro fazer esta prece: Falai, Senhor, que vosso servo nos ouve¹⁵. Fazei-me conhecer a vossa vontade, pois quero vos obedecer em tudo.

Em segundo lugar, é preciso ler unicamente para avançar no amor divino, e não para se instruir nem para satisfazer a sua curiosidade. Ler para se instruir, é fazer, não uma leitura espiritual, mas um estudo inútil nesse momento para a alma. O mal é maior quando se lê por curiosidade. Ler para se instruir, é fazer, não uma leitura espiritual, mas um estudo inútil nesse momento para a alma. O mal é maior quando se lê por curiosidade, como fazem algumas religio-

sas, que devoram os livros, sem pensar em outra coisa que em percorrê-los depressa para contentar a sua curiosidade. Que proveito esperam elas de tais leituras? Todo o tempo que empregam nelas, é tempo perdido. — S. Gregório dizia: Muitos lêem, e lêem muito; mas, depois da leitura, se acham em jejum, como se nada houvessem lido, porque o fizeram somente por curiosidade¹⁶. — Disto justamente o Santo censura o médico Teodoro, que lia os livros sagrados, percorrendo-os com vista rápida e sem fruto.

12. — Em terceiro lugar atenda-se que para aproveitar a leitura espiritual, é preciso ler pausadamente e com reflexão. — Sto. Agostinho dizia: Nutre a tua alma com as leituras divinas¹⁷. Ora para nutrir-se bem, não é bastante devorar os alimentos, mas é preciso mastigá-los bem.

Adverta-se, portanto, que para tirar bastante fruto das boas leituras, é preciso ruminar, isto é ponderar bem o que se lê, aplicando a si mesmo as resoluções práticas que se insinuam. — Sto. Efrem aconselha que se torne a ler o que fez mais impressão¹⁸.

Além disso, quando, na leitura de um ensinamento ou de um exemplo que penetra o coração, se recebe alguma luz especial, é muito útil parar um pouco e elevar o espírito a Deus, tomando alguma boa resolução, ou fazendo algum bom ato interior ou alguma prece fervorosa. — Dizia S. Bernardo: A oração interrompa a leitura¹⁹. Nesse caso, pois, deixe-se a leitura para se entregar à oração, enquanto durar o sentimento vivo que fez impressão. — Façamos sempre assim, à exemplo da abelha, que não passa de uma

flor a outra, senão depois de ter recolhido todo o mel que ai encontra.

Pouco importa que, em tal caso, se esgote de todo o tempo, determinado para a leitura, porque, assim, é empregado de uma maneira mais útil para o nosso bem espiritual: a leitura de uma só linha, às vezes, nos é mais proveitosa, do que a de uma página inteira.

É preciso, enfim, ao terminar a leitura, escolher algum sentimento mais piedoso que se tenha tirado dela, e levá-lo consigo, como se faz com uma flor de um jardim, onde se tenha estado a recrear-se.

ORAÇÃO

Senhor, eu vos agradeço todos os socorros e todas as luzes que me destes, para me santificar e me unir a vós mais e mais. Quando virá o dia em que me possa ver livre de todos os afetos terrenos, e inteiramente unida ao vosso coração tão cheio de ternura para com minha alma? Eu espero tudo isto da vossa misericórdia infinita. Meu Jesus, eu não poderia resistir mais ao vosso amor, não quero mais ser ingrata para convosco, como fui pelo passado. Senhor, dai-me um coração novo, que só cuide em vos agradar²⁰. O desejo que me inspirais, faz esperar a graça que vos peço.

Meu Deus, eu creio em vós, e daria mil vezes a vida para vos ser fiel. Espero em vós pelos merecimentos de Jesus Cristo, sem os quais estaria perdida. Ó sumo bem, eu vos amo, e por vosso amor renuncio tudo, e abraço todas as penas, todas as cru-

zes que quiserdes me enviar. Eu vos ofendi, mas disso tenho mais pesar, do que se tivesse experimentado todas as desgraças. Agora nada mais desejo, senão a vossa graça e o vosso amor. Meu Deus, ajudai-me, tende piedade de mim.

Vós também, ó Virgem santa, socorrei-me por vossas preces, que obtém de Deus tudo o que pedem. Minha Mãe, recomendai-me ao vosso Filho, não vos esqueçais de mim.

1. Lectio nos ad orationem instruit et ad operationem. Lectio et oratio sunt arma, quibus diabolus expugnatur, beatitudo acquiritur. *De modo bene viv. c. 50.*

2. Sine legendi studio, neminem ad Deum intentum videas.

3. Attende lectioni. *I. Tim. 4, 13.*

4. Non necesse habes aurum in luto querere. *Ep. ad Furiam.*

5. Quaerite et invenietis. *Matth. 7, 7.*

6. Quaerite legendo et invenietis meditando; lectio quasi cibum ori apponit, meditatio masticat. *Scal. claut. c. 2.*

7. Semper in manibus tuis sit divina lectio, ut omnes cogitationum sagittae hujusmodi clypeo repellantur.

8. Lectionem adhibeas speculi vice.

9. Ibi foeda, ibi pulchra nostra cognoscimus; ibi sentimus quantum proficimus. *Mor. l. 2, c. 1.*

10. Oras; loqueris ad Sponsum. Legis; ille tibi loquitur. *Ep. ad Eustoch.*

11. Illum alloquimur, cum oramus; illum audimus, cum legimus. *De off. l. 1, c. 2.*

12. Exempla servorum tuorum, congesta in sinum cogitationis nostrae. urebant et absumebant gravem torporem, et accendebant nos valide. *Conf. l. 9, c. 2.*

13. Ex recordatione Sanctorum, tanquam lapidum ignitorum, in deificum recalescebat incendium. *Vit. S. Franc. c. 9.*

14. *S. Greg. In Evang. hom. 15.*

15. Loquere, Domine, quia audit servus tuus. *l. Reg. 3, 9.*

16. Multi legunt, et ab ipsa lectione jejuni sunt. *In Ezech. h. 10.*

17. Nutri animam tuam lectionibus divinis.

18. Non pigeat saepius eundem repetere versum. *De Potient. et Cons. saec.*

19. Oratio lectionem interrumpat. *De Vita sol. c. 10.*

20. Cor mundum crea in me Deus.

CAPÍTULO VII

DA FREQUÊNCIA DOS SACRAMENTOS.

I. Da confissão.

1. — Não falamos aqui das confissões das pessoas incursas em pecados mortais. Entretanto não deixaremos de dar muitos avisos concernentes às ocasiões próximas e às confissões sacrílegas. Mas queremos falar principalmente das confissões das almas timoratas, que amam a perfeição e procuram purificar-se cada vez mais das manchas dos pecados veniais.

UTILIDADE DA CONFISSÃO FREQUENTE.

Refere Cesário que um santo sacerdote mandou da parte de Deus a um demônio que lhe tinha aparecido, lhe dissesse o que mais o maltratava; e o inimigo lhe respondeu que nada o contrariava nem o desgostava tanto, como a confissão freqüente. — Mas ouçamos o que Jesus Cristo disse a Sta. Brígida: Aquele que quer conservar o fervor, deve purificar-se freqüentemente com a confissão na qual se acuse de todos os seus defeitos e negligências em servir-me¹. — Cassiano ensina que a alma que aspira à perfeição, deve cuidar de ter uma grande pureza de consciência, porque assim é que se adquire o perfeito amor de Deus, que não se dá senão às almas puras;

de sorte que o divino amor corresponde à pureza do coração². — É preciso, porém entender que nos homens, segundo o estado presente, esta pureza não consiste em uma isenção absoluta de toda a falta; porque, exceto nosso divino Salvador e sua divina Mãe, não houve nem haverá no mundo nenhuma alma sem suas manchas. dos nós nascemos em pecado e caímos em muitas faltas, diz S. Tiago³. — Consiste em duas coisas, que são velar atentamente para que não entre no coração nenhuma falta deliberada, por leve que seja, e ter cuidado de purificar-se imediatamente de qualquer falta que nele possa ter entrado.

2. — Estes são justamente os dois bons efeitos que produz a confissão freqüente.

Primeiramente, pela confissão freqüente, uma pessoa se purifica das manchas contraídas. — A este propósito, narra S. João Clímaco que um jovem, desejando corrigir-se da má vida, que levava no século, foi-se fazer religioso em certo mosteiro. Antes de recebê-lo, o abade quis prová-lo; e lhe disse que, se queria ser admitido, fosse confessar em público todos os seus pecados. Deveras resolvido a se entregar inteiramente a Deus, o jovem obedeceu; mas, enquanto expunha suas faltas diante da comunidade, um santo religioso que fazia parte desta, viu um homem de aspecto venerando, que a medida que o moço ia declarando seus pecados, os apagava de um papel que tinha na mão, onde estavam escritos; de sorte que, acabada a confissão, todos estavam apagados⁴. — O que, neste caso, aconteceu visivelmen-

te, sucede invisivelmente toda a vez que um se confessa com as devidas disposições.

3. — A confissão, porém, além de purificar a alma de suas máculas, dá-lhe também força para não recair. — Segundo o doutor angélico, a virtude da penitência faz que a falta cometida seja destruída e também que não volte mais. — A tal propósito S. Bernardo refere um fato da vida de S. Malaquias. Uma mulher tinha o hábito de se impacientar e de se irritar a tal ponto que se tornara insuportável. S. Malaquias, ouvindo dela mesma que nunca se houvera confessado de tais impaciências, excitou-a a fazer uma confissão exata dessas faltas. Depois disto, tornou-se tão paciente e tão branda, que parecia incapaz de se enfadar por qualquer trabalho ou mau trato que a importunasse.

É por isso que muitos santos, para adquirirem a pureza de consciência, costumavam confessar-se todos os dias. Assim praticavam Sta. Catarina de Senna, Sta. Brígida, a Beata Collecta, e também S. Carlos Borromeo, Sto. Inácio de Loiola e muitos outros. S. Francisco de Borgia não se contentava com uma só vez, confessava-se duas vezes por dia. — Se os homens do mundo tem horror de aparecer com uma mancha no rosto diante de seus amigos, que se há de estranhar que as almas amigas de Deus procurem purificar-se cada vez mais, para se tornarem cada vez mais agradáveis aos olhos de Nosso Senhor. — De resto, não pretendemos aqui obrigar as religiosas que freqüentam a comunhão, a confessar-se toda a vez que comungam. Entretanto é conveniente que se confessem duas vezes ou ao menos uma vez por

semana, e além disso quando houverem cometido alguma culpa com advertência.

DO EXAME, DA DOR OU CONTRIÇÃO E DO BOM PROPÓSITO.

4. — Sabe-se que, para fazer uma boa confissão, três coisas se requerem: O exame de consciência, a dor de ter pecado, e o propósito de se corrigir.

1. Quanto ao exame, aos que freqüentam os sacramentos, não é necessário que quebrem a cabeça em indagar todos os pormenores das faltas veniais. É preferível que se apliquem mais a descobrir as causas e raízes de seus apegos e de suas negligências. Digo isto para as religiosas que vão se confessar, com a cabeça cheia de coisas ouvidas na grade, e não fazem outra coisa que repetir, de cada vez, a recitação das mesmas faltas, como uma cantilena, sem arrependimento e sem propósito de emenda.

Para as almas espirituais, que se confessam amiúde e tem cuidado de evitar os pecados veniais deliberados, o exame não exige muito tempo; pois não têm necessidade de indagar sobre as faltas graves, porque se a sua consciência estivesse sobrecarregada de um só pecado mortal, este se daria logo a conhecer por si mesmo. Quanto aos pecados veniais, se fosse plenamente voluntários, se manifestariam também de um modo sensível de pena que causariam; aliás não há obrigação de confessar todas as faltas leves que se tem na consciência, e por consequente também não há obrigação de fazer um exame

exato e menos ainda de escutar o número e circunstâncias, ou se recordar como e porque se cometeram. Basta declarar as faltas leves que pesam mais e são mais opostas a perfeição, e acusar as outras em termos gerais. — Quando não há matéria certa depois da confissão última, diga-se algum pecado da vida passada, de que se tenha mais dor, por exemplo: Eu me acuso especialmente de todas as culpas cometidas no passado contra a caridade, a pureza ou a obediência. — É bastante consolador o que sobre este ponto escreve S. Francisco de Sales: “Não vos inquieteis, se não vos lembrardes de todas as vossas faltinhas para confessá-las; porque assim como muitas vezes cais sem advertência, assim também muitas vezes vos levantareis sem percebê-lo⁵; a saber, pelos atos de amor ou outros atos bons que as almas devotas soem fazer.

5. — II. É necessária, em segundo lugar, *a dor ou contrição*, e é o que se requer principalmente para obter a remissão dos pecados. As confissões mais longas não são as melhores, mas as em que há mais dor. O sinal de uma boa confissão, diz S. Gregório, não se acha no grande número de palavras do penitente, mas no arrependimento que demonstra⁶. — De resto, as religiosas que se confessam amiúde e tem horror até as culpas veniais, desfazem as dúvidas se tem ou não verdadeira contrição. Quereriam, cada vez que se confessam, ter lágrimas de enternecimento; e como apesar dos seus esforços e de toda a violência que fazem, não podem tê-las, estão sempre inquietas sobre suas confissões. É preciso que se persuadam que a verdadeira dor não está em senti-la

mas em querê-la. Todo o mérito das virtudes está na vontade. É por isso que Gerson, falando da fé, assegura que aquele que quer crer, algumas vezes tem mais mérito do que aquele que crê⁷. — Mas S. Tomás ensinou a mesma coisa antes dele, falando precisamente da contrição. Diz ele que a dor essencial, necessária para a confissão, é a detestação do pecado cometido, e que esta dor não está na parte sensitiva, mas na vontade; visto que a dor sensível é um efeito do desprazer da vontade o que nem sempre está em nosso poder, porque a parte inferior nem sempre segue a parte superior⁸. Assim, pois, toda a vez que, na vontade, a displicência da culpa cometida é acima de todos os males, a confissão é boa.

6. — Abstende-vos, portanto, de fazer esforços para sentir a dor. — Falando dos atos internos, sabei que os melhores são os que se fazem com menor violência e maior suavidade, visto que o Espírito Santo ordena tudo com doçura e tranqüilidade⁹. Pelo que, o santo rei Ezequias, falando do arrependimento que tinha de seus pecados, dizia sentir deles dor muito amarga mas em paz¹⁰.

Quando quiserdes receber a absolvição, fazei assim: No aparelhar-vos para a confissão, começai por pedir a Jesus Cristo e a Virgem das Dores uma verdadeira dor de vossos pecados; em seguida fazei brevemente o exame, como acima dissemos; e depois, para a contrição, basta que façais um ato como este: “Meu Deus, eu vos amo acima de todas as coisas; espero, pelos merecimentos do sangue de Jesus Cristo, o perdão de todos os meus pecados, dos quais me arrependo de todo o coração, por ter ofen-

dido e desgostado a vossa infinita bondade, e os aborreço mais do que todos os males; e uno este meu aborrecimento ao aborrecimento que deles teve o meu Jesus no horto de Getsêmani. Proponho não vos ofender mais, com a vossa graça”.

Uma vez que tenhais querido pronunciar este ato com sinceridade, ide tranqüilamente receber a absolvição, sem temor e sem escrúpulo. — Sta. Teresa para tirar as angústias a este respeito, dava um outro bom sinal de contrição: “Vede, dizia ela, se tendes um verdadeiro propósito de não cometer mais os pecados que ides confessar. Se tendes este propósito, não duvideis de ter também a verdadeira dor”.

7. — III. É necessário enfim o *bom propósito*. O propósito exigido para a confissão, para ser bom, deve ser *firme, universal e eficaz*.

Primeiramente, deve ser *firme*. Há alguns que dizem: eu não quereria cometer mais este pecado; eu não quereria mais ofender a Deus. — Mas ai! este *eu quereria* denota que o propósito não é *firme*. Para que o seja, é necessário dizer com vontade resoluta: Não quero mais ofender a Deus deliberadamente.

Em segundo lugar, deve ser *universal*, isto é, deve o penitente propor-se a evitar todos os pecados sem exceção. Isto, porém, só se entende dos pecados mortais. Quanto aos pecados veniais, basta, para o valor do sacramento, que o arrependimento e o propósito recaiam sobre uma só espécie de pecado; mas as pessoas mais espirituais devem propor se evitar todos os pecados veniais deliberados; e quanto aos indeliberados, visto que é impossível evitá-los

todos, basta que se proponham fazê-lo quanto for possível.

Em terceiro lugar, deve ser *eficaz*, isto é, capaz de determinar o penitente a empregar os meios necessários para não cometer mais as faltas de que se acusa, e especialmente a fugir das ocasiões próximas de recair. Por ocasião próxima se entende aquela em que a pessoa caiu muitas vezes em pecados graves, ou, sem justa causa, induziu outros a caírem. Neste caso não basta propor-se somente evitar o pecado, mas é necessário também propor tirar a ocasião, aliás as suas confissões serão todas nulas, embora receba mil absolvições; pois não querer remover a ocasião próxima de pecado grave já é por si culpa grave. E assim como temos demonstrado na nossa obra de teologia moral¹¹, quem recebe a absolvição sem o propósito de tirar a ocasião próxima, comete um novo pecado mortal de sacrilégio.

8. Dir-me-ão talvez: Se eu despeço, aquela pessoa, se rompo as relações familiares com aquela irmã, será um escândalo e se falará em todo o mosteiro. — Respondo: Minha irmã, não dizeis bem: na verdade, antes haverá escândalo, se não afastardes essa ocasião; porque todas as religiosas conhecem a amizade particular que entretendes; e, ainda que não falem em vossa presença, tende por certo que já pensam e dizem entre si tudo o que existe. — Dirão ainda: Despedir tal pessoa é incivilidade e até ingratição, porque me ajuda, me serve e me socorre. — Tal pessoa vos ajuda? mas em que? a vos afastar de Deus, a levar uma vida desgraçada neste mundo e a vos preparar outra ainda mais desgraçada no outro.

— É uma incivilidade, uma ingratidão? Nós devemos praticar a civilidade e a gratidão antes de tudo para com Jesus Cristo, que é um Senhor de infinita majestade, e que nos abastou de imensos benefícios.

Replicarão: Mas eu dei a minha palavra de não deixá-la. — Sim, mas antes disso, destes a palavra a Jesus Cristo de não amar outro além dele, quando vos fizeste religiosa. Não dissestes então que não quereis amar senão a Deus e ser amada senão por ele?¹² E agora que outra palavra tendes a observar? Não vedes que é a paixão que vos faz assim falar, procurando pretextos para vos perder eternamente? Ai! Cessai de afligir o vosso divino Esposo, que se sente como que ferido no coração, ao ver uma sua esposa apegar-se a outrem fora dele. É o que fez ver um dia a Sta. Ludgarda, então desgraçadamente encadeiada por uma amizade má. Apareceu-lhe Jesus e lhe mostrou seu coração gravemente ferido. À esta vista, ela entrou em si e chorou a sua falta; e logo que viu o jovem que a requestava, cheia de coragem o despediu, dizendo-lhe que ela não podia amar outro além de Jesus Cristo, a quem se dera sem reserva. Desde este momento, consagrou todo o seu amor ao divino Esposo, e assim chegou a conseguir a santidade.

9. — Tudo isto seja dito de passagem, porque tais sortes de ocasiões próximas são raras nos mosteiros.

DA MÁ VERGONHA.

A tentação mais freqüente e mais perniciosa que as religiosas de ordinário experimentam, é a de calar seus pecados por vergonha. Se alguma tem a desgraça de cair em uma falta grave, então o demônio lhe fecha a boca, persuadindo-lhe que seria para ela uma grande vergonha manifestá-la! Ai! quantas religiosas, por causa desta maldita vergonha, ardem e arderão para sempre no inferno, digamos melhor, no fundo do inferno! Assim é, porque as pobres, arrastadas pelo respeito humano, para não darem que falar às outras e não perderem a sua estima, continuam facilmente, meses e anos, a fazer confissões e comunhões sacrílegas!

Lê-se nas crônicas dos Carmelitas descalços, que uma jovem, aliás muito boa, caiu desgraçadamente em um pecado desonesto. Três vezes o ocultou na confissão, e três vezes se atreveu a comungar neste estado; mas depois da terceira comunhão sacrílega, morreu subitamente. Como passava por uma santa, seu corpo foi posto em lugar separado, em uma igreja dos padres Jesuítas. Apenas terminaram as exéquias e fechou-se a igreja, o confessor da infeliz foi conduzido por dois anjos à sua sepultura, da qual ela se ergueu naquele momento, se pôs de joelhos, e, depois de batida no pescoço pelos anjos, vomitou em um cálice expressamente preparado as três hóstias recebidas sacrilegamente e por milagre conservadas em seu peito. Então os anjos tiraram-lhe o escapulário do Carmo, e ela apresentou logo um

aspecto horrendo. Foi depois arrebatada por dois demônios e não apareceu mais.

Mas quando uma alma ousou ofender a Majestade divina por um pecado grave, e assim mereceu um inferno eterno e a conseqüente confusão eterna, como pode achar uma escusa diante de Deus, se oculta a sua falta na confissão de preferência a sofrer a leve e curta confusão de confessá-la uma só vez a um só sacerdote? Se quer obter de Deus o perdão e se livrar do inferno que mereceu, esta confusão anexa à acusação do seu pecado ao confessor, é precisamente o que a dispõe para receber o perdão. quem desprezou a Deus, é justo que se humilhe e se confunda. Esta foi a bela resposta dada ao demônio por uma pecadora chamada Adelaide. Convidada pelo Senhor a mudar de vida, se converteu e resolveu logo fazer uma boa confissão; mas quando se dirigia ao sagrado tribunal, o demônio lhe pôs diante dos olhos a vergonha que deveria experimentar ao expor os seus pecados ao confessor, e lhe disse: Onde vais, Adelaide? — Ela lhe respondeu com coragem: Besta vil, me perguntas onde vou? Vou me confundir a mim e também a ti.

10. — Além da falsa vergonha, o espírito maligno põe também na cabeça uma quantidade de idéias enganosas e vãoos temores tais como os seguintes:

1. O confessor me ralhará, quando ouvir este pecado. — E porque vos há de repreender? Dizei-me se fosseis confessor e viesse uma pobre penitente manifestar-vos as suas misérias, confiando que havíeis de levantá-la da sua queda, vós ralharíeis com ela? Como, pois, podeis pensar que o confessor, obrigado

por ofício a usar de toda a caridade com as pessoas que se confessam irá vos repreender e se enfadar contra vós, se lhe revelardes o vosso pecado?

2. O confessor, ao menos, se escandalizará de mim e me detestará para sempre. — Puro engano. Longe de se escandalizar de vós, se edificará de vos ver tão bem disposta a fazer a confissão sincera de vossas faltas, apesar da confusão que experimentais. E pensais vós que o confessor não tenha ouvido, nas confissões dos outros, muitos pecados semelhantes aos vossos e talvez mais graves? Oh! Prouvera a Deus que fosseis a única a ofendê-lo. — Não é verdade que vos aborrecerá; ao contrário, vos estimará mais e se esforçará mais para vos ajudar, porque ficará tocado pela confiança que lhe testemunhardes pela manifestação das vossas misérias.

3. Eu quero me confessar, mas quando vier o confessor extraordinário. — E, entretanto, quereis viver na desgraça de Deus, no perigo de vos perder para sempre, e num inferno de remorsos, que vos dilacera a alma, sem vos deixar um momento de repouso, nem de dia nem de noite! tudo isto, para não dizer ao vosso confessor: Meu Padre, por desgraça cai neste pecado; mas não quero me desesperar por isso! — Vós dizeis: Eu me confessarei ao extraordinário. — E entretanto quereis ao pecado cometido ajuntar mais sacrilégios? e sabeis que pecado horrendo é o sacrilégio? — Logo, a medicina que Jesus Cristo vos preparou com o seu sangue na confissão, quereis convertê-la em peçonha de morte eterna para vossa alma? — Eu me confessarei mais tarde. — E se vos surpreender uma morte imprevista, a qual atu-

almente se tornou tão freqüente que, quase diariamente, se ouve falar de pessoas falecidas de repente, que será de vos por toda a eternidade?

11. — 4. Eu não tenho bastante confiança no meu confessor. — Dirigi-vos pois a um outro. Pedi-o ao bispo, ou dissei a uma de vossas companheiras que desejais pedir um conselho ao seu diretor, e podereis assim remediar as vossas necessidades. — Mas, finalmente, no caso em que não houvesse outro a quem vos pudésseis abrir, além do confessor ordinário, dissei-me: Se recebêsseis um golpe capaz de vos causar a morte sem um pronto remédio, não chamaríeis logo o cirurgião para conservar a vida, ainda que isso vos causasse grande repugnância? E para vos curar da morte eterna e livrar do inferno, não tendes coragem de manifestar o vosso estado ao vosso padre espiritual? — Notai bem que aqui não basta dizer: *Eu me confesso de todos os pecados desde que nasci, como estão diante de Deus.* — Se não declarardes a vossa consciência, estas palavras só servem para mais vos desvairar e vos perder.

12. — Eia, pois, tende coragem, e superai generosamente esta vergonha que o demônio vos faz parecer tão grande. Bastará que comeceis a vos manifestar, para que logo se desvançam todas as vãs apreensões. E ficai persuadida que depois da confissão, estareis mais contente de ter declarado as vossas faltas, do que se vos fizessem rainha de toda a terra. Recomendai-vos a Maria Santíssima que vos alcançará forças para vencer toda a repugnância. E se não tiverdes coragem de manifestar o vosso pecado logo ao principiar a confissão, dissei assim ao

confessor: Meu Padre, ajudai-me, porque preciso de auxílio. Tenho um pecado, que não sei como confessá-lo. — Então, o confessor, sem grande dificuldade vossa, descobrirá o meio de expulsar da toca a fera que vos está devorando: bastará que respondais *sim* ou *não*. Ou também, se não quiserdes dizer com a boca, escrevei a falta cometida em um papel e dai-o ao confessor. Depois direis: Eu me acuso do pecado que acabais de ler. — Num instante estareis livre do inferno eterno e do inferno temporal, recobrareis a graça de Deus e a paz da vossa consciência. — Sabei, além disso, que quanto maior for a violência que fizerdes para vos vencer, maior será o amor com que Deus vos abraçará. — Narra o padre Paulo Segneri, o moço, que uma religiosa se fez tanta violência para confessar certos pecados cometidos na infância, que desmaiou. Em recompensa deste ato generoso, o Senhor lhe outorgou tanta compunção e tão grande amor, que, dai em diante, se deu à perfeição, fez grandes penitências e morreu em odor de santidade.

DAS DÚVIDAS.

13. — Eu não quero todavia que o que acima ficou dito, sirva para vos inquietar. Isto diz respeito somente às pessoas que tem na consciência pecados graves e certos, e sentem vergonha demasiada de confessá-los.

Quanto às dúvidas que possais ter sobre pecados que não tendes certeza de ter cometido, ou sobre confissões talvez mal feitas, se quiserdes manifestá-

las ao vosso diretor para maior tranqüilidade vossa, fareis bem; exceto se vossa consciência for escrupulosa, porque às pessoas escrupulosas não se dá conselho que se confessem de suas dúvidas, como melhor explicaremos depois. Todavia é bom que conheçais algumas doutrinas aprovadas pelos teólogos, que vos podem livrar de muitas angústias e assegurar-vos a paz.

Primeiramente, é sentença sólida e muito provável dos doutores que não há obrigação de confessar os pecados graves duvidosos, quando se duvida da advertência plena ou ainda do consentimento perfeito e deliberado. Somente advertem que, em ponto de morte, há obrigação de fazer o ato de contrição para o caso que aquele pecado duvidoso fosse verdadeiramente grave, ou ainda receber o sacramento da penitência; neste caso porém não há obrigação de declarar o pecado duvidoso, e basta que se apresente outra matéria certa, mesmo só pecados veniais. E isto ainda se entende de uma pessoa que, depois de ter cometido o pecado duvidoso, não houvesse recebido a absolvição sacramental. — No entanto, falando das pessoas que levaram durante longo tempo uma vida espiritual, muitos teólogos gravíssimos dizem com muita razão que, em caso de dúvida se cometeram ou não algum pecado grave, podem estar certas de que não perderam a graça de Deus. Pois é moralmente impossível que uma vontade, confirmada pelos bons propósitos, se mude de repente e consinta em um pecado mortal sem claramente conhecê-lo, visto que o pecado mortal é um monstro tão horrendo que não pode entrar em uma alma que longo tempo o

detestou, sem fazer-se claramente conhecer. — Isto está provado plenamente em nossa teologia moral¹³.

14. Em segundo lugar, quando o pecado mortal foi certamente cometido, e há dúvida apenas se foi ou não confessado, então se a dúvida é negativa como dizem os doutores, isto é, se não há razões para julgar que o pecado foi confessado, há obrigação certa de declará-lo. Quando, porém, há razão ou presunção fundada de que o pecado já foi confessado alguma vez, é sentença comum, que não há mais obrigação de acusá-lo. — Daí concluem também comumente os doutores que aquele que fez suas confissões gerais e particulares com a diligência devida, se depois duvidar se omitiu algum pecado ou circunstância, não é obrigado a dizê-lo, pois pode prudentemente crer tê-lo já declarado, como devia¹⁴.

Mas, me objetareis, se eu fosse obrigada a dizer isto, eu experimentaria muita vergonha. — Não importa, vos responderei eu. Desde que não sois obrigada a manifestar essa dúvida, não vos inquieteis com essa repugnância. Tem-se também vexame de falar de certas ações naturais; no entanto ninguém é por isso obrigado a manifestá-las. Assim, por exemplo, não há obrigação de confessar certas leviandades ou burlas imodestas, praticadas na infância, sem conhecimento da sua malícia. Embora tais coisas tenham sido feitas às escondidas, não é uma prova certa de que se conhecesse a sua malícia, pois as crianças também fazem às ocultas certos atos naturais, embora não sejam pecados. Pelo que, não somos obrigados a confessar particularmente tais faltas, senão quando nos lembramos de as ter cometido

com consciência de culpa grave, ou ao menos com dúvida de que fossem faltas graves: bastará que a pessoa diga somente dentro de si: Senhor, seu eu conhecesse verdadeiramente a obrigação de confessar-me destas coisas, estaria pronta a fazê-lo, ainda que houvesse de sofrer todas as penas.

15. Isto seja dito para consolar algumas religiosas que se sentem muito angustiadas pelo temor de não terem sabido explicar bem ao confessor todas as suas dúvidas.

De resto, é bom que cada uma exponha ao seu diretor as dúvidas que a inquietam, ao menos para se humilhar, exceto a que for escrupulosa; porque esta não deve tocar nelas, como explicaremos ao longo do parágrafo seguinte.

O que eu mais estimaria, é que cada uma manifestasse ao seu confessor suas paixões, seus apegos e as causas de suas tentações, afim de que ele pudesse tocar com a mão e agarrar nas raízes do mal, porque se não os arranca, as tentações nunca cessarão, e haverá grande perigo de consentir, sempre que se podem tirar e não se tiram as causas.

É também útil *a algumas* para se humilharem, descobrir as tentações mais vexatórias, como são especialmente os pensamentos contra a castidade, ainda que já tenham sido expulsos. — S. Filippe de Nery dizia uma tentação descoberta, é meio vencida. — Eu disse *a algumas*, porque *a outras*, que são de uma virtude provada e tímidas demais nesta matéria, a ponto de julgarem ter sempre dado o consentimento, talvez seja melhor proibir-lhes que se confessem de tal matéria, sempre que não tenham certeza de ter

cometido culpa; pois, como se disse em outro lugar falando a outro propósito, desde que tal pessoa se põe a refletir para verificar se consentiu ou não, ou para ver de que modo há de explicar ao confessor a tentação que teve, sua imaginação se impressiona mais das vis representações que lhe sobrevêm ao espírito, e se perturba assim cada vez mais, multiplicando os temores de consentimento. — Basta. Sobre este ponto obedeei ao vosso confessor, e regulai-vos pelo que ele vos disser.

SINCERIDADE, RESPEITO E SÁBIA RESERVA, NA CONFISSÃO.

O que eu vos recomendo, é que sejais sincera para com o vosso padre espiritual, e lhe descubrais fielmente todas as dobras da vossa consciência, dizendo-lhe as coisas como elas são: por exemplo, quando houver ação, não basta dizer-lhe que tivestes maus pensamentos.

Eu vos recomendo também que, quando confessardes vossas faltas, não alegueis escusas. Apresentar escusas e pretextos é mostrar que tem pouca dor das culpas confessadas. Quem julga ter tido razão de fazer o que fez, eu não sei como pode arrepender-se devidamente. — Há pessoas que reduzem toda a sua confissão a exagerar a ocasião que os induziu ao pecado da impaciência ou tal defeito. Mas eu pergunto: Para que serve isso? Confessai o pecado cometido, e deixai de parte as razões porque o fizestes.

16. — Além disso, deixai lá os discursos inúteis. Para que narrar ao confessor todos os desgostos recebidos das monjas? Fazer tantos desabafos das vossas enfermidades e tribulações? Se cortásseis todas estas lamúrias, um quarto de hora vos bastaria para toda a confissão; na qual o que deveis buscar mais, é o meio de corrigir algum mau hábito e de avançar na perfeição.

Há pessoas que, nas confissões, repetem sempre a mesma canção que aprenderam de cór e que dura ao menos um meio quarto de hora: dizem, por exemplo: *Eu me acuso de pouco amor a Deus, de não ter cumprido a minha obrigação, de não ter amado o meu próximo como devia*, e coisas semelhantes. — Para que serve esta cantilena? não é um tempo perdido?

Sobretudo absteide-vos de usar com o confessor de certas expressões afetuosas que podem fazer mal ao mesmo e a vós. — Dizia Sta. Catarina de Bolonha: “As monjas devem estimar seus padres espirituais como seus grandes benfeitores,, mas devem guardar-se de demonstrar afeição para eles”. E por isso a santa queria que suas religiosas não falassem com seus confessores senão de suas consciências, e que se os amassem, tivessem cuidado de recomendá-los a Deus; e lhes recordava que, tendo dado todo o seu coração a Jesus Cristo, não se deviam apegar à nenhuma criatura, por mais santa que fosse. — Sta. Teresa acrescentava estes avisos: Quando a religiosa houver dito seus pecados, recebido a absolvição, e pedido, se for necessário, algum conselho para o bem de sua alma, retire-se logo; porque, nos entrete-

nimentos espirituais, quando são longos, se desliza facilmente algum afeto, que pode não ser mau, mas que, pelo menos, não é certamente bom”. — E Sta. Catarina de Senna também dizia: “Não somente as religiosas não devem introduzir com os confessores discursos desnecessários, mas também devem interromper os que o próprio confessor pudesse introduzir”. Desta arte, a monja se conservará sempre desapegada, e não se inquietará, quando lhe faltar o seu padre espiritual.

Isto seja dito quanto aos discursos inúteis. Quando, ao contrário, o vosso confessor vos falar sobre a direção do vosso espírito, não deveis interrompê-lo, mas atende ao que vos diz, sem pensar em outra coisa. Há algumas que só pensam em falar, e, quando o confessor lhes diz alguma coisa, quase não lhes dão ouvido. — S. Francisco de Sales recomendava ter em grande estima as palavras que nos dirige o diretor na confissão, porque então ele está no lugar de Deus, que o esclarece de um modo especial para nos dizer o que melhor convém ao nosso bem espiritual.

DA NECESSIDADE E DA ESCOLHA DE UM PADRE ESPIRITUAL

17. — Há também algumas religiosas que pretendem viver sem diretor. Pensam que, tendo já as regras e a superiora, não lhes é necessário outro guia. Mas se enganam, porque além das regras e da superiora, convém que tenham também seu diretor

que as admoestem e guiem nos exercícios internos e ainda nos externos. — É verdade, diz S. Gregório, que alguns santos foram guiados imediatamente por Deus; mas tais exemplos, acrescenta o santo, são mais para serem venerados, do que imitados, para que não aconteça que um desdenhando ser guiado por outro, se torne mestre do erro¹⁵. A verdade está no meio. Na vida espiritual, assim como é vício usar a preguiça, assim também é vício usar a indiscrição: ao diretor compete, pois, corrigir e moderar uma e outra, e é por isso um guia necessário. Se uma religiosa não achasse um diretor que pudesse bem guiá-la na perfeição, então Deus supriria; mas recusar a direção de um seu ministro quem pode encontrá-lo, é temeridade, que o Senhor punirá, permitindo que resvale em muitos erros. Deus bem poderia nos dirigir a todos por si mesmo, mas para nos tornar humildes, quer que nos sujeitemos aos seus ministros e dependamos da sua autoridade.

Cassiano refere que um solitário, no deserto, consumido pela fome, recusou alguns pães que lhe ofereceram; esperava, dizia ele, que Deus por si provesse à sua necessidade, e o desgraçado assim morreu miseravelmente de inanição¹⁶. — Poderia alguém perguntar porque o Senhor que enviou pão por um corvo a S. Paulo eremita durante tantos anos, não quis fazer o mesmo a este solitário? A resposta é fácil: S. Paulo não tinha com que se nutrir, ao passo que este não quis aceitar o alimento que lhe foi oferecido. Eis por que Deus o abandonou. — Ora isto que se disse do alimento corporal, se aplica igualmente ao espiritual. Dai conclui Cassiano que não

merece ser dirigido por Deus, quem recusa a direção dos sábios.

18. — A escolha do padre espiritual não se deve fazer ao acaso ou por gosto; mas há de recair naquele que se julgar melhor para o próprio aproveitamento. Deve ser não só um homem de ciência e experiência, mas também de oração e dado à perfeição. O tonel não pode dar outro vinho senão o que contém. Dizia Sta. Teresa: “Se os diretores não são homens de oração, pouco valerá a sua ciência”. Uma vez escolhido o diretor, não se deve deixar sem uma razão evidente. Se é forte no repreender, não é razão para se deixar, mas antes de não se afastar nunca da sua direção. — Eis o aviso que S. Luiz, rei de França, deixou sobre esta matéria ao filho que lhe havia de suceder no trono: “Confessa-te muitas vezes, e escolhe confessores virtuosos e doutos que te saibam instruir no que deves fazer ou evitar, e deixa que teus confessores te repreendam e advirtam livremente”. Não há confessor pior do que aquele que repreende pouco e que se mostra indulgente demais para as faltas do penitente, pois assim o habitua a fazer pouco caso delas. — Portanto, caríssima irmã, se tiverdes um confessor que vos leve pelo caminho estreito e vos mortifique com rigor pelos defeitos voluntários em que vos vê cair, estimai-o muito e nunca o abandoneis.

19. — Obedecei ao vosso diretor, e não vos afasteis do que ele vos impõe ou permite, por melhor que vos pareça aquilo que desejais fazer contra o seu conselho. Lê-se nas vidas dos padres antigos que um jovem religioso, já muito adiantado na virtude, quis,

um dia, contra o conselho do seu padre espiritual, retirar-se do mosteiro para ir fazer uma vida solitária. Mas que sucedeu? Da solidão em que vivia, quis uma vez ir visitar seus parentes, e ali se esqueceu do deserto e se entregou à uma vida relaxada.

Vós me direis talvez que, caminhando sob a direção do vosso confessor, vos achastes mal dirigida, como depois vos asseguraram outros padres espirituais. — Primeiramente, eu vos respondo que difficilmente pudestes desviar, seguindo o caminho da obediência. Mas se assim aconteceu, sabeis porque? É talvez porque obedestes em certas coisas, e noutras não; e Deus não está obrigado a prestar o seu concurso a uma obediência tão defeituosa. Ponde-vos inteiramente nas mãos do vosso diretor; e obedeci-lhe em tudo; então o Senhor não permitirá que resvaleis no erro. Ainda que o vosso confessor não tenha toda a ciência conveniente, Deus terá o cuidado de suprir; porque não é possível que uma alma que deseja santificar-se e confia em Deus seja iludida, quando obedece fielmente ao seu ministro.

20. Donde eu concluo que uma religiosa que não tem diretor particular, não pode errar deixando-se guiar pelo confessor ordinário, ainda que este se mude de tempos a tempos. — A grande serva de Deus, irmã Paula Centurione, dizia: “Para mim todos os confessores parecem os mesmos, pois que cada um aplica-me o sangue de Jesus Cristo para curar as chagas da alma”. — Quando vem um novo confessor, basta que se lhe dê um conhecimento geral de sua consciência e assim se coloque sob sua direção. Para quem deseja deveras fazer-se santa, e não quer

outra coisa senão Deus, todo o confessor designado pelo prelado, é bom.

Haja boa vontade e ânimo resoluto de recusar ao amor próprio toda a satisfação, para achar, em todas as coisas, somente o que agrada a Deus. É por isso que a venerável sóror Ursula Benincasa dizia às suas religiosas: “Minhas irmãs, estai persuadidas de que nenhum diretor vos poderá jamais fazer-vos santas, se não estiverdes resolvidas a mortificar a vontade própria e as vossas paixões”.

ORAÇÃO

Ah! meu Jesus, vós sofrestes tanto, destes vosso sangue e vossa vida, para me pôr na necessidade de vos amar; e vos tenho pago com ingratidões! Quantas vezes, por uma miserável satisfação, vos voltei as costas e perdi a vossa graça? Eu sabia que pecando vos causaria um grande desgosto; eu o sabia e ainda o fiz! Ai! Eu vos peço, meu caro Redentor, perdoai-me pelo sangue que por mim derramastes¹⁷. Eu me arrependo de todo o meu coração de ter ofendido a vossa infinita bondade. Senhor, aumentai este meu arrependimento; dai-me tal dor de meus pecados que faça ficar sempre aflita até a morte pelas injúrias que vos irroguei. Se eu então morresse, não poderia mais vos amar! Visto que me destes tempo para ainda vos amar, eu quero vos amar muito e amar só a vós. Sim, eu vos amo, meu sumo bem; eu vos amo de todo o meu coração; e porque vos amo, vos dou toda a minha vontade. Dai-me a graça de vos amar sempre no futuro; e disponde de mim como vos aprouver, pois

aceito tudo de vossas mãos. Fazei que, em todas as tentações e em todos os perigos de vos ofender, eu nunca deixe de me recomendar a vós.

Ó Maria, minha Mãe, obtende-me esta graça que, nas tentações, eu recorra sempre a Deus e a vós, que podeis tudo diante do Senhor.

II. Dos escrúpulos

1. QUAIS SÃO OS VERDADEIROS ESCRÚPULOS, E QUANTO SÃO NOCIVOS.

1. — O escrúpulo é um vão temor de pecar, nascido de falsas apreensões, sem fundamento razoável. Estes temores aliás costumam ser vantajosos no começo da conversão, porque uma alma que há pouco tempo saiu do pecado tem necessidade de purificar-se mais vezes, e é o que operam nelas os escrúpulos. Eles a purificam, e ao mesmo tempo a tornam cuidadosa de fugir dos pecados verdadeiros. Além disso a tornam humilde, de modo que não se fie no próprio juízo e se submeta com docilidade à direção do padre espiritual, a fim de que a guie como entender. — S. Francisco de Sales dizia: “Este temor que produz escrúpulos nas almas que acabaram de sair das garras do pecado, é um presságio certo da sua futura pureza de consciência”.

Pelo contrário, os escrúpulos são nocivos às pessoas que se aplicam à perfeição e há muito tempo se deram a Deus. Para estas almas dizia Sta. Teresa que os escrúpulos são veias de loucura, pois que as

sujeitam à impressões extravagantes, que as reduzem a tal estado que não podem mais dar um passo no caminho da perfeição. — S. Francisco de Sales escreveu a mesma coisa: “Sede diligentes, mas guardai-vos das inquietações, porque não haverá coisa que mais vos impeça caminhar para a perfeição¹⁸”.

2. — Mas é preciso distinguir quais são as consciências escrupulosas. — Algumas religiosas se vangloriam de ser almas livres, e com medo de serem tidas por escrupulosas, se entregam a uma vida larga: dão e recebem presentes à sua vontade; fazem pouco caso das regras, dizendo que estas quase que não estão em vigor; dão liberdade aos olhos, à língua, aos ouvidos para verem, dizerem e virem tudo o que lhes agrada; envergonham-se de parecerem mortificadas e censuram as outras que o são; chamam afetações e singularidades ao falar baixo, o ter os olhos em terra; deixam-se arrastar facilmente pelas monjas imperfeitas a fazer-lhes companhia nos vão divertimentos, que tomam. — Essas tais cessem de vangloriar-se de livres de consciência, porque são túbias e imperfeitas, para não dizer relaxadas. Prova a Deus que fossem escrupulosas, isto é, delicadas de consciência como deveriam ser! Advirtam de não serem daqueles de que fala Davi, que seguem os maus exemplos como ovelhas, para que não se achem um dia miseravelmente precipitadas no inferno com as outras¹⁹.

Assim pois, não querer perder tempo no locutório ou no jardim, não querer falar no coro ou no tempo do silêncio, não querer dizer uma mentira por mínima

que seja, não são sinais de uma consciência escrupulosa, mas de consciência delicada, como deve ser a de toda a religiosa.

3. — Os sinais de uma alma escrupulosa são estes:

1. Temer, nas confissões, não ter nunca a verdadeira contrição nem o bom propósito.

2. Temer, por motivos frívolos e sem fundamento, pecar em todas as coisas, como por exemplo, fazer sempre juízos temerários, ou consentir em todo o mau pensamento que se apresenta ao espírito.

3. Ser inconstante nas suas dúvidas, crendo ora que uma ação é permitida, ora que o não é, com grandes apreensões e grandes inquietações.

4. Não se tranquilizar com o conselho do confessor etc.

De resto, compete aos confessores, e não aos penitentes, decidir se uma pessoa é ou não escrupulosa. Todos os escrupulosos pretendem que seus escrúpulos são verdadeiras dúvidas ou pecados, e não escrúpulos; porque se os reconhecessem como tais, eles próprios os desprezariam. Como se acham na obscuridade, não vêem como as coisas estão na sua consciência; mas o confessor, que está fora, vê bem o que existe. O penitente deve pois submeter-se ao seu conselho; do contrário, se quiser por si decidir, quanto mais se esforçar para aquiescer ao próprio juízo, tanto mais se perturbará e se confundirá, e se porá talvez em perigo de se perder, como adiante vamos expor.

4. — Para as almas que tendem à perfeição, é ordinariamente o demônio que as enche de escrupu-

los e de inquietações, afim de que, para se livrarem deles, acabem por deixar o bom caminho, ou venham até entregar-se ao desespero e à morte voluntária. Ai! quantas infelizmente tem chegado a este desatino! — Um douto autor moderno, o padre Scaramelli, conta ter conhecidos duas pessoas escrupulosas, das quais uma se deu muitos golpes no peito com uma faca, e a outra se matou por meio de uma arma de fogo²⁰. — Eu mesmo sei de uma pessoa que, por semelhantes angústias da consciência, uma vez se atirou por uma janela, mas não morreu; e outra vez já ia se atirar num poço quando foi detida pela pessoa que a vigiava. Contam-se muitos outros casos de escrupulosos que se suicidaram.

Ao menos o tentador procura atormentar as religiosas com os escrúpulos, para torná-las incapazes de fazer a comunhão, recitar o ofício divino e até para lhes fazer perder a cabeça, se puder, ou para lhes tornar odiosa a vida espiritual, afim de que abandonem a oração, a freqüência dos sacramentos, e assim, pouco a pouco, perdendo o auxílio e o amor de Deus, se deixem arrastar pelo relaxamento, e caíam dos escrúpulos em verdadeiros pecados. — É por isso que muitos teólogos ensinam que, quando o confessor ordena a uma pessoa escrupulosa de agir com liberdade e de vencer os escrúpulos, não só ela pode fazê-lo, mas até está a isso obrigada. De outra sorte pecaria, tanto em razão do dano que faria a si mesma, se tornando incapaz de avançar no caminho de Deus, como por causa do perigo, em que ela se poria a perder a saúde, a razão e até a sua alma, abandonando-se aos vícios.

2. A OBEDIÊNCIA AO PADRE ESPIRITUAL É O GRANDE REMÉDIO CONTRA OS ESCRÚPULOS.

5. Os mestres da vida espiritual indicam muitos remédios contra os escrúpulos; mas todos, tanto os teólogos, como os autores ascéticos, acordam em concluir que o principal, ou antes, o único remédio eficaz é pôr-se o penitente nas mãos do padre espiritual e obedecer-lhe cegamente, desconfiando absolutamente do juízo próprio. — Dizia S. Filippe Nery que, nos negócios da consciência, não há coisa mais perigosa do que uma pessoa querer guiar-se pelo próprio parecer. O escrupuloso que não obedece ao seu diretor, está perdido. — Escreve S. João da Cruz: “Não se submeter à decisão do confessor é soberba e falta de fé”. E com razão, pois Jesus Cristo declarou que aquele que obedece aos seus sacerdotes, obedece a ele mesmo; e aquele que os despreza, a ele despreza²¹.

Donde o mesmo S. João da Cruz assim fala em nome do Senhor: “Quando faltais a docilidade aos confessores, é a mim que desobedeceis, pois que eu lhes disse: Quem vos despreza, a mim desprezo”. — Ao contrário, aquele que obedece ao seu padre espiritual, não se pode enganar. S. Bernardo diz que devemos ter como ordenado por Deus tudo aquilo que é mandado por quem tem o seu lugar, toda vez que se tratar de uma coisa que com certeza não desagrade ao mesmo Deus²².

6. — Pelo que dizia o Beato Henrique Suso que Deus não exigirá contas das coisas que fizemos por obediência. — A mesma coisa ensinava S. Filippe Nery aos seus penitentes, dizendo: “Aqueles que desejarem fazer progresso no caminho de Deus, devem submeter-se a um confessor douto, ao qual obedçam como a Deus. Quem assim faz, está seguro de que não dará constas a Deus de suas ações”. Acrescentava que cada um confiasse no confessor, porque o Senhor não permitirá que ele se engane. — Se alguém, digo eu, se tornasse cego, não teria outro recurso senão tomar um guia fiel que o conduzisse nos caminhos que deve seguir; assim também uma alma que se acha nas trevas e na confusão, em consequência dos escrúpulos, deve se deixar conduzir pelo guia que Deus lhe deu; e obedecer-lhe cegamente. Digo “pelo guia que Deus lhe deu”; porque, ordinariamente falando, não convém que uma pessoa escrupulosa fale de suas dúvidas a outros diretores além do seu, embora sejam santos e sábios: um outro, não conhecendo bem o estado de sua consciência, lhe fará talvez uma questão, ou lhe dirá uma palavra que não será conforme com os sentimentos do próprio diretor; e ei-la de novo toda perturbada de consciência por causa dessa palavra; e sem a confiança que antes tinha no próprio diretor, ficará sempre, ou ao menos por muito tempo, inquieta e sem paz.

7. — Obedecei pois, minha irmã caríssima, ao vosso diretor, e ficai certas de que obedecendo, não podeis errar. Assim fizeram os santos, que também foram muitas vezes atormentados de perplexidades e temores de ofender a Deus, e se puseram em segu-

rança. — Sta. Catarina de Bolonha era atormentada de escrúpulos, mas obedecia em tudo ao seu confessor. Às vezes temia aproximar-se da sagrada mesa, mas, a um sinal do seu padre espiritual, vencida todos os seus temores e ia logo comungar. Jesus Cristo lhe apareceu um dia, e, para animá-la sempre mais a obedecer, lhe declarou que se alegrasse porque lhe dava muito gosto com tal obediência. — O mesmo nosso divino Salvador apareceu também uma vez à Beata Estefânia de Soncino, da ordem de S. Domingos, e lhe fez ouvir estas palavras: “Pois que puseste a tua vontade nas mãos do teu confessor, que representa a minha pessoa, pede a graça que quizeres que te concederei”. E ela lhe respondeu: “Senhor, eu não quero senão a vós só”.

Sto. Agostinho deu o mesmo conselho ao seu amigo S. Paulino, que lhe tinha exposto suas dúvidas. O santo doutor lhe respondeu nestes termos: Consulta essas tuas dúvidas com algum bom médico espiritual, e escreve-me o que o Senhor te disser por sua boca²³. — Assim que tinha por certo o santo doutor que, se S. Paulino pedisse o conselho de um padre espiritual, Deus lhe falaria e faria conhecer a sua vontade pelo orgam do seu ministro. — Sto. Antonino conta que um religioso dominicano, fortemente agitado pelos escrúpulos, teve a visão de um outro religioso já falecido, que lhe disse: Toma o conselho dos sábios e segue o que te disserem²⁴. O mesmo santo arcebispo refere também que um discípulo de S. Bernardo estava por seus escrúpulos reduzido a não dizer mais missa; mas, na sua angústia, foi consultar seu santo mestre que, sem raciocinar, se contentou

de lhe dizer: “Vai dizer missa em minha consciência”. O religioso obedeceu, e ficou livre para sempre de todas as suas inquietações.

8. — Não é possível que me estejais a dizer: “Se eu tivesse S. Bernardo por confessor, eu também obedeceria às cegas, mas meu confessor não é S. Bernardo”. — Não, sem dúvida, não é S. Bernardo, mas é mais do que S. Bernardo, porque está em lugar de Deus. — Ouvi o que vos responde o douto Gerson: “Vós que assim falais, estais no erro; visto que não pusestes vossa confiança em um homem, porque é instruído ou santo, mas porque está encarregado da vossa direção da parte de Deus. Obedecei-lhe pois, não como a um homem, mas como a Deus, e não podereis deixar de fazer o bem”²⁵. — Nos primeiros tempos de sua conversão, Sto. Inácio de Loiola foi assaltado de tantas trevas e escrúpulos, que não achava paz; mas, como tinha verdadeira fé nas palavras de Deus: Quem vos ouve, a mim ouve²⁶, disse com grande confiança: Senhor, mostrai-me o caminho que devo tomar; pois eu vos prometo seguir fielmente o guia que me derdes, ainda que seja um cãozinho. Foi, de fato, fiel em obedecer os seus diretores e conseguiu não só livrar-se dos escrúpulos, mas também tornar-se um excelente mestre para os outros. — Sta. Teresa tinha pois razão para dizer: “A alma tome seu confessor como juiz, e se entregue em tudo a ele, com firme resolução de não mais pensar na sua causa e com plena confiança nas palavras de Nosso Senhor: Quem vos ouve, a mim ouve. Esta submissão agrada tanto a Deus que ele nos ajudará poderosamente a vencer através de mil combates

que tenhamos de travar, muitas vezes, interiormente, quer nos pareça irracional o juízo dado sobre a nossa causa, quer experimentemos repugnância em executá-lo. Em uma palavra o Senhor fará que então nos conformemos com a vontade divina²⁷.

Se, acaso, minha irmã, Jesus Cristo, no dia de juízo, vos pedir contas do que houverdes feito por obediência ao vosso diretor, preparai-vos para lhe dar esta resposta: Senhor, eu o fiz para obedecer ao vosso ministro, como me ordenastes.

Se então puderdes assim falar-lhe, não temais que ele vos possa condenar. — Ainda quando o confessor se enganasse, nota o padre Tiago Alvares, não se engana o penitente que lhe obedece; caminha seguro. — Porventura estaríeis obrigada, para ter a consciência tranqüila, a examinar se o confessor é bem instruído ou não? Absolutamente. Basta que seja legitimamente aprovado pelo seu bispo, como aliás deveis supor; desde então ele tem para vós o lugar de Deus, e não podeis errar nem ser censurada por lhe obedecer.

9. — Mas, direis vós talvez, eu não sou escrupulosa; as minhas angústias não são temores vãos, mas fundados. — Eu respondo: nenhum louco se reputa louco. A loucura consiste em ter perdido a razão sem o saber. Eu vos digo igualmente: Vós sois escrupulosa, pois o vosso diretor assim vos julga, embora não percebais a sem razão dos vossos escrúpulos. Se compreendêsseis que são vãs apreensões, não faríeis caso deles e não seríeis mais escrupulosa. Tranqüilizai-vos, pois, e fazei o que diz o vosso confessor, que conhece bem a vossa consciência.

Eu vos ouço replicar: Isto não depende do confessor, mas eu é que não sei me explicar e fazer-lhe conhecer o miserável estado da minha alma. — Ora pois, tendes mil escrúpulos sem motivo, e não tendes escrúpulo de tratar o vosso padre espiritual de ignorante ou de sacrílego. Eu me explico: quando vos confessastes de vossas dúvidas, e isto em matéria grave, como dissestes, o confessor era obrigado a fazer as perguntas convenientes, para poder julgar devidamente do estado da vossa consciência: de sorte que, sem razão justa e sem vos compreender, como pensais, vos ordenou que desprezásseis essas dúvidas como vãos escrúpulos, deveria tê-lo feito por ignorância ou por negligência culpada. Assim, pois, não confiando no seu juízo, com medo que vos não tenha compreendido, vós chegais a tê-lo por ignorante ou por sacrílego, como deixei dito; e desta grande temeridade não tendes escrúpulo? — A essas tais que se atrevem a julgar das sentenças dadas pelos confessores, seria preciso responder, como o douto bispo de Gubbio, Monsenhor Sperelli, a uma religiosa escrupulosa, que lhe denunciava o seu confessor como herege, porque lhe tinha dito que seus pecados não eram pecados. Eis as suas palavras: “Dizei-me minha reverenda, em que universidade estudastes a teologia, que sabeis melhor do que o vosso confessor? Ora esta! Ide fiar, e não vos preocupeis mais com esses despropósitos”.

10. — Eu não quero dizer-vos a mesma coisa; mas vos recomendo que vos acomodeis com o juízo do vosso padre espiritual. Basta expor-lhe uma vez as vossas dúvidas; e sempre que ele vos disser: *É*

bastante. Não digais mais nada. Obedecei e ide comungar etc., — deveis obedecer, sem pensar n'outra coisa, e deveis crer que ele vos compreendeu bem. Não duvideis mais da sabedoria da sua decisão, mas obedecei cegamente, sem replicar e sem buscar conhecer seus motivos, entregando-vos inteiramente a sua direção. Se quiserdes saber a razão do que vos disse, vos embrulhareis cada vez mais, e recaireis nas vossas inquietações. Obedecei cegamente, isto é sem querer descobrir o como nem o porque, nem vos ponhais nunca a refletir o que vos foi prescrito pelo confessor. Os escrúpulos são como o pez, que quanto mais se maneja, mais pegajoso fica; quanto mais refletirdes sobre eles, tanto mais vos encheis de trevas o espírito.

Contentai-vos de caminhar no escuro. Lembrai-vos das máximas de S. Francisco de Sales, das quais uma é assim concebida: “Convém saber do padre espiritual que se caminha bem, sem procurar o conhecimento”. Outra diz: “O melhor é caminhar às cegas, sob a divina Providência, entre as trevas e perplexidades desta vida”. Enfim, eis uma outra que deveria vos tranqüilizar completamente: “Jamais se perdeu um verdadeiro obediente”.

Tende pois sempre diante dos olhos esta regra certa, que, obedecendo ao confessor, obedecéis a Deus; procurai obedecer sem dar ouvidos aos vossos temores; e ficai persuadida que, se não obedecerdes, vos será impossível caminhar bem, ao passo que, se obedecerdes, marchareis sempre com segurança. — Não digais pois: E se, obedecendo, eu me condenar, quem me tirará do inferno? — Isso não é possível;

não, não é possível que a obediência, que é o caminho seguro do paraíso se torne para vós caminho do inferno.

3. AVISO, CONCERNENTE À PRÁTICA

11. — Ordinariamente falando, duas fontes produzem a maior parte das inquietações que atormentam os escrúpulos: Uma está no passado, em que temem sempre não se terem confessado bem; outra está no presente em que temem pecar em tudo que fazem.

I. Quanto ao passado, as religiosas escrupulosas, queriam fazer e repetir sem cessar confissões gerais, na esperança de acalmar suas inquietações. Mas isto não faz senão aumentar o mal, porque de cada vez se despertam nelas novas apreensões e novos escrúpulos, quer de terem esquecido pecados, quer de não se terem explicado bem; de sorte que suas angústias redobram a medida que suas confissões se multiplicam. Sem dúvida, a confissão geral é muito útil a quem não a fez ainda. Ajuda muito uma alma a se humilhar, à vista das desordens da vida passada, que se apresentam então todas juntas diante dos seus olhos. Ajuda muito para conceber uma dor mais viva das suas ingratidões para com Deus, e para formar resoluções mais santas para o futuro. Demais, serve para o confessor conhecer melhor o estado da consciência do penitente, as virtudes que lhe faltam, as paixões e os vícios que nele dominam, afim de que possa aplicar melhor os remédios e dar

os conselhos convenientes. Mas quem já uma vez fez sua confissão geral, é melhor que a não faça mais; e se, acaso, sobrevier depois alguma dúvida, ordinariamente falando, e precisamente se a penitente não se recordar de ter jamais deixado de declarar algum pecado na confissão, não é obrigada a confessar-se de coisa alguma; exceto se souber com certeza que a tal culpa foi grave, e além disso não tiver certeza de que nunca a nomeou em suas confissões.

12. — E se meu pecado foi verdadeiramente grave e eu nunca o confessei, me salvarei? me dirá alguma. — Sim, vos salvareis; pois, todos os teólogos, com S. Tomas, ensinam que o penitente, que se confessa com as devidas disposições, fica absolvido de todos os pecados mortais, inclusive os *esquecidos*, embora estes sejam perdoados só *indiretamente*. É verdade, porém, que ainda há obrigação de declará-los, para serem absolvidos *diretamente*, logo que o penitente se lembrar, ou temer com razão de nunca tê-los acusado; mas, quando prudentemente, como acima dissemos, o penitente pode julgar tê-los já declarado nas confissões passadas, *não é obrigado a confessá-los*. Dissemos que *não é obrigado a confessá-los*; e isto vale para todos; mas uma pessoa agitada pelos escrúpulos e até obrigada a não falar neles, a não ser quanto, como dizem os doutores, pode jurar que os pecados (ou o pecado) foram certamente graves e de que nunca os disse em nenhuma confissão; porque, para uma consciência escrupulosa, repetir as coisas da vida passada pode ser-lhe muito nocivo e levá-la ao desespero. — Quando a penitente se acha muito perturbada e confusa a exa-

minar se pode ou não jurar, em tal caso o confessor pode declará-la desobrigada de confessar as culpas da vida passada; porque em tal caso de tanto perigo e dano, cessa a obrigação de fazer a confissão inteira, visto que outros incômodos menos graves do que este escusam da integridade, como ensinam comumente os teólogos.

Assim pois, para concluir este ponto, as pessoas escrupulosas devem compreender que a confissão geral é útil para os outros, mas muito perigosa e nociva para elas; e é por isso que os bons diretores não lhes permitem nunca falar das coisas passadas. O único remédio que convém as suas enfermidades, é calar-se e obedecer. É preciso pois nunca lhes dar ouvidos, quando quiserem falar; porque, se uma vez lhes for permitido falar, ficarão depois sempre inquietas, quando não puderem fazê-lo.

13. — O que ficou dito se refere a confissão geral. Quanto as confissões ordinárias, falando das religiosas que tendem a perfeição e comungam frequentemente, não é preciso que se confessem toda a vez que vão comungar. Basta que recebam a absolvição uma ou duas vezes por semana e quando cometerem alguma falta venial deliberada; e, mesmo neste último caso, S. Francisco de Sales diz em uma de suas cartas que, não havendo facilidade de confessar-se, a religiosa não se deve por isso privar da comunhão, porque, para obter o perdão das faltas leves, como ensina o Concílio de Trento, há outros meios além da confissão, como os atos de contrição e de amor de Deus²⁸. — Li a este propósito que um dia Sta. Matilde, não tendo comodidade de confessar certas negli-

gências, fez um ato de contrição e comungou; e Jesus Cristo depois lhe disse que fizera bem. — Um sacerdote instruído dizia que, às vezes, depois de ter cometido algum pecado venial, tira-se mais fruto da comunhão sem se confessar, do que tendo recebido a absolvição, porque em tal caso a pessoa renovará tantos atos de contrição pela falta cometida, que receberá a comunhão com muito maior disposição e humildade.

14. — II. Falemos agora da segunda fonte dos escrúpulos. Consiste em se figurar a pessoa que peca em todas as coisas, ou temer consentir em todo o mau pensamento que lhe vem à imaginação. É preciso aqui entender duas coisas. Primeiramente, uma coisa é sentir e outra é consentir. Os movimentos dos sentidos, que acontecem naturalmente, nunca são pecados, quando a vontade os repele: nem a pessoa deve ter escrúpulo de lhes ter dado causa, quando esta foi posta por um bom fim, por uma utilidade temporal ou espiritual. — Em segundo lugar, para cometer um pecado mortal, requerem-se duas coisas, plena advertência do espírito e pleno consentimento da vontade. Se faltar uma ou outra destas condições, não há falta grave; e, na dúvida, como se disse no parágrafo precedente, as pessoas timoratas, e sobretudo as escrupulosas, devem ficar persuadidas, que não pecaram gravemente, quando elas o não podem afirmar com certeza.

Eis ainda uma advertência útil. Há pessoas muito tímidas, que temem sempre ter consentido nos maus pensamentos. Convém que às vezes não se acusem em particular de algumas tentações, por exemplo de

ódio, de incredulidade e de impudicícia; porque, como dissemos em outro lugar, quando querem refletir para saber se deram ou não consentimento deliberado, ou como se hão de explicar, os objetos se representam mais vivamente na imaginação, e elas se inquietam cada vez mais pelo temor de ter consentido de novo. Convém pois não lhes permitir que se acusem dos pensamentos senão em geral, dizendo somente: Eu me acuso de todas as minhas negligências em repelir os maus pensamentos.

15. — A alma escrupulosa goza de dois privilégios, que lhe são dados comumente pelos doutores, tais como Sto. Antonino²⁹, Navarro³⁰, Suarez³¹ e muitos outros:

O primeiro é que ela não peca agindo com o temor do escrúpulo, sempre que o faz segundo a obediência. E não é necessário que, de cada vez, forme o juízo prático e expresso de obrar bem, com o refletir na obediência que executa; basta, para isentá-la de toda a culpa, o juízo virtual, feito antes, de não fazer caso de tais temores. E isto não é obrar com dúvida prática, porque uma coisa é agir com dúvida prática de pecar, e outra é agir com temor de pecar. Gerson ensina com razão que a dúvida é prática e torna o ato ilícito, quando nasce de uma consciência formada, isto é, quando depois de ter examinado as circunstâncias, se julga que, existindo essa dúvida, não se pode agir sem pecado; mas, quando o espírito é perplexo, vacilante entre suas dúvidas, sem saber que decisão tomar, e se quer todavia fazer o que agrada a Deus, isto não é, diz ele, uma dúvida prática, mas

um temor vão, um escrúpulo, que se deve rejeitar e desprezar, quando for possível³².

Assim, pois, quando, com a vontade bem decidida de não ofender a Deus, se age conforme a obediência, que exige se vença o escrúpulo, não se peca, ainda que obre com temor e no momento de não se lembre da ordem dada pelo diretor.

16. — O segundo privilégio da alma escrupulosa é que, depois do ato, deve ficar persuadida a não ter cedido a nenhuma tentação, enquanto não tiver certeza de ter plenamente conhecido e querido a malícia do pecado. Portanto, quando ela duvidar, essa mesma dúvida é uma prova certa de que faltou o pleno conhecimento do mal, ou o pleno consentimento; por que se o ato houvesse tido estas duas condições, ela não duvidaria do pecado, mas teria certeza dele. Por conseguinte, se o confessor lhe proíbe acusar-se dessas dúvidas, deve em todo o caso obedecer-lhe, sem pensar jamais em deixá-lo, se ele recusar com firmeza ouvi-la.

Farei notar aqui que fazem muito mal os padres espirituais, quando consentem em escutar as dúvidas que lhes querem expor as pessoas escrupulosas; porque, então, volvendo e revolvendo as suas consciências para se explicarem, aumentam cada vez mais suas aflições e se tornam sempre mais incapazes de adiantar no caminho de Deus. — Aliás, o que se disse acima em último lugar, toca mais de perto aos diretores do que aos penitentes, e tem por fim ajudá-los a se regularem bem no governo das consciências. — Quanto aos penitentes, nada lhes resta

fazer senão sujeitar o seu juízo à autoridade de seu padre espiritual, e obedecer-lhe em tudo.

Uma pessoa escrupulosa compreenderá, ao menos, depois disto, que, quando o confessor lhe proíbe de acusar e até de falar em certas matérias, se ela não tem certeza de ter cometido falta grave, ou ainda quando, depois de ouvi-la, lhe mandar comungar sem absolvição, não deve por-se a discutir com seu padre espiritual, e mostrar-se douta, como se diz, mas deve obedecer cegamente, sem mesmo procurar saber a razão do que lhe foi ordenado.

17. — Mas, dirá ela, eu quero agir com segurança de não desagradar a Deus. — Pois bem! lhe responderei eu, a melhor segurança que podeis ter, nas vossas inquietações de consciência, é obedecer ao vosso diretor, vencendo o escrúpulo, não obstante o temor atual que vos tortura.

Sabei que, mesmo em artigo de morte, sereis obrigada a agir assim, para não ser juguete do demônio. E repito aqui o que já disse: Deveis ter escrúpulo de não vos esforçar para vencer o escrúpulo, agindo contra as vossas apreensões de acordo com o que vos ordenar o vosso padre espiritual, ainda quando não estiverdes persuadida que isso é um escrúpulo vão; porque, se agísseis de outro modo, não poderíeis mais adiantar no caminho de Deus, e, de mais, como se disse, vos poreis em perigo de perder a vossa alma, ou ao menos a razão; ora, expor-se a tal perigo é certamente pecado. Se o demônio aflige as almas timoratas com tantos escrúpulos, é afim de que se deixem cair no relaxamento, ou percam a cabeça, ou ao menos cessem de avançar na perfeição, e vi-

vam continuamente cheias de inquietações e confusões, nas quais o inferno sempre ganha alguma coisa. Dizia S. Luiz Gonzaga que na água turva o demônio acha sempre que pescar.

18. — Se, pois, quereis caminhar um caminho direito e seguro, obedecei pontualmente a todas as ordens e todas as regras que vos der o vosso diretor. Rogai-lhe que vos trace regras de conduta, não só particulares senão também gerais, por exemplo: vencer todos os vossos escrúpulos, todas as vezes que não virdes claramente que haja culpa grave; ou ainda, que não vos confesseis nenhuma coisa, senão puderdes jurar que cometestes um pecado mortal certo; e de mais jurar que nunca o declarastes na confissão; ou também que façais a comunhão, sempre que não tiverdes certeza de ter algum pecado grave na consciência; ou ainda que nunca repitais o ofício divino ou parte dele, se não tiverdes certeza de o ter omitido; ou outras regras semelhantes, que soem dar-se às escrupulosas, porque se uma pessoa que padece de escrúpulos, quiser regular-se só com regras particulares, isto é dadas pelo confessor nos casos particulares acontecidos, estas pouco ou nada aproveitarão; visto que a escrupulosa sempre diz que o segundo caso em que tem escrúpulo, não é como o primeiro; e assim ficará sempre confusa e inquieta.

19. — Eu termino, repetindo sempre: obedecei, obedecei; e por caridade não trateis a Deus como um tirano. É verdade que ele odeia o pecado, mas não pode odiar uma alma que detesta com dor o seu pecado e está disposta a morrer mil vezes, antes que tornar a pecar. Dizei-me: Se tivésseis a uma criatura

o amor que tendes a Deus, acreditaríeis que ela não vos amasse bastante? Porque pois haveis de pensar que Deus não é tão bom como a criatura? Oh! como Deus é bom para a alma de boa vontade! Isto nos assegura o real profeta: Como é bom o Deus de Israel para com aqueles que tem o coração reto³³. Deus não pode deixar de acolher aquele que o busca, acrescenta Jeremias³⁴. — O Senhor disse um dia a Sta. Margarida de Cortona: “Margarida, tu me buscar? mas sabe que eu te procuro muito mais do que tu me procuras”. Persuadi-vos que Deus vos diz a mesma coisa, se o amardes e procurardes. Abandonai-vos, pois, em seus braços, como vos exorta o salmista, e confiai-lhe o cuidado da vossa alma; ele vos conservará e livrará de todas as vossas penas: Lançai todos os vossos cuidados no seio de Deus, e ele vos nutrirá; não permitirá que o justo seja sempre o juguete da tempestade³⁵. Observai pois a obediência, e lançai fora tantos temores.

Jesus Cristo disse a mesma Sta. Margarida que seus temores a impediam de avançar no amor divino. Não vos embarceis com tantas minúcias em vossas relações com Deus; e não penseis que se irrite contra vós pela menor falta que cometerdes, quando o amais sinceramente. — Dizia Sta. Tereza: “Minhas filhas, ficai persuadidas de que Deus não atende a tantas minúcias, como pensais; e não deixeis que o vosso coração se aperte, porque assim poderíeis perder muitos bens. Tende a intenção reta e a vontade resoluta de o não ofender mais”³⁶.

Eu replico, pois, e vos digo: Obedecei em tudo ao vosso padre espiritual, e tendes fé na obediência, por-

que obedecendo andareis sempre com segurança. — Nunca percais de vista este importante aviso que S. Filipe Nery repetia aos seus penitentes: “Tende fé no confessor, porque o Senhor não permitirá que ele se engane; pois não há meio mais seguro para romper os laços do demônio, do que fazer a vontade de outrem no bem; e, ao contrário, não há coisa mais perigosa do que uma pessoa pretender guiar-se pelo seu próprio juízo”. Portanto, na vossa oração, pedi sempre a Deus a graça de obedecer; e não duvideis que, pela obediência, com certeza vos salvareis e vos santificareis.

ORAÇÃO

Meu Jesus, eu vos amo, e o que faz toda a minha pena nas angústias da minha consciência é o temor de vos desgostar e vos perder a vós que sois o bem infinito. Houve um tempo, ai! prouvera a Deus que esse tempo nunca houvesse existido! um tempo infeliz, em que eu não vos amava e em que cuidava pouco de ser por vós amada; mas, hoje, eu não desejo outra coisa que vos amar e ser amada por vós, ó meu Redentor! Está decidido; não quero mais vos desagradar. Vós conheceis a minha vontade de vos amar a todo o custo: Não me abandoneis. Se no passado eu vos ofendi, agora tenho maior pesar dos desgostos que vos dei, do que se tivesse perdido tudo, fortuna, parentes e até a própria vida. Vós morrestes por mim, a vós entrego a minha alma, nas vossas mãos a recomendo³⁷. Vós me amastes; eu me abandono inteiramente a vós, e espero de nunca mais ter a con-

fusão de me ver caída na vossa inimizade³⁸. Meu Jesus, eu vos amo e vos quero amar sempre. Eu o repito e espero repetir enquanto viver, na hora da morte e por toda a eternidade: Meu Jesus, eu vos amo e vos quero amar sempre, sempre.

Maria, minha esperança, Mãe de misericórdia, ajudai-me, tende compaixão de mim.

III. Da comunhão, da comunhão espiritual, e da visita ao Santíssimo Sacramento.

1. EXCELÊNCIA DA EUCARISTIA; EFEITOS DA SANTA COMUNHÃO.

I. — O mais excelente de todos os sacramentos é o da Eucaristia: Os outros encerram os dons de Deus, mas a Eucaristia encerra o mesmo Deus. Por isso o doutor angélico diz que Jesus Cristo não instituiu os outros sacramentos senão para dispor os homens para receber ou administrar a Santa Eucaristia, a qual, segundo a sua expressão, é a consumação da vida espiritual, visto que é deste sacramento que provém toda a perfeição das vossas almas³⁹. Com efeito, toda a vossa perfeição consiste na nossa união com Deus; ora, não há melhor meio de nos unir a Deus, do que a santa comunhão, pela qual a alma torna-se, por assim dizer, uma só coisa com Jesus Cristo, como ele mesmo o declarou: Quem come a minha carne, fica em mim, e eu fico nele⁴⁰. São João Crisóstomo afirma que Jesus Cristo nos deu o seu corpo sob as espécies de pão, afim de que nos fizés-

semos uma só coisa com ele⁴¹. — E segundo S. Cirilo de Alexandria, aquele que comunga, se une a Jesus Cristo, como dois pedaços de cera se unem, quando se fundem juntos, de sorte que os dois não fazem mais do que um⁴².

Nosso divino Salvador instituiu este sacramento sob a forma de alimento, para nos ensinar que este pão celeste torna-se uma mesma substância conosco, como o alimento corporal se muda em nosso sangue, com esta diferença, que os alimentos terrestres tomam a nossa natureza, ao passo que, recebendo este alimento divino, nós tomamos a natureza de Cristo. É por isso que Ruperto faz Nosso Senhor assim falar: Comei, e sereis por minha graça o que eu sou por natureza⁴³. É precisamente o que o Salvador disse um dia a Sto. Agostinho: Eu não serei mudado em vós, vós sereis mudados em mim⁴⁴.

2. — O efeito principal deste sacramento é pois entreter em nós a vida da graça. Dai lhe vem o nome de *Pão da vida*; porque assim como o *pão material* sustenta a vida do corpo, assim o *pão espiritual* sustenta a vida da alma, que é a graça de Deus.

A Eucaristia é também um remédio muito eficaz; é chamada pelo Concílio Tridentino um antídoto que nos livra das faltas veniais e nos preserva dos peccados mortais⁴⁵. — Como uma fonte de água viva, este sacramento extingue o ardor das paixões que nos consomem. Aquele que se sente abrasar por este fogo, vá comungar, e verá logo sua paixão morta ou pelo menos amortecida. — Dizia S. Bernardo: Se alguém dentre vós se sente menos vezes ou menos violentamente levado à cólera, à inveja, à incontinen-

cia, agradeça ao santo Sacramento que opera nele este feliz efeito⁴⁶. — Além disso, a santa comunhão, diz S. Tomás, nos dá força para vencer todos os assaltos do demônio⁴⁷. — Quando comungamos, assegura S. João Crisóstomo, não só os demônios se põem em fuga, mas também vêm os anjos nos assistir⁴⁸. — Demais, este sacramento faz nascer em nós uma grande paz interior, com uma grande inclinação para as virtudes e ao mesmo tempo muita disposição para praticá-las, e assim nos facilita o progresso no caminho da perfeição.

3. — Sobretudo a santa comunhão como nos diz ainda S. Tomás, infunde em nossas almas o amor para com Deus⁴⁹. — Jesus Cristo declarou que veio a este mundo para acender em nós o fogo sagrado do seu divino amor: Vim lançar fogo sobre a terra, e qual é o meu desejo senão que se acenda?⁵⁰ — Ora, dizia o venerável padre Francisco Olímpio, teatino, em nenhum mistério de sua vida o Salvador nos inflama tanto do seu amor que no Sacramento do altar, onde nos comunica todo o seu ardor, dando-se todo inteiro a nós. — Dai estas expressões de S. João, falando da instituição deste sacramento: Jesus, sabendo que era chegada a sua hora de passar deste mundo a seu Pai, como tinha amado os seus, os amou até o fim⁵¹. Por estas palavras: *Até o fim*, os intérpretes entendem que Nosso Senhor nos amou até nos querer dar a maior prova possível. — Donde o Concílio de Trento declara que, neste sacramento, Jesus Cristo esgotou, por assim dizer, todos os tesouros do seu divino amor para com os homens⁵². — É pela mesma razão que este divino mistério é chamado por S. To-

más *Sacramento de amor*⁵³; e por S. Bernardo *Amor dos amores*⁵⁴. — E Sta. Maria Madalena de Pazzi chamava ao dia da comunhão *dia do amor*, e dizia que uma alma, ao acabar de comungar, pode repetir as palavras que Jesus Cristo disse ao terminar a vida na cruz: Tudo está consumado, isto é: Meu Deus tendo se dado a mim, nada mais pode me dar; e eu nada mais tenho a desejar.

2. SENTIMENTO DA IGREJA SOBRE A COMUNHÃO FREQUENTE.

4. — Depois das considerações precedentes, os homens não deveriam desejar outra coisa, senão receber Jesus Cristo na comunhão com a maior frequência possível.

Sabemos que, nos primeiros séculos, todos os fiéis comungavam cada dia, como no-lo informa S. Lucas, escrevendo: Todos os dias partiam o pão em suas reuniões⁵⁵. A versão siriaca e vez de *Panem, pão*, traz *Munus benedictum*, o dom bendito, o que exprime mais claramente o pão consagrado. De resto, os sagrados intérpretes comumente entendem por tal pão a Santa Eucaristia. — S. Tomás não hesita em dar por certo que então todos os cristãos que assistiam as missas, recebiam a comunhão⁵⁶. — É o que antes atestava S. Dionísio Areopagita contemporâneo dos apóstolos⁵⁷. E S. Jerônimo, falecido em 420, escrevendo a Lucina e Pamachio, afirma que em seu tempo ainda se conservava este pio costume em Roma e na Espanha⁵⁸.

Com o andar do tempo, começou a esfriar-se a piedade dos fiéis, a tal ponto que o Papa S. Fabiano, no século III, se viu obrigado a ordenar que todos os fiéis fizessem a comunhão, ao menos três vezes no ano, isto é, na Páscoa, em Pentecostes e no Natal⁵⁹. — Mais tarde a tibieza cresceu ainda, de sorte que Inocência III, em 1215, no Concílio de Latrão, publicou um mandamento que obrigava todo fiel a comungar ao menos uma vez por ano, na Páscoa, sob pena de ser excluído da Igreja⁶⁰. E este decreto foi depois confirmado pelo Concílio Tridentino⁶¹. — Isto, contudo, não prova que a comunhão freqüente não seja muito louvável; prova só que, com o tempo, se entibiou o fervor que florescia na primitiva Igreja⁶².

5. — Quanto a prática atual, eu sei que há padres espirituais que se inclinam, uns mais, outros menos, à freqüência da comunhão. Eu, por mim, me uno aos primeiros, porque tal me parece ser ainda o sentimento dos Santos Padres e da mesma Igreja, como bem prova o doutíssimo Padre Petavio no seu tratado contra o rígido Arnoldo.

Deixo em silêncio os diversos testemunhos dos Santos Padres, e me contento de referir que S. Basílio, bispo de Cesarea de 369 a 379, escreveu a um seu amigo, dizendo que experimentava suma consolação por ver que todos os fiéis de sua diocese comungavam ao menos quatro vezes por semana⁶³. — E Sto. Agostinho, falando da comunhão quotidiana, em um lugar, diz que não a louva nem censura⁶⁴. Um douto autor pensa que o santo facilmente usou desta expressão, porque, nesse tempo, na África não vigorava a praxe da comunhão freqüente e muitos a re-

provavam. Isto não obstante, o ilustre doutor, em outro lugar, a aprova e até exorta em estas palavras: Este é o nosso Pão quotidiano, recebei-o cada dia, afim de que todos os dias vos aproveite⁶⁵. A este propósito, conta Sto. Antonino que, uma vez, certo prelado intentou repreender Sta. Catarina de Sena, de ousar comungar todos os dias, quando Sto. Agostinho, falando da comunhão quotidiana, não a louvava nem vituperava. “Se Sto. Agostinho não a censura, respondeu a santa, porque pois vós tanto me repreendeis de praticá-la”⁶⁶.

Quanto ao sentimento da Igreja, leio no Concílio Tridentino que esta santa assembléia desejava ardentemente ver todos os fiéis comungarem cada vez que assistissem a missa⁶⁷. — De mais, um decreto geralmente conhecido, com data de 22 de fevereiro de 1679, emanado da S. Congregação do Concílio e aprovado pelo Papa Inocêncio XI, entre outras coisas afirma que o uso da comunhão freqüente e mesmo quotidiana foi sempre na Igreja aplaudido pelos Santos Padres; e, por isso, insinua aos bispos, que, quando acharem esta devoção estabelecida em alguns lugares, dêem graças a Deus e procurem conservá-la: e proíbe tanto aos bispos como aos párcos de limitar geralmente a todos os seus súditos os dias da comunhão na semana, e ordena que isto se confie absolutamente ao critério e arbítrio dos próprios confessores.

Confirmam esta doutrina diversos fatos que ocorrem na vida dos santos.

6. — De Sta. Margarida de Cortona lemos que o Senhor Ihe disse que ele queria compensar larga-

mente seu confessor, porque Ihe tinha aconselhado que comungasse amiúde. — Igualmente se lê do padre Antônio Torres que o servo de Deus, depois da sua morte, apareceu já glorificado à uma pessoa e Ihe disse que Deus Ihe tinha aumentado no céu a sua glória pela comunhão freqüente que tinha permitido aos seus penitentes. — Outras vez disse o Senhor à venerável soror Pudenciana Zagnoni, monja de Sta. Clara de Bolonha, as seguintes palavras: “Se freqüentais a comunhão, eu me esquecerei de todas as tuas ingratidões”. — Ao contrário, escreve Luiz Blosio que Jesus Cristo, lamentando-se um dia à Sta. Gertrudes daqueles que afastam os fiéis da comunhão freqüente, Ihe disse: “Sendo as minhas delícias estar com os filhos dos homens, para esse fim institui o Santíssimo Sacramento do altar; e me privam destas delícias os que impedem as almas de virem receber-me na comunhão⁶⁸. — Pelo que, dizia o Beato João de Ávila que censurar os que freqüentam a santa comunhão, é fazer o ofício do demônio, o qual tem tanto ódio a este divino Sacramento, porque dele as almas tiram grande fervor para avançar na perfeição.

3. DISPOSIÇÕES REQUERIDAS PARA COMUNHAR COM FREQUÊNCIA.

7. — Não há dúvida que a comunhão freqüente e mesmo quotidiana seja utilíssima em si mesma, afirma S. Tomás⁶⁹; entretanto, ela não convém indistintamente a todas, nem mesmo aos que se acham em estado de graça, mas somente aos que estão dispo-

tos e preparados. Por isso Sto. Agostinho, depois de ter dito: “Recebei a comunhão cada dia, afim de que todos os dias vos aproveite”; — acrescentou: Mas, para isso, deveis viver de tal sorte que mereçais comungar todos os dias⁷⁰.

Há alguns que cometem pecados veniais deliberativos, como dizer mentiras voluntárias, vestir-se com vaidade, conservar algum rancor ou algum afeto terreno a uma pessoa ou outras faltas semelhantes, que sabem são impedimento para a sua perfeição. Se não cuidam de corrigir-se, o mais que se lhes pode conceder é que comunguem todos os oito dias, afim de que recebam, ao menos, a força para não cair em pecados graves. E eu teria muito dificuldade em permitir a comunhão freqüente a uma pessoa que quisesse perseverar em algum defeito, que, embora não fosse claramente um pecado venial, contudo fosse certamente contra a perfeição, e especialmente se fosse em matéria de pouca humildade ou de pouca obediência.

Se, porém, a pessoa não tem nenhum afeto a qualquer pecado leve, evita os veniais voluntários, pratica a oração e se esforça por mortificar as paixões e os sentidos, o confessor pode fazê-la comungar três, quatro e mesmo cinco vezes por semana.

E quando uma alma chegou a um grau notável de perfeição, faz cada dia muitas horas de oração, e além disso, como diz S. Francisco de Sales, venceu a maior parte das suas más inclinações, pode segundo o parecer do mesmo santo, comungar todos os dias; porque tal é, como nota S. Próspero, a perfeição que

se pode adquirir nesta terra, atenta a fragilidade humana⁷¹.

Eu acrescento o que ensina o doutor angélico: Se alguém, diz ele, sabe pela experiência que a comunhão quotidiana lhe aumenta o fervor do amor divino, sem diminuir o respeito ao sacramento, deve comungar todos os dias⁷².

Assim, pois, para permitir a comunhão mais ou menos freqüente, o confessor deve-se regular principalmente pelo adiantamento e proveito que observar nos seus penitentes. — Esta é precisamente a regra estabelecida pelo decreto aprovado pelo Papa Inocêncio XI, acima citado⁷³.

4. DE PREPARAÇÃO PARA A COMUNHÃO.

8. — A regra para comungar com mais ou menos freqüência não pertence a cada um estabelecê-la, mas ao diretor da sua consciência. Tudo o que deveis, pois, fazer é preparar-vos bem para que o vosso padre espiritual vos ache disposta para comungar freqüentemente. Ora, para isso são necessárias duas preparações, uma *remota*, e outra *próxima*.

A preparação *remota* consiste no desapego das criaturas. — Se um grande personagem houvesse de vir a vossa casa, diz Sto. Agostinho, e vós soubésseis que ele tem horror a certas coisas, não teríeis o cuidado de fazê-las desaparecer antes da sua chegada? Assim, quando quiserdes receber Jesus Cristo, deveis banir de vosso coração todos os afetos terrenos, pois sabeis que lhe desagradam⁷⁴. É necessá-

rio, pois, que aquele que deseja comungar com frequência, purifique o seu coração de tudo o que é terreno. É o que o Senhor declarou um dia a Sta. Gertrudes, que lhe perguntava que preparação exigia dela: “Não quero de ti outra coisa, senão que venhas receber-me vazia de ti mesma”⁷⁵.

II. Para a preparação próxima, convém que, desde a noite precedente, aparelheis o vosso coração com atos de amor e de desejo. De manhã, ao despertar, lembrai-vos que ides receber Jesus Cristo, e logo, com um suspiro ardente, convidai o divino Esposo a vir prontamente à vossa alma.

Imediatamente antes de comungar, bem que tenhais feito oração, deveis reanimar em vós a fé, a humildade e o desejo.

9. — Primeiramente *a fé*, considerando quem é aquele que ides receber dai a pouco. Se a fé não no-lo assegurasse, quem jamais poderia crer que um Deus quisesse fazer-se alimento de uma criatura sua? Mas a Santa Igreja no-lo assegurou, com tantos concílios, e especialmente com o Tridentino, que Jesus Cristo, nosso Redentor está real e substancialmente na hóstia consagrada⁷⁶. — Foi realmente bela a resposta que S. Luiz, rei de França, deu a quem o convidava a ir ver, na sua capela, Jesus aparecendo, um dia, sob a forma de um menino no pão consagrado, nas mãos do sacerdote: “Vá ver aquele que não tem fé, disse o santo rei; quanto a mim, eu o creio mais firmemente do que se o visse com meus olhos”. E ficou onde estava.

Segundo, *a humildade*, considerando quem sois vós que ides receber um Deus na vossa boca e no

vosso coração. — O que padre Paulo Segneri diz que o sentimento mais próprio de uma pessoa que comunga deve ser o espanto ao pensar: Como! um Deus vir a mim! um Deus vir a mim! — que diria um pobre pastorzinho, se visse chegar seu rei a sua choupana, para habitar com ele? — E vós que direis, vendo o Rei do céu entrar em vosso coração na comunhão? Dizei-lhe, ao menos, então, com verdadeira humildade: Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada⁷⁷. — A humildade junta um ato de contrição e outro de esperança, com firme confiança de que Jesus, vindo ao vosso peito, vos enriquecerá de suas graças.

Terceiro o *desejo*. Este pão celeste exige que o recebamos com fome. Quem o recebe com maior desejo, obtém maiores graças. — S. Francisco de Sales dizia que só por amor se deve receber quem só por amor se nos dá⁷⁸. — Disse um dia o Senhor a Sta. Mechtilde: Quando houveres de comungar, deseja ter o maior amor que os santos me tiveram, porque em atenção a este teu desejo, eu então aceitarei o teu amor, como quererias que ele fosse⁷⁹. Para vos lembrardes destes atos antes de comungar, bastará que penseis *quem vem, a quem vem e para que vem*. Quem vem é um Deus de infinita majestade; vem a uma miserável pecadora; e vem para ser amado por vós.

5. DA AÇÃO DE GRAÇAS.

10. — Depois de ter comungado, procurai entreter-vos com Jesus Cristo o mais que puderdes. — O

bem-aventurado João d'Ávila dizia que é preciso apreciar muito o tempo que segue a comunhão, porque é um tempo favorável para adquirir tesouros de graças. — Sta. Maria Madalena de Pazzi igualmente dizia: “O tempo que segue a comunhão é o mais precioso que temos nesta vida; é o momento mais oportuno para tratar com Deus e para nos inflamar de seu santo amor. Então, não temos necessidade de mestres nem de livros; porque Jesus Cristo mesmo nos ensina como devemos amá-lo⁸⁰. — Sta. Teresa também afirmava: “Depois da comunhão, não percamos ocasião tão própria para negociar para negociar. Sua divina Majestade não costuma pagar mal a hospitalidade e bom agasalho com que é recebido”⁸¹. — Em outro lugar, a mesma Santa deixou escrito que Jesus Cristo depois da comunhão, se estabelece na alma como em um trono de graças, e parece dizer-lhe então, como ao cego de nascimento: Que queres que te faça?⁸² Alma querida, dize agora o que desejas de mim, pois eu vim expressamente para te conceder as graças quem me pedires.

No sentir de muitos autores graves, como Cajetado, Soares, Gonet, Valencia, De Lugo e outros, enquanto duram as espécies sacramentais na pessoa que comungou, quanto mais esta se mantém unida com Jesus Cristo e aumenta os bons atos, tanto mais nela cresce o fruto e o amor divino; visto que este celeste alimento opera por si mesmo na alma efeitos idênticos aos que produz o alimento terreno, o qual quanto mais dura no corpo, tanto maior nutrição e vigor lhe influi e comunica. Muitas religiosas comungam freqüentemente e tiram pouco fruto, porque pou-

co se entretém com Jesus Cristo. — Disse um dia o Senhor a Sta. Margarida de Cortona: “Eu trato como me tratam”.

Portanto, quando comungardes, se não fordes constrangida a fazer alguma outra coisa para cumprir um dever de obediência e de caridade, esforçai-vos por conversar com Jesus Cristo, ao menos meia hora. Digo *ao menos*, porque o tempo próprio seria uma hora. Não deixeis, então, de exercitar-vos em atos fervorosos de bom acolhimento, de agradecimento, de amor, de arrependimento, de oferecimento de vós mesmos e do que vos pertence; mas, sobretudo, occupai-vos em pedir graças a Jesus Cristo, e especialmente a perseverança e o seu santo amor. Nisto precisamente consiste aquele *negociar* de que fala Sta. Teresa. — Se vosso espírito se achar árido e distraído, servi-vos de algum livro, que vos sugira afetos devotos para com Deus. Durante todo o resto do dia, deveis continuar a ficar mais recolhida em o Senhor. — S. Luiz Gonzaga, depois da comunhão, consagrava três dias a dar graças a Jesus Cristo. Se tiverdes a felicidade de comungar mais vezes, não deveis ser menos recolhida; ao contrário, quanto mais vezes receberdes a comunhão, tanto maior cuidado deveis ter de ficar unida com Nosso Senhor.

6. ESCUSAS QUE ALEGAM CERTAS RELIGIOSAS PARA NÃO COMUNGAREM FREQUENTEMENTE.

11. — Que diremos das religiosas que descuidam de chegar muitas vezes a sagrada mesa, apesar da

facilidade que encontram, e do bom exemplo que outras lhes dão? Vejamos se são ou não razoáveis as escusas, que aduzem.

1. Uma diz: Eu não comungo muitas vezes, porque não me acho digna. — Minha irmã, se esta razão fosse valiosa, seria preciso concluir que nunca deveríeis comungar; porque, segundo Sto. Ambrósio, a-quele que não é digno de comungar todos os dias, não será digno de fazê-lo um ano depois⁸³.

E quem poderia jamais ser digno da comunhão? Jesus Cristo só, que era homem e Deus, comungou dignamente, porque só Deus é digno de receber Deus. Vos dizeis que não sois digna; mas não sabeis que quanto mais vos absterdes da comunhão, mais indigna vos tornais de comungar? — Com efeito, quanto mais vos afastais da comunhão, tanto mais crescem os vossos defeitos, porque vos privais dos socorros que vos proporciona este sacramento. — Uma santa dominicana dizia: “Por isso mesmo que conheço a minha indignidade, quereria comungar três vezes por dia; porque comungando mais vezes, esperaria tornar-me menos indigna”. — De duas pessoas, das quais uma comunga muitas vezes e outra raras, pergunta Cassiano qual é a mais humilde, e responde que é aquela que se aproxima mais vezes da sagrada mesa; porque se reconhecendo mais doente, recorre mais vezes ao remédio⁸⁴. — Assim, igualmente, escreve o doutor angélico que abster-se da comunhão por humildade e temor agrada a Deus, agrada-lhe porém mais o amor e a confiança que lhe testemunha quem a recebe⁸⁵.

12. — *Mas eu não sei se estou em estado de graça.* — Pois bem. Dizei-me: Que esperais para saber se estais em estado de graça e se podeis comungar? Esperais que venha do céu um anjo para vô-lo dizer? Não basta a afirmação do vosso confessor? Vós deveis até ficar mais segura pela palavra do ministro de Deus, do que pela de todos os anjos do paraíso; porque, ouvindo os anjos, poderíeis cair em ilusão, ao passo que, escutando o confessor que está em lugar de Jesus Cristo, não tendes que temer nenhum engano. Assim pois, toda a vez que o vosso padre espiritual vos conceder a comunhão, não vos deixeis vencer pelo demônio, abstando-vos da santa mesa por causa dos vossos escrúpulos e temores. Sabei que não há desobediência mais perniciosa do que esta, porque provém de uma falta de humildade, pois, em tal caso, pensareis entender melhor as coisas do que o vosso diretor.

13. — *Eu não ousou comungar com freqüência, porque sempre comento faltas, e não vejo em mim nenhuma emenda.* — A isto, já respondi acima que, se cometeis essas faltas de propósito deliberado, sem pensar em vos corrigir, ninguém vos aconselhará a comunhão freqüente, nem eu o farei. Se, ao contrário, não tendes afeto aos pecados veniais, nem costumais cometê-los com deliberação plena, e amais a oração e desejais adiantar-vos na perfeição, eu vos digo, obedecei ao vosso confessor e não lhe façais mais dificuldade. Quanto mais enferma estiverdes, mais deveis procurar o remédio que vos proporciona a comunhão, segundo a palavra de Sto. Ambrósio⁸⁶. — Quando um muro pende, se lhe põem

escoras, não para que se endireite, mas para que não caia. Dizeis que *não vedes emenda em vós*; e, se não comungardes, vos corrigireis? Não; será ainda pior. — Falando da comunhão, o padre frei Luiz de Granada diz: “Quem deseja curar-se de suas enfermidades, não se deve privar deste grande remédio”. Se não fosse outra coisa, só o dizer *esta manhã* ou *vou comungar amanhã*; só este pensamento faz que uma pessoa esteja mais precatada e se aplique mais a corrigir seus defeitos. Mas, além disso, o Sacramento por si proporciona à alma mais luzes e mais força. Dizem comumente os teólogos que a comunhão produz mais graças do que todos os outros sacramentos, porque nela está o Autor da graça, que é Jesus Cristo. Quando um príncipe dá a alguém um dom com sua própria mão, esse dom é sempre maior do que os que ele dá por intermédio de outros.

14. — *Mas eu tenho o espírito distraído e o coração frio, sem devoção.* — Eu vos pergunto: Que entendeis por devoção? Se o fervor sensível, este não é necessário; basta que tenhais o fervor na vontade, isto é, que tenhais uma vontade resoluta de fazer tudo o que sabeis ser do agrado de Deus. Esta é a verdadeira devoção e o fervor que Deus exige de vós. E ainda que não acheis em vós este fervor da vontade, deveis ainda comungar, afim de obtê-lo por meio deste sacramento; porque, diz Gerson, abster-se de comungar porque não se sente fervoroso, é agir como aquele que, tendo frio, não quisesse aproximar-se do fogo, porque sente que tem calor⁸⁷. — Demais, escreve S. Lourenço Justiniano que este sacramento opera algumas vezes sem que se perceba⁸⁸. — É por

isso que S. Boaventura nos dá este aviso: Ainda mesmo quando vos sentirdes tibia e sem devoção, não deixeis de comungar, confiando na misericórdia do Senhor, porque quanto mais doente estiverdes, tanto maior necessidade tereis do médico⁸⁹.

Nem vos impressione o pensamento de que experimentais maior devoção, quando comungais depois de um longo intervalo. — Aquele que come raras vezes, é verdade que o faz com mais apetite, mas aproveita menos; assim também se vos aproximardes raras vezes da santa Mesa, tereis talvez um pouco mais de devoção sensível, mas tirareis menos fruto tendo faltado à alma a nutrição que lhe dava força para evitar os defeitos. Não insistais, pois, na devoção mais ou menos sensível, mas tirareis menos fruto tendo faltado à alma a nutrição que lhe dava força para evitar os defeitos. Não insistais, pois, na devoção mais ou menos sensível; procurai somente comungar para vos unir mais a Deus, e tende por certo que, fazendo-o nesta intenção, sempre tirareis grande fruto.

15. — Eu me abstenho, às vezes, de comungar, com medo de ser censurada pelas outras que vendo as minhas imperfeições, com razão me repreendem de fazê-lo tantas vezes. — Eu vos respondo: Toda a vez que comungardes a conselho de vosso diretor e, como dissemos, com boa intenção de adiantar no amor divino ou ao menos de vos afastar mais dos vossos defeitos, fizeti-o sem receio e deixai os outros dizer o que quiserem. — Eu já citei as palavras do B. P. M. Ávila, que dizia que censurar os que comungam freqüentemente, é fazer o ofício do demônio; e vós

prestais ouvidos as suas críticas? Escutai antes o que vos diz S. Francisco de Sales: “Se vos perguntarem, Filotéa, porque comungais tantas vezes, respondi que duas sortes de pessoas devem comungar com freqüência: os perfeitos, para se manterem na perfeição, e os imperfeitos para poderem chegar à perfeição; os fortes para se não tornarem fracos, e os fracos para se tornarem fortes; os doentes para serem curados, e os sãos, para evitarem as doenças. Acrescentai que vós, como imperfeita, débil e enferma, deveis comungar muitas vezes”. O santo conclui assim: “Comungai, pois, freqüente, Filotéa, e o maior número de vezes que puderdes, com audiência do vosso diretor espiritual. E crede-me que as lebres tornam-se brancas nas nossas montanhas porque não se sustentam senão de neve; e assim à força de receber a pureza neste sacramento, vos tornareis toda pura”⁹⁰. — Um dia que Sta. Francisca Romana ia comungar, o demônio lhe disse: “Como ousas receber o Cordeiro Imaculado tu, que estás toda cheia de manchas de pecados veniais”. A santa vendo que o inimigo queria afastá-la da comunhão, o expulsou, cuspendo-lhe na face. Então apareceu-lhe a Santíssima Virgem e a louvou pelo que tinha feito, acrescentando que os defeitos não nos devem impedir de comungar, mas antes estimular-nos a fazê-lo, visto que neste sacramento achamos o remédio para as nossas misérias. — E isto é conforme com o que se lê no catecismo romano, isto é, que os pecados veniais são perdoados pela comunhão⁹¹; ou ainda, como ensinam o doutor angélico e os teólogos, que a co-

munhão excita na alma os atos de amor divino, pelos quais se perdoam as culpas veniais⁹².

16. — *Eu não tenho tempo de me preparar para a comunhão como deveria.* — Eis o que respondo: Se vós consumis o tempo em ocupações ou conversas inúteis, sois inescusável; mas se os deveres do vosso estado não vos deixam o tempo que quereríeis, sabei que, cumprindo-os com reta intenção de agradar a Deus, fareis uma boa preparação para a comunhão. Sem dúvida já tereis lido este exemplo de Sta. Maria Madalena de Pazzi: Estava um dia a fazer pão, quando ouviu tocar a comunhão. Arrebatada logo em êxtase, foi comungar com a massa nas mãos. — A santa, por isso, costumava dizer às suas irmãs: Oferecei a Deus em preparação todas as ações que praticardes; fazei-as com intenção de agradar a Deus e comungai”. Nunca pois deveis omitir a comunhão por não ter tido tempo de vos preparar, quando estiverdes ocupada no serviço da comunidade, na assistência de uma doente ou em outra obra de caridade, que não padeça demora. Mas, então, evitai quando puderdes, toda a conversa e toda a ocupação que não forem necessárias; e quando previrdes que na manhã seguinte não tereis tempo de vos aparelhardes, procurai ao menos fazer alguma preparação na noite antecedente, com alguma leitura devota ou com alguns dos atos que deveríeis fazer de manhã; ou ainda na mesma manhã, sêde um pouco mais solícita em levantar-vos, de modo a aproveitar ao menos alguns instantes nesta preparação.

17. — *Meu confessor não quer que eu comungue com freqüência.* — Se vosso confessor não permite,

deveis obedecer-lhe. Supri então as comunhões sacramentais por freqüentes comunhões espirituais, e disse a Jesus Cristo: “Senhor, eu desejo vos receber muitas vezes, mas me submeto a obediência que o não permite”. Jesus aceitará o vosso desejo e a vossa obediência. — Mas, se o confessor não vos manda comungar mais freqüentemente, porque lhe não pedis permissão? O pedir não repugna a perfeição da obediência, antes lhe é conforme; porque para permitir a comunhão mais ou menos freqüente, os confessores se regulam pelo desejo que testemunham os penitentes. Este alimento divino, como acima ficou dito, pressupõe fome, para produzir grande proveito em quem o recebe; e, ao contrário, pouco aproveita as almas enfastiadas. Vós não quereis pedir a comunhão, e assim mostrais pouco desejo; e por isso o confessor tarda em conceder-vos fazê-la com mais freqüência. Porque não fazeis como Sta. Catarina de Senna, que vendo o confessor negar-lhe a permissão de comungar, pôs-se a gritar e clamar: “Padre, dai à minha alma o seu sustento! dai à minha alma o seu alimento!” — Se também vós mostrardes, com humildade e resignação, esta santa avidez, o confessor vos tratará de outro modo; mas se descobrir em vós tibieza, se vir que vos acomodais facilmente com a sua recusa, julgará prudente não vos permitir nem obrigar a comungar mais vezes.

7. EXORTAÇÃO A COMUNHÃO FREQUENTE.

18. — Oh! que progresso rápido e contínuo não fazem no amor de Deus, assim como o prova a experiência, as pessoas que, com piedoso desejo e permissão do seu padre espiritual, freqüentam a comunhão! Como o Senhor as atrai admiravelmente ao seu santo amor! — É verdade que, muitas vezes, para mantê-las na humildade e na submissão, não o dá a conhecer, mas as deixa na obscuridade, sem nenhuma devoção sensível; é, porém, precisamente para estas almas desoladas, que, segundo Sta. Teresa, não há melhor sustentáculo que a comunhão freqüente. Digam o que quiserem. O que é certo é que, de ordinário, os mosteiros mais observantes são aqueles em que mais se freqüenta a comunhão; e as religiosas mais fervorosas e exemplares são as que comungam mais freqüentemente.

19. — Meu Deus, para que servem tantas escusas sem fundamento? — A religiosa que comunga raras vezes, diga a verdade e confesse que não quer comungar freqüentemente, para não se obrigar a viver mais retirada e recolhida e com maior desapego das criaturas e das próprias satisfações! — Sabe ela perfeitamente que a comunhão freqüente não é compatível com as grades, amizades mundanas, apego à própria estima, à gula ou bom passado e semelhantes imperfeições. Eis porque ela renuncia à comunhão freqüente. Teme sofrer as repreensões interiores do seu viver desordenado, que lhe faz Jesus Cristo, toda a vez que o recebe no sacramento. Em suma, o recebe tão raras vezes, porque quer viver com maior liberdade.

Que dizeis, minha irmã? Reconheceis nisto o vosso retrato? — Se assim é, eu vos direi também que não vos convém receber com freqüência Jesus Cristo, visto que tão pouco o amais e tão pouco desejais amá-lo. Acautelai-vos, porém, afim de que essa tibieza obstinada, que não podeis nem quereis deixar, não vos faça cair um dia em algum abismo. — Ai! levantai-vos, sem demora, sai deste estado tão miserável; dai a Deus o resto de vossa vida, que acabará talvez depressa; reformai-vos o melhor que puderdes, e procurai comungar freqüentemente. Desde que o confessor vô-lo permitir, ide à santa mesa, sem mais dificuldades, e deixai as outras dizer o que quiserem. Nem temais ter de dar contas a Deus disto no momento da morte, como me estais a dizer. Ficai tranqüila. Eu vos digo e vos asseguro que, na hora da morte, não vos arrependereis das comunhões que houverdes feito com permissão do vosso diretor, mas sim das que podíeis fazer e omitistes por negligência. — Sta. Maria Madalena de Pazzi viu, um dia, uma alma que sofria no purgatório, por ter omitido uma comunhão por negligência. Desde esse momento, a santa, como se lê na sua vida, quando alguma irmã deixava de comungar por negligência, tinha disto tal desgosto que muitas vezes a viram chorar de dor. E ficai sabendo que entre todas as devoções, não podeis fazer outra que seja mais agradável a Jesus Cristo, do que recebê-lo na santa comunhão. A razão é porque toda a perfeição de uma alma consiste em unir-se intimamente com Deus; e a comunhão é a ação que a une com Deus de um modo mais perfeito. Pelo que dizia a mesma santa, de que venho de falar:

“Eu queria antes morrer do que faltar a uma comunhão concedida pela obediência”.

8. DA COMUNHÃO ESPIRITUAL.

20. — A comunhão espiritual consiste, como diz S. Tomás, em um desejo ardente de receber Jesus Cristo sacramentalmente⁹³. — O sagrado Concílio de Trento louva muito a comunhão espiritual e exorta todos os fiéis a praticá-la⁹⁴. — O Senhor mesmo muitas vezes manifestou às almas fervorosas quanto este ato lhe é agradável. — Um dia apareceu Jesus Cristo a sóror Paula Maresca, fundadora do convento de Sta. Catarina de Senna de Nápoles, como se refere na sua vida, e lhe mostrou dois vasos preciosos, um de ouro e outro de prata, dizendo-lhe que conservava no vaso de ouro suas comunhões sacramentais e no de prata as espirituais. — Em outro dia, disse a venerável Joana da Cruz que, toda a vez que ela dava uma graça de alguma sorte semelhante a que ela recebia nas comunhões reais.

O padre João Nider, dominicano, conta de mais a este respeito em certa cidade, um homem do povo, muito virtuoso, desejava comungar freqüentemente; mas não sendo isto usado no lugar, ele, para não parecer singular, contentava-se de comungar só espiritualmente. Para esse fim, se confessava antes, fazia sua meditação, assistia a missa e se preparava para a comunhão. Depois abria a boca como se recebesse Jesus Cristo. O autor acrescenta que, quando ele abria a boca, sentia vir repousar sobre sua língua a

sagrada partícula e experimentava na alma uma extrema doçura. E, uma manhã, para verificar se isto realmente acontecia, levou a mão a boca, e a hóstia lhe ficou segura no dedo. Depois, a tornou a colocar sobre a língua e engoliu. Foi assim que o Senhor recompensou o desejo do seu bom servo⁹⁵.

21. — O Beato Pedro Fabro, da Companhia de Jesus, dizia que as comunhões espirituais ajudam muito a fazer com maior fruto as comunhões sacramentais. É por isso que os santos tiveram o hábito de praticá-la freqüentemente. — A Beata Angela da Cruz, dominicana, chegava até a dizer: “Se meu confessor não me houvesse ensinado a comungar espiritualmente, perece-me que eu não teria podido viver”. E por isso ela fazia cem comunhões espirituais durante o dia e outras cem durante a noite. — Mas, direis vós, para que tantas comunhões? — Por mim vos responda Sto. Agostinho: Dai-me uma alma que não ame senão a Jesus Cristo, e não se admitirá disto⁹⁶. — A comunhão espiritual é muito fácil de se fazer muitas vezes ao dia. Como não exige o jejum, nem o ministério do sacerdote, nem muito tempo, pode-se repetir, cada dia, quantas vezes se queira. É o que fazia dizer a venerável Joana da Cruz: “Ó meu Deus, que bela maneira de comungar! Sem ser vista, nem notada, sem falar ao meu padre espiritual, e sem depender de nenhum outro senão de vós, que, na solidão, me nutris a alma e lhe falais ao coração!”

22. — Aplicai-vos pois também a fazer muitas comunhões espirituais, especialmente durante a oração e na visita ao Santíssimo Sacramento, e, sobretudo, cada vez que ouvirdes missa, quando o sacer-

dote comunga: fazei então um ato de fé, crendo firmemente que Jesus Cristo está na Eucaristia; um ato de amor acompanhado do arrependimento dos pecados; um ato de desejo, convidando Jesus Cristo a vir a vossa alma, para uni-la inteiramente a ele; e, depois disso, agradecei-lhe, como se o tivésseis recebido. Estes atos podem ser formulados assim:

Meu Jesus, que estais vivo real e verdadeiramente no Santíssimo Sacramento. Eu vos amo de todo o meu coração, e porque vos amo, me arrependo de vos ter ofendido. Vinde a minha alma, que vos deseja. Eu vos abraço, meu amor, e me dou toda a vós. Não permitais que me separe de vós.

Desta maneira, podeis facilmente fazer as comunhões espirituais que quiserdes.

9. DA VISITA AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO.

23. — É coisa muito proveitosa às almas que amam Jesus Cristo, visitá-lo muitas vezes no Santíssimo Sacramento do altar.

A Santa Igreja instituiu a Festa do Santíssimo Sacramento, com tanta solenidade, não só para honrar a comunhão, mas também a amorosa permanência de Jesus Cristo, noite e dia, nos nossos altares, neste sacramento de amor. — O padre Nieremberg diz que nosso Salvador ficou na terra sob as espécies de pão, principalmente para ser alimento de nossas almas; mas também para estar sempre conosco, encerrado nos nossos tabernáculos, e, por este meio, nos recordar o amor que nos tem. — Escreveu S.

Pedro do Alcântara: “Nenhuma língua poderia exprimir a grandeza do amor de Jesus Cristo para cada uma das almas que estão em estado de graça; e, por isso, querendo o dulcíssimo Esposo partir desta vida, para que sua ausência não fosse ocasião para as almas o esquecerem, deixou-lhes por memorial este Santíssimo Sacramento, no qual ele mesmo permanecia. Não quis que, entre ele e as almas, houvesse, para lhes despertar a memória, outro penhor, além dele mesmo”.

24. — Assim, pois, quando nosso caro Salvador partiu deste mundo, para não nos deixar sós, achou na Santa Eucaristia o meio de ficar conosco até o fim dos séculos, e de nos fazer gozar, ainda na terra, da sua doce companhia. É o que ele declarou a seus discípulos e a todos nós: Eis que estou convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos⁹⁷. — Dai ainda esta reflexão de S. Pedro de Alcântara: “O Esposo divino queria deixar a sua esposa, em tão longa ausência, alguma companhia, afim de que ela não ficasse só; e por isso instituiu este sacramento em que reside ele mesmo em pessoa, que era a melhor companhia que lhe podia deixar”.

25. — Sta. Teresa dizia: Não é permitido a todos falar com o rei; o mais que se pode esperar é mandar falar-lhe por outrem. Mas, para vos falar, ó Rei da glória, não é preciso intermediário; vós estais sempre pronto a dar audiência a qualquer no Sacramento do altar. Quem quer que o deseja, ai sempre vos acha, e pode conversar confidencialmente convosco. Mesmo no caso de ser alguém admitido a falar com os reis da terra, quanto tempo deverá antes esperar? Os

monarcas não dão audiência senão poucos dias durante o ano; mas vós, Senhor, no-la dais a todos neste Santíssimo Sacramento, quantas vezes a desejarmos. — A mesma santa acrescentava que nosso divino Rei, a fim de dar-nos ânimo de prostrarmos com confiança a seus pés, se escondeu sob as espécies de pão neste sacramento, e assim ocultou a sua majestade, para que esta não nos aterrassem. — Mas, ó Céus! Quantos ultrajes o Filho de Deus não teve e terá de sofrer dos infiéis, dos hereges e dos pecadores, para morar conosco neste sacramento de amor! Quantos não o calcaram debaixo dos pés! Quantos não deram em alimento aos animais brutos! Quantos não atiraram nos lugares imundos! Ele conheceu e previu todas estas injúrias, e todavia quis ficar conosco sobre os altares, para não nos privar de sua amável presença.

Muitos peregrinos fazem longas viagens para visitar a Santa Casa de Loreto, onde Jesus Cristo habitou algum tempo, ou para venerar os lugares da Terra Santa onde ele nasceu, padeceu e morreu; mas com muita razão o bem-aventurado João d'Ávila dizia que ele não podia achar nenhum santuário mais amável e mais piedoso, do que uma igreja onde reside o Santíssimo Sacramento, porque não é somente um lugar em que nosso Salvador viveu e sofreu, mas onde está realmente presente, vivo e verdadeiro. — Por isso os santos não experimentavam, nesta terra, maior delícia do que estar em presença do Santíssimo Sacramento. — Lemos na vida de S. Francisco Xavier que, depois de ter trabalhado todo o dia na salvação das almas, ia passar a noite aos pés de Je-

sus no tabernáculo; e, quando o sono o acabrunhava, se apoiava sobre os degraus do altar, e tendo ai tomado um pouco de repouso, voltava a se entreter com seu caro Senhor⁹⁸. — O mesmo fazia S. João Francisco Regis, que depois de passar todo o dia a pregar e confessar nas suas missões, ia repousar, entretendo-se de noite diante de Jesus Sacramentado; e quando achava a igreja fechada, ficava fora da porta, para assim, ao menos de longe, fazer sua corte ao amado Redentor⁹⁹. — O venerável Baltazar Alves, varão de grandes virtudes, quando estava no seu colégio e não podia demorar na igreja, procurava ao menos ter os olhos voltados para onde sabia que estava o Santíssimo Sacramento¹⁰⁰. — Em uma palavra, todos os santos acharam seu paraíso na terra neste augusto mistério. É precisamente o que veio do céu um dia dizer S. Tereza a uma de suas religiosas: “Habitantes do céu e da terra, devemos ser uma mesma coisa na pureza e no amor; nós gozando e vós padecendo; e o que nós no céu fazemos com a divina essência, vós na terra deveis fazê-lo com o Santíssimo Sacramento”¹⁰¹. — E, na verdade, que maior felicidade pode achar na terra uma alma que ama Jesus Cristo, do que conservar-se a seus pés a protestar-lhe o amor que lhe tem, a se oferecer a ele com tudo o que possui, a lhe manifestar os desejos que tem de vê-lo sem véu para amá-lo mais?

26. — Ora esta felicidade está sobretudo ao alcance das religiosas, que o conservam em suas igrejas. É verdade que Jesus Cristo ficou no Sacramento para todos, ma ai reside especialmente para as monjas, suas esposas, que o tem e gozam dia e noite

dentro da sua própria casa. Quando nasceu o Salvador, os Magos deixaram não só as suas moradas, mas também o seu país, e percorreram longo tempo a Palestina, perguntando onde poderiam encontrá-lo¹⁰². Do mesmo modo, os seculares, quando querem achar a Jesus Cristo, devem sair de suas casas e ir à igreja, que apenas se abre durante o dia, e, em muitos lugares, somente de manhã. Mas a monja não tem necessidade de sair de casa para ir ter com Jesus Cristo, que mora constantemente perto dela, sob o mesmo teto; de sorte que ela pode se apresentar ao Senhor, quando quiser, de manhã e de tarde, de dia e de noite. Como sua esposa, é admitida a morar com ele no mesmo palácio. Pois bem, minha cara irmã, que honra para os súditos serem convidados por seu rei para habitar no seu palácio! E vós sois uma destas pessoas afortunadas, pois recebestes a honra de habitar nesta terra juntamente com o Rei do Céu, Jesus Cristo! E assim, podeis visitá-lo e conversar com ele, quando vos aprouver, de noite e de dia. Basta caminhar os poucos passos que o coro dista da vossa cela. — A venerável Madre Maria de Jesus, fundadora de um mosteiro em Tolosa, dizia que agradecia a Deus tê-la chamado a religião, especialmente por duas grandes vantagens que achava na vida religiosa: a primeira é que uma monja pelo voto de obediência é toda de Deus, e a segunda é ter a felicidade de habitar sempre com Jesus Cristo, presente no sacramento do altar.

Notai, minha irmã, que Jesus Cristo está nas outras igrejas para todos os fiéis, mas na do vosso convento, está somente para vós e para vossas compa-

nheiras. Sabei, pois, aproveitar da sua presença. — Ah! em todos os mosteiros, as monjas deveriam ser como outras tantas mariposas que, de dia e de noite, andassem ao redor do seu Esposo, e seus corações deveriam todos arder continuamente, a seus lados, muitos melhor do que os círios e as lâmpadas do altar!

27. — Mas ai! É disto justamente que se lamenta o Senhor, como deu a entender a sua bem-aventurada serva Margarida Maria Alacoque, religiosa da Visitação, a quem mostrou um dia o seu coração divino que ardia entre chamas de amor para com os homens, e lhe disse: “Eis o coração, que tanto amou os homens e nada poupou, até se esgotar e consumir, para lhes testemunhar o seu amor. Entretanto não recebo da maior parte senão ingratidões e desprezos neste sacramento de amor”. E depois acrescentou este lamento mais amargo: “Mas o que me é ainda mais sensível, é que estes corações ingratos são os corações a mim consagrados”¹⁰³. Estas últimas palavras designam os religiosos e religiosas, que pouco estimam a sua sorte de habitar com Jesus Cristo na mesma casa, e disso pouco se aproveitam. — Se o Santíssimo Sacramento não se achasse na igreja senão um só dia no ano, então certamente todas as religiosas iriam à porfia, durante esse tempo, oferecer-lhe suas homenagens, e fazer-lhe amorosa companhia o mais que pudessem. Mas, como Jesus Cristo, por sua excessiva bondade e para as ver com mais freqüência em sua presença, permanece continuamente com elas, por isso haverão de deixá-lo sozinho e visitá-lo tão pouco?

28. — Se, no passado, tendes sido negligente neste ponto, eu vos rogo, de hoje em diante, procurai aproveitar-vos bem deste precioso tesouro, que tendes convosco no Santíssimo Sacramento. — A condessa de Feria, grande Senhora da Espanha, tendo ficado viúva com a idade de vinte e quatro anos, fez-se religiosa de Sta. Clara em Montilla, sob o nome de soror Anna da Cruz. Obteve uma cela donde via o altar do Santíssimo Sacramento e ai passava a maior parte do dia e da noite. Como alguém lhe perguntasse o que fazia durante tantas horas diante do Santíssimo Sacramento, respondeu: “Eu ali ficaria por toda a eternidade. Que se faz diante de Jesus Sacramento? Atos de agradecimento, de amor e de súplica”. — Eis para vós, minha irmã, uma excelente prática a seguir, se quereis tirar muito fruto das vossas visitas ao Santíssimo Sacramento.

Primeiramente, *atos de agradecimento*. — Ó Deus! Uma religiosa testemunha tanto reconhecimento a um parente que vem de longe para vê-la! E vós não sabeis dar graças a Jesus Cristo que desce do céu não só para vos fazer uma visita, mas para ficar sempre convosco? Antes de tudo quando estiverdes em sua presença, reavivai a vossa fé, adorai o vosso divino Esposo no seu Sacramento, e agradecei-lhe que pela extrema bondade que teve de vir habitar nesta altar por vosso amor.

Segundo, *atos de amor*. — Quando S. Filippe Nery, estando enfermo, viu entrar o sagrado Viático em seu quarto, todo inflamado de um santo ardor, logo exclamou: Eis aqui o meu amor! — Dizei a mesma coisa também vós, quando vos achardes di-

ante do tabernáculo. Pensai que o vosso Esposo, encerrado neste cárcere de amor, está ardendo de amor para convosco. Apareceu um dia à Sta. Catarina de Senna, no Santíssimo Sacramento como em uma fornalha de fogo, e a santa ficou espantada como os corações dos homens não ficassem todos incendiados. Quando, pois, estiverdes em sua presença, se quiserdes lhe agradecer, repeti-lhe os atos de amor, sobretudo vos oferecendo toda a ele.

Terceiro, *atos de súplica*. — O Bem-aventurado Henrique Suso dizia que Jesus Cristo, no Santíssimo Sacramento, ouve mais depressa as súplicas daqueles que o visitam e lhes distribui suas graças com maior abundância. — Ai, um dia, apareceu ao venerável padre Baltasar Alvares, tendo as mãos cheias de graças, sem ter com quem as distribuir, porque ninguém as vinha pedir. — Vós dizeis que não podeis estar longo tempo em presença de Jesus Cristo, porque não sabeis o que deveis ai fazer nem lhe dizer. Mas porque não vos ocupastes em lhe pedir as graças que vos são necessárias? Pedi que vos dê força para resistir as tentações, para vos emendar de algum defeito em que sempre recaís, para vos livrar da paixão que vos prende e impede de ser toda de Deus. Rogai-lhe que vos ajude a sofrer com paz os desprezos e todas as contrariedades, aumente em vossos corações o seu divino amor, e especialmente vos conserve sempre unida à sua santa vontade.

Quando vos sentirdes perturbada por uma falta cometida, ide logo ao Santíssimo Sacramento pedir-lhe perdão, e assim tereis a paz. Quando receberdes algum desgosto ou aflição mais grave, ide oferecer-

lhe vossa pena, e pedi que vos ajude a levar tudo com resignação. Oh! Se todas as religiosas assim fizerem e soubessem aproveitar da companhia do seu celeste Esposo! Todas se tornariam santas. Vós, ao menos, santificai-vos por este meio.

ORAÇÃO

Meu Jesus, eu vos adoro no Santíssimo Sacramento do altar. Vós mesmo, um dia, sacrificastes por mim na cruz vossa vida divina; e agora, porque me amais, ficais encerrado no tabernáculo como em uma prisão de amor! Apesar de todos os meus pecados entre tantas outras que menos vos ofenderam do que eu, me escolhestes para me ter convosco nesta casa, onde, me arrancando do meio do mundo e me livrando de seus perigos, me admitistes em vossa companhia para sempre nesta terra, afim de que possa ir um dia vos amar e gozar de vossa presença sem véu, como vossa esposa e vossa companheira eterna, no vosso feliz reino. Aqui ainda me convidais a me alimentar muitas vezes de vossa carne sacrosanta na comunhão, para me unir inteiramente a Vós e tornar-me toda vossa. Meu caro Redentor que posso vos dizer? Eu vos agradeço e espero ir vos agradecer tantos benefícios no céu, por toda a eternidade. Direi com Sta. Teresa: Cantarei para sempre as vossas misericórdias¹⁰⁴. Sim, meu Jesus, meu amor e meu esposo, eu o espero pelos vossos merecimentos. Entretanto, eu me reconheço mais feliz de ter, por vosso amor deixado o mundo e os efêmeros prazeres que ele me podia oferecer, do que se fosse rai-

nha de toda a terra. Pesa-me de vos ter causado até agora, mesmo na vossa casa, tantos desgostos que dela merecia ser banida.

Meu Jesus perdoai-me; por piedade, permiti que, entre tantas boas irmãs que vos tem servido tão bem, vos sirva ainda eu pobre pecadora. Não quero mais me apartar de vossos pés, quero visitar-vos muitas vezes. Vossa presença me dará força para me desapegar de todo afeto, que não o vosso. Vossa vizinhança me recordará a obrigação que tenho de vos amar e de recorrer sempre a vós nas minhas necessidades. Eu quero estar sempre perto de vós e comungar muitas vezes, para vos amar e me unir a vós mais e mais, ó meu amado Salvador! Eu vos amo, meu Deus escondido no Santíssimo Sacramento! Por amor de mim ficais continuamente neste altar; e eu, por amor de vós, quero ficar, quanto mais puder, em vossa presença. Aqui encerrado, vós estais sempre ocupado em me amar; e eu aqui enclausurada, quero vos amar sempre. Assim pois, ó meu Jesus e meu tudo, estaremos sempre juntos, como espero, no tempo nesta casa, e na eternidade no paraíso.

Ó Maria, minha Mãe, rogai a Jesus por mim, e alcançai-me um grande amor ao Santíssimo Sacramento.

1. *L. de Blois, Concl. p. 2, c. 5.*
2. *Collat. 1, c. 5.*
3. *In multis enim offendimus omnes. Jac. 3, 2.*
4. *Scal. par. gr. 4.*
5. *Lettre 55.*
6. *In l. Reg. l. 6, c. 2.*

7. Aliquando non est tam meritorium credere, sicut velle credere. *De Praep. ad M. cons. 3.*

8. In contritione est duplex dolor: unus in ipsa voluntate, qui est essentialiter ipsa contritio, quae nihil aliud est quam displicentia praeteriti peccati; alius dolor est in parte sensitiva, qui causatur ex primo dolore. *Suppl. q. 3, a. 1.*

9. Disponit omnia suaviter. *Sap. 8, 1.*

10. Ecce in pace amaritudo mea amarissima. *Is. 38, 17.*

11. *Lib. 6, n. 454.*

12. Nullum praeter eum amatorem admitto.

13. *Lib. 6, n. 450 et 476.*

14. *Theol. moral. l. 6, n. 477.*

15. Veneranda sunt, non imitanda, ne, dum se quisque discipulum hominis esse despiciat, magister erroris fiat. *Dial. l. 1, c. 1.*

16. *Collat. 2, c. 6.*

17. Te ergo, quaesumus, tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti.

18. *Lettre 213.*

19. Sicut oves in inferno positi sunt. *Ps. 48, 15.*

20. *Dir. asc. tr. 2, a. 11, c. 2.*

21. Qui vos audit, me audit; et qui vos spernit, me spernit. *Luc. 10, 16.*

22. Quidquid vice Dei praecipit homo, quod non sit tamen certum displicere Deo, haud secus omnino accipiendum est, quam si praecipiat Deus. *De Praec. et Disp. c. 9.*

23. Confer ea cum aliquo mansueto cordis medico: et quod per illum tibi loquentem Dominus aperuerit, scribe mihi. *Ep. 95. E. B.*

24. Consule discretos, et acquiesce illis. *P. 1. lit. 3. c. 10. § 10.*

25. Quisquis ita dicis, erras; non enim te commisi in manus hominis, quia litteratus, etc., sed quia tibi est praepositus: quamobrem obedias illi, non ut homini, sed ut Deo. *De Praep. ad M. cons. 3.*

26. Qui vos audit, me audit.

27. *Fund. c. 5.*

28. *Sess. 14, c. 5.*

29. *P. 1, tit. 3, c. 10, § 10.*

30. *De Poenit. d. 7, c. 4 n. 65.*

31. *De Bonit. et Mal. act. hum. d. 12, sect. 7.*

32. Conscientia formata est, quando, post discussionem et deliberationem, ex definitiva sententia rationis judicatur aliquid faciendum aut vitandum; et contra eam agere est peccatum. Timor vero conscientiae seu scrupulus est, quando mens inter dubia vacillat nesciens ad quid potius teneatur; non tamen vellet omittere quidquid sciret esse placitum divinae voluntati; et iste timor, quantum fieri potest, abjiciendus et extinguendus. *Comp. Theol. tr. de nat. et qual. consc.*

33. Quam bonus Israel Deus, his qui recto sunt corde! *Ps. 72, 1.*

34. Bonus est Dominus sperantibus in eum, animae quarenti illum. *Thren. 3, 25.*

35. Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet; non dabit in aeternum fluctuationem justo. *Ps. 54, 23.*

36. *Caminho da perf. c. 42.*

37. In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.

38. In te, Domine, speravi; non confundar in aeternum.

39. *P. 3, q. 65, a. 3. — q. 73, a. 3.*

40. Qui manducat meam carnem..., in me manet et ego in illo. *Joan. 6, 57.*

41. Corpus suum in nos contemperavit, ut unum quid simus. *Ad pop. Ant. hom. 61.*

42. Ut unum quid ex utrisque factum videatur. *In Joan. I. 10, c. 13.*

43. Comedite et eritis vos gratia quod ego sum natura. *In Ex I. 3, c. 12.*

44. Nec tu me in te mutabis, sed tu mutaberis in me. *Conf. I, 7, c. 10.*

45. Autidotum quo liberemur a culpis quotidianis, et a peccatis mortalibus praeservemur. *Sess. 13, cap. 2.*

46. Si quis vestrum, non tam saepe, non tam acerbos sentit iracundiae motus, invidiae, luxuriae, gratias agat Corpori Domini; quoniam virtus sacramenti operatur in eo. *In Coena D. s. 1.*

47. Repellit omnem daemonum impugnationem. *P. 3, q. 79, a. 6.*

48. *Ad pop. Ant. hom. 61.*

49. *P. 3, q. 179, a. 1.*

50. Ignem veni mittere in terram; et quid volo nisi ut accendatur. *Luc. 12, 49.*

51. Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos..., in finem dilexit eos. *Joan. 13, 1.*

52. Divitias sui erga homines amoris velut effudit. *Sess. 13, c. 2.*

53. Sacramentum charitatis. *De Sacr. alt. c. 25.*

54. Amor amorum. *IN Coena D. s. 2.*
55. Quotidie... frangentes circa domos panem. *Act. 2, 46.*
56. *P. 3, q. 80, a. 10.*
57. *De Hier. Eccl. c. 3.*
58. *Ep. ad Lucin.*
59. *Cap. Etsi de Consecr. d. 2.*
60. *In Conc. Later. c. 21.*
61. *Sess. 13, can. 9.*
62. Vide o Decreto *Sacra Trid. Synodus de 20 de dezembro de 1905* em que Pio X estabelece a verdadeira doutrina da Igreja sobre a comunhão freqüente.
63. *Epist. 93. E. B.*
64. Quotidie Eucharistiae communionem percipere, nec laudo nec vitupero. *De Eccles. dogmatibus c. 23.*
65. Iste panis quotidianus est; accipe quotidie, ut quotidie ibi prosit.
66. *Hist. tit. 23, c. 14, § 3.*
67. *Sess. 22, c. 6.*
68. *Concl. an fid. p. 2, c. 6.*
69. *P. 3, q. 80, a. 10.*
70. Sic vive ut quotidie merearis accipere. *Serm. 84, app. E. B.*
71. *Introd. p. 2, c. 20.*
72. Si aliquis experientia comperisset, ex quotidiana communionem augeri amoris fervorem et non minui reverentiam, talis deberet quotidie communicare. *In 4. Sent. d. 12, q. 3, a. 1.*
73. Frequens accessus (ad Eucharistiam) confessorum iudicio est relinquendus, qui ex conscientiarum puritate, et frequentiae fructu, quod perspiciunt

eorum saluti profuturum, id illis praescribere debent.

74. *In Ps.* 131.

75. *Insin.* l. 4, c. 26.

76. *Sess.* 13, c. 1.

77. Domine non sum dignus ut intres sub tectum meum. *Matth.* 8, 8.

78. *Introd.* p. 2, c. 21.

79. *Blos. Concl. an. fid.* c. 6, n. 6.

80. *Cepari, uit.* c. 48. — *Boll.* c. 14, n. 157.

81. *Caminho da perf.* c. 35.

82. Quid tibi vis faciam? *Marc.* 10, 51.

83. Qui non meretur quotidie accipere, non meretur post annum accipere. *De Sacram.* l. 5, c. 4.

84. *Coll.* 23, c. 21.

85. Amor tamen et spes, ac quae semper Scriptura non provocat, praeferuntur timori. *P.* 3, q. 80, a. 10.

86. Qui semper pecco, semper debeo habere medicinam. *De Sac.* l. 4, c. 6.

87. *De Praep. ad M. cons.* 4.

88. *De Discipl. mon.* c. 19.

89. Licet tepide, tamen fiducialiter accedat; quia tanto magis aeger necesse habet require medicum, quanto magis senserit se aegrotum. *De Prof. rel.* p. 2, c. 76.

90. *Introd.* p. 2, c. 21.

91. *P.* 2. c. 4. q. 40.

92. *P.* 3. q. 79. a. 4.

93. *P.* 3. q. 80. a. 1.

94. *Sess.* 13, cap. 8.

95. *Formic.* l. 1, c. 1.

96. Da amantem, et sentit, quod dico. *In Joan. tr.*
26.

97. Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus us-
que ad consummationem saeculi. *Matth. 28, 20.*

98. *Bouhours. vie, l. 6.*

99. *D'Aubenton. Vie, l. 4.*

100. *Dupont. Vie, c. 6.*

101. *Ribero. Vit. l. 5, c. 4.*

102. Dicentes: Ubi est qui natus est Rex Judaeo-
rum? *Matth. 2, 2.*

103. *Sess. écrits, p. 1, § 1.*

104. Misericordias Domini in aeternum cantabo.

CAPÍTULO VIII

DA PUREZA DE INTENÇÃO.

1. — A pureza de intenção consiste em fazer todas as suas ações só com o fim de agradar a Deus. Ora, é preciso saber que a boa ou má intenção com que se faz uma ação, a torna boa ou má diante de Deus. O Senhor disse: Se vossos olhos forem simples, todo o vosso corpo será luminoso; mas se forem maus, todo o vosso corpo será tenebroso¹. — Por *olhos* os santos padres entendem a intenção; e por *corpo* entendem a ação. Por esse modo de dizer, Jesus Cristo nos declara, pois, que, se a nossa intenção é simples, isto é, se não temos outro fim que agradar-lhe, então toda a nossa ação é boa é resplandecente de pureza; se, porém, nossa intenção é dupla, se há algum fim menos reto, nossa ação é má. A santa simplicidade não admite senão o que agrada a Deus. Assim a reta intenção é a alma de nossas ações, que lhes dá a vida e faz que sejam boas.

Aos olhos dos homens, o preço de uma obra aumenta na razão do trabalho que ela custa; mas, aos olhos de Deus, o preço da obra é proporcionado à boa intenção com que ela se faz; porque, como diz a Escritura, os homens só vêem os trabalhos exteriores, ao passo que Deus olha o coração, isto é a vontade daquele que age². — Haverá ação mais bela do que sofrer o martírio e dar a vida pela fé? Entretanto o Apóstolo diz: Ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se o não faço por Deus, isso nada me

vale³. — É por isso que Sto. Agostinho observa que o que faz o mártir, não são os tormentos nem a morte que ele sofre, mas a causa ou o fim porque padece⁴.

2. — Já dizia o profeta rei: Senhor, eu quero vos oferecer sacrifícios com a medula⁵. — Há pessoas que oferecem a Deus sacrifícios sem medula, isto é sem pura intenção de lhe agradar; mas Deus não aceita essas oblações. — Dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi que Deus recompensa as nossas ações pelo peso da pureza da intenção; isto é segundo a nossa intenção de lhe agradar é mais ou menos pura. — Dai este aviso de Sto. Agostinho: Atendei bem, não ao que fazeis, mas ao fim pelo qual o fazeis⁶. A razão é porque, acrescenta Sto. Ambrósio, só fareis o bem quando entenderdes fazê-lo para glória de Deus⁷. Lê-se no Cântico dos Cânticos: “Quem é esta, que sobe pelo deserto como uma coluna de fumo odorífero, de mirra e incenso e de todos os pós aromáticos?”⁸ — Por mirra, se entende a mortificação. O incenso designa a oração, e os pós aromáticos todas as outras virtudes. Mas, se a esposa é louvada por essas virtudes todas, é porque todas elas compunham uma coluna de fumo odorífero que se elevava para Deus; isto é que todas elas não tinham outro fim que agradar o Esposo divino.

3. — Nós temos no evangelho dois exemplos que mostram quanto valor diante de Deus tem a boa intenção.

O primeiro é referido por S. Marcos: Nosso Salvador, nos tempos da sua pregação, andava acompanhado de muita gente que se apertava ao redor dele, quando uma mulher da turba que sofria de uma

perda de sangue, se adiantou tanto, rompendo através da multidão, que chegou a tocar na orla do seu vestido, e se achou logo curada. O Senhor se voltou e perguntou quem o tocara. Seus discípulos lhe disseram com espanto: Mestre, não vedes que vos atropelam de todas as partes, e perguntais que vos tocou?⁹ — Mas Jesus Cristo não queria falar do toque material; tinha em vista a fé e a devoção com que esta mulher tinha tocado suas vestes. Dai esta reflexão de Sto. Agostinho: Muitos apertam a Jesus Cristo, mas poucos o tocam¹⁰. — Muitas monjas trabalham ardentemente no interesse do convento, para aumentar as suas rendas, tornar pomposas as festas e fazem outras coisas que parecem grandes, mas porque sua intenção não é pura, elas apertam a Jesus Cristo e o não tocam: o incomodam mais do que lhe agradam.

O segundo exemplo é o de uma pobre viúva, que tinha posto duas moedinhas na caixa do templo, onde outros tinham deitado grandes somas. Falando dela, disse o Salvador: Em verdade vos digo, esta pobre viúva deu mais do que todos os outros¹¹. Explicando esta passagem, S. Cipriano escreve que o Senhor assim falou para fazer compreender que ele menos considera a obra em si mesmo, do que o afeto e a intenção com que é feita¹².

4. — Vamos a prática.

Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia as suas noviças: “Em todos os vossos exercícios, nunca procureis a vós mesmas”. Uma religiosas que em suas ações procura a si mesma, agindo para ser louvada ou para a própria satisfação, sabeis o que faz? Segundo o

profeta Ageu, ela faz como aquele que recebe o seu salário e o põe em saco roto, isto é que perde tudo¹³. — Dai esta advertência do divino Mestre: “Guardai-vos de fazer o bem, com o fim de ser louvados pelos homens: porque, se assim fizerdes, quando me perderdes a recompensa, eu vos responderei: Já obtivestes para vosso salário aquele louvor que haveis buscado. Agora que pretendeis de mim?”¹⁴ Surio conta, na vida de S. Pacomio, que um monge, tendo feito um dia duas esteiras em vez de uma como faziam os seus companheiros, as expôs à vista do santo para ser louvado. Mas Pacomio quando as viu disse aos outros monges. “Vede: este irmão trabalhou até à noite, e ofereceu todo o seu trabalho ao demônio!”

5. — Examinemos quais são os sinais para conhecer se o trabalho é feito verdadeiramente para Deus.

O primeiro sinal é não se perturbar por um revés, mas conservar a mesma tranqüilidade, como se conseguisse o resultado desejado. É o que acontece, quando empreendeis uma obra por Deus só; porque, vendo que o Senhor não a quis, também vós não a quereis mais. Pois bem sabeis que não vos pedirá contas se conseguistes ou não o efeito da obra, mas somente se a empreendeste ou trabalhastes com o fim reto de lhe agradar.

O segundo sinal é se regozijar do bem operado por outros, como se nós mesmos o tivéssemos realizado; porque aquele que busca somente a glória de Deus, não examina se esta se conseguiu por meio de outros ou por seu intermédio.

O terceiro sinal é não desejar uma função ou ocupação mais do que outra, mas contentar-se da que lhe impõe a obediência, só buscando agradar a Deus em tudo.

O quarto sinal é não desejar aprovação nem agradecimento pelo bem que se fez, e ainda mesmo que nos atraia reprovações e maus tratos, ficarmos interiormente tão tranquilos como antes, pensando que conseguimos o nosso fim, que era unicamente agradar a Deus.

6. — Se suceder que outros muito vos louvem por alguma coisa e que um sentimento de vanglória vos incite à complacência com os elogios, não vos incomodeis muito para expulsá-la com atos contrários; o melhor é não dar ouvidos à tentação e dizer-lhe, como ensinava o Bem-aventurado João d'Ávila: "Chegaste tarde, porque já dei a Deus o meu trabalho".

De resto, quando fizerdes uma ação virtuosa, como observar pontualmente a regra, ficar no coro a fazer oração, estar retirada, mortificar-vos, ajudar as conversas nos seus trabalhos e praticar outros atos edificantes, mesmo com intenção de dar bom exemplo às outras, não vos deixeis perturbar pelo temor de ser vista e louvada, uma vez que façais tudo por Deus. O Senhor estima que os outros vejam as nossas obras, afim de que sejam induzidos a imitá-las e dêem glória a Deus; é ele mesmo que nos ensinou: Brilhe a vossa luz aos olhos dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao vosso Pai que está nos céus¹⁵.

Tudo está em fazermos nossas obras com reta intenção. E então, quando vier a vanglória, imitemos S. Bernardo, que, sendo tentado dela enquanto pregava, respondeu: Vai. Não é por ti que comecei o meu sermão, nem deixarei de concluí-lo para evitar os teus ataques; pois prego somente para agradar a Deus, sem outra pretensão¹⁶. S. Francisco Xavier dizia que uma pessoa, que tem consciência de ter merecido o inferno por seus pecados, deve tomar os aplausos e louvores recebidos dos homens, como se fossem injúrias e irrisões. — E Sta. Teresa chegava a dizer: “Quando pretendemos agradar a Deus só, o Senhor nos dá a força para repelir toda a vanglória”¹⁷.

7. — Nossa intenção, nos atos de virtude que exercemos, pode ser boa de três maneiras: — Primeiramente, quando os fazemos para obter de Deus os bens temporais, como quando alguém dá esmolas, manda dizer missas, ou jejua, para ser livre de alguma doença, calúnia, ou outra pena temporal. Esta intenção, como tanto que se faça com resignação à vontade divina, é boa, mas a menos perfeita, porque seu objeto não passa da terra. — Em segundo lugar, quando obramos para satisfazer a justiça divina pelas penas que merecem nossas faltas, e para obter de Deus os bens espirituais, como as virtudes, os merecimentos e maior glória no paraíso. Esta intenção é muito melhor do que a primeira. — A terceira é a mais perfeita; é quando, nas nossas ações, não temos em vista senão o agrado de Deus e o cumprimento de sua santa vontade. Esta intenção é também a mais meritória; porque quanto mais nos esquecemos no bem que fazemos, tanto mais o Senhor se

lembrará de nós e nos cumulará de graças, como disse um dia à Sta. Catarina de Senna: “Minha filha, pensa em mim, e eu pensarei em ti”. É como se dissesse: Pensa unicamente em me agradar, e eu terei cuidado do teu aproveitamento nas virtudes, das tuas vitórias contra os inimigos, da tua perfeição e da tua glória no céu. — É precisamente o que dizia a esposa dos Cantares: Eu sou do meu amado e seu coração se volta para mim¹⁸.

8. — Oh! Se tivéssemos o espírito daquela mulher, que viu um dominicano que acompanhava S. Luiz rei de França em sua viagem à Palestina! Trazia ela numa das mãos um vaso cheio de água, e na outra um archote aceso. Interrogada pelo religioso sobre a sua intenção, respondeu-lhe: “Com esta água eu quereria extinguir o inferno, e com este archote incendiar o paraíso, para que todos os homens servissem a Deus somente por amor, pelo desejo de lhe agradar, e não pelo temor do inferno, nem pela esperança do paraíso”. É isto, com efeito, imitar o amor dos bem-aventurados no céu, que não buscam outra coisa senão o agrado de Deus; visto que eles gozam mais da felicidade de Deus do que da própria, como nos ensina S. Tomás¹⁹. E isto é aquele entrar no gozo do seu Senhor, que é dito a cada um, quando é introduzido no paraíso²⁰.

Assim, diz S. Bernardo, a alma obra com perfeição, quando se esquece de si mesma de modo que não pretende que Deus se contente com ela, mas somente com o seu trabalho²¹. — Pelo que o santo assim orava: Senhor, fazei que eu vos ame, não para

me contentar, mas só para vos agradar e fazer a vossa vontade²².

9. — S. Francisco de Sales dizia a este respeito: “As esposas de Jesus Cristo não se purificam para serem puras, nem se ornaram para serem belas, mas somente para agradarem seu esposo. E a confiança que elas têm na sua bondade, lhes tira toda a solicitude e desconfiança de não serem bastante belas, e faz que se contentem com uma doce e fiel preparação feita de bom coração! Imitemos o divino Salvador que disse simplesmente: Meu Pai, nas vossas mãos recomendo o meu espírito. Depois disso, não nos resta mais do que morrer de amor, não vivendo mais em nós, mas fazendo viver em nós Jesus Cristo. Digamos: Faça-se assim, Senhor, porque assim vos apraz”.

Notemos aqui que é melhor e mais seguro trabalhar para fazer a vontade de Deus, do que para aumentar a sua glória, porque assim evitaremos qualquer ilusão do amor próprio; pois muitas vezes fazemos a nossa vontade, sob o pretexto de promover a glória de Deus. Quando, porém, procuramos fazer a vontade de Deus e aquilo que mais lhe apraz, nunca poderemos errar. E saibamos que no fazer a vontade de Deus está a maior glória que lhe podemos dar. Assim obrou sempre o nosso Salvador, fazendo tudo para cumprir a vontade de seu Eterno Pai, como muitas vezes protestou: Eu não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou²³. E em outro lugar: eu faço sempre o que lhe agrada²⁴. E por isso, com razão se diz no Evangelho que Jesus Cristo em tudo obrou bem²⁵. — E se assim obrarmos nós tam-

bém e com nossos trabalhos conseguirmos dar gosto a Deus, que outra coisa havemos de pretender? S. João Crisóstomo diz: Se fordes digna de fazer alguma coisa que agrade a Deus, que maior recompensa, além desta, ainda pretendeis?²⁶ Parece-vos pouca recompensa poderdes vós, criatura miserável, dar gosto a Deus?

10. — Persuadamos-nos de que o Senhor não exige de nós coisas grandes; quer somente que lhe demos, com reta intenção, o pouco que podemos. — Escutemos Sto. Agostinho: Se vossa caixa for demasiadamente pobre para ter com que dar a Deus, vossa vontade vos fornecerá muito, se quiserdes oferecer ao Senhor o que obrais, fazendo-o só com o fim de lhe agradar²⁷. — Ouçamos estas doces palavras de Deus mesmo a cada um de nós: Se quereis me agradar ponde-me como um selo sobre vosso coração e sobre vosso braço²⁸. — Como se dissesse: Faizei que eu seja o único fim de todas as vossas obras. — Chega até a dizer que uma alma que obra com o único fim de lhe agradar, torna-se sua irmã e sua esposa e lhe faz no coração uma ferida de amor de sorte que ele não pode deixar de amá-la: Tu feristes meu coração, minha irmã, minha esposa; tu feriste o meu coração com um teu olhar²⁹. Este olhar que fere o coração de Esposo divino, é o único olhar da alma que, nos seus exercícios, não tem outra coisa em mira senão cumprir a vontade do Senhor; não faz oração senão para agradar a Deus; não comunga senão para dar gosto a Deus; não obedece aos superiores, senão para obedecer a Deus, reconhecendo Deus neles, como nos ensina o Apóstolo³⁰. Faz mesmo to-

das as suas obras para glorificar a Deus, segundo esta outra recomendação de S. Paulo: Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus³¹.

A venerável Beatriz da Encarnação, primeira filha de Sta. Teresa, dizia: “Nenhum preço poderia pagar a menor coisa que se faz por Deus”. E tinha razão, porque todas as ações feitas para dar gosto a Deus, são atos de amor divino, aos quais corresponde um prêmio eterno. — Por isso escreveu o padre Rodriguez que a pureza de intenção é uma alquimia celeste, que converte o ferro em ouro, isto é as ações mais humildes e simples, como comer, dormir, trabalhar, recrear-se, feitas por Deus, tornam-se todas ouro de santa caridade. — Donde dizia Sta. Maria Madalena de Pazzi ela tinha por certo que todo aquele que fizesse todas as suas ações com pura intenção, iria direto ao paraíso, sem passar pelo purgatório.

11. Vós, portanto, esposa bendita do Senhor, tende cuidado de logo ao despertar pela manhã oferecer e dirigir a Deus todas as vossas ações do dia, em união com as que fez o vosso divino Salvador durante sua vida, porque assim lhe serão mais agradáveis. Procurai além disso renovar a mesma intenção ao começar cada ação, ou ao menos as principais, como a oração, a comunhão, a assistência a missa, o labor, as refeições, o recreio, dizendo sempre ao menos mentalmente: “Senhor, nisto não busco a minha própria satisfação, mas somente fazer a vossa vontade”.— O padre Saint-Jure refere de um piedoso solitário, que, antes de começar uma ação qualquer, levantava os olhos aos céus e parava um instante. In-

terrogado porque assim fazia, respondia: “Procuro fazer pontaria, para não perder o tiro”³². Queria com isso dizer que assim como o arqueiro visa o alvo para bem dirigir a flecha, assim também devemos tomar Deus por alvo de todas as nossas ações, para que sejam boas. Durante a ação, é bom renovar a intenção de agradar a Deus. — Sta. Maria Madalena de Pazzi, quando via alguma noviça ocupada em algum trabalho, costumava perguntar-lhe: “Irmã, com que fim fazeis isto?” E se esta não respondia logo que era para agradar a Deus, a repreendia. E se vos achais embaraçada por ocupações impostas pela obediência, não vos lamenteis de não poder empregar o tempo em orar, como pretendíeis. — O padre Baltasar Alvares, estando um dia muito ocupado e aflito por se desembaraçar, para ir orar, ouviu o Senhor Ihe dizer: “Embora eu não vos tenha comigo, deve bastar-vos que eu de vós me sirva”³³.

12. — Aquele que faz todas as suas obras por Deus, terá os seus dias cheios segundo a palavra do Salmista³⁴. Por dias cheios se entendem os que se empregam inteiramente de uma maneira agradável aos olhos divinos. Pelo contrário, são dias vazios os que não se empregam no serviço de Deus; e é por isso que o Salmista diz que os pecadores não chegam a viver a metade dos seus dias³⁵. Um santo franciscano, como narram as crônicas, sendo perguntado há quanto tempo era religioso, respondeu: Ai! Desgraçado de mim! Há bem setenta e cinco anos que trago este santo hábito, mas há quanto tempo eu sou verdadeiro religioso, não só de nome, mas na realidade, eu não sei. Eu, por mim, nem ainda em um

ponto posso afirmar que fui religioso”. — O que dizia este franciscano por humildade, prouvera a Deus que o não devessem dizer com verdade tantas religiosas, que, depois de ter passado trinta e mais anos no convento, não terão talvez ainda começado a ser verdadeiras religiosas!

Pensai, dizia Sto. Eusébio de Emésio, pensai não ter vivido senão os dias, em que vossas ações foram esclarecidas de uma luz pura, isto é, foram feitas só com o fim de agradar a Deus³⁶.

Examinai, pois, minha cara irmã, as vossas ações, e vede até que ponto as podeis considerar verdadeiramente puras, isto é, feitas unicamente por Deus, sem nenhuma mistura de amor próprio; e se no passado assim não o foram, procurai fazê-las tais para o futuro. Então tereis a sorte de ouvir o Senhor vos dizer no dia de vossa morte: “Alegrai-vos, minha boa serva, porque fostes fiel em algumas coisinhas, fazendo-as só para me agradar, eu vos darei numerosas e grandes recompensas”³⁷.

ORAÇÃO

Ó meu Jesus! Quando cessarei de vos ser ingrata? e quanto começarei a vos amar de veras? Ó Bondade infinita, tão desconhecida e tão desprezada no mundo, eu também fui, desgraçadamente, do número de tantas almas ingratas; mas não quero morrer assim e me arrependo de todo o coração de vos ter ofendido. Senhor, ajuda-me: fazei que eu seja toda vossa, antes que me venha a morte. Dai-me o vosso amor: um amor ardente que me faça esquecer todas

as criaturas, para não me lembrar senão de vós; um amor forte, que me faça vencer todas as dificuldades, quando se tratar de vos agradar; um amor perpétuo, que me una a vós para sempre. Eu vos amo, ó meu doce Redentor, e espero tudo pelos méritos do sangue que derramastes por mim.

Eu espero tudo também da vossa intercessão, ó Maria, meu refúgio, minha esperança e minha Mãe!

1. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit; si autem oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosum erit. *Matth. 6, 22.*

2. Homo enim videt ea quae parent; Dominus autem intuetur cor. *I. Reg. 16, 7.*

3. Et si tradidero corpus meum ita ut ardeam, charitatem autem non habuero, nihil nihil prodest. *I. Cor. 13, 3.*

4. Martyrem non facit poena, sed causa. *Serm. 331, E. B.*

5. Holocausta medullata offeram tibi. *Ps. 65, 15.*

6. Non valde attendas quid, homo faciat, sed quid, cum facit, respiciat. *In Ps. 31, en. 2.*

7. Tantum facis, quantum intendis.

8. Que est ista, quae ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus myrrae, et thuris et univ-
ersi pulveris pigmentarii. *Cant. 3, 6.*

9. *S. Marc. 5, 24.*

10. Tangit Christum fides paucorum; premit eum turba multorum. *Serm. 62, E. B.*

11. Amen dico vobis, quoniam vidua haec pauper plus omnibus misit. *Marc. 13, 41.*

12. Considerans, non quantum, sed ex quanto dedisset. *De Op. et. Eleem.*

13. Qui mercedes congregavit, misit eas in sacculum pertusum. *Ag. 1, 6.*

14. Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus ut videamini ab eis. *Matth. 6, 1.*

15. Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est. *Matth. 5, 16.*

16. Nec propter te coepi, nec propter te desinam.

17. *Vid. c. 10.*

18. Ego dilecto meo, et ad me conversio ejus. *Cant. 7, 10.*

19. *De Beatit. c. 7.*

20. Intra in gaudium Domini tui. *Matth. 25, 21.*

21. Quando operatur, non ut ipsa Deo placeat, sed... quia placet Deo quod operatur. *De Divers. s. 103.*

22. Amem te propter te.

23. Non quaero voluntatem meam, sed voluntatem ejus qui misit me. *Joan. 5, 30.*

24. Ego quae placita sunt ei facio semper. *Joan. 8, 29.*

25. Bene omnia fecit. *Marc. 7, 37.*

26. Si dignus fueris agere aliquid quod Deo placeat, aliam, praeter id, mercedem requiris? *De Compunct. l. 2.*

27. Si non habet arca quod donet, habet cor et voluntas.

28. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum. *Cant. 8, 6.*

29. Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa; vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum. *Cant. 4, 9.*

30. Servientes sicut Domino, et non hominibus. *Eph. 6, 7.*

31. Sive ergo manducatis, sive bibitis, sive aliud quid facitis omnia in gloriam Dei facite. *I. Cor. 10, 31.*

32. *Conn. et Am. l. 3, c. 15, s. 3.*

33. *Vie, c. 2.*

34. Dies pleni invenientur in eis. *Ps. 72.*

35. Viri sanguinum et dolosi non dimidiabunt dies suos. *Ps. 54, 24.*

36. Illum diem vixisse te computa, qui puritatis habuit lucem. *Ad Monach. hom. 9.*

37. Euge serve bone et fidelis; quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam. *Matth. 25, 21.*

CAPÍTULO IX

DA ORAÇÃO.

1. — Tenho falado muitas vezes da oração nas minhas outras obras espirituais, como num pequeno tratado que se acha no fim das *Visitas ao Santíssimo Sacramento*, na *Preparação para a morte* e especialmente em um livro composto à parte sobre esta matéria, intitulado: *O Grande Meio da Oração*, onde mostrei a necessidade em que estamos todos de orar para nos salvarmos.

Pelo que me limitarei aqui a recolher algumas reflexões das mais importantes sobre este assunto. Veremos em primeiro lugar, *quanto a oração é necessária*; em segundo lugar, *quanto é eficaz* junto de Deus para obter todas as graças; em terceiro lugar, *como se há de orar*.

2. — I. Quanto à *necessidade da oração*, é preciso saber que nada podemos fazer de bem, sem as graças atuais de Deus: ora o Senhor declara que ele concede essas graças só aos que as pedem: *Pedi e recebereis*¹. Pelo que, dizia Sta. Teresa, quem não pede, não recebe.

A oração é, portanto, necessária aos adultos, e o é primeiramente *de necessidade de preceito*, de acordo com a linguagem da Sagrada Escritura: *É preciso orar sempre*². — *Orai para não cairdes em tentação*³. *Pedi e vos será dado*⁴. Segundo a sentença comum dos teólogos com S. Tomás, as palavras *É preciso, Orai, Pedi* tem a força de preceito, que obri-

ga sob pecado grave. Todo homem, diz o doutor angélico, é obrigado a orar, porque tem o dever de buscar os bens espirituais e os não pode conseguir sem os pedir a Deus⁵. — Há obrigação de orar principalmente em três casos: Primeiramente, quando uma pessoa se acha em estado de pecado; em segundo lugar, quando está em perigo de morte; em terceiro, quando é assaltada de uma forte tentação. Além disso, os teólogos, de ordinário, ensinam que aquele que passasse de um a dois meses sem orar, não poderia ser escusado de pecado mortal⁶.

Mas a oração não é necessária somente *de necessidade de preceito*, como acabo de dizer; mas também, como ensinam S. Basílio, Sto. Agostinho, S. João Crisóstomo, Clemente de Alexandria e outros, 'é necessária *de necessidade de meio*: isto é que, sem orar, nos é absolutamente impossível conservar o estado de graça e alcançar a salvação. S. João Crisóstomo o diz claramente: É impossível viver bem sem o socorro da oração⁷. E Lessio acrescenta que esta verdade deve ser considerado como um ponto de fé⁸.

3. — S. Tomás expõe mais expressamente esta doutrina; e afirma que para chegar ao céu, depois do batismo, é necessária a oração contínua⁹. — Porque, acrescenta, ainda que o batismo apague os pecados, nos resta vencer as tentações, e, sem oração, não teremos as forças necessárias para combatê-las. É pois indispensável, depois da justificação, pedir a Deus o dom da perseverança, para ser preservado do mal até o fim¹⁰.

Para compreender bem isto, é preciso saber, primeiramente, que, sem o socorro especial de Deus, não podemos permanecer longo tempo em estado de graça, livres de qualquer falta grave; porque são tantos os inimigos que continuamente nos combatem, e nós, ao contrário, somos tão fracos, que se Deus nos não socorrer com auxílios especiais, além dos comuns que todos dá, não temos força para lhes resistir. Esta doutrina é de fé definida pelo sagrado Concílio de Trento, com estes termos: Se alguém disser que o homem justificado pode, sem um auxílio especial de Deus, perseverar no estado de graça, ou com este auxílio o não pode, seja anátema¹¹.

É preciso saber, além disso, que este socorro especial para perseverar na graça, o Senhor, ao menos de ordinário, não o dá aos que o pedem. — É verdade, diz Sto. Agostinho, que as graças primeiras, como a vocação à fé ou à penitência, são concedidas mesmo ao que não oram; mas as outras graças, e especialmente a da perseverança, Deus as não dá sinal aos que as pedem¹².

4. — De tudo o que precede, deduzimos quanto a oração é necessária para obter a salvação eterna. Todos os condenados se perderam pela falta de oração; se tivessem orado, não seriam eternamente desgraçados. Todos os santos se justificaram pela oração, se não tivessem orado, não se teriam santificado nem salvado. — S. João Crisóstomo dizia: É preciso que vivamos persuadidos de que deixar a oração é a mesma coisa que perder a graça de Deus, que é a vida da nossa alma¹³. Os padres antigos, depois de terem conferenciado sobre si sobre qual fos-

se o exercício mais necessário a um cristão para se salvar, concluíram que é repetir continuamente esta oração de Davi: Senhor socorrei-me, e socorrei-me depressa; porque se tardais em dar-me o vosso auxílio, eu cairei e perderei a vossa graça¹⁴. Se fizermos assim, certamente nos salvaremos; se assim não fizermos, certamente nos perderemos.

5. — II. É preciso considerar, em segundo lugar, a *eficácia da oração*. Segundo Teodoreto, a oração é o nosso único recurso, mas pode nos obter todos os bens¹⁵. Aquele que ora obtém tudo o que ora, obtém tudo o que quer. E nisto, eu penso, que Deus nos mostra seu imenso amor e seu vivo desejo de nos fazer bem. Que maior amor pode alguém mostrar a um seu amigo do que dizer-lhe: Meu amigo, pede-me o que quiseres, e eu te darei? — Pois bem! é precisamente o que o Senhor diz a cada um de nós: Pedi e vos será dado¹⁶. Ela não faz nenhuma reserva; pois acrescenta: Pedi tudo o que desejardes e tudo vos será feito¹⁷. — Segundo S. João Clímaco, a oração é tão poderosa junto de Deus, que o força de algum modo a nos dar tudo o que pedirmos: A oração, diz ele, faz a Deus uma santa violência¹⁸. — Nós somos todos pobres e mendigos como dizia Davi¹⁹. — Se, porém, quisermos ser ricos de graças, está em nossas mãos: Peça-mos a Deus as graças e elas nos serão dadas: peça-mos bastante e receberemos bastante.

Davi bendizia especialmente o Senhor pela bondade com que unia sua misericórdia às nossas orações: Bendito seja Deus que me não tirou a oração nem a sua misericórdia²⁰. — Sto. Agostinho explica

assim esta passagem: Enquanto virdes que orais, ficai seguros de que a divina misericórdia não deixará de vos socorrer²¹. — E segundo S. João Crisóstomo, quando oramos o Senhor nos ouve já antes mesmo de acabarmos de expor os nossos pedidos²². E aliás o que Deus nos prometeu por Isaías: Falarão ainda e já os ouvirei²³.

6. — III. Vejamos, enfim, *como se deve orar*, que é o que mais importa.

1.º - É preciso orar com *humildade*. Deus, diz S. Tiago, resiste aos soberbos e dá sua graças aos humildes²⁴.

O Senhor resiste às orações dos orgulhosos e as não ouve; seu orgulho é como um muro que o impede de ouvir os pedidos que lhe são dirigidos; ao passo que presta ouvidos benévolos aos menores votos dos que se humilham. Lê-se no Eclesiástico: A oração da alma que se humilha, e se julga indigna de ser ouvida, penetra os céus, e se apresenta diante do trono de Deus, onde não volta sem que o Senhor a tenha olhado e ouvido²⁵. — Assim, pois, quando quisermos obter as graças de Deus, devemos primeiramente lançar um olhar sobre a nossa indignidade, e especialmente sobre as infidelidades, que temos praticado depois de tantas resoluções e promessas, por nos termos fiado demais de nossas forças. Depois devemos dirigir-lhe nossa oração, sem nenhuma confiança nem esperança em nós mesmos, e implorar de sua misericórdia o socorro que desejamos.

7. — 2.º - É preciso *orar com confiança*. Jamais, assegura o Eclesiástico, aconteceu que uma alma, depois de ter confiado em Deus, fosse confundida²⁶.

Devemos, pois, orar, como diz S. Tiago, com confiança firme sem temor de não sermos ouvidos. O mesmo apóstolo acrescenta: Aquele que ora com dúvida se será ouvido é semelhante a uma onda do mar agitada pelo vento, de sorte que se um pensamento o anima, outro o abate; nada receberá do Senhor²⁷. — É pois necessário que tenhamos confiança na misericórdia de Deus e creiamos que, orando, com certeza havemos de receber a graça; e então certamente nos será dada como nosso Salvador mesmo nos assegurou, com estas palavras: Tudo o que pedirdes na oração, crede que obtereis, e vos será concedido²⁸. — Como podemos nós temer, pergunta Sto. Agostinho, não ser ouvidos nas nossas orações, visto que Deus, que é a mesma verdade, prometeu escutar aquele que ora?²⁹ — O santo doutor diz ainda: Tantas vezes, nas Escrituras, o Senhor nos exorta a pedir; como poderia, depois disso, nos recusar o que pedimos?³⁰ — Oh! não, acrescenta ele, isso não é possível; porque, pela sua promessa, se obrigou a nos dar as graças que lhe pedirmos³¹.

8. — Mas, direis vós, eu sou uma pecadora; mereço castigos e não graças; temo, porque sou indigna de ser ouvida. A isto S. Tomás responde que a oração para obter graças, não se apoia nos nossos méritos, mas unicamente na misericórdia de Deus³². — É por isso que Jesus Cristo, nos convidando a orar, disse que aquele que pede recebe³³. — Um autor antigo assim comenta estas palavras: O Senhor prometeu ouvir as preces de quem ora, não só do justo, mas também do pecador; é bastante que peça³⁴. — Mas nosso doce Redentor para nos tirar todo o temor

quando oramos, se exprime nestes termos em outra circunstância: Em verdade, em verdade, vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará³⁵. — Pecadores, parece dizer, não tendes mérito junto de meu Pai para serdes ouvidos; pois bem! eis como podeis fazer: pedi-lhe as graças em meu nome isto é pelos meus merecimentos e eu vos prometo que ele vos dará tudo o que pedirdes. — Como são belas as palavras que a este propósito escreveu S. Tiago! Se algum de vós, diz o apóstolo, carece da sabedoria, isto é do amor divino, peça este dom a Deus, que soe dispensar suas graças a todos de uma maneira liberal, dando mais do que lhe pedem. E acrescenta imediatamente: E não faz reparos³⁶. Quer dizer que, quando pedimos a Deus os seus dons, ele não nos repele, nos repreendendo os desgostos que lhe causamos. Parece esquecer então todas as nossas ingratidões; nos acolhe com bondade e nos ouve.

9. — 3.^o - É preciso, enfim, *orar com perseverança*. Sto. Hilário diz que o meio de obter as graças é orar com constância³⁷.

O Senhor quer ouvir a uns desde a primeira vez que oram; outros não são ouvidos senão à segunda vez, outros à terceira. É por isso que, não sabendo quantas vezes Deus quer que repitamos nossos pedidos, para nos ouvir, devemos sempre continuar a solicitar a graça que desejamos.

Pelo que concerne a perseverança final, esta é uma graça que, como ensina o sagrado Concílio Tridentino, não nos podemos merecer³⁸; todavia, Sto. Agostinho assegura que de algum modo se merece

pela oração, isto é, que orando, certamente se obtém³⁹. — Mas para a obter e se salvar, nota S. Tomás que é necessário a cada um pedi-la continuamente a Deus⁴⁰. — É o que o próprio Salvador declarou, dizendo: É preciso orar sempre e não cansar⁴¹. É o que repete o apóstolo, quando recomenda a oração sem cessar⁴². — Não basta, pois, conclui Belarmino, pedir a perseverança uma ou algumas vezes; é preciso pedi-la todos os dias, para obtê-la todos os dias⁴³. — No dia em que a não pedirmos, cairemos no pecado, e a perderemos.

10. — Diz S. Gregório que Deus nos quer dar a perseverança, mas, antes de a dar, quer ser importunado e de alguma sorte constrangido por nossas orações⁴⁴. É o que significam estas instâncias que nos faz o Senhor: Pedi e vos será dado; buscai e achareis, batei e se vos abrirá⁴⁵. — É preciso fazer assim, particularmente nas tentações graves, para não succumbir. É preciso orar e continuar a orar, até ficar livre do perigo. Repitamos então sem cessar: Meu Jesus, misericórdia! Senhor, socorrei-me; não permitais que eu tenha a desgraça de me separar de vós!

Além disso, é preciso ao mesmo tempo pedir sempre a Deus o espírito de oração, isto é a graça de orar continuamente prometida outrora pelo Senhor à família de Davi: Sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito de graça e de preces⁴⁶. — Notai estas palavras *de graça e de preces*; — mostram que a oração se acha sempre unida a graça que desejamos. — Quem é fiel a esta prática, está sempre unida a graça de não ser preso pelas ciladas dos nossos inimigos. Diz o sábio que

em vão se lançam redes diante das aves, porque voam e logo escapam⁴⁷. Do mesmo modo, aquele que ora escapa de todas as tentações, porque pela oração toma logo o vôo para Deus, e Deus o livra do perigo.

Notemos aqui que um pecador em vão alegaria como escusa o ter caído por falta de força para resistir; porque o Concílio de Trento lhe responde: Deus não manda coisas impossíveis; mas, dando seus mandamentos, nos adverte de fazermos o que pudermos com a graça ordinária que dá a todos os homens; e quanto ao que não podemos fazer só com essa graça, nos admoesta a pedir maior auxílio conforme a nossa necessidade; e desde que o pedirmos, está pronto a no-lo conceder⁴⁹.

11. — O Senhor ouve pois aquele que ora, porque o prometeu; mas é preciso advertir que esta promessa não diz respeito aos bens temporais, como a saúde do corpo, as riquezas, as honras e outros semelhantes; porque esses favores Deus tem muitas vezes motivo para no-los recusar, como nocivos à nossa salvação. — O médico, diz Sto. Agostinho, sabe melhor o que convém ao doente, do que o próprio doente⁵⁰. Por conseguinte, quem quiser pedir bens temporais, deve fazê-lo com resignação e sob a condição de que sejam úteis para a salvação eterna; porque se os pedimos sem esta resignação o Senhor não nos dará nem sequer audiência. Os bens espirituais, ao contrário, não é necessário que se peçam com condição; devemos pedi-los de um modo absoluto e com firme esperança de obtê-los. Eis como o nosso Salvador nos animou a pedir esses bens: Se

vós que sois maus e cheios de amor próprio, não sabeis recusar aos vossos filhos o que eles vos pedem, com quanto maior razão vosso Pai celeste, que mais vos ama do que todos os pais da terra amam seus filhos, vos concederá o espírito bom, isto é, as graças úteis para a vida espiritual, quando as pedirdes⁵¹.

12. — Meu Deus! Quantas pessoas não pedem nas suas orações, senão coisas temporais! “Mas, diz Sta. Teresa, não é tempo de tratar com Deus de negócios de tão pouca importância”⁵². Peçamos as virtudes, a divina luz para cumprir a vontade do Senhor; peçamos a doçura, a paciência nas contrariedades, a perseverança, o amor divino, que é, como diz S. Francisco de Sales, o bem que encerra todos os outros bens; peçamos a graça de sempre orar e a de nos recomendar a Deus. Senhor, diz Sto. Agostinho, que orações haveis de ouvir, se não escutais estas que são tanto do vosso agrado⁵³. — Sim! Deus, cuja bondade é infinita, deseja demasiadamente nos enriquecer de seus dons. Sta. Maria Madalena de Pazzi diz até que, quando os pedimos, o Senhor nos é de certo modo obrigado e nos agradece, porque então como que lhe proporcionamos o meio de contentar o seu desejo de nos fazer bem. Se alguma coisa nos falta, é por nossa culpa, é porque não pedimos. Não merece pois compaixão aquele que fica pobre, porque, se é pobre, é porque não quer pedir a Deus as graças de que tem necessidade. — Sta. Teresa teria querido, dizia ela, subir a uma montanha, donde se pudesse fazer ouvir de todos os homens, e de lá não fazer outra coisa do que gritar: “Ó homens, orai, orai, orai!”.

13. — Não me estendo mais sobre esta matéria, porque, como disse no princípio, já tratei dela por extenso em muitas de minhas obras, e principalmente na que tem por título *Do Grande Meio da Oração*. Esse livro não custa caro, e já está nas mãos de muitos leitores. É por isso que não quero enfadar as pessoas que o já leram, repetindo aqui as mesmas coisas.

De resto, eu escreveria e falaria sempre da oração, deste grande meio de salvação; pois, vejo que as Sagradas Escrituras tanto do antigo como do novo Testamento nos repetem sem fim que devemos orar, pedir e fazer as mais vivas instâncias, se queremos receber as graças: Clamai e eu vos ouvirei⁵⁴. Invocai-me e eu vos livrarei⁵⁵. Pedi e vos será dado⁵⁶. Tudo o que pedirdes na oração, crêde que obtereis e vos será outorgado⁵⁷. Pedireis o que quizerdes e vos acontecerá⁵⁸. Se pedirdes alguma coisa em meu nome eu o farei⁵⁹. Mil outros textos semelhantes se poderiam citar. Não sei como o Senhor poderia melhor exprimir seu desejo de nos dar suas graças, e a necessidade que temos de as pedir, se as queremos. — Os santos padres igualmente não fazem outra coisa se não nos exortar a orar.

De outra parte, digo a verdade, eu me lamento dos pregadores, dos confessores e dos escritores, porque vejo que nem uns nem outros falam tanto como deveriam do grande meio da salvação, que temos na oração. Leiam-se especialmente os numerosos quaresmais que andam impressos, e não se achará neles um só sermão sobre a oração. Apenas existirá uma outra palavra por acaso.

É por esse motivo que eu tratei, ao longo, da oração em todas as minhas obras; e quando prego, não deixo de dizer e repetir: Orai, orai, se quereis vos salvar e vos santificar. É verdade que, para sermos santos, devemos possuir todas as virtudes, a mortificação, a humildade, a obediência e principalmente a caridade; e para adquirir estas virtudes, é preciso, além da oração, empregar também outros meios, como a meditação, a comunhão e os santos resoluções; mas, se nós não oramos, apesar de todas as meditações, comunhões e resoluções, não seremos mortificados, nem humildes, nem obedientes; não amaremos a Deus, não resistiremos às tentações; em uma palavra, nunca faremos bem algum. Por isso, S. Paulo, depois de ter enumerado as virtudes necessárias ao cristão, diz que é preciso perseverar na oração⁶⁰. Com isso mostra, como nota S. Tomás, que para adquirir as virtudes que nos são necessárias, devemos orar continuamente; porque, sem orar, não teremos o socorro divino de que temos necessidade para praticar as virtudes⁶¹.

14. — Concluamos. Se, pois, quereis vos salvar e vos santificar, ó esposa querida do Senhor, recomendai-vos sempre a Jesus Cristo, a sua divina Mãe, ao vosso Anjo da Guarda e aos vossos santos patronos. Tende a boca continuamente aberta e o coração atento para repetir: Meu Deus, ajudai-me! Santíssima Virgem socorrei-me! Meu Anjo da Guarda e meus santos padroeiros, valei-me! — S. Leonardo de Porto Maurício, grande servo de Deus e grande missionário, falecido em Roma, com grande fama de santidade, dizia que nunca devemos passar um momento

sem repetir com a boca ou coma mente: “Meu Jesus, misericórdia! Meu Jesus, misericórdia!” — Estas palavras, acrescentava, são ao mesmo tempo um ato de contrição e uma prece para não pecar mais. No seu excelente *Manual sacro para as monjas*, conta ter conhecido um homem piedoso que as repetia tão freqüentemente que lhe acontecia não raro dizê-las até trezentas vezes em um quarto de hora. Eu vos dou o mesmo conselho. Procurai repetir esta prece toda a vez que nela pensardes; quando vos despertardes, quando estiverdes na oração, quando comungardes, quando trabalhardes, quando fordes a passeio, quando estiverdes na mesa, quando descerdes à grade, dizei sempre: Meu Jesus, misericórdia! Meu Jesus, misericórdia!

Pronunciando estas palavras, tende intenção de dizer: Meu Jesus, por meus pecados, tenho merecido o inferno; mas, confiada na vossa misericórdia, espero o perdão e a graça de vos amar sempre. Meu Jesus, ajudai-me! — Não vos esqueçais também de vos recomendar sempre a divina Mãe, que é chamada tesoureira e dispensadora das graças. É por essa razão que S. Bernardo nos exorta a recorrer a sua poderosa intercessão para obtermos as de que precisamos: Procuremos a graça, diz o santo, e a procuremos por Maria, porque ela acha o que busca e não pode sofrer repulsa⁶².

ORAÇÃO **que seria bom recitar todos os dias.**

Eterno Padre, vosso divino Filho nos prometeu que dareis todas as graças que vos pedirmos em seu nome; cheia de confiança nesta promessa, eu vos peço em nome e pelos merecimentos de Jesus Cristo, as graças seguintes: e o que peço para mim, tenho intenção de pedir também para todos os homens:

Primeiramente vos peço perdão de todas as ofensas que vos fiz, das quais me arrependo do todo o coração, acima de todos os males, por ter desprezado a vossa infinita bondade, e proponho antes morrer mil vezes do que vos tornar a ofender.

Em segundo lugar, vos peço a vossa divina luz, que me faça conhecer a vaidade dos bens terrenos; e a grandeza do bem infinito, que sois vós.

Em terceiro lugar, vos peço a vosso santo amor, que me desapegue de todas as criaturas, e especialmente de mim mesma, para amar só a vós e a vossa santa vontade. Fazei que meu coração se inflame do fogo do vosso amor⁶³.

Em quarto lugar, vos peço uma grande confiança nos merecimentos de Jesus Cristo e na proteção de Maria.

Em quinto lugar, vos peço a santa perseverança na vossa graça. Senhor, vós conheceis minha fraqueza e todas as minhas infidelidades, depois de tantas promessas que vos fiz; se me não sustentardes continuamente com o vosso auxílio, eu infeliz tornarei a perder a vossa graça. Meu Deus, não permitais que ainda me separe de vós⁶⁴.

Proponho recorrer a vós em todas as tentações e necessidades; e estou certa de que me haveis de ajudar toda a vez que a vós me recomendar; mas temo uma coisa, temo descuidar de recorrer a vós e que esta negligência seja a causa da minha ruína.

Ó Eterno Pai, eu vos conjuro pelo amor que tendes a Jesus Cristo, dai-me a graça da oração, isto é, a graça de não cessar de vos invocar, repetindo sempre: Meu Deus, ajudai-me! Meu Jesus, misericórdia! Maria, minha Mãe socorrei-me!

Eu me dirijo a vós, enfim, ó Maria, minha advogada e minha esperança; vós alcançais de Deus tudo o que lhe pedis; eu vos peço também, pelo amor que tendes a Jesus Cristo, obtende-me a santa perseverança e a graça de me recomendar sempre a vosso divino Filho e a vós.

1. Petite et accipietis. *Joan. 16, 24.*
2. Oportet semper orare. *Luc. 18, 1.*
3. Orate ut non intretis in tentationem. *Marc. 14, 38.*
4. Petite et dabitur vobis. *Matth. 7, 7.*
5. Ad orationem quilibet tenetur, ex hoc ipso quod tenetur ad bona spiritualia sibi procuranda; quae procurari non possunt, nisi a Deo petantur. *In 4. Sent. d. 15, q. 4, a. 1.*
6. *Lesius. De Just. l. 2, c. 37, d. 3.*
7. Simpliciter impossibile est, absque precatationis praesidio, cum virtute degere. *De or. Deo, l. 1.*
8. Fide tenendum est orationem adultis ad salutem esse necessariam. *Loc. cit.*

9. Post Baptismum autem necessaria est homini jugis oratio ad hoc quod in coelum introeat. *P. 3, q. 39, a. 5.*

10. Postquam aliquis est justificatus per gratiam, necesse habet a Deo petere perseverantiae donum ut scilicet custodiatur a malo usque ad finem vitae. *1. 2, q. 109, a. 10.*

11. Si quis dixerit justificatum, vel sine speciali auxilio Dei in accepta justitia perseverare posse, vel cum eo non posse, anathema sit. *Sess. 6, can. 22.*

12. Constat alia Deum dare etiam non orantibus, sicut initium fidei; alia non nisi orantibus praeparasse, sicut usque in finem perseverantiam. *De dono pers. c. 16.*

13. Persuasum habeamus, quod animae mors sit, non provolvi ad Dei genua. *De ord. Deo, l. 1.*

14. Deus, in adjutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina.

15. Oratio cum sit una omnia potest.

16. Petite et dabitur vobis. *Luc 11, 9.*

17. Quodcumque volueritis, petetis, et fiet vobis. *Joan, 15, 7.*

18. Oratio pie Deo vim infert. *Scal. par. gr. 28.*

19. Ego autem mendicus sum et pauper. *Ps. 39, 18.*

20. Benedictus Deus qui non amovit orationem meam et misericordiam suam a me. *Ps. 65, 20.*

21. Cum videris non a te amotam deprecationem tuam, securus esto quia non est a te amota misericordia ejus.

22. Semper obtinetur etiam dum adhuc oramus.

23. Adhuc illis loquentibus, ego andiam. *Is. 65, 24.*

24. Deus superbis resistit; humilibus autem dat gratiam. *Jac 4, 6.*

25. Oratio humiliantis se nubes penetrabit..., et non discedet donec Altissimus aspiciat. *Eccli. 35, 21.*

26. Nullus speravit in Domino, et confusus est. *Eccli. 2, 14.*

27. Postulet autem in fide nihil haesitans. Qui enim haesitat, similis est fluctui maris, qui a vento movetur est circumfertur non ergo aestimet homo ille quod accipiat aliquid a Domino. *Jac. 1, 6.*

28. Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis. *Marc. 11, 24.*

29. Quis falli timeat, cum promittit veritas? *Conf. I. 12, c. 1.*

30. Hortatur ut petas; negabit quod petis? *Serm. 61. E. B.*

31. Promittendo debitorem se Deus fecit. *Serm. 110. E. B.*

32. Oratio, in impetrando, non innititur merito, sed divinae misericordiae. *2. 2, q. 178, a. 2.*

33. Petite, et dabitur vobis..., omnis enim qui petit accipit. *Luc. 11, 9.*

34. Omnis sive justus, sive peccator sit. *In Matth. hom. 18.*

35. Amen, amen dico vobis: si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis. *Joan. 16, 23.*

36. Si quis vestrum indiget sapientia, postulet a Deo, qui dat omnibus affluenter nec impropere. *Jac. 1, 5.*

37. Obtinere, in sola precum mora est. *In Matth. can. 6.*

38. *Sess. 6, cap. 12.*

39. Hoc Dei donum suppliciter emereri potest. *De dono pers. c. 6.*

40. Necessaria est homini jugis oratio, ad hoc quod coelum introeat. *P. 3, q. 39, a. 5.*

41. Oportet semper orare et non deficere. *Luc. 18, 1.*

42. Sine intermissione orate. *I. Thess. 5, 17.*

43. Quotidie petenda est, ut quotidie obtineatur.

44. Vult Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci. *In Ps. poenit. 6.*

45. Petite et dabitur vobis; quaerite, et invenietis; pulsate et aperietur vobis. *Luc. 11, 19.*

46. Effundam super domum Davi et super habitatores Jerusalem spiritum gratiae et precum. *Zach. 12, 10.*

48. Frustra autem jacitur rete ante oculos pennatorum. *Prov. 1, 17.*

49. Deus impossibilia non jubet; sed jubendo monet, et facere quod possis, et petere quod non possis; et adjuvat ut possis. *Sess. 6, cap. 11.*

50. Quid infirmo sit utile magis novit medicus, quam aegrotus. *Ap. S. Prosp. seut. 212.*

51. Si vos, cum sitis mali, nostis bona data dare filiis vestris, quanto magis Pater vester de coelo dabit spiritum bonum petentibus se. *Luc. 11, 13.*

52. *Cam. da perf. c. 1.*

53. Quas tuorum preces exaudis, si has non exaudis? *De Civ. D. I. 22, c. 8.*

54. Clama ad me, et exaudiam te. *Jer. 33, 3.*

55. Invoca me..., eruam te. *Ps. 49, 15.*
56. Petite, et dabitur vobis. *Matth. 7, 7.*
57. Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis et evenient vobis. *Marc. 11, 24.*
58. Quod cum que volueritis, petetis, et fiet vobis. *Joan. 15, 7.*
59. Si quid petieritis me in nomine meo, hoc faciam. *Joan. 14, 14.*
60. Orationi instantes. *Rom. 12, 12.*
61. *In Rom. 12, lect. 2.*
62. Quaeramus gratiam, et per Mariam quaeramus; quia, quod quaerit, invenit, et frustrari non potest. *De Aquaed.*
63. Tui amoris in corde meo ignem accende.
64. Ne permittas me separari a te.

CAPÍTULO X

DA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM.*1. O verdadeiro servo de Maria não pode perder-se.*

1. — Oh! que grande esperança pode ter uma alma que confia na intercessão da augusta Mãe de Deus! Eis as palavras que a Santa Igreja aplica a Maria Santíssima no Ofício divino: Aquele que me acha, por meio de uma sincera devoção, achará a vida da graça na terra, e a salvação eterna no paraíso¹. — Sto. Anselmo, falando à Santíssima Virgem, chega a dizer que assim como é impossível salvar-se quem não tem devoção a Maria e não tem a sua proteção, assim também é impossível condenar-se quem a ela se recomenda e por ela é olhado com amor². — Sto. Antonino assegura igualmente que todos aqueles que estão sob a proteção desta grande rainha, serão salvos infalivelmente³. — E, segundo S. Boaventura, os que são favorecidos de Maria, serão, desde esta vida, reconhecidos pelos habitantes de Jerusalém celeste por seus concidadãos; e os que trouxerem a libré desta clemente soberana, serão inscritos no livro da vida⁴. — A devoção à Maria é pois um sinal de predestinação. — O doutor angélico diz que ela é chamada *a estrela do mar*, porque assim como os navegantes se dirigem para o porto por meio das estrelas, assim os cristãos são guiados para o paraíso pela Santíssima Virgem⁵.

2. — Se acaso um verdadeiro servo de Maria pudesse incorrer na desgraça de se condenar (e nós explicaremos aqui perto quais são os verdadeiros servos de Maria), seria ou porque ela o não pôde socorrer, ou porque o não quis; mas não é possível que um verdadeiro e constante servo de Maria se condene, porque a esta augusta Rainha não falta nem o poder nem a vontade de o socorrer, como nos assegura S. Bernardo⁶. — É o que vamos provar.

I. Vejamos, antes de tudo, quanto Maria é poderosa junto de Deus para ajudar seus piedosos servos.

Para nos inspirar confiança nesta grande advogada, a Santa Igreja, no-la faz invocar sob o nome de *Virgem poderosa*⁷. É que, com efeito, Deus onipotente a tornou tal, como deu a entender no seu cântico⁸. — E Teófilo, patriarca de Alexandria, dá a razão nos seus escritos: O Filho, diz, estima ser rogado por sua Mãe, porque deseja conceder, a seu pedido, tudo o que outorga aos homens, e recompensar assim o benefício que lhe deve por ter dela recebido o corpo⁹. — Sta. Brígida ouviu um dia Jesus dizer a Maria: Minha Mãe, pedi-me o que quiserdes, pois sabeis que nenhum de vossos pedidos pode deixar de ser ouvido por mim; e depois acrescentou: Nada me recusastes quando vivíeis na terra; nada vos recusarei agora que viveis comigo no céu¹⁰.

3. — Qual é a razão principal porque as preces de Maria são tão poderosas junto de Deus? Respondo: É porque ela é Mãe de Deus. As preces de Maria, sendo de mãe, tem certa razão de mandamento, nota Sto. Antonino, e por isso é impossível que não sejam ouvidas¹¹. — É por isso que, pronunciando estas pa-

lavras que a Santa Igreja nos faz dirigir à Maria: Mostraí que sois Mãe¹², o Beato Alberto Magno as entendia neste sentido: Minha Soberana, mostraí que sois mãe: usai da vossa autoridade materna e mandai que vosso Filho se compadeça de nós¹³. — S. Pedro Damiano exprime o mesmo pensamento e diz que quando Maria vai pedir uma graça a seu Filho para seus devotos, manda de algum modo em vez de pedir como se fosse Senhora e não serva do Senhor¹⁴. — E Cosme de Jerusalém chega até a dizer que a proteção de Maria é onipotente¹⁵. — É o que confirma Ricardo de S. Lourenço, dizendo: Maria é onipotente, porque é justo que a Mãe participe do poder do seu Filho¹⁶. O Filho é onipotente por natureza, e a Mãe é onipotente pela graça; o que quer dizer que ela, com suas preces, obtém tudo o que quiser.

4. — Por mais perdido que esteja o pecador, se recorre a Maria, ela o salvará por sua intercessão, segundo estas palavras de S. Gregório de Nicomedia: Ó Mãe de Deus, tendes forças invencíveis, afim de que vossa clemência não seja ultrapassada por nenhum número de pecados; e nada pode resistir ao vosso poder, porque o vosso Criador, de quem sois Mãe, considera vossa glória como sua¹⁷. — Vós podeis tudo, acrescenta S. Pedro Damiano, pois podeis excitar à esperança de salvação ainda os desesperados¹⁸. — Assim, pois quando o demônio nos tentar de desespero, recorramos a Maria e lhe digamos com S. Germano: Ó Maria, vós sois onipotente para salvar os pecadores, e não tendes necessidade de recomendação junto de Deus, porque sois a Mãe da verdadeira vida¹⁹.

5. — II. Vejamos agora como Maria quer e deseja ajudar os seus devotos.

“De que nos serviria o grande poder de Maria, pergunta S. Boaventura, se ela não tivesse cuidado de nós? Mas, diz o santo, tenhamos por certo que assim como é junto de Deus mais poderosa do que todos os santos assim também é mais zelosa da nossa salvação²⁰. — Quem, pois, ó Senhora nossa, exclama S. Germano, quem como vós tem tanta solícitude de nossa salvação junto de vosso Filho? Quem como nós nos protege em nossas aflições? Quem se ocupa tanto como vós em ajudar os pecadores? Ó Maria, o vosso patrocínio é maior do que podemos compreender²¹. — Sto. André Avelino chamava a Virgem Maria *agenciadora do paraíso*; mas quais são os negócios de que ela trata no paraíso? Está constantemente orando por nós, afim de nos impetrar as graças que lhe pedimos. — Disse ela um dia à Sta. Brígida: Eu sou chamada *Mãe da misericórdia*, e verdadeiramente o sou; porque tal me fez a misericórdia de Deus²². — Certamente foi a misericórdia de Deus, que nos deu esta grande protetora, porque nos quer salvar! — Portanto, acrescentou Maria: Infeliz e eternamente desgraçado será aquele que, podendo nesta vida recomendar-se a mim, que sou tão misericordiosa para com todos os homens, deixa de o fazer e se condena!²³

6. — Segundo Ricardo de S. Vitor Maria é tão cheia de misericórdia que, apenas vê misérias, vem logo socorrer, e não pode ver ninguém em necessidade, sem vir ampará-lo²⁴. Assim praticava ela desde quando viveu nesta terra, como vemos pelo que se

passou nas bodas de Caná de Galiléia, pois, faltando então o vinho, Maria não esperou que lhe rogassem, mas, compadecendo-se da aflição e do vexame dos esposos, suplicou a seu divino Filho os consolasse, dizendo: Eles não tem vinho²⁵. E obteve que mudasse a água em vinho, por um milagre. — Ora, diz S. Boaventura, se a compaixão de Maria pelos aflitos era tão grande, enquanto estava neste mundo, sua solicitude em nos socorrer é certamente muito maior agora que está no céu, donde observa melhor nossas misérias e mais se compadece de nós²⁶.

7. — Ah! Nunca deixemos de recorrer em todas as necessidades a esta divina Mãe, que está sempre pronta para socorrer a quem a invoca, como assegura Ricardo de S. Lourenço²⁷. — Bernardino de Bustis acrescenta que, quando recorremos a ela, achamos sempre suas mãos cheias de misericórdia e de graças²⁸.

E segundo Ricardo de S. Vitor, Maria tem um coração tão compassivo, que, à vista de nossas necessidades, previne nossas súplicas e nos envia socorro antes que o peçamos²⁹. — Porque pois, conclui S. Bernardo, tememos nós não ser consolados, quando recorremos a Maria? Ela nada tem de austero, nada de terrível, é toda doçura e bondade para os que a ela se recomendam³⁰.

Como poderá deixar de ouvir com benevolência quem a ela recorre, se ela própria anda em busca dos miseráveis para salvá-los? Ela nos chama a todos e nos faz esperar todos os bens, se recorremos a sua proteção: Em mim, diz ela, acha-se toda a esperança de vida e de virtude. Vinde todos a mim³¹. — O

piedoso Pelbarto faz notar que ela nos convida a todos, justos e pecadores³². — S. Pedro diz que o demônio anda ao redor, buscando presa para devorar³³. Mas esta terna Mãe, diz S. Bernardino de Bustis, vai por toda a parte, procurando sem cessar almas para salvar³⁴.

Basta a esta grande soberana, para nos salvar, que lhe peçamos nos socorra. Uma pessoa santa dizia: “Basta pedir as graças a Maria, para possuí-las”. Assim, pois, escreve S. Boaventura que ela tem tanto desejo de nos fazer bem e de nos ver salvos, que se declara ofendida não só pelos que lhe dirigem alguma injúria positiva, mas também pelos que não lhe vem pedir graças. Pelo que dizia o mesmo santo que, quando olhava para Maria, se enchia de consolação, porque lhe parecia ver a mesma misericórdia, estendendo as suas mãos para livrá-lo das suas misérias³⁵. — Pois esta boa rainha, acrescentava ele, não sabe e nunca soube deixar de se compadecer do miserável que a ela recorre, e de socorrê-lo, nas suas penas³⁶.

No céu, Maria está continuamente ocupada em pedir pelos miseráveis. — Sta. Brígida ouviu um dia Jesus dizer a sua gloriosa Mãe: Pedi-me o que quiserdes³⁷. — E que respondeu Maria? Contentou-se de pedir misericórdia pelos miseráveis³⁸. É como se houvesse dito: Meu Filho, visto que me constituístes Mãe de misericórdia e advogada dos infelizes, que vos posso pedir senão que useis de misericórdia com os miseráveis? — Ora, os mais miseráveis são os pobres pecadores; é por isso que ela tem os olhos constantemente voltados para eles afim de ajudá-los.

— Davi disse que os olhos do Senhor estão voltados para os justos³⁹. Mas a Mãe de misericórdia, observa Ricardo de S. Lourenço, volve seus olhos compassivos tanto para os justos como para os pecadores; procede conosco, como uma mãe com seu filho. Ora, a mãe tem sempre os olhos sobre seu filho, afim de velar para que não caia, ou correr logo para levantá-lo, se cair⁴⁰.

Diz o Idiota que o Senhor constituiu Maria advogada de todos os homens⁴¹. Mas é mais propriamente dos pecadores que ela é advogada, porque são propriamente os culpados e não os inocentes, que necessitam deste socorro; e por isso Dionísio o cartusiano a chama advogada de todos celerados que a ela recorrem⁴². — Antes dele, S. João Damasceno a chamou cidade de refúgio para todos que se encomendassem⁴³. — Depois destas considerações, S. Boaventura excita nossa confiança nestes termos. Pobres pecadores já perdidos, não desesperéis: levantai os olhos para Maria, e respirai, pondo vossa confiança na misericórdia desta boa Mãe; porque vos livrará do naufrágio e conduzirá ao porto da salvação⁴⁴. — Digamos, pois, com S. Tomás de Vilanova: Ó Virgem Santa, já que sois advogada dos infelizes, cumpri o vosso ofício, ajudai-nos, que somos mais miseráveis do que os outros⁴⁵.

Procuremos a graça e, para achá-la, recorramos à Maria, como nos ensina S. Bernardo⁴⁶. — A graça que perdemos, foi achada por Maria; a ela pois devemos recorrer para encontrá-la de novo, nos diz Ricardo de S. Lourenço⁴⁷. — Quando o Arcanjo S. Gabriel veio anunciar a Maria que Deus a tinha escolhi-

do para ser a Mãe do Verbo, para animá-la, disse que ela tinha achado a graça⁴⁸. — Mas, como assim? Maria nunca foi privada da graça, e até foi sempre cheia de graça: como, pois, o anjo podia dizer-lhe que a tinha achado? — O cardeal Hugo responde que Maria não achou a graça para si mesma pois dela sempre gozou, mas para nós que tivemos a desgraça de perdê-la; assim, ajunta ele, para recobrá-la devemos nos apresentar à Santíssima Virgem e dizer-lhe: Augusta Senhora, o objeto achado deve ser restituído a quem o perdeu; ora a graça que achastes não é vossa, pois sempre a possuístes, mas pertence a nós, que a perdemos. Deveis, pois no-la restituir⁴⁹.

8. — Oh! se todos os pecadores recorressem a Maria, com o desejo de se emendarem quem jamais se perderia? Só se perde quem não recorre à Maria. — Sta. Brígida ouviu o Salvador dizer a sua Mãe: Vós teríeis compaixão até do demônio, se ele, com humildade, vos pedisse perdão⁵⁰. O orgulhoso Lúcifer não o fará jamais; no entanto se ele soubesse humilhar-se diante da Mãe de Deus e implorar o seu auxílio, ela o não repeliria e por sua intercessão o livraria do inferno. — Falando assim, Jesus Cristo quis nos dar a conhecer que Maria salva todos os que a ela recorrem. — É por isso que S. Basílio a chama *Hospital público*⁵¹. — Como os hospitais públicos se instituem em benefício dos enfermos pobres, e quem é mais pobre tem mais direito de ser neles recebido: assim, pois, segundo S. Basílio, Maria deve acolher com maior solícitude e bondade os maiores pecadores que a buscam para seu refúgio. Por mais imundo que seja um pecador, diz S. Bernardo, nossa grande Rai-

nha o não repele; desde que o infeliz reclama a sua assistência, ela lhe estende a mão para retirá-lo do abismo do desespero e arrancá-lo da perdição⁵². — O Senhor revelou à Sta. Catarina de Sena que ele escolheu Maria, como um dulcíssimo engodo para atrair e apanhar os homens, principalmente os pecadores⁵³. — A mesma Santíssima Virgem disse à Sta. Brígida que não há pecador algum, por mais perdido e abandonado de Deus que seja, que não possa, invocando-a, se converter e obter o perdão⁵⁴. — Outra vez lhe disse que, assim como o imã atrai o ferro, assim ela atrai a si e a Deus os corações mais endurecidos⁵⁵.

9. — A Santa Igreja quer que proclamemos esta divina Mãe nossa esperança⁵⁶. — O ímpio Lutero não podia suportar, como dizia, que a Igreja nos ensinasse a chamar Maria nossa esperança. Dava como razão que só Deus deve ser a nossa esperança e que o Senhor amaldiçoa todo aquele que põe sua esperança na criatura. isto é verdade quando alguém confia nas criaturas independente de Deus; mas nós, se esperamos em Maria, é porque a consideramos como nossa medianeira junto de Deus. Tanto mais que Deus, segundo S. Bernardo, depositou nas mãos de Maria todo o tesouro das graças e dons que nos quer outorgar⁵⁷. — O Senhor quer pois, como acrescentava o santo doutor, que reconheçamos dever à Maria todo o bem que temos, pois que ordenou que todos os dons que nos quer dar, passem pelas mãos de Maria; e, por isso, o mesmo santo a chamava salvação, dos que a invocam!⁵⁹ Pelo que, segundo este santo doutor, basta invocar a Maria, para se salvar.

Digamos, pois, freqüentemente, com o mesmo santo, quando nos assaltar o temor de sermos condenados: Senhora, eu pus em vós as minhas esperanças; pertence a vós pensar em me salvar e preservar do inferno⁶⁰. — Não, exclama Sto. Anselmo, um verdadeiro devoto de Maria não vai ao inferno; basta que ela ore uma vez por ele, e diga a seu divino Filho que o quer ver salvo⁶¹.

2. Quais são os verdadeiros servos de Maria.

10. — Eu disse que um verdadeiro servo de Maria não se condena; mas, para evitar ilusões, vejamos agora que condições são requeridas para ser um verdadeiro servo de Maria.

I. É necessário primeiramente o bom propósito de mudar de vida e não ofender mais a Deus. — S. Gregório VII escrevia a condessa Matilde: Põe fim à vontade de pecar, e eu te prometo que encontrarás Maria mais disposta a te ajudar com amor, do que qualquer mãe segundo a carne⁶². — A mesma Santíssima Virgem dava um dia à Sta. Brígida este aviso tão próprio para inspirar confiança aos pecadores: Em qualquer estado que esteja um pecador, se ele a mim volta com verdadeiro desejo de se converter, estou pronta a recebê-lo logo; e então não noto quantos pecados cometeu, mas só com que intenção vem a mim. Se vem com intenção de mudar de vida, cuidarei de pensar e curar as chagas de sua alma, porque me chamo e sou de fato Mãe de misericórdia⁶³. — Mãe de misericórdia quer dizer que a compaixão que tem

de nossas misérias, a leva a nos amar e nos socorrer mais do que qualquer outra mãe segundo a carne. Mas, como declarou a Sta. Brígida, é mãe só daqueles que querem emendar-se⁶⁴.

Maria não é portanto Mãe dos pecadores obstinados. Se algum se achar dominado por qualquer paixão e não estiver resolvido a sair do pecado, mas desejar ser livre deste roque a Maria que o ajude a romper esta funesta cadeia, e procure ao menos começar a resistir e remover a ocasião; nossa boa Mãe lhe estenderá a mão e o consolará. É o que a mesma Sta. Brígida ouviu um dia da boca de Jesus Cristo, que dizia a Maria: Quando um pecador se esforça para voltar a Deus, ó minha Mãe, não deixeis de o ajudar, e não permitais que ninguém se afaste de vós desconsolado⁶⁵.

11. — II. Além disso, para ser verdadeiro servo de Maria, é preciso obter sua especial proteção por meio de orações e piedosas homenagens. — É verdade que ela ora por todos, mas sempre com mais eficácia pelos seus servos que a honram mais. — E sabeis, diz André cretense, que ela, sendo sumamente reconhecida e generosa, soe compensar com liberalidade todo o obséquio que lhe oferecemos, por menos que seja⁶⁶.

Vejam, pois, com que práticas devotas podemos honrar esta Mãe amabilíssima.

12. — Recitai, toda a manhã ao despertar, e a tarde antes de deitar, *três Ave Marias* em honra da pureza de Maria, acrescentando a cada uma: “Pela vossa pureza e imaculada Conceição, ó Maria, purificai o meu corpo e santificai a minha alma”. — E pon-

de-vos sob sua proteção, afim de que vos preserve de todo o pecado, durante o dia ou durante a noite. — Demais, saudai a Santíssima Virgem com uma *Ave Maria* todas as vezes que o relógio der horas, quando sairdes ou entrardes na cela, quando passardes diante de suas imagens; e tende o cuidado de fazer o mesmo no começo e no fim de qualquer ação, espiritual ou temporal. Felizes as ações assim encerradas entre duas *Ave Marias*! Quando saudamos esta graciosa Rainha, especialmente com esta prece, que lhe é tão agradável, ela sempre corresponde com algum favor celeste.

2. Não deixeis de recitar todos os dias o rosário ou ao menos o terço de cinco mistérios. É uma devoção praticada ordinariamente por todos os fiéis, mesmo pelos seculares, e enriquecida pelos sumos Pontífices com inúmeras indulgências. E preciso observar que, para lucrar as indulgências do rosário, é preciso recitá-lo, meditando nos mistérios e ter consigo um rosário ou terço bento para este fim. Demais, os associados da Confraria do santíssimo rosário podem ganhar ainda outras muitas indulgências. Há religiosas que soem acrescentar a reza do ofício parvo da Santíssima Virgem. Ao menos, vós podereis recitar o do Nome de Maria, que é brevíssimo, composto só de cinco Salmos. Ajuntai todos os dias três *Padre Nossos* e *Ave Marias* em honra da Santíssima Trindade pelas graças feitas a Maria; pois a Santíssima Virgem revelou que esta devoção muito lhe agrada.

3. Jejuai aos sábados e nas vigílias das festas de Maria, e, se puderdes, à pão e água. Observai ao menos o jejum ordinário, ou contentai-vos de um só

prato ou absteende-vos de algum que mais vos agrade. Fazei alguma mortificação ao sábado, que é o dia consagrado pela igreja ao culto da Mãe de Deus.

4. Ide todos os dias fazer uma visita à vossa Rainha diante de alguma imagem a que tiverdes mais devoção, e pedi-lhe então a santa perseverança e o amor a Jesus Cristo.

5. Não deixeis passar um dia sem ler ao menos alguns minutos qualquer livro que fale de Maria. Destes livros existem muitos, como *A verdadeira devoção a Santíssima Virgem* do padre Crasset; *Afetos recíprocos entre Maria e seus devotos* do padre Auriemma; *O devoto de Maria* do padre Segneri; *Afetos a Maria* do padre Nieremberg; e há muitos outros que podeis ler. Eu também publiquei uma obra, para este fim, sob o título *Glórias de Maria*, que já foi reimpressa muitas vezes.

13. — 6. Celebrai com piedade as novenas das festas de Maria, nas quais podeis praticar as seguintes devoções, cada dia: — 1. Fazei uma meia hora de meditação a mais; — 2. Recitai nove *Ave Marias* e *Gloria Patri* em honra da Santíssima Virgem. Eu proponho poucas orações vocais, porque desejo que façais antes muitos atos de amor e jaculatórias a Jesus e Maria, por exemplo: Eu vos amo, meu Jesus; eu vos amo, ó Maria minha Mãe! — ou então: Santa Maria Mãe de Deus, rogai a Jesus por mim. Destes atos ou jaculatórias podeis fazer cem ou ao menos cinquenta. — 3. Visitai três vezes uma imagem da Santíssima Virgem, e repeti de cada vez os sobreditos atos ou jaculatórias, pedindo no fim uma graça especial para vossa alma. — 4. Procurai comungar muitas

vezes, durante as novenas, com o conselho do vosso confessor. — Nesses dias, praticai alguma mortificação exterior mais particular como a disciplina, o cilício, o jejum ou ao menos abstinência de frutas ou de outra comida; e na vigília da festa, jejuai à pão e água, se puderdes. Eis um outro ato de piedade que vos aconselho: Entre as festas de Maria, escolhei a de que fordes mais devota, como a da Imaculada Conceição, a Anunciação, a Assunção ou ainda das sete Dores, às quais todos os fiéis devem consagrar especial devoção; e, no dia da festa, depois da comunhão, ofereci-vos de um modo particular para servir a Mãe de Deus, tomando-a por vossa Soberana e vossa Mãe; pedi-lhe perdão de vossas negligências no seu serviço durante o ano passado, e prometi-lhe servi-la melhor no ano seguinte. Seria ainda bom, se a obediência vo-lo permitir, mandar fazer na igreja uma novena pública com exposição do Santíssimo Sacramento, mas sem música e sem pompa, mesmo no dia da festa. De outra sorte, tudo acabaria por se reduzir a vaidades e desordens, como acontece quase sempre às festas que as religiosas fazem celebrar; nas quais prouvera a Deus que elas não perdessem mais do que ganham.

14. — 7. Procurai todos os dias recomendar-vos, muitas vezes, à proteção de Maria. Sabei que de todas as devoções, a que mais lhe agrada, é recorrer freqüentemente a ela e pedir-lhe graças. No ofício de suas festas a Igreja põe na sua boca estas palavras: Feliz aquele que vela todo o dia à porta da minha misericórdia⁶⁷. — Maria é chamada Mãe de misericórdia por causa do ardente desejo que tem de nos fazer

bem; assim o maior prazer que lhe podemos dar, é nos recomendar a ela e pedir-lhe graças. Ela deseja nos valer, mas quer ser rogada, segundo diz o Beato Alberto Magno: Devemos pedir-lhe que queira, porque tudo o que quer e pede a seu divino Filho, se faz necessariamente⁶⁸. Dai nos exorta S. Bernardo: Nos perigos de pecar, nas aflições, nas dúvidas sobre o que deveis resolver, chamai por Maria em vosso auxílio. Seu poderoso e doce nome esteja sempre na vossa boca, para invocá-la, e no vosso coração para muito confiar na sua intercessão⁶⁹. — S. Boaventura diz que ninguém pode pronunciar devotamente o nome de Maria, sem obter alguma graça⁷⁰. — E S. Germano chama o mesmo nome *respiração dos vivos*: como a respiração no corpo, diz ele, é um sinal de vida, assim também o nome de Maria na boca de seus servos prova que vivem; porque este santo nome nutre e conserva a vida da graça⁷¹. — Por isso fareis bem de pedir todos os dias a Deus a graça de ter confiança, primeiramente no sangue de Jesus Cristo e em seguida na intercessão de Maria.

15. — Enfim, se amais a Maria, procurai fazer que também os outros a amem. Não percais nenhuma ocasião de inspirar a todos a devoção a estaterna Mãe, seja contando algum exemplo piedoso, seja propondo alguma homenagem particular a lhe oferecer, ou alguma graça a lhe pedir. — Ela promete o paraíso a quem a ama e procura fazer que os outros a amem: Os que trabalham para minha glória não cairão no pecado; e os que me fazem conhecer terão a vida eterna⁷².

Oh como vos consolará na hora da morte tudo o que em vida houverdes feito por Maria! — O padre Binet refere que um piedoso servo de Maria dizia ao morrer: “Se soubésseis que contentamento experimenta uma alma, no momento da morte, por ter tentado servir bem a Santíssima Mãe de Deus durante o curso de sua vida, ficariéis espantados e consolados. Eu não poderia exprimir a alegria que sinto em meu coração, na hora em que me vedes”⁷³.

Procurai pois estar sempre aos pés desta boa e terna Mãe. Agradecei sempre ao Senhor, se entre as mercês que vos fez, se dignou de vos conceder uma devoção particular a sua Santa Mãe; porque é uma grande prova de que vos quer salvar. Dizei, pois, a Maria, quando lhe recomendais a vossa salvação eterna, dizei-lhe com S. João Damasceno: Ó Mãe de Deus, se ponho em vós minha confiança, eu serei salvo. Se estou sob a vossa proteção, nada tenho a temer; porque ser devoto vosso é ter armas que asseguram a vitória, armas que Deus dá somente aos que quer salvar⁷⁴.

ORAÇÃO

Ó Senhora minha, se pedirdes por mim eu serei salva, porque, com vossas preces alcançais tudo o que quiserdes. Rogai, pois, por mim, ó grande Mãe de Deus, pois que vosso divino Filho vos ouve e concede tudo o que lhe pedis. É verdade que sou indigna de vossa proteção; mas nunca abandonastes a nenhum dos que a vós recorreram. Ó Maria, eu vos confio a minha alma, vós deveis salvá-la. Alcançai-

me a perseverança na graça de Deus, e o amor ao vosso Filho e a vós. Eu vos amo, minha Rainha, e espero vos amar sempre. Amai-me também vós, acolhei-me sob o vosso manto e tende piedade de mim; fazei-o pelo amor que tendes ao vosso Filho. Considerai a confiança que deposito na vossa misericórdia e não cesseis de me valer em todas as minhas necessidades. Já sei que não deixareis de me socorrer, quando me recomendar a vós; mas deveis obter-me ainda a graça de recorrer sempre a vós em todas as tentações e perigos de perder a Deus. Assisti-me, sobretudo, na hora da minha morte; e fazei que eu exale o último suspiro com o vosso nome e o de vosso Filho nos lábios, dizendo: Jesus e Maria, eu vos recomendo a minha alma.

1. Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino. *Prov. 8, 35.*

2. Sicut, ó Beatissima, omnis a te aversus et a te despectus, necesse est ut intereat, ita omnis ad te conversus et a te respectus impossibile est ut pereat. *Orat. 51.*

3. Necessarium est quod hi, ad quos convertit oculos suos, pro eis advocans, justificentur et glorificentur. *P. 4, t. 15, c. 14, § 7.*

4. Qui acquirit gratiam Mariae, agnoscetur a civibus paradisi; et qui habuerit characterem ejus, adnotabitur in libro vitae. *Psalt. B. V. ps. 91.*

5. Sicut per stellam maris navigantes diriguntur ad portum, ita christiani diriguntur per Mariam ad gloriam. *Exp. in Sal. Aug.*

6. Nec facultas ei deesse poterit nec voluntas. *In Assump. s. 1.*

7. Virgo potens, ora pro nobis.

8. Fecit mihi magna qui potens est.

9. *Salazar. In Prov. 8, 18.*

10. Pete quod vis a me; non enim inanis potest esse petitio tua. Quia tu mihi nihil negasti in terra, ego tibi nihil negabo in coeso. *Rev. l. 6, c. 23. — l. 1. c. 21.*

11. Oratio Deiparae habet rationem imperii; unde impossibile est eam non exaudiri. *P. 4. t. 15, c. 17, § 4.*

12. Monstra te esse matrem.

13. *De Laud. B. M. l. 2, p. 1.*

14. Accedis enim ante illud humanae reconciliati-
onis altare, non solum rogans, sed imperans. Domina,
non ancilla. *In Nat. B. V. s. 1.*

15. Omnipotens auxilium tuum, o Maria! *Hymn. 6.*

16. Cum autem eadem sid potestas Matris et Filii,
ab omnipotente Filio omnipotens Mater est effecta.
De Laud. B. M. l. 4.

17. Habes vire insuperabiles, ne clementiam tu-
am superet multitudo peccatonum; nihil tuae restitit
potentiae; tuam enim gloriam Creator existimat esse
propriam. *Or. de Ingr. B. V.*

18. Nihil tibi impossibile, cui possibilis est despe-
ratos in spem beatitudinis relevare. *In Nat. B. V. s. 1.*

19. *In Dorm. V. M. s. 2.*

20. *Spec. B. V. lect. 6.*

21. *De Zona Deip.*

22. Ego vocor ab omnibus Mater misericordiae;
vere, misericordia Filii mei fecit me misericordem.

23. Ideo miser erit, qui ad misericordiam, cum possit, non accedit. *Rev. l. 2, c. 23.*

24. A Deo pietate replentur ubera, ut, alicujus miseriae notitia tacta, lac fundant misericordiae, nec possis miseras scire et non subvenire. *In Cant. c. 23.*

25. Vinum non habent.

26. Magna erga miseros fuit misericordia Mariae adhuc exsulantis in mundo; sed multo major est regnantis in coelo. *Spec. B. V. lect. 10.*

27. Inveniet semper paratam auxiliari. *De Laud. B. M. l. 2, p. 1.*

28. Invenies eam in manibus plenam misericordia et largitate. *Mar. p. 2, s. 5.*

29. Volocius occurrit ejus pietas, quam invocetur, et causas miserorum anticipat. *In Cant. c. 23.*

30. Quid ad Mariam recurrere trepidet humana fragilitas? Nihil austerum in ea, nihil terribile: tota sua-vis est. *In Sign. magn.*

31. In me omnis spes vitae et virtutis: transite ad me omnes. *Eccli. 24, 25.*

32. Omnes, justos et peccatores, invitat. *Stell. B. V. l. 1, p. 4.*

33. Circuit quaerens quem devoret. *l. Petr. 5, 8.*

34. Ipsa semper circuit quaerens quem salvet. *Mar. p. 3, s. 1.*

35. In te, Domina, peccant, non solum qui tibi injuriam irrogant, sed etiam qui te non rogant. Certe, Domina, cum te aspicio, nihil nisi misericordiam cerno. *Stim. am. p. 3, c. 19.*

36. Ipsa enim non misereri ignorat, et miseris non satisfacere nunquam scivit. *Stim. am. p. 3, c. 13.*

37. Mater, pete quod vis. *Rev. l. 5, c. 23.*

38. Misericordiam peto miseris. *Rev. I. 1, c. 50.*
39. Oculi Domini super justos. *Ps. 33, 16.*
40. Oculi Dominae super justos et peccatores, sicut oculi matris super puerum ne cadat, et, si ceciderit, ut eum relevet. *De Laud B. M. I. 2, p. 2.*
41. Sicut est omnium Regina, sic et omnium advocata. *Cont. de v. M. in prol.*
42. Advocata omnium iniquorum ad eam confugientium. *De Dorm. B. V. or. 2.*
43. Ego civitas refugii omnium ad me confugientium. *De Dorm. B. V. or. 2.*
44. Respirate ad illam, perditii peccatores, et perducet vos ad portum. *Psal. B. V. ps. 18.*
45. Eia ergo, advocata nostra! Officium tuum imple. *In Nat. B. V. conc. 3.*
46. Quaeramus gratiam, et per Mariam quaeramus. *De Aquaed.*
47. Cupientes invenire gratiam, quaeramus inventricem gratiae. *De Laud. B. M. I. 2, p. 5.*
48. Ne timeas Maria; invenisti enim gratiam. *Luc. 1, 30.*
49. Currant igitur, currant peccatores ad virginem; qui gratiam amiserunt peccando, secure dicant: Redde nobis rem nostram, quam invenisti. *In Luc. 1.*
50. Etiam diabolo exhiberes misericordiam, si humiliter peteret. *Rev. evtr. c. 50.*
51. Publicum Valetudinarium.
52. Tu peccatorem, quantumlibet foetidum, non horres; si ad te suspiraverit, tu illum a desperationis barathro pia manu retrabis. *Depr. ad B. V.*

53. Ipsa est a me velut esca dulcissima electa, in capiendis hominibus, et animabus praecipue peccatorum. *Dial. c. 139.*

54. Nullus ita alienatus est a Deo, qui, si me invocaverit, non revertatur ad Deum, et habiturus sit misericordiam. *Rev. I. 6, c. 10.*

55. Sicut magnes attrahit ferrum, sic ego attraho Deo dura corda. *Rev. I. 3, c. 32.*

56. Spes nostra, salve.

57. Totius boni plenitudo posuit in Maria, ut proinde, si quid spei in nobis est, si quid gratiae, ab ea non verimus redundare. *De Aquaed.*

58. Haec mea maxima fiducia, haec tota ratio spei meae. *De Aquaed.*

59. O salus in te sperantium! *Cant. post. Psalt.*

60. In te Domina speravi; non confundar in aeternum.

61. Aeternum vae non sentiet ille, pro quo semel oraverit Maria.

62. Pone finem in voluntate peccandi, et invenies Mariam, indubitanter promitto, promptiorem carnali matre in tui dilectione. *Lib. 1, ep. 47.*

63. Quantumcumque homo peccet, si ex vera emendatione ad me reversus fuerit, statim parata sum respicere revertentem; nec attendo quantum peccaverit, sed cum quali voluntate venit, nam non dedignor ejus plagas ungere et sanare, quia vocor (et vere sum) Mater misericordiae. *Rev. I. 2, c. 23. — I. 6, c. 17.*

64. Ego sum quasi mater se volentium emendare. *Rev. I. c. 138.*

65. Conanti surgere ad Deum tribuis auxilium, et neminem relinquis vacuum a consolatione. *Rev. I. 1, c. 19.*

66. Cum sit magnificentissima, solet maxima pro minimis reddere. *In Dorm. B. V. s. 3.*

67. Beatus homo qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie. *Prov. 8, 34.*

68. Roganda est ut velit; quia si vult, necesse est fieri. *De Laud. B. M. I. 2, c. 1.*

69. In periculis, in angustiis, in rebus dubiis, Mariam invoca. — Non recedat ab ore, non recedat a corde. *De laud. V. M. hom. 2.*

70. Nomen tuum devote nominari non potest, sine nominantis utilitate. *Spec. B. V. lect. 9.*

71. *De Zona Deip.*

72. Qui operantur in me, non peccabunt; qui eluciant me, vitam aeternam habebunt. *Eccli. 24, 30.*

73. *Chef d'oeuvre de D. p. 3, ch. 6.*

74. *Crasset. Vêr. Dév. p. 1, tr. 1, q. 6.*

CAPÍTULO XI

Do amor a Jesus Cristo.***I. Da obrigação que uma religiosa tem de amar Jesus Cristo.***

1. — A religiosa não deve ter outro desejo nesta vida senão de amar seu terno Esposo Jesus Cristo. — O primeiro e principal mandamento que o Senhor nos impõe, é que o amemos com todo o coração¹. Quer ser muito amado de nós porque muito nos ama; e por isso exige com tanta instância o nosso amor e quer o nosso coração todo inteiro. Meu filho, nos diz com ternura, dá-me o teu coração². E Moisés nos assegura que é tudo o que Deus de nós exige: Que é que o Senhor teu Deus pretende de ti, senão que o ames, e sirvas o Senhor teu Deus de todo o teu coração³. Em recompensa de nosso amor promete dar-se todo inteiro a nós, segundo o que dizia ao Patriarca Abraão: Eu sou o teu protetor e a tua recompensa infinita⁴. Os reis da terra recompensam os seus fiéis vassallos com pensões, honras, privilégios e feudos; mas nosso Deus em recompensa aos que o amam, não dá menos do que a si mesmo todo inteiro. Se o nosso amor não tivesse outra recompensa, deveria contentar-nos saber que quem ama a Deus, é por ele amado. É isto justamente o que o Senhor protesta muitas vezes nas Escrituras, nos termos seguintes:

Eu amo os que me amam⁵. — Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele⁶. — Aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu também o amarei⁷.

2. — Toda a nossa perfeição consiste pois no amor divino, porque o amor é a única virtude que nos une a Deus, como diz Sto. Agostinho⁸. Todas as outras virtudes sem a caridade nada servem. A caridade, ao contrário, leva consigo todas as outras virtudes, porque, como nos ensina o Apóstolo, é paciente, é doce, não se incha, não é ambiciosa, não procura seus próprios interesses; mas sofre tudo, crê tudo e espera tudo⁹. E acrescenta o mesmo Apóstolo: o amor é a plenitude da lei¹⁰. — É o que fazia Sto. Agostinho exclaimar: Amai, e fazei o que quiserdes¹¹. Quem ama uma pessoa, tem o cuidado de lhe não causar nenhuma pena, mas, ao contrário, vai procurando fazer o possível para lhe agradar; e assim igualmente quem ama a Deus, aborrece como a morte tudo o que o ofende, e procura agradar-lhe quando pode.

3. — Saibamos mais que a caridade perfeita consiste em amar a Deus por ele mesmo. — Amar a Deus como nossa felicidade própria, é amor de *concupiscência*, o qual propriamente não pertence à caridade, mas à esperança; e amar a Deus, porque ele merece por si mesmo ser amado, por ser a bondade infinita, é o amor de *amizade*, que é a verdadeira caridade. — No entanto, é preciso observar aqui que a esperança de nenhum modo se opõe nem obsta à perfeita caridade; pois a Igreja condena o erro do bispo de Cambraia, que admitia um estado de caridade,

que excluísse toda a esperança. Nós amamos a Deus, porque ele o merece por si mesmo, de sorte que o amaríamos ainda que não houvéssemos de ser recompensados; mas uma vez que o Senhor nos quer recompensar e até nos manda esperar a recompensa, somos obrigados a esperá-la e mesmo a desejá-la. Além disso, desejar o paraíso afim de possuir a Deus eamá-lo mais perfeitamente, é uma verdadeira e perfeita caridade; porque a glória eterna é a consumação do amor. Lá, esquecendo-se inteiramente de si mesma e despojada de todo o amor próprio, a alma ama a Deus com todas as forças, com um amor puríssimo; e é o que se entende, quando se diz dos bem-aventurados que, no céu, eles se perdem felizmente em Deus.

4. — Se soubéssemos que num reino da terra há um príncipe belo, santo, sábio, afável, compassivo, certamente ganharia o nosso amor, embora não nos tivesse feito nenhum benefício. Entretanto que comparação podem ter as qualidades deste bom príncipe com as de Deus? O Senhor possui todas as perfeições em um grau infinito e tem tudo o que é preciso para ser amado; é uma beleza infinita, uma sabedoria infinita, uma misericórdia infinita. Merece, pois, todo o nosso amor, só por sua infinita bondade.

Eis, a este propósito, o que se refere nas vidas dos padres. Havia, no deserto, dois monges que eram irmãos. O demônio disse a um deles que seu irmão era um precito, e ele teve a simplicidade de acreditar-lo e caiu num abatimento profundo. Como seu irmão lhe perguntasse a razão da tristeza, ele lhe confessou a pretendida revelação, que tinha tido da

sua condenação, ao que este lhe respondeu humildemente: “Se o Senhor assim o quer, seja sempre bendito! Todavia eu quero amá-lo nesta vida quanto me for possível; porque não é pelo temor do inferno nem pela esperança do paraíso que o amo; é unicamente porque ele merece ser amado”. Na noite seguinte, um anjo apareceu ao irmão enganado pelo espírito maligno, e lhe assegurou que seu irmão estava inscrito no número dos eleitos.

5. — Devemos, pois amar a Deus porque ele o merece por si mesmo, e também por gratidão, em vista do amor que nos tem.

Ainda quando os amores de todos os homens, de todos os santos e anjos se reunissem em um só, este não poderia igualar a menor parte do amor que Deus tem a uma só alma. — S. João Crisóstomo afirma que Deus mais nos ama do que nós mesmos nos amamos. Eu te amei de toda a eternidade, diz o Senhor a cada um de nós; e é unicamente por amor que te criei do nada e te coloquei neste mundo¹². Os primeiros que nos amaram neste mundo, foram nossos pais, mas eles nos amaram só depois que nos conheceram; ao passo que Deus nos amava antes que existíssemos. Nossos pais e nossas mães ainda não estavam nesta terra, e Deus já nos amava; ele nos amava mesmo antes de ter criado o mundo; e quanto tempo antes da criação do mundo? Quantos anos? Quantos séculos? Para que multiplicar anos e séculos? Sabemos que Deus nos amou desde a eternidade. Sempre nos amou, em uma palavra, desde que Deus é Deus; desde que ele se ama a si mesmo. — Tinha pois razão a jovem e heróica virgem Sta. Inês,

de dizer que outro a tinha amado primeiro, quando o mundo e as criaturas requestavam seu amor. Não, respondeu ela, eu não posso amar-vos; se Deus foi o primeiro a me amar, é justo que a ele só eu consagre todo o meu coração¹³.

6. — Portanto, Deus nosso Senhor nos amou desde que é Deus, e só por amor nos tirou do nada; e entre tantas criaturas possíveis que ele poderia criar, mas nunca há de criar, nos escolheu a nós e nos pôs no mundo. É também por nosso amor que criou o céu, os astros, as colinas, os mares, as fontes e todas as outras coisas que na terra admiramos.

Mas não se contentou de nos prodigalizar todos estes bens exteriores: seu amor ainda não estava satisfeito. Para isso foi preciso que se desse todo a nós; e é o que fez, pois nos diz S. Paulo: Ele nos amou e se entregou por nós¹⁴. — Para esse fim aproveitou-se da ocasião que lhe oferecia a ruína que nos causou o pecado: maldito pecado, que nos tinha feito perder a graça divina, nos tinha excluído do paraíso e reduzido ao cativo do inferno. O Senhor poderia nos resgatar por diferentes meios, mas preferiu vir em pessoa a este mundo, fazer-se homem para nos livrar da morte eterna, nos obter de novo a amizade de Deus e nos restituir o paraíso perdido, espantando o céu e toda a natureza, com tal prodígio de amor. Como não ficaria maravilhado, quem visse um rei da terra fazer-se escravo por amor de um seu escravo? Que seria se ele se reduzisse a condição de verme por amor de um miserável verme? — Entretanto o Filho de Deus mostrou um amor infinitamente maior, abatendo-se até se fazer homem por amor do ho-

mem: Aniquilou-se a si mesmo, tomou a forma de servo e se viu semelhante ao homem¹⁵. Sim, viu-se Deus revestido de carne! O Verbo se fez carne, com diz S. João¹⁶

7. — Ainda ficamos mais maravilhados, quando vemos depois o que o Filho de Deus fez e sofreu por amor de nós pobres vermes da terra. Bastava-lhe, para nos salvar, oferecer uma só gota de seu sangue, uma lágrima, uma prece; porque essa lágrima ou prece, oferecida ao Eterno Pai por nossa salvação por um Homem-Deus, teria sido de um valor infinito, e por conseguinte suficiente para salvar o mundo e uma infinidade de mundos. Mas Jesus Cristo não queria somente nos salvar; queria mais, por causa do amor imenso que nos tinha, ganhar todo o nosso amor; e escolheu uma vida penosa e desprezada e uma morte mais cruel e mais ignominiosa do que todas as outras, para nos fazer compreender o quanto nos amava: Ele se humilhou, fazendo-se obediente até a morte e morte de cruz¹⁷

Se nosso Redentor não tivesse sido Deus, mas um simples homem como nós e nosso amigo, que teria podido fazer mais por nós do que dar a própria vida? Ninguém, disse ele, mostra maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos¹⁸. — Pois bem! Que dizeis? Credes em Jesus Cristo morreu por amor de vós! Se credes, podereis pensar em amar outro objeto além de Jesus Cristo? Antes da encarnação do Verbo, diz um autor, o homem podia duvidar se Deus o amava com ternura; mas depois da encarnação e morte de Jesus Cristo, como poderá ainda duvidar? Como poderia Deus testemunhar-nos

afeição mais terna do que sofrendo tantos trabalhos, tantas afrontas, até enfim morrer por nós crucificado? Mas ai! Nós estamos habituados a ouvir falar da encarnação, da redenção de um Deus nascido em um estábulo, de um Deus flagelado, de um Deus nascido coroado de espinhos, de um Deus morto na cruz...! Ó santa fé! esclarecei-nos, e fazei-nos conhecer qual foi este rasgo de amor de nosso Deus, de se fazer homem e de morrer por nós!

8. — No entanto, o que mais nos deve admirar é o desejo que sentiu Jesus Cristo de sofrer e morrer por nós. Eu devo ser batizado com o batismo do meu próprio sangue, dizia ele durante sua vida, não para me purificar mas para lavar os homens de seus pecados; e quanto soffro, até que chegue a realizar este desejo!¹⁹ Ah! De certo, se Jesus Cristo não é amado dos homens, é porque não querem sequer pensar no amor que lhes teve nosso terno Salvador. Quem nisso considerasse, como poderia viver sem amá-lo? O amor de Jesus Cristo nos aperta, diz o apóstolo²⁰. Quando uma alma considera este grande amor, se sente como que constrangida a amar a quem a amou tanto. Os santos meditando na paixão do Salvador, se abrasavam de amor, e às vezes até chegavam a dar gritos de espanto e de ternura. — S. Lourenço Justiniano dizia: Temos visto um Deus, a mesma Sabedoria, nos amar com excesso e de alguma sorte até à loucura²¹.

Do mesmo modo, Sta. Maria Madalena de Pazzi, estando um dia em êxtase, tomou na mão um Crucifixo e exclamou: “Sim, meu Jesus, sois louco de amor.

Digo e direi sempre: sois um louco de amor, meu Jesus!”

9. — Se a fé não nos certificasse a verdade deste grande mistério da nossa redenção, quem jamais poderia crer que o Criador do universo quis sofrer tantas dores e morrer por suas criaturas? E se Jesus Cristo não tivesse morrido espontaneamente por nós, que homem teria jamais ousado pedir a Deus que se fizesse homem e morresse para nos salvar? Só este pensamento não teria parecido uma loucura? Com efeito, quando aos gentios se pregou a morte do Salvador, eles a consideraram uma fábula e a chamaram uma loucura incrível, como atesta S. Paulo: Quanto a nós, pregamos o Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios²². — Sim, diz S. Gregório, foi aos seus olhos um ato de loucura, o autor da vida querer morrer pelos homens²³. Como poderemos crer, diziam os gentios, que um Deus que de ninguém precisa, felicíssimo em si mesmo, tenha querido descer do céu à terra, revestir-se de carne humana e morrer pelos homens, suas miseráveis criaturas? Seria o mesmo que acreditar que um Deus enlouqueceu de amor pelos homens. É entretanto verdade de fé que Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus, se entregou aos tormentos, às ignomínias e a morte, por amor de nós, apesar de ingratos e miseráveis: Amou-nos até se sacrificar por nós²⁴.

10. — E porque o fez? Fê-lo, responde Sto. Agostinho, para que o homem soubesse o amor imenso que Deus lhe tem²⁵. — Já antes o tinha dito Jesus Cristo: Eu vim a terra para nela acender o fogo do amor divino; e não desejo outra coisa que ver os co-

rações dos homens se abrasarem destas felizes chamas²⁶.

S. Bernardo, considerando o momento em que Jesus no horto se deixou prender e ligar como um criminoso pelos soldados, exclama: Ó meu Jesus, que tendes vós com as cadeias e as cordas²⁷. Nós é que as devíamos levar, por sermos escravos e pecadores; e não vós que sois o rei do céu e a mesma santidade. Quem, pois, vos reduziu a este estado, a ponto de parecer o malfeitor mais indigno e mais culpado de todos os homens? Quem fez isto? Ah! é o amor, que se esquece de toda a dignidade, quando se trata de ganhar a afeição da pessoa amada! Assim Deus, que é invencível, é vencido pelo amor!²⁸ Seu amor pelos homens o reduziu a tomar a natureza humana e a consumir sua vida num abismo de dores e opróbrios!

11. — Em outro lugar, considerando o nosso Redentor ao ser condenado à morte por Pilatos, o mesmo S. Bernardo lhe dirige estas palavras: Dizei-me, ó meu caro Senhor, vós que sois a mesma inocência, que mal fizestes, para merecer esta cruel sentença que vos condena a morrer crucificado? — Ah! continua o santo, eu compreendo qual foi a causa da vossa morte; vejo qual foi o vosso crime, ó meu Jesus! Foi o amor que tivestes aos homens: sim, foi o amor, e não Pilatos, que vos condenou a morte e vos fez morrer²⁹.

Muito tempo antes, o santo Jó exclamava: Meu Deus, que é pois o homem para vos dignardes assim honrá-lo? que benefício dele recebestes, para que vosso coração, por assim dizer, se preocupe tanto de

cumulá-lo de favores e testemunhar-lhe tanto amor³⁰. — Diz S. Tomás que o Senhor amou tanto o homem, como se o homem fosse seu Deus e ele não pudesse ser feliz, sem que o homem também o fosse³¹. — Com efeito, minha cara irmã, disse-me, se vós fosseis o Deus de Jesus Cristo, que teria podido ele fazer mais por vós, do que viver de uma maneira tão penosa durante tantos anos, e sofrer depois uma morte tão cruel? E se o Redentor tivesse de salvar a vida de seu mesmo Pai, teria podido fazer alguma coisa mais do que o que ele fez por vós? Mas, ai! onde está o vosso reconhecimento? Se um servo houvesse sofrido por vós o que sofreu o vosso celeste Esposo, poderíeis jamais esquecê-lo e viver sem amá-lo? Ah! De certo, cada um de nós deveria, pensando na morte de Cristo, repetir continuamente, como em um transporte de amor pelo Salvador, este grito de S. Pascoal: Meu amor foi crucificado por mim! Meu amor morreu por mim!

12. — Mas o que temos descuidado até o presente, podemos fazê-lo de ora em diante, pois que Deus nos dá tempo para isso. S. Paulo diz que Jesus morreu por nós para, por seu amor, se tornar senhor de nossos corações³². — Morreu por todos nós, diz ainda, para que não vivêssemos mais para nós mesmos, mas somente para um Deus tão bom que deu sua vida por nós³³. — Assim fizeram os santos: considerando na morte e no amor com Jesus Cristo morreu pelos homens, julgaram fazer pouca coisa ao deixarem e sacrificarem tudo, bens, honras e até a vida, por seu amor. Quantos grandes senhores, quantos reis, quantas rainhas e imperatrizes abando-

naram suas riquezas, seus parentes, sua pátria e seus tronos, e se foram encerrar no claustro, para aí consagrarem toda a sua vida ao amor de Jesus Cristo! Quantos milhões de mártires consideraram como uma grande honra para eles e uma grande felicidade, poder sacrificar ao Senhor sua vida no meio dos mais horríveis tormentos! Quantos jovens e quantas virgens nobres renunciaram as alianças mais ilustres da terra, e, cheios de alegria, caminharam para a morte, felizes de poderem de alguma sorte compensar o afeto de um Deus morto por seu amor!

E vós, minha irmã, pensai bem nisto: que tendes feito de grande até aqui por amor de Jesus Cristo? Que prova ou que testemunho lhe destes de vosso afeto? É certo que assim como ele morreu pelos santos, por Sta. Luzia, por Sta. Águeda, por Sta. Inês e tantos outros, assim morreu também por vós.

13. — Ajuntai a isto as graças especiais que vos fez e que não deu a tantas outras da vossa mesma condição. — Quantas princesas e outras jovens de alta nobreza não fez o Senhor nascer nos países infiéis ou heréticos, onde se perdem desgraçadamente, privadas dos sacramentos, das instruções e outros socorros necessários para se salvarem; ao passo que vos fez o favor de nascer no seio da verdadeira Igreja, e em uma família onde achareis mais facilidade e mais meios para adquirir a salvação eterna! — Além disso, vos escolheu para sua esposa, e isto entre um grande número de companheiras vossas que ficaram no século, no meio dos perigos do mundo. Desses perigos vos tirou, talvez contra a vossa vontade, para vos conduzir à sua casa, onde vos assiste continua-

mente com luzes e incitamentos interiores, com sacramentos, com instruções, com os exemplos de vossas boas irmãs e tantos outros socorros para que alcanceis a salvação eterna! — Ajuntai também a misericórdia especial que usou convosco, vos perdoadando tantas vezes as ofensas cometidas no século e na religião. Toda a vez que vos arrependestes e lhe pedistes perdão, isto bastou para vos perdoar logo. E se ainda caístes na ingratidão de ofendê-lo de novo, o Senhor de novo vos perdoou com a mesma bondade. Em vez de vos castigar a medida que íeis multiplicando vossas faltas, ele multiplicou suas graças, suas luzes, seus convites, suas ternuras. Neste mesmo instante, em que ledes este livro, ele vos chama ainda com amor. Pois bem! Que pensais? Qual é a vossa resolução? Ah! não resistais mais. Que esperais? Quereis esperar que o Senhor cesse de vos chamar e vos abandone?

ORAÇÃO

Meu caro Redentor! Eu vejo quanto me obrigastes a vos amar, e quanto vos custou a minha alma. Eu seria demasiadamente ingrata, se amasse outra coisa que vós, ou se amasse pouco um Deus que me deu seu sangue e sua vida. Ó meu Salvador e meu esposo, se morrestes por mim, vossa indigna serva, é bem justo que eu morra por vós, meu Deus. Eu renuncio todo o afeto às criaturas e vos consagro todo o meu coração para não mais amar senão a vós. Eu vos escolho por meu único bem e meu único amor. Sim, eu vos amo, ó meu Amor; eu vos amo! Eu o re-

pito e quero repeti-lo sem cessar: Eu vos amo, meu Amor, eu vos amo! Vós quereis que eu vos ame muito e que não ame outra coisa além de vós; eu quero vos contentar, meu Salvador; quero vos amar muito, e só a vós quero amar, meu Deus, meu tesouro, meu tudo! Ajudai-me por piedade e fazei que eu vos contente plenamente.

Ó Maria, minha Mãe, vinde também em meu socorro. Vós sois a dispensadora de todos os dons divinos, e especialmente do dom supremo do divino amor. É a vós que eu o peço, e espero obtê-lo seguramente de vós.

II. Dos meios que deve empregar uma religiosa para amar Jesus Cristo de todo o coração.

1. — O Senhor impõe a todos os homens o preceito de amá-lo, e quer que cada um o ame de todo o coração³⁴. Mas este mandamento obrigar sobretudo as religiosas que Jesus Cristo escolheu para suas esposas, e favoreceu com tantas luzes e graças especiais, afim de que pensem unicamente em amá-lo, reconhecendo-o como seu Esposo cheio de amor por elas. — Dizia Sta. Teresa que é um grande favor de Deus as almas chamá-las ao seu perfeito amor. Minha cara irmã, vós sois uma dessas almas privilegiadas; mas para vos dedicardes inteiramente ao amor do vosso divino Esposo, como ele deseja, é mister que empregueis generosamente os meios convenientes.

2. — I. O primeiro meio é desejar com ardor chegar a este perfeito amor, de sorte que vosso coração seja todo seu. Os desejos ardentes são as asas que se serviram os santos para se elevarem até a união com Deus pelo amor perfeito. Se não tendes este desejo ao menos pedi a Deus que vo-lo dê; porque, sem ele, nunca podereis chegar a nenhum grau de santidade; e com esse desejo, ao contrário, chegareis logo. — Sta. Teresa deixou às suas filhas, em seus escritos, muitos pensamentos belos sobre este ponto, tais como os seguintes: “Os nossos pensamentos sejam grandes; e é dai que virá o nosso bem. — Não devemos restringir os nossos desejos; devemos, ao contrário, esperar que, confiando em Deus, possamos com esforços constantes, sustentados pela sua graça nos elevar, pouco a pouco, até onde muitos santos chegaram”³⁵. — Instruída pela experiência, atestava não ter visto nenhuma alma pusilânime fazer tanto progresso em muitos anos, como as almas generosas em poucos dias: porque, dizia ela, os desejos agradam a Deus como se fossem atos. — Além disso, S. Gregório assegura que a alma que deseja Deus de todo o coração, já o ama e possui de todo o coração, isto é com um coração despojado e vazio de todos os afetos terrenos³⁶.

3. — II. O segundo meio necessário para amar a Deus de todo o coração, é o desapego de todo o amor que não tenha Deus por objeto. O Senhor quer gozar só da pose de nossos corações, e não quer companheiros. — Sto. Agostinho refere que o senado romano, depois de ter adorado trinta mil divindades, recusou o culto ao Deus dos cristãos, sob o pretexto

de que era um Deus soberbo, que queria ser só, sem companheiros³⁷. É justamente isto o que nosso Deus pretende, porque é o único que nos ama verdadeiramente, e porque nos ama extremosamente, quer que o amemos de todo o coração.

É preciso pois começar por banir do coração toda a afeição que não é para Deus. — No ardor do seu amor, S. Francisco de Sales dizia: “Se eu conhecesse, em minha alma, uma só fibra de afeição que não fosse de Deus, em Deus e para Deus, me desfaria dela imediatamente”³⁸. — Enquanto o coração não estiver limpo das afeições terrenas, o amor de Deus não pode entrar nele. Ao contrário, desde que se desapego das criaturas, oh! então, como se acende nele facilmente e cresce sem cessar o amor de Deus! — Dizia Sta. Teresa: “Desapegai o vosso coração de todas as coisas e procurai Deus; e o achareis”³⁹. O Senhor não sabe negar-se a quem o busca⁴⁰. Ele se dá inteiramente a quem renuncia tudo por seu amor, como disse a Sta. Teresa: “Agora tu és toda minha, e eu sou todo teu”⁴¹. — O Senhor vos diz a mesma coisa se vos despojais de tudo, para ser toda dele. — O padre Segneri júnior escreveu a uma pessoa piedosa: “O amor divino é um querido ladrão, que nos despoja de todos os afetos, até poder uma alma dizer ao seu amado: “Que desejo eu senão a vós só, ó meu Senhor!” — S. Francisco de Sales escreveu igualmente: “O puro amor de Deus consome tudo o que não é Deus, para converter tudo em amor; por quanto tudo o que se faz por amor de Deus, é amor”⁴². — Lê-se na vida do venerável padre José Caracciolo, religioso teatino, que, estando no meio de seus parentes que

não cessavam de chorar a morte de seu irmão, lhes disse: “Ah! reservemos nossas lágrimas para melhor ocasião, para chorar a morte de Jesus Cristo, que foi nosso Pai, nosso Irmão, nosso Esposo, e morreu por nosso amor”. Todas as religiosas, do mesmo modo, deveriam guardar todas as suas ternuras e afeições unicamente para Jesus, seu Esposo”.

4. — S. José Calasans dizia que a verdadeira religiosa é a que pode dizer com verdade: Meu Deus, vós sois tudo para mim⁴³. — Lembrai-vos, minha irmã, que, vos dando por esposa a Jesus Cristo, dissestes: Eu renunciei o mundo e todas as suas pompas, por amor do meu Esposo, que eu reconheci, pelo mais amável de todos os esposos; é por isso que pus nele todas as minhas esperanças⁴⁴. — Assim pois, quando as criaturas pretenderem entrar no vosso coração, repeli-las e dizei-lhes que o destes a Jesus Cristo, de sorte que não há nele mais nenhum lugar para elas. É o amor divino que faz do convento um mundo as avessas, onde se aborrece o que o mundo estima, e se ama o que ele detesta.

5. — Sobretudo para amar a Jesus Cristo de todo o coração é preciso renunciar a si mesmo, abraçando o que repugna ao amor próprio e privando-se do que ele apetece. — Um dia que Sta. Teresa estava enferma, trouxeram-lhe um prato apetitoso: mas a santa o recusou. Para que comesse, a enfermeira lhe disse que estava bem preparado. A isto replicou: “É justamente por essa razão, que dele me abstenho”. Do mesmo modo, devemos privar-nos das coisas que nos agradam, porque nos agradam; por exemplo: afastar os olhos de tal objeto porque é agradável à vis-

ta; renunciar tal divertimento, porque dele gostamos; prestar serviços a tal pessoa, porque é ingrata; tomar tal remédio porque é amargo. — “Notai, diz S. Francisco de Sales, que nosso amor próprio quer ter parte em todas as coisas, mesmo nas mais santas, e faz que nenhuma coisa nos pareça boa se nela não encontramos a própria satisfação”. Donde, o santo nos adverte que devemos amar, com desprendimento até as virtudes, por exemplo: É mister amar a oração, a solidão, mas quando estivermos impedidos de fazê-lo pela obediência ou pela caridade, não nos devemos inquietar; mas abraçar com paz tudo o que nos acontecer por vontade de Deus, contra a nossa inclinação. — Segundo o venerável padre Baltazar Alvares, o Senhor muitas vezes mandas as criaturas nos voltarem as costas e nos abandonarem, a fim de que nos voltemos para ele; mas antes que elas nos deixem, abandonemo-las nós e vamos nos lançar nos braços de Deus.

6. — A vida dos justos, diz o sábio, é como uma luz brilhante, que vai sempre crescendo, até chegar ao dia perfeito⁴⁵. Ora, quem é este que chega ao dia perfeito? É aquele que quer o que Deus não quer, e não quer o que Deus não quer, sem se inclinar nem para um lado nem para o outro, enquanto não conhece a vontade de Deus. É preciso orar como o padre Baltasar Alvares, que dizia: “Senhor, fazei que eu ache repouso em tudo o que fizerdes de mim, segundo a vossa vontade. Eu, por mim, não peço mais prazeres nem mais trabalhos”. Oh como vive feliz quem vive desapegado de tudo! Estejamos persuadidos de que ninguém está mais contente no mundo, do que

aquele que despreza todos os seus bens, e só quer a Deus. É preciso viver nesta terra, como em um deserto, dizendo: Aqui só há Deus e eu.

Penetrada deste espírito de desapego, esposa querida do Senhor, tende cuidado de renovar, cada dia, vossos votos de pobreza, de castidade e de obediência, com intenção de vos despojar de todo apego aos bens, aos prazeres e à própria vontade. Fazei este ato em poucas palavras, afim de que possais repeti-lo mais facilmente e mais vezes. Basta dizer: “Meu Jesus, por amor de vós, eu renovo meus votos com a resolução de os observar exatamente; e vos peço me concedais a graça de lhes ser fiel”.

7. — III. O terceiro meio para obter o perfeito amor a Jesus Cristo é meditar muitas vezes na sua Paixão. — Segundo Sta. Maria Madalena de Pazzi, uma religiosa, elevada a dignidade de esposa de Jesus crucificado, deve, em toda a sua vida e em todas as suas ações, não olhar senão a Jesus crucificado, e não se ocupar senão em considerar o amor de que ela é objeto por parte do divino Esposo. Se alguém sofresse por seu amigo injúrias, golpes e prisões, quanto estimaria que o amigo o soubesse e o recordasse muitas vezes! Mas, se o tal amigo, quando ouvisse falar disso, mudasse de conversa e não quisesse até se lembrar do sucedido, quanto lhe seria penoso ver semelhante ingratidão! Esta pena é justamente a que causam por sua parte a Jesus Cristo as almas que pouco pensam nas dores e ignomínias que sofreu por seu amor. Ao contrário, quanto prazer lhe dão as que se lembram de sua Paixão e nela meditam continuamente! A meu ver, a Paixão de Jesus

Cristo deveria ser o único objeto de todas as meditações de uma religiosa; esta, porém, deve meditar nela ao menos uma vez, cada dia.

8. — Como já disse em outro lugar, parece que o divino Redentor nosso quis padecer diversas sortes de tormentos e opróbrios, tais como cordas, bofetadas, açoites, espinhos, escarros e cravos, para oferecer às almas que lhe são caras, diversos mistérios para sua meditação. É por isso que quis se nos apresentar sob diversos aspectos dolorosos: ora suando sangue no jardim das oliveiras, ora preso entre os soldados, ora revestido de uma túnica branca como um insensato, ora retalhado pelos açoites, ora coroado de espinhos como um rei de ignominia e de escárnio, ora caminhando para o calvário com a cruz às costas, ora suspenso da cruz por três cravos, ora morto nesse leito de dor com o lado aberto.

Façamos aqui um reparo. Não devemos meditar na Paixão de Jesus Cristo para ter consolações espirituais e ternuras, mas somente para nos inflamarmos de amor ao nosso Redentor, e aprendermos dele o que pretende de nós; e devemos oferecer-nos, para suportar todos os males por seu amor, visto que se dignou sofrer tanto por nosso amor. O Senhor revelou a um solitário que não há exercício mais próprio para nos abrasar do amor divino, do que a meditação na sua Paixão.

9. — IV. O quarto meio para chegar ao amor perfeito, é exercitar-se em fazer muitos atos de amor. O fogo se alimenta da lenha que nele se põe, e o amor pelos atos tais como os seguintes.

1. Aquele que ama se regozija da felicidade da pessoa amada; é o que se chama *amor de complacência*. — Por isso, irmão, regozijai-vos muitas vezes da felicidade infinita de Deus, e dela sede mais contente do que se fosse vossa, visto que deveis amar o vosso celeste Esposo mais do que a vós mesma. O que deve fazer vossa alegria, é pensar que nada falta nem jamais poderá faltar ao vosso Amado, para ser infinitamente feliz. Deveis também regozijar-vos de saber que tantos milhões de anjos e santos o amam perfeitamente no céu. Assim deveis alegrar-vos ainda quando ouvirdes dizer que na terra existe alguma alma que muito ama a Jesus Cristo.

2. Aquele que ama, deseja que todos amem o objeto de sua estima; é o *amor de benevolência*, que deveis também exercitar, procurando que Jesus seja ardentemente amado por todos. Por isso, convém que faleis muitas vezes aos outros do seu amor, afim de atear este fogo divino nos corações de todas as pessoas com quem tratardes. Deveis, além disso, desejar ver o vosso Esposo conhecido e amado de todos os que o não conhecem ou não amam. O vosso único pesar deve ser vê-lo desprezado por tantos desgraçados. Qual seria o amor de uma esposa que visse o seu esposo injuriado e maltratado, e com isso não se incomodasse? Com muito maior razão, deveis sentir os desgostos, que vos lembrais de lhe ter dado no passado, e esforçar-vos para repará-los com contínuos atos de contrição; o que se chama *amor doloroso*.

10. — 3. Aquele que ama prefere o objeto amado a todos os outros bens; à o *amor de preferência*, com

que Deus principalmente quer ser amado por nós. O primeiro grau deste amor consiste na disposição de perder tudo antes que a graça de Deus. O Senhor será exigente demais, quando quer que o prefiramos às coisas deste mundo? Que são elas comparadas com Deus? — O imperador Dioclesiano tentou S. Clemente de Ancira, oferecendo-lhe uma grande soma de dinheiro em ouro, prata e pedrarias, se adorassem os ídolos; mas o santo se contentou de dar um suspiro profundo de dor por ver seu Deus posto na mesma balança que as coisas da terra. — Nós nos deveríamos envergonhar de dizer a Deus: “Senhor, eu vos amo acima de todas as coisas”; porque é como se disséssemos a um rei: Senhor, eu vos estimo mais do que a palha e a lama. — No entanto, Deus se contenta de que o amemos mais do que as criaturas, as quais diante dele são infinitamente menos do que a palha e a lama diante do rei. — O padre Vicente Carafa, da Companhia de Jesus, dizia que, se ele tivesse possuído todo o mundo, o nome de Deus lhe teria bastado para tudo abandonar num momento. — É preciso pois estar sempre disposto a perder tudo, os bens, a estima e até a vida, antes que perder a Deus. É necessário que possamos dizer com São Paulo: Nem a morte, nem a vida, nem o inferno, nem outra qualquer criatura nos poderá separar de Deus⁴⁶. Dizia o padre Baltazar Alvares que possui um grande tesouro a alma, que chega a experimentar que não pode viver sem Deus. Entretanto a alma que aspira ao perfeito amor, não deve somente estar disposta a morrer mil vezes antes que ofender a Deus com um pecado mortal e até com um pecado venial

deliberado; mas deve preferir o agrado de Deus a todas as suas próprias satisfações, e estar disposta a sofrer todos os trabalhos e penas para conseguir o que é mais do agrado de Deus. — Pensai, minha irmã, que Jesus Cristo preferiu a vossa salvação a sua própria vida; não é pois grande coisa, não é mesmo nada, se preferis o seu gosto a qualquer outro bem.

11. — 4. Aquele que ama, não recusa, mas antes estima sofrer pela pessoa amada, afim de lhe dar por isso um testemunho de sua afeição. É assim que Jesus Cristo nos mostrou o seu amor. E quem deseja sofrer por Jesus Cristo, deseja ou menos abraça com paz as ocasiões de sofrer. As tribulações, por assim dizer, aplainam o caminho para as almas amantes se unirem com Deus, porque então elas se apegam a ele com um amor mais forte. O padre Baltasar Alvarez dizia: “Quem se resigna com a vontade de Deus nos trabalhos, corre para Deus a passos largos”. Em suma, tudo o que sucede de alegre ou triste aos que amam a Deus, contribui para uni-los mais estreitamente com ele⁴⁷. — É certo que tudo o que Deus faz, é para nosso bem. O Senhor disse um dia a Sta. Gertrudes: “O mesmo amor que me moveu a criar o homem, me faz dispor para o seu maior bem tudo o que lhe envio de prosperidade ou adversidade”.

Tende particular cuidado, minha cara irmã, de vos unir com Deus no tempo da doença. As enfermidades fazem conhecer as almas que amam verdadeiramente a Deus. É então preciso obedecer ao médico e a enfermeira. Não peçais coisa alguma, mais aceitai os remédios que vos repugnam e vos fazem sofrer. Não vos lamenteis de ninguém; e sêde branda e

reconhecida para com todos. Resignai-vos inteiramente com a vontade de Deus, e oferecei-vos para tudo sofrer segundo dispuser o Senhor; e uni-vos com Jesus na cruz, sem querer descer dela senão quando lhe aprouver, contente mesmo de lá deixar a vossa vida, se assim quiser. Ponde-vos então diante de um crucifixo, porque assim sofrereis com maior paz, vendo que os vossos padecimentos são muito menores do que os que sofreu Jesus Cristo por vosso amor. Amai o vosso divino Esposo assim nas aflições como nas consolações. Como diz S. Francisco de Sales, ele é tão digno de amor quando vos prova, como quando vos consola, porque faz tudo para o vosso bem⁴⁸. Se amais Jesus Cristo, amai também os desprezos, amai as correções e rogai ao vosso confessor e a vossa superiora que vos corrija e trate sem atenções, vos imponha o que lhe parecer mais conveniente. — O mosteiro, dizia ainda S. Francisco de Sales, é um hospital de enfermas espirituais, que querem ser curadas, e, para isso, sujeitam-se a sofrer as operações mais dolorosas e toda a amargura dos remédios⁴⁹. Deveis pois pedir aos vossos médicos espirituais que não vos isentem de coisa alguma, que seja necessária para o vosso restabelecimento.

12. — 5. Aquele que ama, pensa no objeto amado. Assim a alma que ama a Deus pensa sempre nele e procura sempre testemunhar-lhe seu amor com suspiros ardentes e fervorosas orações jaculatórias; é o que se chama *amor aspirativo*. — Procurai, pois repetir, muitas vezes, ao vosso Esposo crucificado, de dia e de noite, na vossa cela e fora dela, só e em companhia de outras: Meu Deus, não quero outra

coisa senão vós. — Ou então: Eu me dou toda a vós. Quero tudo o que quiserdes. Disponde de mim como vos aprouver. — Basta mesmo dizer-lhe: Meu Deus, eu vos amo. — Ou uma só palavra: Meu amor! meu tudo! — Podeis ainda, sem falar, dar um suspiro de amor, elevar vosso espírito a Deus ou vossos olhos para o céu, lançar um olhar afetuoso para o Santíssimo Sacramento ou sobre o crucifixo. E estes atos são talvez melhores, porque são mais fáceis, podem-se repetir muitas vezes, e são mais fáceis, podem-se repetir muitas vezes, e são às vezes mais fervorosos.

No fim desta obra, notarei muitos atos de amor que se podem fazer a Jesus Cristo, para auxiliar os que se acharem em aridez.

De resto, os afetos melhores são os que Deus nos inspira e os que nascem do nosso próprio coração.

13. — O Senhor ordenou, no Antigo Testamento, que o fogo estivesse sempre aceso no seu altar⁵⁰. — S. Gregório diz que este altar é o nosso coração, onde Deus quer que arda sem cessar o fogo do seu santo amor⁵¹. — É por isso que, depois de ter mandado ao homem que o ame de todo o coração, ajuntou as palavras seguintes, que exprimem bem o quanto estima ser amado por nós: Eu quero que este mandamento seja gravado no vosso coração e que o mediteis sem cessar, estando assentado em casa, caminhando ao longo das estradas, estando na cama ou fora do leito. quero que o leveis como um sinal em vossas mãos, é que o tenhais sempre presente diante dos olhos. Quero que esteja escrito na entrada e nas portas de vossas casas, afim de que não deixeis

nunca de vos lembrar dele, e o ponhais constantemente em prática por atos de amor⁵². — É por isso que os teólogos ensinam com razão que os atos de fé e de esperança basta provavelmente que se façam uma vez por ano, mas os atos de amor devem ser feitos, ao menos, uma vez por mês; e alguns até impõem a obrigação de fazê-los mais vezes.

14. — O padre Baltasar Alvares chamava os conventos *hospitais de feridos do amor divino, e fornalhas de amor onde as pedras mais duras se reduzem a pó*. Assim deveria ser. Todas as religiosas, feridas de amor a Jesus Cristo, deveriam arder continuamente por ele. Mas ai! poucas, e muito poucas religiosas vivem abrasadas deste fogo celeste. Eu penso que, se Jesus Cristo pudesse ainda chorar e se afligir, sua maior dor, presentemente, seria ver-se tão pouco amado de suas esposas. Portanto, minha cara irmã, amai este terno Esposo, que se dignou unir-vos a ele; amai-o, ao menos, vos direi, por compaixão, vendo o vosso Deus tão pouco amado, especialmente pelas pessoas que lhe são consagradas. Dizei-me, se um príncipe poderosos, rico, ilustre, belo e santo, escolhesse para esposa uma aldeã pobre, feia, ignorante e rústica, e, com isso, a fizesse rica, nobre, sábia e feliz, que não faria ela por seu esposo? Que amor não lhe teria, unido a um grande respeito, sabendo quem é ele e quem era ela? Que reconhecimento lhe não testemunharia, a cada instante, por tal favor? Quanto não procuraria fazer para lhe agradar em tudo? Com que zelo não executaria suas vontades, indo mesmo ao encontro de seus desejos? E se fosse mister sofrer algum trabalho por seu amor,

com que solicitude e com que alegria o não suportaria, feliz por lhe dar esta prova de sua estima e gratidão? E se o visse desprezado por seus súditos, qual, não seria a sua dor? E, se sucedesse que ela própria por descuido, lhe causasse algum desgosto, que pesar não sentiria, e com que humildade, com que lágrimas, não iria lançar-se a seus pés, para lhe pedir perdão? E se, entretanto, se achasse longe de seu esposo, com que suspiros não contaria as horas e os momentos, até poder vê-lo? E que satisfação, enfim, não experimentaria, pensando no seu miserável estado de outrora e na feliz condição em que se acha presentemente! — Aplicai a vós mesma este quadro, minha irmã, vós que, de uma pobre pecadora, fostes feita esposa de Jesus Cristo.

16. — Amai pois o vosso celeste Esposo; mas sabei que, se o não amardes de todo o vosso coração, ele não fica contente convosco. Amai-o não só com os afetos dos coração, mas também com as obras. — Alguns há que são amigos só de nome: dizem bem: “Meu amigo, sois dono de tudo o que eu possuo”; mas, na realidade, dão muito pouco, ou nada. — Outros, ao contrário, sendo verdadeiros amigos, começam por dar o que têm de melhor e oferecem o resto. — A alma que resolveu dar-se inteiramente a Deus sem reserva, se despoja de todas as coisas terrenas, às quais vê apegado o seu coração; e dispõe-se a sujeitar todas as suas inclinações à santa obediência, mortificar-se em todas as suas próprias satisfações e renunciar a sua própria estima, até receber com alegria as irrisões e desprezos. Oh! como caminha com segurança uma alma assim reso-

luta! Que confiança tem em Deus! Como está preparada para sofrer as contrariedades! Com que retidão de intenção faz todas as coisas! Como está atenta para pedir a Jesus e Maria todos os socorros necessários para cumprir seu propósito, sempre firme e decidida a buscar em tudo só o que for mais do agrado de Deus! Quando se apresentam dificuldades, a mesma resolução lhe dá ânimo para dizer: “Só uma coisa se exige, e é dar gosto a Deus. Dê-se, pois, gosto a Deus, ainda que se haja de morrer”. — Se lhe acontece cair em alguma falta, sua resolução a levanta e fortifica com a esperança de executar melhor no futuro o que não se fez no passado. Mas tal resolução deve ser renovada freqüentemente, na oração, na comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento: sobretudo de manhã ao levantar-se, deve-se fazer o ato seguinte: “Meu Jesus, eu me dou de novo inteiramente a vós, e vos prometo fazer sempre o que vir que é mais do vosso agrado. Uno esta minha oferta com a oblação que fizestes de vós mesmo ao Eterno Padre. Ajudai-me a vos ser fiel. Vossa paixão é a minha esperança; vossas promessas, vosso amor, são a minha esperança. — Ó Maria, minha Mãe, rogai a Jesus por mim: obtende-me a santa perseverança e o amor ao vosso divino Filho.

16. — Eis ai, minha cara irmã, o que vos recomendo mais: Se queres adquirir o grande tesouro do amor a Deus, buscai-o sempre, dizendo: Jesus, dai-me o amor! Maria, alcançai-me o amor! Meu anjo da guarda, meus santos padroeiros impetrai-me o amor. — Bastará que pronuncieis a palavra *amor*; Deus a ouvirá sempre com prazer, e inspirará sempre algum

pensamento devoto ao vosso espírito, e ajuntará alguma nova chama e algum santo desejo ao vosso coração. O Senhor é liberal em distribuir todos os seus dons a quem os pede, mas especialmente o dom do amor, porque é sobretudo o amor que ele exige de nós. Mas peçamos não tanto o amor terno quanto o amor forte, que nos faça vencer todo o respeito humano e todas as repugnâncias do amor próprio e nos torne capazes de fazer sem demora e sem reserva tudo o que lhe agrada. Habituai-vos pois a buscar em todas as coisas o que mais aprouver a Deus, mesmo nas coisas pequenas, porque é um meio de vos dispor para fazer em seguida as grandes. Se temerdes não ter a força de vos vencer em alguma coisa mais difícil, confiai em Deus, e dizei: Eu tudo posso naquele que me fortifica⁵³. — O que eu não posso fazer por mim mesmo, poderei com o auxílio que espero de Deus! — Eu vos convido a ler, no fim desta obra, o resumo das virtudes, que deve exercer uma alma que quer ser toda de Deus.

17. — Sto. Agostinho disse: Todo o tempo que não é empregado por Deus, é tempo perdido. Na hora da morte, decerto, não teremos outra consolação senão de ter amado Jesus Cristo. Oh! que consolação, então, para quem o amou verdadeiramente de todo o coração durante a vida, poder dizer, olhando para o crucifixo: Eis aqui aquele que foi o meu único amor! — E ainda nesta vida que maior contentamento pode ter uma alma do que poder dizer: Eu agrado a Deus! Eu estou com Deus! — Devemos dar-nos a Deus, não para nossa própria satisfação, mas unicamente para lhe agradecer, esquecendo-nos completa-

mente de nós mesmos, e dizendo com a esposa dos cantares: Meu amado me introduziu na sua adega, e regulou em mim o santo amor; sustentai-me com flores, fortificai-me com frutos, porque estou lânguida de amor⁵⁴. — O vinho aqui é o emblema da caridade; porque assim como o vinho priva o homem do uso dos sentidos, de sorte que ele não vê mais, não entende mais, e se acha como morto, assim a alma abrasada do amor divino vive como se não tivesse mais sentidos para as coisas da terra; esquece todas as criaturas e não quer mais do que Deus. Pede então flores de santos desejos e frutos de santas obras, que lhe sustentem a vida, isto é o divino amor de que vive e para o qual somente vive. Mas isto só pode dizer a alma que deveras se deu toda a Jesus Cristo sem nenhuma reserva.

Que dizeis vós, minha irmã? Até o presente, vos tendes dado inteiramente a Jesus Cristo, como ele deseja? Ou antes, resistir ainda? Acaso não fez ele bastante para merecer todo o vosso amor? Jesus se deu a vós sem reserva, uma vez na cruz, e tantas outras na santa comunhão! Que esperais mais? Que deve fazer ainda para vos ver toda dele? Esperais talvez que vos abandone por vossa ingratidão e não vos chame mais? Ponde-vos a caminho, sem mais resistir, e dizei-lhe:

ORAÇÃO

Sim, meu Jesus e meu Esposo, eis-me aqui. Não quero resistir mais ao vosso amor. Vós vos destes inteiramente a mim e eu me dou de todo a vós⁵⁵. Eu

agora merecia ser repelida, por ter tantas vezes levado a ingratidão até fechar os ouvidos a vossa voz; mas o desejo que me inspirais de ser toda vossa, me dá a confiança de que me quereis receber bem. Acolhei-me, pois, meu Jesus, por esse amor que vos levou a morrer por mim na cruz. Meu doce Jesus, se eu estivesse agora no inferno que mereci, não poderia mais vos amar; mas, já que me dais ainda tempo de vos amar, eu quero vos amar e não amar senão a vós. Ah! meu amado Salvador, como é possível vos considerar, no presépio de Belém, ou na cruz do Calvário ou no Sacramento do altar, sem ficar arrebatada de amor para convosco? A quem, pois, poderia eu amar, se não amasse um Deus que morreu por mim? Oh! Eu vos amo, meu Redentor, meu amor, meu tudo! Aumentai em mim vosso santo amor; recordai-me sem cessar tudo o que fizestes e sofrestes por mim, e não permitais que eu vos seja ainda ingrata. Ó belas chamas de amor que consumistes a vida de meu Jesus sobre o altar da cruz, vinde, abrasai todo o meu coração e destruí nele todos os afetos às coisas criadas. Eu me dou inteiramente à vós, Jesus, meu amor, e se não sei dar-me, como devia, tomai-me e fazei-me toda vossa. Fazei que minhas palavras, meus pensamentos, meus desejos, não tenham mais outro objeto, que vos amar e vos agradar. Eu espero tudo pelos vossos méritos, meu Jesus.

E eu confio também em vós, ó Maria, minha esperança, me obtereis a graça de não amar de ora em diante senão o vosso divino Filho, meu Esposo, e a vós, minha terna Mãe.

1. Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo. *Deut. 6, 5.*

2. Praebe, fili mi, cor tuum mihi. *Prov. 23, 26.*

3. Quid Dominus Deus tuus petit a te, nisi ut... diligas eum, ac servias Domino Deo tuo in toto corde tuo. *Deut. 10, 12.*

4. Ego protector tuus sum, et merces tua magna nimis. *Gen. 15, 1.*

5. Ego diligentes me diligo. *Prov. 8, 17.*

6. Qui manet in charitate, in Deo manet, et Deus in eo. *I. Joan 4, 16.*

7. Qui diliget me, diligitur a Patre meo, et ego diligam eum. *Joan. 14, 21.*

8. Caritas est virtus conjungens nos Deo.

9. *I. Cor. 13, 14.*

10. Plenitudo ergo legis est dilectio. *Rom. 13, 10.*

11. Dilige, et quod vis fac. *In Epist. Joan. tract. 7, c. 4. n. 8.*

12. In charitate perpetua dilexi te; ideo attraxi te. *Jer. 31,3.*

13. Ab alio amatore praeventa sum.

14. Dilexit nos, et tradidit semetipsum pro nobis. *Eph. 5, 2.*

15. Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens... et habitu inventus ut homo! *Phil. 2, 7.*

16. Et verbum caro factum est. *Joan 1, 14.*

17. Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem mortem autem cruzis! *Phil. 2,8.*

18. Majorem hac dilectionem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis. *Joan15, 13.*

19. Baptismo autem habeo baptizari; et quomodo coarctor usque dum perficiatur. *Luc. 12, 50.*

20. Charitas enim Christi urget nos. *II. Cor. 5, 14.*
21. Vidimus sapientiam amoris nimietate infatuatam. *Serm. de Nat. D.*
22. Nos autem praedicamus Christum crucifixum, Judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam. *I. Cor. 1, 23.*
23. Stultum visum est ut pro hominibus Auctor vitae moreretur. *In Evang. hom. 6.*
24. Dilexit nos, et tradidit semetipsum pro nobis. *Eph. 5, 2.*
25. Propterea Christus advenit, ut cognosceret homo quantum eum diligat Deus. *De catech rud. c. 4.*
26. Ignem veni mittere in terram; et quid volo nisi ut accendantur. *Luc. 12, 49.*
27. Quid tibi et vinculis! *De Pass. D. c. 4.*
28. Quis hoc fecit? Amor dignitatis nescius: Triumphat de Deo amor. *In Cant. s. 64.*
29. Quid fecisti, innocentissime Salvator, quod sic condemnareris? Peccatum tuum: amor tuus. *In Cant. s. 64.*
30. Quid est homo, quia magnificas eum? aut quid apponis erga eum cor tuum? *Job. 7, 17.*
31. Quasi homo Deus esset; et sine ipso beatus esse non posset. *De Beatit. c. 7.*
32. In hoc enim Christus mortuus est..., ut et mortuorum et vivorum dominetur. *Rom. 14, 9.*
33. Pro omnibus mortuus est Christus, ut et qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est. *II. Cor. 5, 15.*
34. Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo. *Deut. 6, 5.*
35. *Vida, c. 12.*

36. *In Evang. hom. 30.*
37. *De Cons. Ev. l. 1, c. 18.*
38. *Espr. p. 10, ch. 9.*
39. *Avis 36.*
40. Bonus est Dominus... animae quaerenti illum.
Thren. 3,25.
41. *Vida, c. 39.*
42. *Lettres 531—203.*
43. Deus meus et omnia.
44. Regnum mundi et omne ornatum saeculi contempsi, propter amorem Jesu Christi, quem vidi, quem amavi, in quem credidi, quem dilexi.
45. Justorum autem semita, quasi lux splendens, procedit et crescit usque ad perfectum diem. *Prov. 4, 18.*
46. *Rom. 8, 38.*
47. Diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum. *Rom. 8, 28.*
48. *Eutret. 3.*
49. *Esp. p. 18, c. 28.*
50. Ignis autem in altari semper ardebit. *Lev. 6, 12.*
51. *Mor. l. 25, c. 7.*
52. Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo. Eruntque verba haec... in corde tuo; ... et meditaberis in eis, sedens in domo tua, et ambulans in itinere, dormiens atque consurgens; et ligabis ea quasi signum in manu tua, eruntque et movebuntur inter oculos tuos; scribesque ea in limine et ostiis domus tuae. *Deut. 6, 5.*
53. Omnia possum in eo qui me confortat. *Phil. 4, 13.*

54. Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me charitatem; fulcite me floribus, stipate me malis, quis amore languero. *Cant. 2, 4.*

55. Dilectus meus mihi, et ego illi.

CAPÍTULO XII

AVISOS PARTICULARES à superiora, à vigária, à mestra de noviças, à ecônoma, à sacristã, à rodeira, à porteira, à enfermeira, às conselheiras e às irmãs conversas.

I. A Superiora.

1. — I. Quero supor que fostes eleita superiora não por vossa ambição e industria mas unicamente por vontade de Deus; aliás, eu vos diria que vos será difícil ter um feliz resultado no vosso governo, porque vos faltará a assistência divina que o Senhor não dá senão àquela que ele chamou ao cargo. — S. Leonardo de Porto Maurício refere que uma abadessa, na hora da morte, era atormentada de mil escrúpulos no tocante ao governo de seu mosteiro, ainda que dele tivesse sido encarregada contra a sua vontade. Que será pois daquela que o procurou e obteve por suas intrigas?

Se fostes eleita sem vossa cooperação, persuadi-vos que vos puseram aos ombros uma cruz pesadíssima e cheia de perigos. — O padre Torres escreveu à sua irmã quando foi eleita superiora do seu convento: “Pede a Deus que te assista, para que não tenhas

de morrer esmagada por tantas cruces, mártir sem mérito e sem coroa”. — Pensai, pois, que haveis de dar a Deus contas severas, se, por vossa causa, vier a faltar a observância e se introduzirem abusos. Um homem de Deus, o padre Doria, carmelita descalço, dizia que o mal que faz os institutos religiosos cair no relaxamento, foi antes a *emicrania* do que a *gota*; isto é antes o defeito da cabeça do que dos pés: e queria com isto dar a entender que não foi tanto a falta dos súditos, mas sobretudo a dos superiores, que fecharam os olhos sobre as negligências e os abusos.

Assim, pois, irmã, antes de começar a exercer o vosso ofício, agradecei as vossas irmãs a honra que vos fizeram; mas, em seguida, declarai-lhes que se aceitais o cargo para servi-las, não quereis perder a vossa alma; dizei-lhes ainda que elas devem saber, de antemão, que não estais disposta a conceder ou permitir coisa alguma que vos cause escrúpulo de consciência. — Esta advertência tem a utilidade de impedir que as religiosas façam pedidos inconvenientes, e que, se os fizerem, não possam lastimar-se da recusa. Desta maneira, governareis com mais liberdade de espírito.

2. — II. Vigiai pela observância das regras, e procurai reprimir os abusos; porque uma vez que entrem no convento, é moralmente impossível extirpá-los. É mister também não descuidar das coisas pequenas, visto que com o tempo se tornam grandes. Como é que puderam penetrar nos mosteiros abusos consideráveis, sobretudo contra a pobreza? Eram muito pequenos a princípio e cresceram pouco a pouco. — O padre Francisco da Cruz, carmelita descalço, conta

que uma abadessa apareceu, depois da sua morte, a uma de suas amigas, e lhe disse que sofria muito no purgatório, por ter durante o seu governo descuidado da observância das regras e da execução das ordens do prelado. — Ela sofria no purgatório; mas, ah!, quantas superiores veremos, no dia do juízo, sofrer no inferno, pelos abusos introduzidos ou tolerados por elas. A superiora deve além disso percorrer o convento, para ver ou se informar, se as ordens dadas são executadas. Para que servem as ordens, quando se não executam? Vale mais dar poucas que sejam bem observadas, do que muitas que se desprezem. Quando as súditas percebem que a superiora atende pouco ao cumprimento das obediências impostas, facilmente desprezam tudo o que ela diz.

Velai para que todas as oficiais cumpram o seu dever, mas abstende-vos de vos intrometer demais nos seus ofícios. Além disso, procurai não introduzir novos cargos e novos usos, porque isto é um grande motivo de enfado para as religiosas. A vossa preocupação deve ser a observância do que está estabelecido. Se, entretanto, encontrardes alguma prática caída em desuso, como por exemplo, a freqüência dos sacramentos, a assistência das escutas no locutório, a oração em comum, as penitências que antes se praticavam na mesa e outras coisas semelhantes, não seria novidade procurar restabelecê-la no seu antigo vigor; e até sois obrigada a fazê-lo quanto antes for possível.

Velai especialmente para que não haja amizades particulares nem fora nem dentro do convento. Quando não puderdes agir por vós mesma para as

impedir, deveis recorrer ao prelado, que poderia ter dado de boa fé à alguma permissão de falar; mas se souberdes que a amizade é má e causa de escândalo às outras, deveis informar disto o prelado, afim de que revogue a licença. Por isso, vos expondes a queixas e talvez mesmo a injúrias, mas não há remédio: é um dever anexo ao vosso cargo, que vos obriga a preferir o bem espiritual de vossas súditas ao seu bem temporal. Eu vos recomendo também, de passagem, que não permitais que as religiosas durmam juntas.

Velai também para que os empregados do convento não tragam às religiosas bilhetes ou recados inconvenientes; e quando os achardes culpados, despede-os imediatamente. Vigiai igualmente sobre o ingresso de homens, para que só entrem os que são absolutamente necessários para os serviços do mosteiro. — O padre Bartolomeu de S. Carlos, na sua *Escola da Verdade*, cita um decreto da Sagrada Congregação, pelo qual se proíbe aos homens entrar nos conventos, a não ser somente para os serviços e trabalhos que estão acima das forças das irmãs conversas. — Cita-se também um em virtude do qual quem introduz meninos de qualquer idade que seja no convento incorre nas censuras contra a violação da clausura. — Fazei que os capítulos tenham lugar como ordena a regra, e falai neles com energia contra as faltas mais comuns, e sobretudo contra os abusos que virdes aparecer. Não é necessário que façais um sermão, mas deveis falar e fazer que vos entendam.

3. — III. No entanto, se quereis que as outras guardem a observância, é mister que sejais a primei-

ra a dar o exemplo. S. José Calasans dizia: “Desgraçado do superior, que destrói, com seu exemplo, o que edifica com mas palavras!” — A abadessa está posta sobre o candelabro onde é observada por todas. Como poderá exigir de suas súditas a assistência à oração, ao ofício divino, e aos outros atos comuns, se ela falta aos mesmos com freqüência? Ela não terá sequer a força de falar; e se falar, será pouco ouvida; porque seus exemplos serão seguidos mais depressa do que suas advertências.

Esforçai-vos, pois, para assistir a todos os atos comuns, e especialmente a oração, que é mais necessária à superiora do que às súditas; porque ela tem necessidade de uma dupla nutrição, para si e para as outras. Na oração, deveis particularmente pedir ao Senhor que vos ilumine e sustente, afim de que possais levar bem a vossa carga. Procurai também não faltar ao ofício divino e ao refeitório, onde, em vossa ausência, muitas desordens poderão facilmente acontecer.

Com muito cuidado, abstende-vos de qualquer distinção, tanto na nutrição como no vestir e na mobília da cela. Ordenai às oficiais que não tenham maior atenção a vós do que a qualquer irmã conversa: do contrário, se aproveitais da vossa superioridade para vos procurar comodidades particulares, ou para favorecer vossos parentes, tende por certo que não escapareis aos reparos e até críticas e murmurações de todo o mosteiro.

4. — IV. Procurai ser vós só a governar o mosteiro e não vos deixeis governar pelas outras. É uma coisa que molesta e agita muito as religiosas dever

obedecer a quem não é sua superiora. Guardai-vos pois de depender sempre do conselho de uma só de entre elas; e seria ainda pior, se esta conselheira fosse uma irmã conversa. — Nos negócios importantes, começai por vos recomendar a Deus; depois, consultai a muitas, e fazei o que vos parecer preferível, conformando-vos de ordinário com o parecer da maioria.

Estai também atenta para tratar a todas com igualdade, sem usar de parcialidade com nenhuma, a não ser em caso de necessidade, por enfermidade ou outra causa justa. Sobretudo na distribuição dos officios, não vos deixeis dominar pela paixão ou pelo respeito humano, mas tomai por guia a prudência cristã; do contrário, devereis dar contas a Deus das desordens que sobrevierem.

5. — V. Sêde humilde e afável com todas as irmãs. Figurai-vos que a superiora deve ser a serva de todas as outras. Evitai pois governar a comunidade com altivez. É pela humildade e mansidão, e não pela severidade, que ganhareis os corações de vossas irmãs, e assim obtereis que vossas correções e advertências sejam recebidas com boa vontade e paz. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia: “O amor e a confiança são os laços que ligam à superiora os corações das subordinadas; mas esses laços são rotos pelo orgulho”. Se pois não vos mostrardes afável, as irmãs perderão a confiança de vos comunicar suas precisões e suas penas, de vos pedir as licenças e de vos advertir das desordens do convento, o que tornará infeliz o vosso governo. Não basta ter bom coração; se vossas maneiras forem rudes, todas fugirão de vós. É mister pois que escuteis todas as que se

apresentam, sem distinção; de outra sorte, conhecereis pouco as desordens que acontecem, e vos será mais difícil remediá-las. Se alguma vos temer, animai-a, mostrando-vos ainda mais amável com ela.

Quando houverdes de determinar os ofícios, ordenar ou proibir alguma coisa às religiosas, abstende-vos de impor preceitos de obediência, a não ser que haja necessidade absoluta, em algum caso raro; e evitai quanto puderdes, palavras imperiosas e proferidas com voz alta. Falai antes como quem suplica, por exemplo: Eu vos peço, minha irmã, que façais tal coisa... Tende a bondade de... Fazei-me o obséquio de... — Em uma palavra, procurai ser antes amada do que temida; e não imponhais um peso de vinte libras naquela que vos parecer capaz de suportar somente dez.

Sobretudo nas correções que houverdes de fazer, usai de grande brandura. — Sto. Ambrósio disse algures: A correção amigável que faz reconhecer a falta, é mais proveitosa do que a repreensão áspera, que provoca a indignação. É necessário que a pessoa que corrigis, creia antes na vossa amizade do que na vossa aversão¹. E S. João Crisóstomo disse: Se quereis corrigir vosso irmão e vê-lo prontamente emendado, exortai-o com lágrimas, abraçai-lhe os pés e até não vos envergonheis de beijá-lo, se preciso for². — Assim, pois, todas as primeiras correções procurai fazê-las com grande doçura e em particular; e quando a correção houver de ser pública, porque a falta foi pública, preveni todavia em segredo a irmã que a cometeu; louvai de uma parte suas boas qualidades, e corrigi-a de outra. Dizei-lhe, em seguida,

que não se aflija por fazerdes a correção em público, sendo isto necessário para o bem da comunidade.

Oh! quanto mais aproveitam as correções feitas desde modo do que as que se fazem com aspereza e severidade. Quando a superiora procede com doçura, guia as suas súditas, como se costuma dizer, com um fio de seda. As religiosas vos chamam de Mãe e como tal vos consideram: deveis, pois, tratá-las como vossas filhas, com a mais terna afeição. É mister usar de particular caridade e prudência com as religiosas idosas. Segundo S. Gregório, com as jovens convém usar quase sempre de severidade, isto é, quando for necessário como diremos depois; mas, com as de mais idade, é preciso usar de brandura e pedidos atenciosos³. Eis como podereis falar às monjas antigas: “Minha boa irmã, sabeis como vos estimo. Eu vos peço que não falteis a esta regra. Nós que somos mais velhas, devemos dar exemplo às mais moças”.

Às vezes, é preciso esperar semanas e meses pelo momento oportuno, afim de que a correção produza maior fruto. O remédio dado ao enfermo a seu tempo o cura; dado em outra ocasião o mata. Algumas vezes, é até conveniente fechar os olhos e dissimular, fingindo não ver a falta cometida. Isto se entende quando a falta é leve e pára na que a comete, sem passar a diante como exemplo. — Há muitas coisas, que é mister deixar a Deus, pedindo-lhe que as remedeie. S. Francisco de Sales, falando especialmente das faltas das religiosas velhas, disse em uma carta: “É preciso ter atenção às velhas. Estas não podem acomodar-se facilmente, não são tão fle-

xíveis, porque os nervos do espírito, como os do corpo, já estão endurecidos”⁴.

Pelo contrário, quando as faltas são de consequência, como as que causam escândalo, ou danificam as outras religiosas, ou impedem a observância de alguma regra, então é preciso falar. Se guardais silêncio e dissimulais, para não desagradar a certas irmãs, desagradareis a Deus. — É também necessário em certos casos, por exemplo quando se formam amizades perigosas ou ódios, dar-lhes remédio sem demora; porque, estas espécies de doenças, quanto mais duram, tanto mais difícil torna-se a cura.

Como temos dito, é mister usar da maior doçura nas correções, mas, quando se vê que este meio nada consegue, deve-se falar com energia, segundo o conselho do Apóstolo: Repreendei, suplicai, ameaçai⁵. — A superiora deve ter um coração de mel no seu trato, e um peito de bronze para remover os abusos e relaxamentos da observância. Nas regras de Sto. Agostinho, se diz que o superior deve saber inspirar aos seus subordinados temor e amor: amor aos humildes e dóceis, temor aos orgulhosos e teimosos. — Um autor observa que certas pessoas tem o coração como que envolvidos em couro, e sensível só a pontas de ferro. É por isso que quando não puderdes conseguir o efeito desejado, nem pela doçura, nem por palavras severas, é mister que recorrais às penitências e mesmo às penitências graves, se a falta for grave. — S. Boaventura dizia que o que distingue as comunidades fervorosas das relaxadas, não é a ausência de faltas, por quanto são compostas de homens e não de anjos; mas é que nas relaxadas as

faltas não se repreendem, ao passo que nas fervorosas nenhuma passa sem repreensão nem castigo⁶. Nisto, porém, vos recomendo observeis duas cautelas, afim de que eviteis cometer algum erro ou imprudência. A primeira é que não apliqueis os castigos, falo de castigos graves, enquanto não houver absoluta necessidade deles para emenda da culpada e exemplo das outras. As penitências graves são como o ferro em brasa que se emprega somente quando o mal não pode ser curado de outro modo. A segunda é que não procedais com precipitação, mas, antes de lançar mão do castigo, vos recomendeis a Deus, ouçais o conselho de outras e depois entreis em ação.

Abstende-vos, pois, de impor penitências e mesmo dar repreensões fortes, enquanto estiverdes perturbada. Às vezes, poderá vos parecer conveniente reprimir logo a audácia de uma insolente que vos falte ao respeito na face; mas, nesse caso, eu vos peço que vos contenhais, porque cedereis facilmente à paixão; e aliás pouco aproveitará a correção que fizerdes, porque será atribuída antes à cólera do que à caridade. De mais, quando a súdita está irritada e tem o espírito ofuscado pela paixão, a correção de nada lhe servirá. Esperai pois que ela tenha entrado em si e esteja calma, assim como também vós, e depois aplicai a correção conveniente. E se a correção houver de ser forte, procurai usar sempre de vinho e óleo, isto é, depois da correção dizei à irmã que a estimais e fazeis tudo para o seu bem.

Quando vos trouxerem acusações, não vos ponhais logo a fazer repreensões e dar penitências. Escutai primeiro a acusada, esclarecei bem as coisas e

depois procedei. Acontece, muitas vezes que as coisas se vejam de esquelha e se tomem por delitos coisas que talvez nem sejam sequer faltas ligeiras. Há superiores que se deixam impressionar pela primeira informação que ouvem, e passam logo a re-preender e punir. Dai nascem mil distúrbios e desordens, porquanto as coisas se deram, na realidade, de modo diverso do que foram relatadas.

Deus vos preserve de jamais aproveitar da vossa superioridade para vos vingardes de uma irmã que houvesse sido oposta à vossa eleição, ou vos tivesse contrariado ou murmurado de vós! Guardai-vos, pois, de mortificá-la ou de humilhá-la por tal causa; seria isso escandaloso demais. Deveis antes procurar honrá-la e mostrar-lhe preferência em tudo o que for possível, sem escrúpulo de consciência: esta conduta será muito agradável a Deus, e muito edificará a comunidade.

6. — VI. Quanto as licenças que as irmãs costumam pedir, estai atenta para nunca conceder as que abrem o caminho a qualquer abuso, que depois possa tornar-se comum, ou causar incômodo às outras. É necessário recusar essas permissões com firmeza, sem nenhuma consideração de amizade, de reconhecimento ou outro respeito humano. Comprometer sua alma para comprazer às outras é loucura e não caridade. De outro modo deveis portar-vos com relação às licenças ou dispensas que forem razoáveis e não trouxerem prejuízo algum: estas deveis dar facilmente, senão quiserdes ver muitas inobservâncias de regra, que, cometidas sem licença, são verdadeiras transgressões. Os superiores tem faculdade para

dispensar das regras nos casos particulares, porque muitas vezes a dispensa é necessária, ou ao menos útil.

7. — VII. Fazei de modo que as religiosas sejam providas, quanto for possível, de tudo o que precisarem, especialmente no tocante à nutrição e vestido. Se o convento é pobre, e pouco pode dar, procurai que ao menos esse pouco seja bem feito. — Sto. Antonino diz que o superior que não fornece as coisas necessárias aos súditos, quando pode comodamente, e assim dá lugar a pecúlios particulares, não pode ser escusado de falta grave⁷. Mas, eu pergunto, que pensar da barbaridade de certas superiores, que, para satisfazer a sua vaidade de levantar novas construções e de decorar a igreja com mármore e pratarias, fazem sofrer a comunidade! Há conventos que possuem rendas superabundantes e onde todavia as pobres religiosas passam necessidades. Como todas não têm bastante virtude para suportar a privação das coisas necessárias, procuram prover-se como melhor podem, por vias direitas e tortas: chegam até a abandonar a oração e a freqüência dos sacramentos, para atender ao trabalho; e assim o mosteiro marcha para a própria ruína. — Sêde, pois, eu vos rogo, antes liberal do que mesquinha para vossas irmãs, se quiserdes depois exigir delas a observância regular; e abstende-vos de fazer coisas novas sem necessidade, senão quiserdes ver o edifício espiritual cair em ruína, enquanto consagrais vossos cuidados ao edifício material.

Velai especialmente para que as doentes sejam bem tratadas, e não lhes faltem os remédios e ali-

mentos necessários, e não deixeis de lhes proporcionar os alívios que puderdes. O cuidado das enfermas é um dos principais deveres da superiora; assim o Senhor o recomendou, um dia, de um modo especial, à Sta. Teresa⁸. Quando pois souberdes que uma irmã está indisposta, ide logo vê-la; e, se for necessário o médico, mandai chamá-lo imediatamente, e recomendai às outras a assistência da enferma; e, enquanto durar a enfermidade, informai-vos se é bem assistida e não deixeis também de visitá-la muitas vezes. — Adverte, porém, S. Leonardo de Porto Maurício que, com as religiosas que por qualquer doencinha exigem particularidades e pedem isenções dos atos comuns, a superiora não deve ser muito condescendente, porque isto pode facilmente causar escândalos e abusos contra a observância regular⁹.

Eis o que diz respeito ao bem temporal; mas deveis ter também muito maior cuidado pelo bem espiritual da vossa comunidade.

Velai, pois, afim de que se façam bem, no retiro e com devoção, os exercícios espirituais, cada ano, durante oito ou dez dias. Para os sermões e meditações, convidai o melhor pregador que puderdes obter, ainda que se deva mandar vir de longe com qualquer despesa: estas despesas contribuem muito mais para a glória de Deus do que as que se fazem com música, aparato e convites. Suplicai, pois, ao prelado que vos envie bons pregadores.

Sêde, sobretudo atenta para que as vossas monjas tenham ao menos duas ou três vezes ao ano confessor extraordinário, ao qual se elas não se quizerem confessar, deverão ao menos se apresentar,

como ordenou Bento XIV na sua bula *Pastoralis curae*¹⁰. Não imagineis que o confessor extraordinário seja inútil, porque nenhuma o pede. Muitas vezes, aquela que menos o procura, é precisamente a que dele tem mais necessidade, mas não falar sequer nele, para evitar que as outras suspeitem a sua precisão; e, entretanto, continua a dirigir-se ao ordinário e a fazer confissões e comunhões sacrílegas. Oh que grandes contas deverão dar a Deus muitas superiores por este descuido! Eu vos peço, pois, sede muito diligentes nesta matéria; e quando vierem os confessores extraordinários ou um novo ordinário, tende sempre o cuidado de lhes fazer conhecer as coisas que mais interessam para o bem da comunidade, a fim de que saibam aos que devem prestar atenção particular.

Demais, eu vos recomendo de velar afim de que, na vossa igreja, a santa missa se celebre com devoção e não em desonra de Jesus Cristo. Eu escrevi em um opúsculo à parte que os sacerdotes celebram a missa com demasiada pressa (pois alguns chegar a dizê-la em menos de um quarto de hora), não podem ser escusados de pecado mortal, tanto pela grave irreverência que cometem para com este grande sacrifício, como pelo grave escândalo que dão ao povo. Que vergonha é, entretanto, ver religiosas ávidas de ouvir muitas missas, aplaudirem essas missas precipitadas e esses indignos sacerdotes, que mereceriam ser expulsos de todas as igrejas! Não há talvez nenhuma igreja em que as missas sejam tão apressadas como nas igrejas dos conventos; e porque? Porque as religiosas querem missas curtas. Que desor-

dem! e eu repito, que vergonha! Vós portanto, que sois superiora, procurai afastar da vossa igreja esses sacerdotes indevotos, que precipitam as missas. Uma só missa bem celebrada inspira mais devoção, do que cem ditas às pressas e sem respeito.

8. — VIII. Digamos agora algumas palavras a respeito da música e do canto das religiosas. O canto, na igreja, é em si uma boa coisa, pois serve para celebrar os louvores de Deus; mas, no canto das religiosas, eu tenho por certo que a vaidade e o demônio tem mais parte do que Deus. — Mas, dirá alguém, que mal há em cantar! — É o que vou responder.

Primeiramente há perda de tempo, e de um tempo considerável; porque a música é uma arte, que se não se possui perfeitamente, enfada em vez de agradar.

Em segundo lugar, o canto é causa de mil distrações, vaidades, desordens e irreverências na igreja. Que não se vê, em certos conventos, quando as religiosas cantam as lições durante a semana santa? Os jovens ai concorrem, não por devoção, mas para ouvirem tal ou tal religiosa, e aplaudirem em voz alta, precisamente como nos teatros. Os demônios fazem eco a estes aplausos, como se observou no fato seguinte contado por S. Leonardo de Porto Maurício: Enquanto um religioso cantava na igreja com muita vaidade, ouviu-se uma voz, que clamava: Bravo, bravo! Canta, canta! Lisonjeado por esta aprovação, o pobre frade continuava com complacência ainda maior, e a voz repetia sempre: Bravo! Canta, canta! Mas no fim a igreja se encheu de fumaça e de um cheiro insuportável. Descobriu-se assim quem era que a-

plaudia tal canto¹¹. — Credes vós que uma religiosa que canta um solo de música, inspire devoção aos homens que a ouvem? Cá por mim, eu o não creio: tentações, sim; mas não devoção.

Em terceiro lugar, o canto pode ser para uma religiosa uma ocasião de perder a Deus, quando ela deve receber lições de um mestre de música, e sobretudo se este for jovem; porque o demônio pode facilmente tirar grande proveito da familiaridade que daí resulta. Não penseis que eu fale desta maneira porque tenha aversão à música; ao contrário, esta me agrada, e, no século, foi uma de minhas preocupações. Teria feito melhor, se me aplicasse a amar a Deus, durante esse tempo. Eu não desaprovo para as religiosas o canto chão, e quando muito o canto figurado em concerto e a modo de cantochão. Mas o canto figurado a solo, eu digo que absolutamente não convém a uma religiosa. Portanto, se no vosso mosteiro não está em uso o canto figurado, guardai-vos de introduzi-lo, sobretudo, como já disse, se as religiosas houverem de receber lições de homens. Se, porém, desgraçadamente já existir o seu uso, eu vos peço que façais todo o possível para o abolir. Se, entretanto, não puderdes, procurai ao menos afastar os jovens mestres.

IX. Enfim, vós que sois superiora, tende o cuidado de deixar às irmãs conversas bastante tempo para fazerem oração, a comunhão e algumas outras devoções. De outra sorte, não vos lamenteis depois, se elas são desobedientes, soberbas e sem piedade. Se lhes não dais facilidade para empregarem os meios

de adquirir a devoção, como quereis que sejam devotas?

Depois da distribuição dos ofícios, recomendai as oficiais que leiam os avisos que aqui dou sobre seus deveres respectivos, afim de que cada uma conheça suas obrigações principais e o modo de desempenhá-las.

II. À vigária.

1. — I. Se fordes eleita vigária, já deveis saber que este título vos dá uma superintendência geral sobre todo o convento, e especialmente sobre as conversas; e por isso tereis de visitar freqüentemente os lugares, onde elas estão ocupadas, para ver se cada uma cumpre o seu ofício.

2. — II. Demais, sêde muito afável com todas as irmãs, e ouvi com benevolência todas as que vos vieram falar. Muitas religiosas terão vexame de comunicar seus negócios à superiora e recorrerão à vigária. Portanto, quando vierem, acolhei-as com bondade, dai-lhes confiança, afim de que vos manifestem livremente suas inquietações; e procurai depois remediar as suas necessidades o melhor que puderdes. Para as coisas que não estão em vosso poder, tende o cuidado de recorrer à superiora, porque não deveis atribuir-vos mais autoridade do que tendes. Vós sois como o braço da superiora e sua ministra, e, por isso, deveis depender dela nas coisas de certa importância.

III. À mestra de noviças.

1. — I. A mestra das noviças deve ter muita virtude e prudência; porque todo o bem do convento depende da educação das noviças, que, no correr do tempo, hão de governá-lo. Muitas das advertências dadas acima para a superiora vos convém igualmente. Como elas deveis dar bom exemplo em todas as virtudes, que ensinardes às vossas noviças, não ser parcial com nenhuma, seja louvando-a sempre, seja tendo-a sempre perto de vós, seja fazendo-lhe presentes, com reparo e penas das outras. Como a superiora, enfim, deveis corrigir com doçura e sem impaciência. Fareis bem de ler o que foi dito nos avisos à superiora, sob os números III, IV e V. Entretanto, no tocante às correções, a mestra das noviças deve ser mais rigorosa do que a superiora. Não deveis deixar passar falta alguma sem correção.

2. — II. À estes avisos é necessário acrescentar dois outros que são próprios do vosso cargo.

O primeiro aviso é que sejais discreta, e não pretendais tudo ao menos tempo das pobres juvenzinhas que são ainda tenras no espírito. Procurai aperfeiçoá-las pouco a pouco segundo as forças que descobrires nelas. Deveis evitar a parcialidade, como ficou dito; mas a santa prudência quer que todas não sejam dirigidas do mesmo modo. Com as que são tímidas, é preciso usar de doçura; com as que são de um natural mais altivo e menos dócil, é necessário mais rigor. Há algumas que, dominadas por um pudor excessivo, correm o perigo de ocultar suas faltas até ao

confessor; outras são mais afetuosas, e são expostas a contrair amizades perniciosas. Esforçai-vos por afastar cada uma do perigo em que pode mais facilmente cair.

3. — O segundo aviso é que nunca permitais às noviças nenhuma familiaridade com as religiosas, ou com as alunas, e ainda menos entre si. — Não lhes permitais pois andar vagando pelo convento sem assistência vossa ou de outra. Demais proibi-lhes a leitura de livros profanos, a vaidade no vestir e especialmente escrever cartas a pessoas suspeitas. — S. Leonardo de Porto Maurício conta que uma jovem, recolhida em um mosteiro para se educar sob a direção de uma sua tia, concebeu afeição a um moço por uma troca de cartas, e caiu miseravelmente em um grave pecado de pensamento. Teve vergonha de se confessar dele e cometeu muitas sacrilégios, até que enfim, atacada de uma grave doença, morreu impenitente. . Depois da morte, apareceu a sua tia e lhe disse: “Eis aqui, minha tia, aquela que guardastes com tanto zelo. Foi condenada por um pecado de pensamento que ocultou ao confessor”. E desapareceu. — Recomendai, pois, muitas vezes, às jovens que tendes de formar, que exponham claramente seus pecados ao confessor, e contai-lhes de tempos a tempos algum exemplo funesto, como este que acabo de citar.

Recordai-lhes também freqüentemente, em poucas palavras, as máximas eternas, por exemplo: Cedo ou tarde havemos de morrer. Que será de nós no dia do juízo? Tudo se acaba. Pobre de quem se condena! — E recomendai-lhes a devoção à paixão de

Jesus Cristo e à sua divina Mãe, se quiserem santificar-se.

4. — III. Inculcai às noviças, sobretudo a fidelidade em observar as regras; sobre as quais é vosso dever principal instruí-las freqüentemente, porque a observância das regras é o único caminho que deve conduzir a religiosa à santidade.

IV. À ecônoma.

1. — I. É preciso que eviteis dois extremos: a prodigalidade e a economia excessiva nas despesas. Quanto ao primeiro destes defeitos, não façais de modo que, para ganhar a afeição das monjas, tenhais de faltar à justiça, danificando o mosteiro com despesas maiores do que as necessárias. Quanto ao segundo defeito, não façais, pelo contrário, que, pela vaidade de adquirir o nome de boa ecônoma, deixando no fim do vosso ofício muito dinheiro em caixa, tenhais de faltar a caridade, fazendo sofrer as monjas. Procurai prover as suas necessidades o melhor que puderdes. E ainda que as vossas irmãs tenham rendas particulares para suas provisões, contudo quando lhes falta o necessário, como roupas ou medicamentos nas doenças, a caridade religiosa exige que a comunidade lhes forneça tudo.

2. — II. Guardai-vos também do excesso de solícitude para economizar as despesas, a ponto de descuidar de todas as vossas devoções e parecer em tudo com uma mulher secular. É verdade, porém, que, devendo por ofício tratar com os fornecedores,

fazer contas, escrevê-las nos livros competentes etc., nem sempre podereis assistir ao coro e aos outros atos comuns, como as demais religiosas; entretanto, tende o cuidado de cortar os discursos inúteis e adiar os negócios que puderem ser feitos no dia seguinte, de modo que tenhais tempo de fazer a oração, a comunhão, o exame de consciência, e mesmo um pouco de leitura espiritual. Nem Deus nem o convento exigem de vós que, para servir a comunidade, tenhais de perder o recolhimento e a devoção.

8. — III. Demais, guardai-vos bem de estar a discutir com os seculares sobre os preços dos trabalhos e objetos, e sobre os salários dos trabalhadores. Deveis tratar destas coisas não como merceeira, mas como religiosa que sois.

Faríeis pior ainda se, tendo obtido algum lucro pela vossa excessiva parcimônia, vós ousásseis tomá-lo como próprio por ser fruto da vossa indústria. O que adquiris é por conta do convento; e assim tudo o que poupardeis, com ou sem razão, pertence ao convento e não a vós.

V. À sacristã.

1. — I. Tende em grande estima o vosso ofício; no qual, sem cessar, tereis de vos ocupar de coisas que todas vos recordarão o amor do vosso celeste Esposo, como hóstias, ornamentos, vasos sagrados, corporais, purificadores, cera, flores etc. Deveis tratar destes objetos com devoção e recolhimento, renovando freqüentemente a intenção de honrar o Santís-

simo Sacramento; e toda a vez que passardes diante do altar, onde Jesus reside, não deixeis de lhe prestar o respeito que lhe é devido.

2. — II. Sêde modesta e reservada com os capelães, e especialmente com os sacristães, aos quais não deveis dar confiança; mas falai-lhes somente do que é necessário para a igreja e nada mais. Guardai-vos de profanar a roda santificada pelo contato com tantos objetos consagrados ao altar. Abstende-vos, portanto, de vos servir dela para mandar presentes e bilhetes.

3. — III. Mostrai-vos cheia de caridade e de atenções para a vossa companheira. Não vos inquieteis, quando ela fizer alguma coisa contra o vosso gosto, e evitai ainda mais toda a queixa ou qualquer palavra desabrida. O que puderdes fazer por vós mesma, fazei-o; e quando for necessário, pedi-lhe que vos ajude, e falai-lhe sempre com doçura, por exemplo: Eu vos peço...; fazei-me o obséquio..., tende a bondade... e semelhantes.

4. — IV. Guardai-vos sobretudo da vaidade de fazer mais despesas do que as que vos precederam; e se alguma tinha querido exceder nas despesas, vós não a deveis imitar: sua vaidade lhe valerá muitos anos de purgatório, se é que escape do inferno. Quereis vós ir fazer-lhe companhia? — Eu vos convido a ler sobre este ponto o que ficou dito no capítulo IX, § II. — Ficai persuadida que tereis uma conta formidável a dar a Deus, se introduzirdes ou continuardes tal abuso, que será causa de mil pecados.

Eu vos recomendo enfim, como a ecônoma que não vos apliqueis demais às vossas funções, de mo-

do que chegueis a perder o espírito de recolhimento. Fazei tudo por Deus, nada por vaidade, e tudo irá bem.

VI. À rodeira e à porteira.

1. — I. Na roda ou na portaria, não fiqueis ociosa. Os momentos de lazer que puderdes ter, empregai-os no trabalho ou na leitura de algum bom livro, ou, ao menos, conservai-vos recolhida em Deus, considerando alguma imagem devota. Quando abrires a porta, abaixai os olhos, se vos não quiserdes expor a mil defeitos e tentações.

2. — II. Nunca fiqueis ociosa, vos disse; mas não descuideis do vosso dever de abrir a porta, toda a vez que for preciso, ou de ir advertir as religiosas, logo que forem chamadas. Oferecei, então, o vosso trabalho a Deus, e ele vos será mais meritório do que a oração. Observai, no entanto, que, quando se apresentar alguém para falar com má intenção à uma religiosa, não podereis chamá-la sem escrúpulo de culpa grave, pois que cooperaríeis proximamente para o mal; respondei então com firmeza que a irmã está impedida e não pode vir. Deveis proceder ao mesmo modo a respeito das cartas que vão e vem de pessoas suspeitas. Depois disso, ouvireis também lamentações de uma parte e de outra; mas vale mais ouvir estas queixas do que as de Deus. Se, contudo, não tiverdes espírito para fazer isso, pedi dispensa do vosso ofício, antes de vos pôr em perigo de condenação.

3. — III. Tende cuidado para que nas horas prescritas se fechem as portas, tanto a interior como a exterior. — Velai também para que não entrem objetos que possam fazer mal às religiosas, como crianças, cães, pinturas imodestas e coisas semelhantes. E depois, que vergonha não é ver, em um convento, a porta aberta, e seculares, homens e mulheres, ocupados a palestrar e rir com as religiosas! Se tal caso se apresentar, tende o cuidado de fechar a porta, pois vosso ofício de porteira vos impõe não só a obrigação de abrir e fechar a porta, mas também de prevenir as desordens, que possam ter lugar na portaria.

VII. À enfermeira.

1. — I. Vosso cargo é muito penoso; mas é também muito meritório, se o desempenhais bem. Para este fim, não deixeis de ver em cada enferma a pessoa de Jesus Cristo, que declarou aceitar como feito a ele o que se faz pelos doentes: Eu estive enfermo e me visitaste¹². — Em seguida, é preciso que tenhais:

Primeiramente, uma grande caridade, assistindo as vossas doentes quando puderdes. Não vos inquieteis, se às vezes não puderdes ouvir o sermão ou a missa, ou fazer vossas outras devoções ordinárias; ganhareis muito mais pelos cuidados que tiverdes com vossa irmã. Compedeizei-vos de seus sofrimentos e procurai-lhe todos os alívios corporais que estiverem em vossas mãos; e se o não puderdes, porque o que pede pode lhe fazer mal, esforçai-vos ao menos para consolá-la com boas palavras. Sugerilhe,

de tempos a tempos, algum sentimento piedoso, recordai-lhe os sofrimentos de Jesus Cristo, e fazei-lhe uma leitura espiritual, se isto lhe agrada. Guardai-vos de repreendê-la por ter talvez sido causa do seu mal, seja, por exemplo, comendo demais, seja demorando demais no jardim ou no terraço. Nunca lhe mostreis enfado ou impaciência, e não aumenteis a pena da pobre aflita. quando virdes que ela tem a cabeça fatigada, adverti as religiosas presentes, se são muitas, para que se retirem, ou ao menos não elevem a voz. Fazei diligência para que os remédios sejam dados no tempo marcado. Se a enferma os recusar, lembrai-lhe a obrigação de obedecer ao médico e, se o recusar ainda, recorrei a superiora, ou a alguma outra em que a doente tenha confiança, para lhe persuadir a obediência.

2. — Em segundo lugar, uma grande *humildade*, para servir a qualquer irmã doente, ainda que seja a última das conversas, e procurai servi-la em todas as necessidades. Estas são as ações mais nobres que possa fazer uma religiosa, e mesmo qualquer cristão.

Em terceiro lugar, uma grande *paciência*, para tratar da doente durante todo o curso da enfermidade e da convalescença. As longas doenças cansam as enfermeiras que têm pouca virtude, mas não as que amam muito Jesus Cristo.

Em quarto lugar, uma grande *mansidão*, para suportar as impertinências de certas doentes, que em vez de vos testemunhar reconhecimento, se lamentam de vós, apesar de todos os serviços que lhes prestardes. Parece que nada pode contentá-las. Deveis ter compaixão delas considerando os males que

as atormentam. Há enfermeiras delicadas, que não podem ouvir a menor queixa de uma doente, sem ficarem logo espinhadas e ressentidas. Se este é o vosso carácter procurai deixar este ofício, porque, de outra sorte, fareis mal às pobres enfermas e a vós mesmas. Um irmão da Companhia de Jesus, quando os enfermos se queixavam dele, respondia: “Perdoai-me, porque eu sou um imbecil”. E depois não deixava de servi-los com a mesma atenção e alegria que antes. — Assim deveis também vós proceder.

3. — II. Guardai-vos de julgar que a enferma finge o seu mal; e abstende-vos, com maior razão, de lhe dizer que seu mal não passa de uma vã apreensão. De outro lado quando o mal for julgado grave, não lho oculteis; mas dizei-lhe claramente: Minha irmã, vosso mal não é desesperado, mas é mortal, e parece que Deus vos quer chamar ao paraíso. Sei que estais preparada; mas, se tiverdes algum escrúpulo, não percais tempo. Eu mandarei chamar o confessor. Os sacramentos são úteis para a saúde da alma e do corpo. Todas nós pedimos pela vossa cura; mas, enfim, é sempre necessário conformar-se com a vontade de Deus. — Se a enferma se perturbar com estas palavras, paciência! — Não havemos de tratar com as religiosas, como se faz com os seculares, que não se advertem do perigo em que se acham, senão quando estão desenganados. É este um abuso deplorável, que envia muitas almas ao inferno. Assim, pois, desde que ouvirdes o médico declarar que a doença é perigosa, fazei que a enferma receba os sacramentos, sobretudo, se tiverdes algum motivo

de temer que sua consciência não está em bom estado.

Termino por dizer que uma enfermeira que cumpre suas funções como deve, é a alegria do convento, e torna-se querida de Deus.

VIII. Às conselheiras.

I. Quando vos pedirem vosso parecer, antes de responder, informai-vos bem da verdade dos fatos; e, se depois de ter dado o parecer vierdes a descobrir que ele não é justo, porque supusestes o que não existia, sois obrigada a vos retratar.

II. Dizei livremente o vosso modo de ver, como vos parecer diante de Deus, e sem ter atenção ao sentimento oposto da superiora ou de outra vossa amiga. A regra exige que haja conselho para os negócios mais importantes, e que cada uma ai fale com liberdade, afim de que se possa discernir e resolver o que for melhor; porque, quando se ouve o respeito humano, aprovam-se contratos desvantajosos, despesas inúteis, punições injustas e outras coisas semelhantes.

III. Quando virdes alguma desordem notável no convento, deveis informar a superiora, afim de que lhe dê remédio. Mas, nisto, observai duas coisas: a primeira é que, cumprindo o vosso ofício, não vos perturbeis, se a superiora não faz o que vos parece conveniente; a segunda é que não deveis importunar a superiora, indo falar-lhe demasiadas vezes sobre

os negócios da comunidade, mas limitai-vos aos de alguma importância.

IX. Às irmãs conversas.

O que aqui se diz para as irmãs conversas, pode servir também às mestras encarregadas de instruí-las e repreendê-las. Mas antes de falar às irmãs conversas, quero dizer uma palavra às coristas em relação às conversas.

Vós vos lamentais sem cessar, senhoras coristas, de que as irmãs conversas são arrogantes, desobedientes, sem devoção, de que perdem as coisas do convento e até as dão para fora, aos seus parentes. Mas eu pergunto, se elas procedem mal, quem é a causa? — Sois vós mesmas: vós as tendes ocupadas, todo o dia, a executar diversos trabalhos, ou a fazer doces e outras coisas semelhantes, sem lhes dar tempo para fazer um pouco de oração, para frequentar os sacramentos, para visitar a Jesus Cristo na Eucaristia, para fazer ou ouvir alguma leitura espiritual; e até não lhes deixais vagar para assistir a uma única missa fora dos dias de festa; e, depois, vos queixais de que são muito imperfeitas e sem devoção? — Como poderão ser devotas, se vós lhes tirais os meios de adquirir a devoção? Esta é uma crueldade muito comum nos conventos, como eu tenho visto pela experiência; crueldade da qual as superiores e todas as religiosas que tem servas particulares deverão dar a Deus grandes contas.

Falemos agora às irmãs conversas.

I. Primeiramente, minhas caras irmãs, deveis persuadir-vos que professais um estado de humildade e que é principalmente pelos exercícios da humildade que vos deveis santificar. É mister, pois, que estejais atentas a vos mostrardes humildes com todos, ainda com vossas companheiras, mas sobretudo com as coristas, tendo o cuidado de lhes falar com todos os sinais de respeito, de lhes prestar todos os serviços que puderdes, sem falar ao que deveis a bem da comunidade. E quando elas vos disserem alguma palavra desagradável, tende bastante paciência para sofrê-la, sem lhes responder com altivez como se fosseis suas iguais. Se houverdes ficado no mundo, teríeis a ousadia de responder a uma patroa, como costumais fazer agora com as religiosas? Não, de certo. E porque agora sois religiosa, quereis esquecer o que sois? Não deveis orgulhar-vos porque as outras vos chamam irmãs, nem porque vos assentais à mesma mesa. Viestes ao mosteiro para servir de serva e como tal professastes. Tendes pois de prestar serviços e servir com humildade, porque servir com orgulho não é servir.

II. Não penseis senão em obedecer, fazendo o que vos ordenarem; e obedecei sem replica e sem demora. Não olheis se as vossas companheiras trabalham ou folgam. Cuidai somente em vós. Quanto mais trabalhades, mais ganhareis junto de Deus, se o fizerdes com intenção de lhe agradar; e, com isto, merecereis mais do que as religiosas que estão a ouvir muitas missas no coro ou a ler livros de piedade na sua cela; porque, então, em tudo o que fizerdes, cumprireis perfeitamente a vontade de Deus; e é nis-

to que consiste toda a santidade. E por isso, não andeis a dizer que viestes a religião para servir a Deus, e não para trabalhar como um carregador de fardos; porque para vós o meio de servir a Deus é trabalhar e servir o convento e as religiosas.

III. Quando as superiores não pensarem, pensai vós em lhes pedir um pouco de tempo para fazer a oração, a comunhão, ouvir missa, visitar o Santíssimo Sacramento etc. E quando tiverdes tempo, não o empregueis inutilmente em conversar ou passear, como fazem muitas outras. Vós que sois irmãs conversas, deveis ser muito zelosas e avarentas do tempo, de modo que não percais um momento que tiverdes, porque sois obrigadas a vos ocupar em servir a comunidade ou vossa superiora; senão quem deverá servi-la?

Além disso, mesmo durante o trabalho, que é que vos impede de pensar em Deus? Fazei, então, atos de amor, orações fervorosas, dizendo, por exemplo: Meu Jesus, misericórdia: Meu Deus, ajudai-me, dai-me o vosso amor etc. — Recitai ao menos a *Ave Maria*, ou outras orações vocais. Não andeis a dizer que estais abandonadas. Buscai a Deus e o achareis. No entanto, é necessário que ameis o silêncio. Falai, quando for preciso para o que houverdes de fazer, mas evitai as discussões e todas as conversas inúteis. Para este fim, afastai-vos, quanto for possível, de certas irmãs, que sempre tem a boca aberta para tagarelar. Fugi, sobretudo, das descontentes, das que murmuram, ou mal dizem, ou falam com pouca modéstia.

IV. Eu vos recomendo a santa pobreza. Temo que muitas irmãs conversas não vão ao inferno pelas faltas, que cometem contra o voto de pobreza, porque nas suas mãos está a administração das coisas do mosteiro. Se elas as dão aos seus parentes, ou descuidam de sua conservação, como poderão se salvar? Tende pois cuidado de conservar os objetos que vos são confiados, e poupá-los quanto for possível. E se vossos parentes vierem chorar, expondo-vos suas misérias, respondi-lhes resolutamente que não podeis tocar nas coisas do convento, porque vos não pertencem, e não vos haveis de condenar por amor deles. Se, entretanto, quiserdes socorrê-los com alguma coisa por mera caridade, não o façais sem permissão da vossa superiora. Tomai sentido para que a vossa entrada no convento não vos seja uma ocasião de condenação eterna.

1. Plus proficit amica correptio, quam accusatio tubulenta; illa pudorem incutit, haec indignationem movet. Amicum magis te, qui corripitur, credat, quam inimicum. *In Luc. l. 8, c. 17.*

2. Vis fratrem corrigere? Lacryma, exhortare, comprehendere pedes, osculari non erubescas, si modo vere mederi vis. *Ad pop. Ant. hom. 3.*

3. Juvenes plerumque severitas admonitionis ad profectum dirigit, senes vero deprecatio blanda. *Post. p. 3, adm. 2.*

4. *Lettre 788.*

5. Argue, obsecra, increpa. *II. Tim. 4, 2.*

6. *De Lex Alis, c. 3.*

7. *P. 2. lit. 9, c. 5, § 3.*

8. *Ribera. l. 4, c. 11.*

9. *Man. p. 2, § 17.*

10. *Vide Codex Iuris Canonici, can. 520 et seqs.*

11. *Man. p. 2, § 18.*

12. *Infirmus (eram) et visitasti me. Matth. 25, 36.*

CAPÍTULO XIII

REGULAMENTO DE VIDA PARA UMA RELIGIOSA QUE DESEJA SANTIFICAR-SE.

I. Do levantar-se.

1. — De manhã, ao dar-se o sinal de despertar, com as crianças, que acordando logo buscam o leite, assim também vós elevai o vosso coração a Deus por um ato de amor, oferecei-lhe vossas ações do dia e rogai-lhe que vos assista. E logo depois segundo o conselho de Sta. Teresa, não fiqueis a revolver-vos na cama, mas saltai imediatamente em terra, como se a cama estivesse envolvida em fogo; de outra sorte, perdereis a flor do merecimento, como se disse em outra parte.

Ao tomar o vosso hábito, não percais tempo, mas empregai-o em dizer algumas preces ou repetir orações jaculatórias, por exemplo: Meu Deus, eu só vos quero e mais nada. Eu vos ofereço tudo o que fizer e sofrer neste dia. Meu Jesus, misericórdia. Senhor, ajudai-me sempre. Fazei que eu cumpra a vossa vontade.

É bom utilizar-se de semelhantes invocações nos intervalos ou momentos livres, como indo ao coro ou ao refeitório, ou nos trabalhos que não exigem aplicação do espírito. Os instantes assim empregados, com o tempo, produzem muito fruto.

2. — Logo que estiverdes vestida, ponde-vos diante do crucifixo e fazei os atos ordinário da manhã, a saber, de ação de graças, de amor, de oferecimento de todas as obras e sofrimentos do dia; e, sobretudo, pedi com fervor a Jesus e Maria o auxílio necessário para servir bem a Deus durante o dia.

II. Da oração mental.

Eu não quero repetir aqui tudo o que disse no capítulo IV, mas somente recordar em poucas palavras a maneira de fazer bem a oração.

Depois dos três atos de fé na presença de Deus, de humildade e de pedido de luzes, lede sempre ou escutai atentamente o ponto de meditação; e, depois, aplicai-vos a considerar o que mais vos impressionou.

Em seguida, esforçai-vos por ter afetos devotos para Deus, e fazer atos de agradecimento, de humildade e de confiança. Aplicai-vos sobretudo em fazer atos de contrição e amor, acompanhados de preces, para pedir ao Senhor suas luzes, seu socorro, a resignação com sua vontade e seu amor. Ocupai-vos com algumas preces especialmente quando estiverdes em aridez. Bastará repetir então: Meu Jesus, misericórdia! Meu Deus, ajudai-me. No fim, lançai uma

vista de olhos sobre a vossa consciência, para ver se há alguma coisa que desagrade a Deus, e tirai-a, tomando a resolução particular de vos corrigir disso.

Esforçai-vos para fazer sempre a oração tanto de manhã como de tarde. Se acontecer que não possais dar à oração o tempo costumado, fazei ao menos um pouco. Ficai persuadidas que não fareis nunca progresso na vida espiritual, se não amardes muito a oração.

III. Do Ofício divino.

1. — É necessário dizer aqui alguma coisa sobre as horas canônicas, das quais não tratamos ainda nesta obra.

Todos os homens deveriam, nesta terra, ocupar-se, sem cessar, em agradecer a Nosso Senhor os benefícios recebidos e pedir-lhe as graças necessárias para alcançar a salvação eterna. Mas, como os seculares vivem distraídos com os negócios do mundo, a Santa Igreja quer que, em seu nome e no de todo o povo cristão, os eclesiásticos e os religiosos celebrem os louvores de Deus e orem por todos, dizendo o Ofício divino, o qual não é mais do que um memorial formado pelo mesmo Deus para nós, a fim de que soubéssemos bem orar e ele assim pudesse melhor ouvir as nossas preces e nos socorrer em nossas necessidades. Dai vem que cem orações privadas não tem o valor de uma só feita no Ofício divino. — Sta. Maria Madalena de Pazzi dizia que, em comparação com o Ofício, qualquer outra oração é

pouco meritória, e por isso quando ouvia tocar a campainha para as horas, saltava de alegria e, deixando tudo, corria para o coro, pensando que ia fazer o ofício dos anjos, louvar a Deus e impetrar as graças para os pobres pecadores. — Sta. Catarina de Bolonha também experimentava tanta alegria ao recitar o Ofício que desejava terminar a vida salmodiando; e dizia que a religiosa, que perseverasse até a morte a dizer a Ofício no coro, poderia ser posta no número dos santos.

2. — Mas não basta dizer o Ofício, é necessário recitá-lo como se deve, com respeito e atenção; porque se o fazeis sem atenção, com o espírito dissipado, voltando os olhos para cá e para lá sobre objetos próprios para vos distrair, ou ainda o que é pior, intercalando risos e palavras impertinentes, sabeí que vos estará preparado, na outra vida, um longo e duro purgatório. — Conta-se duas religiosas que, justamente pela sua pouca atenção no Ofício, foram condenadas a grandes tormentos. — Uma outra, chamada Gertrudes, da ordem de Cister, apareceu à uma de suas companheiras no mesmo coro e lhe disse que lá fazia o seu purgatório por não ter observado o silêncio durante o Ofício. — Segundo refere Sto. Antonino, um santo padre viu no coro um demônio que punha muitas coisas em um saco, e interrogado respondeu que, naquele saco, recolhia todas as palavras e todas as sílabas que os religiosos omitiam ou pronunciavam mal, para acusá-los no juízo de Deus¹. — E Surio, na vida de Sta. Ludgarda, diz que Deus enviou a peste em um convento de religiosas, porque recitavam o Ofício com precipitação e sem respeito².

3. — A oração feita com atenção e devoção é um incenso cujo odor é agradabilíssimo a Deus e nos atrai tesouros de graças. Ao contrário a oração indévota e distraída provoca a cólera do Senhor; porque, assim como ele mesmo disse a Sta. Brígida, os que recitam o Ofício com negligência, o desonram, em vez de honrá-lo. — É por isso que S. Tomás diz que não é isento de pecado quem ora com espírito distraído, embora a oração não lhe seja obrigatória; porque, então, parece desprezar a Deus, como desprezaria uma pessoa a quem falasse sem dar atenção ao que lhe diz³.

4. — É célebre nas crônicas cistercienses a visão que teve S. Bernardo, enquanto, uma noite, salmodiava no coro com seus monges. Viu ao lado de cada um deles um anjo a escrever. Alguns escreviam com ouro; outros com prata; outros com tinta; outros com água; e, enfim, outros tinham a pena suspensa, sem escrever coisa alguma. Em seguida, o Senhor fez entender ao santo o que aquilo queria dizer: O ouro significava que a oração era feita com fervor; a prata denotava a oração menos fervorosa; a tinta exprimia as palavras bem pronunciadas, mas sem devoção; a água a oração negligente e distraída, com pouca atenção ao que a língua proferia; enfim, os anjos que nada escreviam indicava a insolência dos que se distraíam voluntariamente.

5. — Eu espero, minhas caras irmãs, que não procedais como estes últimos, isto é, que, quando percebeis que um pensamento vos distrai, não chegueis até a querer continuar a dar-lhe audiência, embora vejais que vos tira a atenção devida ao Ofício.

Por conseguinte, de ora em diante, esforçai-vos por empregar toda a diligência devida para evitar as distrações voluntárias. Tomais o trabalho de recitar o Ofício, e depois, para não vos sujeitar ao pequeno incômodo de prestar a atenção que lhe é devida, que-reis perder o respectivo mérito e tornar-vos dignas de castigo? Eis, pois, o que tendes de fazer: Ao chegar ao coro, depois de tomar a água benta e fazer o sinal da cruz, adorai o Santíssimo Sacramento, oferecei-lhe a vossa intenção de dizer bem o Ofício em sua honra e pedi-lhe a sua assistência. Ide, depois, ao vosso lugar e figurai-vos que o Senhor vos olha do alto do céu e presta ouvidos atentos às preces que lhe dirigis então. Pensai que também os anjos as escutam atentamente, para as receber e oferecer a Deus. — Um dia, enquanto os monges rezavam Matinas, o bem-aventurado Hermann viu uma multidão de anjos que ofereciam a Deus suas preces em turíbulos de ouro.

6. — Não vos inquieteis depois com as distrações que sofrerdes na recitação do Ofício; enquanto não forem voluntárias, como acima ficou dito, não haverá pecado. Deus se compadece das misérias da nossa natureza. Muitas vezes os pensamentos nos sobrevêm sem que os queiramos; e onde não há vontade, não pode haver pecado. S. Tomás diz que mesmo as almas elevadas à contemplação não podem ficar longo tempo nesta altura; mas são logo abatidas pelo peso da miséria humana e recaem nas distrações involuntárias. Tende pois cuidado, não só antes de começar o Ofício, mas também durante a recitação,

de renovar vossa atenção de tempos a tempos, por exemplo, no começo de cada Salmo.

Sabeis que se pode estar atento de três modos, no dizer o Ofício, como ensinam comumente os doutores com S. Tomás: Às *palavras*, quando se aplica a proferi-las bem; — ao *sentido*, quando se reflete na significação das palavras, para unir com elas os afetos do coração: — a *Deus*, quando se pensa em Deus para adorá-lo, amá-lo e pedir-lhe graças. Cada uma destas três atenções basta para satisfazer a obrigação; mas quem rezar o ofício com simples atenção às palavras, sem nenhuma aplicação das outras duas atenções, nunca o dirá com devoção e com muito fruto. Procurai, por conseguinte, concordar os sentimentos do vosso coração com o que lerdes. É verdade que, nos Salmos, muitas passagens são obscuras, mas há muitas que são claras e cheias de santos afetos de amor, de confiança, de contrição, com orações etc.

7. — A melhor das três é a atenção a Deus, a qual se refere a louvável prática de distribuir as partes do Ofício em outras tantas meditações sobre as circunstâncias da paixão de Jesus Cristo. Por exemplo: no primeiro noturno, podeis meditar no lava-pés; no segundo, sobre a instituição do Santíssimo Sacramento; no terceiro, sobre a oração no jardim das Oliveiras; em Laudes, sobre a prisão do Salvador e sobre os maus tratos que sofreu em casa de Caifás; em Prima, sobre a flagelação; em Tercia, sobre a coroação de espinhos; em Sexta, sobre a ida para o Calvário; em Nôa, sobre as três horas de agonia, durante as quais Jesus esteve na cruz; em Vésperas,

sobre a sua morte; e em Completas, sobre a sua sepultura. — Estas meditações não devem ser feitas com tão profunda aplicação que canse a cabeça; mas sim com suavidade, de sorte que o espírito se ocupe com pensamentos devotos e, ao mesmo tempo, ainda possa prestar alguma atenção às palavras recitadas pela outra parte do coro.

Toda vez que disserdes *Pater noster*, applicai especialmente o vosso coração às palavras: *Sanctificetur nomen tuum*; que significam: Senhor, fazei-vos conhecido e amado de todos. *Adveniat regnum tuum*: Reinai nos nossos corações pela graça nesta vida, e pela glória na outra. *Fiat voluntas tua, sicut in coelo et in terra*: Fazei-nos executar a vossa vontade na terra, como os bem-aventurados a fazem no céu. — Ao dizer o *Gloria Patri*, podeis excitar vários afetos, como atos de fé, de agradecimento, de contentamento com o pensamento da felicidade de Deus, de desejo de honrá-lo e sofrer por sua glória. — Sta. Maria Madalena de Pazzi, ao inclinar a cabeça ao *Gloria Patri*, tinha a intenção de a apresentar ao ferro do algoz em honra da fé; e fazia este ato com tanto fervor, que, as vezes, se tornava pálida como se efetivamente lhe houvessem cortado a cabeça. Repetindo tantas vezes a *Ave Maria*, como se faz no Ofício, podeis também obter muitas graças da Mãe de Deus. — Eis o modo de recitar os divinos louvores com devoção e com muito proveito.

8. — Muitas religiosas crêem e dizem que o Ofício divino é um fardo pesado; e eu confesso que tem razão de chamá-lo assim as que o recitam sem devoção e com ânsia de acabá-lo logo; porque, na reali-

dade, devem ocupar-se, cada dia, neste exercício, duas horas, ou ao menos hora e meia, sem gosto e com muito trabalho. Quem, porém o diz com devoção, intercalando santos afetos e ardentes aspirações, longe de achar nele um fardo, encontra uma delícia espiritual, como acontece com as boas religiosas; para estas, se alguém o chamar peso, será como o peso das asas, que as ajudam a se elevarem para se unirem mais a Deus.

9. — Enfim, para esclarecer as religiosas e tranquilizá-las, em certas inquietações que podem ter, vou indicar aqui os privilégios que lhes foram concedidos pelos Sumos Pontífices.

1. Clemente VII concedeu a todos os religiosos doentes e aos enfermeiros a faculdade de satisfazer o Ofício divino, recitando seis ou sete Salmos, designados pelo superior, com sete *Pater* e dois *Credo*. — E Martinho V concedeu aos religiosos convalescentes poder satisfazê-lo, recitando uma parte do Ofício determinada pelo seu confessor. — É preciso notar que por enfermos se entendem aqui aqueles que não estão isentos por si da obrigação da recitação do Ofício pela própria doença que padecem. — De mais, note-se também que os privilégios concedidos aos religiosos são outorgados igualmente às religiosas, porque está entendido que o que foi dado a uns se comunica aos outros, em tudo o que lhes pode convir.

2. Leão X permitiu aos religiosos antecipar os longos ofícios, reservando os curtos para os dias de grandes ocupações.

3. Inocência IV concedeu às religiosas de Sta. Clara (e por elas a todas as religiosas claustraes, que

todas se comunicam entre si os privilégios recebidos) a faculdade de satisfazer à obrigação do ofício com a recitação do ofício das irmãs conversas, por qualquer causa razoável, tal como ser escrupulosa, ou cansada, ou ocupada a maior parte do dia em negócios úteis, ou ainda ser pouco instruída no ofício das coristas, segundo o juízo da superiora ou do confessor; e as religiosas podem usar deste privilégio por si mesmas, sem permissão da superiora, porque foi concedido de modo absoluto sem condições.

Todos estes privilégios são referidos pelos Salmaticenses⁴.

IV. Da missa.

1. Para ouvir missa com devoção, é preciso saber que o sacrifício do altar é o mesmo que se ofereceu um dia no Calvário; com esta diferença que ali se derrama só misticamente. Se vos achásseis então no Calvário, com que devoção e ternura não teríeis assistindo àquele grande sacrifício? Reanimai, pois, a vossa fé e pensai que o que se fez então no Calvário, se faz agora sobre o altar, e que este divino sacrifício não é oferecido somente pelo sacerdote mas também por todos os assistentes. Assim, pois, todos fazem de algum modo o ofício de sacerdote, assistindo à missa, pela qual os méritos da paixão do Salvador são aplicados a cada um de nós em particular.

2. — É preciso saber ainda que o sacrifício da missa foi instituído para quatro fins: 1. para honrar a Deus; 2. para expiar nossos pecados; 3. para agra-

decer a Deus seus benefícios; 4. para obter as suas graças.

Dai nascem as considerações seguintes que nos ajudam a ouvir Missa com muito fruto.

1.º - Na missa com a oblação que se faz ao Eterno Pai da pessoa de Jesus Cristo, homem e Deus, se dá a Deus uma honra infinitamente maior do que se lhe fossem oferecidas as vidas de todos os homens e de todos os anjos.

2.º - Por esta oferenda de Jesus Cristo, que se faz na missa dá-se a Deus uma satisfação completa por todos os pecados dos homens, e especialmente dos assistentes aos quais se aplica o mesmo sangue divino que foi derramado no Calvário, pela Redenção do gênero humano. Assim, pois, por uma missa, dá-se mais satisfação a Deus pelas nossas culpas, do que com qualquer outra obra satisfatória. No entanto, é verdade que, embora a missa seja de um valor infinito, Deus todavia a aceita de um modo finito, conforme a disposição de quem assiste; e por isso é útil ouvir muitas missas.

3.º - Pela missa rendemos a Deus dignas ações de graças por todos os benefícios, que nos fez.

4.º - Pela missa podemos obter todas as graças que desejarmos para nós e para os outros. Somos indignos de receber graças, mas nosso Salvador nos deu o meio de as merecer e obter todas, o qual é a pedirmos ao Eterno Pai em seu nome, oferecendo-lhe o sacrifício da missa, porque assim o próprio Jesus Cristo se une conosco para orar. Se soubésseis que quando fazeis a oração a Deus, convosco se une para orar a Mãe de Deus com todo o paraíso, com

que confiança não haveríeis de orar? — Ora, quando na missa vos applicais a pedir ao Senhor alguma graça, pede por vós também e por vós oferece os méritos de sua paixão o mesmo Jesus, cujas preces vallem infinitamente mais do que os do paraíso inteiro.

3. — É pois um bom método dividir a missa em quatro partes, da maneira seguinte:

1. Desde o começo até o fim do Evangelho.

Oferecei o santo sacrifício a Deus para honrá-lo, dizendo:

Meu Deus, eu adoro a vossa Majestade infinita. Queria honrar-vos, como mereceis; mas que honra podereis receber de mim, que sou apenas uma miserável pecadora? Eu vos ofereço a honra que vos presta Jesus Cristo neste altar.

2. Depois do Evangelho até a elevação.

Oferecei o santo sacrifício em expiação dos vossos pecados dizendo:

Senhor, eu detesto e abomino todos os desgostos que vos dei. Em reparação das ofensas que vos fiz, eu vos ofereço o vosso divino Filho, que se sacrifica de novo por mim neste altar; e por seus merecimentos vos peço me perdoeis e outorgueis a santa perseverança.

3. Da elevação até a comunhão.

Oferecei Jesus Cristo ao Padre Eterno, para lhe render ações de graças por todos os benefícios que vos fez dizendo:

Senhor, por mim mesma, eu sou incapaz de vos agradecer os vossos benefícios, mas vos ofereço em ação de graças o sangue de Jesus Cristo nesta missa e em todas as que atualmente se celebram sobre a terra.

4. Depois da comunhão até o fim da missa.

Pedi com confiança as graças de que tendes necessidade, e especialmente a dor dos pecados, a perseverança e o amor divino. Recomendai particularmente a Deus as irmãs do vosso convento, os vossos parentes, os pecadores e as almas do purgatório.

Eu não acho mau que reciteis durante a missa vossas orações vocais; mas desejo que ao mesmo tempo não deixeis de cumprir para com Deus os quatro deveres que já indiquei: honra, expiação, ação de graças, e as preces.

Eu vos peço que ouçais tantas missas quantas puderdes. Toda a vez que assistirdes ao santo sacrifício do modo que vos ensinei, alcançareis um tesouro de merecimentos.

Se vos restar algum dinheiro disponível, empregai-o em fazer celebrar missas na própria igreja, para vosso próprio proveito e também para que vossas irmãs tenham a vantagem de poder assistir. — Mas vos suplico não sejais daquelas religiosas que desejosas de ouvir muitas missas, exaltam os sacerdotes que as expedem lestamente, com grande desprezo

das cerimônias e grande escândalo dos fiéis. Lede o que acima se disse no capítulo precedente.

V. Do refeitório.

1. — Prouvera a Deus que muitas religiosas não perdessem no refeitório, por sua intemperança ou imodéstia, tudo o que ganharam nos exercícios espirituais! De resto, podeis praticar no refeitório muitas virtudes:

1. A *obediência*, pondo-vos a caminho logo que se der o sinal, para vos achardes presente na bênção da mesa.

2. A *retidão de intenção*, propondo fazer esta ação, não para a própria satisfação, mas somente para cumprir a vontade de Deus, que quer que sustentemos a vida do corpo, para que nos ajude a servi-lo nesta terra. Mas antes de começar a refeição, pedi ao Senhor que vos dê graças para não exceder os limites da necessidade.

3. A *mortificação*, privando-vos de alguma coisa, ou deixando parte do que vos agrada mais, ou ao menos contentando-vos com o que vos dá a comunidade, sem vos procurar pratos especiais e sem vos lamentar do que vos é servido, se é pouco ou mal preparado. Procurai antes fazer alguma mortificação na mesa, especialmente nas novenas e nos dias de sexta-feira e sábado, comendo de joelhos ou sentada no chão, ou beijando os pés das irmãs; e não vos inquieteis, se as outras zombam de vós; pois dai tirareis maior merecimento.

4. A *modéstia de olhos*, conservando-os baixos, sem os fazer girar para ver o que fazem ou comem as companheiras.

5. O *silêncio*, tão necessário no refeitório. Sêde atentas a leitura que se faz. Como é belo, enquanto se nutre o corpo, nutrir também a alma com as coisas edificantes que se ouvem ler! Por esse meio ainda, se evitam faltas, que o sentido do gosto pode fazer cometer nas refeições. Lede o que se disse sobre a mortificação da boca no capítulo VIII, § III, pág. 159.

VI. Da recreação.

1. — É também vontade de Deus que as almas de que é amado, tomem, de tempos a tempos, algum alívio, afim de que o arco não esteja sempre teso. Justos, exclama Davi, regozijai-vos no Senhor⁵. Diz *no Senhor*, para indicar que a recreação deve ser *moderada e modesta*.

1.^o - Deve ser *moderada*; porque, se é demasiadamente longa, nunca será isenta de defeitos. Assim pois desde que houver decorrido o tempo determinado pela regra, guardai logo silêncio e retirai-vos. Não imiteis aqueles que querem terminar a conversação começada, e assim perdem tempo. — Sta. Joana de Chantal dizia: “Se eu perdesse um instante, acreditaria ter feito um roubo a Deus. E porque não? Porventura o tempo me pertence de modo que o possa empregar à vontade? Deus me deu o tempo com medida, e me pedirá conta de cada momento”.

2.º - Deve ser *modesta*; isto é: Primeiramente é mister evitar celebrar os próprios louvores, proferir maledicências e certas chocarrices, que melindram as companheiras, como também interromper as outras que estão falando. — Em segundo lugar, é mister evitar falar em tom alto demais e rir *sem moderação*. Digo *sem moderação*, porque escreve S. Francisco de Sales que assim como é desordem rir no meio de ocupações sérias, assim ao contrário é muito inconveniente nunca rir na recreação. Por isso. Sta. Joana de Chantal dizia: “Quando me acho com as nossas jovens irmãs, rio para dar-lhes confiança de se recrearem, sendo isto necessário”.

Em terceiro lugar, é mister evitar as contestações e conversas sobre coisas mundanas, tais como casamentos, festins, belos vestidos etc. Dizia S. João da Cruz que não se pode falar destas vaidades do século, sem cometer alguma culpa.

2. — Eu não digo que, na recreação, devais falar sempre de coisas sérias. Ride, diverti-vos, falai mesmo de coisas amenas e engraçadas; mas conservai vosso recolhimento, fazendo internamente algum bom ato de amor de Deus ou de súplica; e frequentemente dirigi a conversação para assuntos piedosos, e dos indiferentes procurai tirar alguma consequência útil para a alma. — Assim fazia S. Luiz Gonzaga, que, por este santo artifício, tinha feito da casa de estudos onde estava, um verdadeiro santuário; porque seus jovens companheiros às vezes saíam da recreação mais afervorados, do que da própria oração. Eu vos peço que leiais sobre este assunto o que ficou dito no

capítulo VIII, § II, onde tratamos da modéstia em geral.

Evitai também conservar-vos a parte com aquelas que mais vos agradam: é uma coisa que se faz notar e que estraga a recreação toda. Conversai indiferentemente com todas as irmãs, e, à exemplo de Sta. Teresa, conversai mesmo mais vezes com aquelas às quais tendes menos simpatia.

3. — Mas, que diremos das recreações em uso, em certos conventos, no tempo do carnaval, no qual as religiosas abandonam a oração comum, as comunhões da regra, o ofício em coro, o silêncio, a boa ordem da comunidade, para se entreterem, dia e noite, em bailes, canções profanas e até em fazer comédias? Então, se vêem as esposas de Jesus Cristo fantasiadas em esposas do mundo, e até, o que é pior, vestidas de homem com peruca e espada; e, algumas vezes, assim aparecem na grade e na portaria com escândalo dos próprios seculares! — Que vergonha para uma religiosa trocar seu santo véu por um chapéu de secular! Eu não sei como as superiores podem permitir tais coisas sem grave escrúpulo de consciência. — Refere-se que Sta. Maria Madalena de Pazzi, em êxtase, viu muitas pessoas pertencentes ao estado religioso condenadas por se terem revestido de hábitos seculares com afeto desordenado. Ah! É no tempo do carnaval que as religiosas deveriam mais do que nunca conservar-se diante do Santíssimo Sacramento ou recolher em suas celas aos pés do crucifixo, para chorar sobre tantas ofensas que então fazem os seculares ao seu divino Esposo; e guardar-se bem dos divertimentos mundanos

e de excitar as outras a seguirem tão mau exemplo! Não fazem assim as religiosas que amam a Jesus Cristo. Sta. Maria Madalena de Pazzi no tempo do carnaval velava as noites inteiras orando pelos pecadores. Oh! quanto o Senhor aceita as orações de suas esposas que lhe vem fazer companhia no tempo em que é mais abandonado do mundo. — À Sta. Gertrudes fez saber que remunerava com graças singulares as ações virtuosas que lhe são oferecidas durante o carnaval. — Foi nesse tempo que Sta. Catarina de Senna, estando em oração, foi recebida por Jesus como sua esposa, em prêmio dos obséquios que lhe rendia, no momento em que era tão ofendido.

4. — Ao menos, se quiserdes então recrear-vos, fazei-o como religiosas; e se quiserdes cantar, entoai cânticos espirituais. Mas abstende-vos absolutamente de dançar: nada de tirar vossas companheiras pela mão, porque isso poderá ser bastante para vos causar muitos maus pensamentos e tentações. Se, pois, vos convidarem para recitar em alguma opera, escusai-vos o mais que puderdes: se outro dano não sofrêsseis, ficaríeis ao menos dissipadas por um ou dois meses, que passaríeis sem oração nem recolhimento. No caso que se queira fazer alguma coisa destas, que se escolha ao menos um assunto sacro; mas quando se tratar de representar amores profanos, ou de vos vestirdes de homem ou de senhora do mundo, recusai absolutamente, embora vos tratem de incivil, mal educada, santarrona etc. Deixai que vos censure; Deus vos louvará, diz o Salmista⁶. Abstende-vos também de olhar os mascarados, pois correríeis risco de ouvir e ver coisas contrárias à modéstia.

5. — Demais, não deixeis nesses dias de fazer a vossa leitura espiritual; da qual falou-se bastante no capítulo VI. Fazei também a visita ao Santíssimo Sacramento, como se disse no capítulo VII, § III, pág. 123. Não descuideis também do trabalho, segundo está recomendado no capítulo V, § II, pág. 104. Nunca se há de omitir o rosário, ao menos o terço de cinco mistérios. Lede o que se diz no capítulo X.

VII. Do exame de consciência, com outros avisos.

1. — A religiosa deve cada dia fazer dois exames: O exame particular, que se faz de manhã, antes do jantar, sobre qualquer falta particular à qual se esteja sujeito, e o geral que se faz à noite. As mulheres do mundo passam horas inteiras diante do espelho: a esposa de Jesus Cristo deve, ao menos duas vezes no dia, pôr-se em presença de Deus, para purificar sua alma.

Quanto a prática, o exame particular é curto; consiste em lançar um olhar sobre o seu defeito predominante e fazer um breve ato de contrição.

O exame geral exige mais tempo. Para fazê-lo bem, começai por pedir a Deus as luzes necessárias; em seguida, repassai na memória o que fizestes durante o dia, e vede se cometestes alguma falta, por exemplo: preguiça de vos levantar de manhã, ou de obedecer aos outros chamados do sino, impaciências, vaidade ou desejo de aparecer, palavras de desprezo, palavras ociosas ou pouco caridosas, mentiras para vos escusar, intemperanças no comer, dis-

trações voluntárias na oração ou no ofício, vistas curiosas, perda de tempo, omissão de boas obras, pequenas maledicências, pequenas desobediências, faltas de respeito aos superiores, faltas contra a pobreza, negligências em expulsar os maus pensamentos e outras coisas semelhantes.

Entretanto, quando cometerdes alguma falta, não espereis pela noite para vos levantardes. Logo que sentirdes o agulhão da consciência, fazei um ato de contrição e depois ficai em paz. Estes remorsos interiores devem consolar-vos, porque é um bom sinal; é sinal de que aborreceis essas faltas. Ai das religiosas, que não sentem as faltas ligeiras! É sinal de que elas estão em grande perigo de cair em faltas grave.

2. — Depois do exame, fazei os atos cristãos de fé, de esperança, de caridade etc., que eu junto aqui em resumo para vossa comodidade:

“Meu Deus, eu creio tudo o que a Santa Igreja me propõe para crer, porque vós lho revelastes. Creio que sois justo remunerador, que premiais os bons no paraíso e castigais os maus no inferno. Creio no mistério da Santíssima Trindade. Creio na encarnação e na morte de Jesus Cristo, e tudo o mais que crê a Santa Igreja”.

“Confiada nas vossas promessas, porque sois onipotente, fiel e misericordioso, eu espero obter de vós, pelos merecimentos de Jesus Cristo, o perdão de meus pecados, a santa perseverança e a glória do paraíso”.

“Meu Deus, porque sois infinitamente bom, eu vos amo sobre todas as coisas, e me arrependo de todas as ofensas que vos fiz. Estou resolvida a mor-

rer antes do que jamais vos desagradar, mediante vossa graça, que vos peço para agora e para sempre. Proponho também receber os santos sacramentos durante minha e na morte”.

É bom que saibais que Bento XIV concedeu uma indulgência de sete anos e de sete quarentenas para cada vez que se fizerem esses atos, e uma plenária, aos que os fizerem todos os dias durante um mês.

3. — Depois desses atos, dizei vossas orações ordinárias, a S. José, ao vosso anjo da guarda, aos vossos santos patronos, com as ladainhas da Santíssima Virgem, que nunca deveis omitir.

Ide, em seguida, tomar o repouso necessário. O demônio tenta as vezes as religiosas para fazerem oração durante a noite, afim de lhes fazer perder todo o dia seguinte. — Uma noite que S. Francisco não podia dormir, fez o sinal da cruz sobre o travesseiro e viu sair dele o tentador. Pelo que disse ao seu companheiro: “Vedes meu irmão, este demônio? Queria impedir-me o sono, para que eu amanhã não pudesse fazer oração”. Tomai, pois, o repouso de que tendes necessidade. — Despindo o vosso hábito, beijai-o, e usai de toda a modéstia em tirá-lo. Aspergi o vosso leito com água benta. Antes de deitar para dormir, dizei: Eu entrego a minha alma em vossas mãos⁷. — Por este ato, tende intenção de oferecer a Deus todas as vossas respirações da noite, como outros tantos atos de amor. E vossas últimas palavras sejam: “Meu Jesus, eu quero só a vós, e nada mais”.

4. — Não deixeis de fazer com devoção todas as vossas novenas, tais como as de Natal, de Pentecostes, das sete principais festas da Santíssima Virgem

e do vosso santo patrono, praticando os exercícios de piedade e de mortificação que vosso diretor vos determinar. Mas, nas ditas novenas, procurai ocuparvos antes em fazer atos de amor e visitas ao Santíssimo Sacramento e à Mãe de Deus, do que em orações vocais.

Tende também o cuidado de fazer um dia de retiro, em cada mês. Empregai todo esse dia na oração, em ação de graças, depois da comunhão, em leituras espirituais etc.; e guardai nele o silêncio rigoroso. Essa prática é muito útil para conservar e aumentar o fervor. Demais, além dos exercícios espirituais que se fazem em comum no convento, eu vos recomendo fazer oito ou dez dias de exercícios em particular.

Para este fim, eu exporei brevemente, depois deste capítulo, as máximas espirituais que podereis meditar.

5. — Enfim, as virtudes em que vos deveis exercer principalmente na religião, são a doçura e a obediência.

A *doçura* em suportar os desprezos é tão necessária a quem vive em comunidade, que é impossível adiantar-se no caminho de Deus, se os não sofre de boa vontade.

A *obediência* em executar prontamente o que é ordenado pelas regras e pelos superiores, não é menos necessária.

Deixai de prestar ouvido a quem vos propuser alguma máxima pouco conforme a obediência. Dizia Sta. Teresa: “Se entre as religiosas se houvesse de introduzir princípios opostos à perfeita obediência,

seria melhor que não houvesse religiosas, nem conventos”.

Não andeis a indagar se a superiora, quando vos deu tal ordem, foi, ou não, movida pela paixão. A vontade de Deus é que obedeaís; e se não obedeceis, não faleis mais de perfeição nem de amor de Deus; porque sabeis que toda a santidade consiste em submeter nossa própria vontade à dos superiores.

VIII. Da necessidade de expulsar a melancolia, e do que deve fazer a religiosa que entrou no convento contra a sua vontade.

1. — I. É necessário evitar a melancolia que é a peste da devoção e a fonte de mil defeitos. Se tiverdes o espírito inquieto, faltareis sempre em muitas coisas e nada fareis de bem. Perdereis quase todo o fruto das vossas orações, comunhões, leituras etc., porque fareis tudo negligentemente e no meio de mil distrações. Refleti que todas as vossas inquietações e agitações provém de não receberdes com resignação as cruces que Deus vos envia. A conformidade com a vontade de Deus torna doces e amáveis todas as tribulações: lede o que ficou dito no capítulo III. Vós vos lamentais de ser pobre, enferma, desprezada, perseguida, árida; uni-vos com a vontade de Deus, e todas estas penas deixarão de ser penas para vós.

Se me disserdes que sois menos atormentadas por estas cruces exteriores, do que por vossos escrúpulos de consciência, que vos fazem temer estar

privada da graça de Deus, eu vos respondo que vosso confessor, como suponho, já vos ordenou de não mais falar da vossa vida passada. Pela graça de Deus, detestais os pecados que cometestes; estais resolvida a morrer antes do que cair em uma falta mesmo venial, de propósito deliberado; freqüentais os sacramentos e desejais ser toda de Deus; são outras tantas provas de que gozais da sua graça. Porque, pois, vos atormentar continuamente, dizendo: Quem sabe como me acho diante de Deus? Qual será a minha morte? Quem sabe se confessei tudo? Se o meu confessor não se engana? O demônio me diz que estou condenada! — Tais são as lamentações ordinárias das religiosas. Ó minha irmã, lançai-vos nos braços da divina misericórdia, e tranqüilizai-vos dizendo: Meu Jesus, eu obedeço ao vosso ministro; e espero assim, pela virtude do vosso sangue, que me salvarei, e não ficarei separada de vós pela perda de vossa graça.

2. — Quanto ao presente, se vos inquietais por causa dos pecados veniais que cometeis diariamente, tenho confiança que não lhes tendes apego e que eles não são plenamente deliberados; detestai-os, pois, logo, e ponde-vos em paz.

Mas, meu Padre, dizeis vós, o que mais me inquieta, é o temor de ter caído em faltas graves, no meio de tantos maus pensamentos que me assaltam constantemente. Mas disto já falei no capítulo VII, § 11, pág. 145. Aqui me contento de repetir que uma pessoa de consciência timorata, enquanto não está certa de ter caído em um pecado mortal, deve estar certa de que está em estado de graça; porque é im-

possível que uma alma cuja vontade está confirmada em bons propósitos, se revolte contra Deus, sem o conhecer claramente.

Assim, pois, quando o vosso confessor vos mandar desprezar esses temores e ir comungar sem confessar, obedecei sempre cegamente e não deis ouvidos ao demônio, que vos procura inquietar por esses escrúpulos, para vos fazer abandonar o caminho da perfeição. quando vos sentirdes agitada, dissei ao Senhor: “Meu Pai, eu entrego a minha alma em vossas mãos: se vos aprouver que eu leve esta cruz até a morte, estou contente. Não permitais que eu vos ofenda, fazei que eu vos ame, e não recuso sofrer tudo o que quiserdes”.

Diz S. Francisco de Sales que Deus ama com ternura demasiada as almas que assim se abandonam no seu seio paterno e se deixam em tudo governar por sua divina providência, pois que ele cuidará do seu bem estar e disporá que essas almas eleitas o sigam com a ponta do espírito, sem outro apoio que o do seu divino beneplácito, que assim quer.

3. — II. Alguma dir-me-á talvez que nunca mais poderá achar paz, porque ela foi constrangida por seus pais a se fazer religiosa, e o é contra a sua vontade. — Eis o que lhe respondo: Se, quando entrastes na religião, não fosseis chamada, eu não vos teria aconselhado a tomar tal estado; todavia, vos teria rogado que suspendêsseis a resolução de vos lançar no mundo, no meio de tantos perigos de vos perder. — De resto, agora que vos vejo colocada na casa de Deus, e feita, de bom ou mau grado, esposa de Jesus Cristo, confesso, quanto a mim, que não posso

vos lamentar, assim como não poderia lamentar uma pessoa que fosse, mesmo contra a vontade, transportada de um lugar empestado e cercado de inimigos para um lugar salubre e seguro.

4. — Depois disso, acrescento: Suposto o fato como dissestes, já fizestes profissão no convento e já vos não é possível sair dele. Dizei-me, pois, que partido quereis tomar? A resolução prudente é esta: Se entrastes de má vontade no convento, é preciso agora que ai fiqueis de boa vontade. Do contrário, se vos entregais à melancolia, levareis uma vida desesperada e vos poreis em grande risco de sofrer um inferno neste mundo e um segundo no outro. É mister, pois, no caso presente, fazer da necessidade virtude; e se o demônio se esforçou por vos trazer a este estado para vos perder, aproveitai-vos dele, para vos santificar e salvar, com desprazer do inimigo. Dai-vos, pois, de bom coração a Deus, e vos asseguro que então sereis mais contente do que todas as princesas e todas as rainhas do mundo. Perguntando-se um dia a S. Francisco de Sales, o que pensava de uma religiosa que se achasse nesta situação, eis o que respondeu: “É verdade que esta filha, se não fosse violentada pelos parentes, não teria deixado o mundo; mas isso pouco importa, contanto que ela conheça que a violência usada pelos pais foi mais útil para ela do que se houvesse podido valer-se do seu arbítrio, pois agora pode dizer: Eu perdia a minha liberdade se não tivesse perdido tal liberdade”. E o santo queria dizer que se aquela jovem não houvesse sido forçada a se fazer religiosa, a sua liberdade que a teria induzido a ficar no século, lhe teria feito perder a verdadeira li-

berdade de filhos de Deus, que consiste no ficar livre das cadeias e perigos do mundo.

5. — Replicais: Como posso ser feliz neste estado para o qual não fui chamada? — Mas que importa não terdes sido chamada a princípio? Ainda que não entrastes no convento por vocação, é todavia certo que Deus permitiu isso para vosso bem; e se naquele tempo vos não chamava, agora vos chama com certeza para serdes toda dele.

S. Paulo eremita não foi ao deserto, para lá ficar, mas somente para fugir da perseguição exercida então contra os cristãos: no entanto foi depois chamado por Deus para ai fixar-se; fê-lo e chegou assim à santidade.

Quando S. Teresa entrou para o convento, tão pouco o fez de boa vontade. Ela escreve que, ao sair da casa de seu pai, sentiu tal dor, que acreditava não dever experimentar maior no momento da morte: e conta-se na sua vida que tomou o hábito, quase à força. Apesar disso, veio a ser uma grande santa e a ilustre reformadora da Ordem carmelita.

6. — A gloriosa Sta. Jacinta Mariscotti, religiosa de Sta. Clara de Viterbo, foi também contra a sua vontade levada a tomar o véu, e viveu dez anos, neste estado, com muita imperfeição; mas, esclarecida um dia pela luz divina, se converteu inteiramente a Deus, e perseverou em vida santa, durante vinte e quatro anos, até a morte. Foi depois considerada digna de ser colocada sobre os altares, para veneração dos fiéis. — Igualmente, sor Maria Boaventura, religiosa do mosteiro da Torre dos Espelhos de Roma, onde também tinha sido posta contra a vontade, ai

levava uma vida tibia e dissipada. Um dia, depois da primeira meditação que ouviu nos exercícios espirituais dados pelo padre Lancisio da Companhia de Jesus, foi-se atirar aos pés do pregador e lhe disse resolutamente: “Padre, eu reconheci o que Deus exige de mim. Quero ser santa e grande santa e sem demora”. Com efeito, com o auxílio de Deus, é o que ela fez; pois, dito isto, impedida de falar mais por um copioso pranto que lhe sobreveio, foi encerrar-se na sua cela e ai aos pés do crucifixo escreveu o seguinte protesto: “Eu, Maria Boaventura, neste dia do começo dos exercícios, me ofereço inteiramente a vós, meu Deus. Prometo não amar outro além de vós, meu Jesus. Aceitai, ó amantíssimo Redentor, este papel banhado com as minhas lágrimas, que eu vos consagro, em penhor do meu amor, e que deposito na chaga do vosso lado, afim de que, pelos méritos do vosso sangue, me perdoeis os meus pecados, e me confirmeis no vosso amor, de modo que eu não seja mais minha, mas vossa toda inteira”.

Eis, minha cara irmã, o que deveríeis também fazer : formai neste momento o bom propósito de ser toda de Deus, e fazei este mesmo protesto diante do Santíssimo Sacramento ou do crucifixo, e, não duvideis que, se estais assim resolvida, o Senhor não deixará de vos estender a mão para vos elevar a um eminente grau de santidade. Então o que chamais vossa desgraça tornar-se-á a vossa máxima felicidade, como sucedeu à mencionada Sórora Maria Boaventura, que em breve tempo se fez santa e rica de merecimentos pois sobreviveu somente um ano à sua conversão. Tendo todo esse tempo empregado em

orações e penitências, expirou em paz celeste, com os olhos voltados para o céu e os nomes de Jesus e de Maria nos lábios; e se diz que imediatamente depois da sua morte, deram-se sinais manifestos da glória de que já gozava.

Vamos, pois, tende coragem; e uma vez que Deus vos chama ao seu amor perfeito, cantai com alegria: “Já ouço, Senhor, a vossa voz, que me chama para vos amar sem reserva: Todo o amor que se divide, já não é verdadeiro amor”.

Mas considerai que para se santificar, não basta somente desejá-lo; é necessário pôr mãos à obra. Começai por aplicar-vos um pouco mais à oração; fazei cada dia a leitura espiritual, assim como a visita ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem; quando vos reprenderem, humilhai-vos; quando vos desprezarem, calai-vos; rompei as correspondências; mortificai a vossa boca, vossa curiosidade, vossa vontade própria. Tende coragem, repito, e começai; pouco a pouco chegareis ao fim. O amor próprio viverá em nós enquanto estivermos na terra. É preciso pois que nos esforcemos sempre para arrancar as más ervas que nascem no vosso jardim. Santificar-se sem incômodo é coisa impossível.

1. *Summ. p. 2, tit. 9, c. 12, § 3.*
2. *16 Jun.*
3. *2, 2, q. 83, a. 13.*
4. *Salmantic. Theol. mor. tr. 16, c. 3, n. 55 - 62.*
5. *Laetamini in Domino et exultate justi. Ps. 31.*
11. *6. Maledicent illi, et tu benedices. Ps. 108, 28.*

7. In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.

APÊNDICE I

Resumo das virtudes que uma religiosa deve exercer para se santificar.

(Seria bom ler este resumo cada vez que se fizesse seu dia de retiro, para se examinar sobre as virtudes de que se tem mais falta)

1. Desejar crescer sempre mais e mais no amor a Jesus Cristo. Os santos desejos são asas com que as almas voam para Deus. É por isso que é preciso meditar muito na paixão do Salvador; fazer muitos atos de amor a Jesus Cristo durante o dia, começando de manhã, desde o despertar, e procurar dormir, fazendo um ato de amor; pedir sem cessar a Jesus Cristo seu santo amor.

2. Aproximar-se da santa Mesa com a maior frequência permitida pelo diretor, e fazer cada dia muitas comunhões espirituais, ao menos três.

3. Visitar o Santíssimo Sacramento ao menos uma vez por dia, e nestas visitas, depois dos atos de fé, de agradecimento, de caridade, e de contrição, pedir-lhe com fervor a perseverança e o santo amor; e quando sobrevierem inquietações, perdas, afrontas, ou outras coisas molestas, recorrer ao Santíssimo Sacramento ao menos do lugar em que se achar.

4. Cada manha, ao levantar, oferecer-se a Deus com a resolução de sofrer em paz todas as contrariedades que ocorrerem; e quando elas vierem, dizer sempre: Senhor! faça-se a vossa vontade!

5. Regozijar-se da infinita felicidade de Deus: quem ama a Deus mais do que a si mesmo, deve estar sempre mais contente da felicidade de Deus do que da própria.

6. Desejar o paraíso, e desejar por isso a morte, para ficar livre do perigo de perder a Deus; e para ir amá-lo no céu com todas as forças e durante toda a eternidade.

7. Desejar e fazer de modo que todos amem a Jesus Cristo; e por isso falar aos outros muitas vezes do seu amor.

8. Trabalhar para Deus sem reserva, nunca lhe recusando o que se julgar ser-lhe agradável: escolher mesmo o que mais lhe aprouver.

9. Orar todos os dias pelas almas do purgatório e pelos pobres pecadores.

10. Fazer todos os seus atos só com o fim de agradar a Deus, dizendo no começo de cada um: Senhor, seja por vós tudo!

11. Oferecer-se a Jesus Cristo, muitas vezes por dia, com disposição de sofrer toda a espécie de trabalho por seu amor, dizendo: Meu Jesus, eu me dou inteiramente a vós; eis-me aqui, fazei de mim o que vos aprouver.

12. Resolver-se a antes morrer do que cometer um pecado deliberado, mesmo venial.

13. Recusar suas próprias satisfações, mesmo permitidas; fazê-lo ao menos duas ou três vezes por

dia. Quando ouvir falar de riquezas, honras, divertimentos mundanos, pensar que tudo acaba, e dizer então: Meu Deus, eu não quero senão a vós, e nada mais.

14. Fazer cada dia duas horas de oração mental, ou ao menos uma hora.

15. Amar a solidão e o silêncio para estar com Deus só e entreter-se com ele; e por isso, é mister amar o coro e a cela, e fugir a grade, a portaria e o jardim.

16. Praticar todas as mortificações exteriores que a obediência permitir, mas aplicar-se sobretudo as mortificações interiores, tais como reprimir a curiosidade, não responder às injúrias, e nada fazer jamais para sua própria satisfação.

17. Cumprir todos os exercícios de piedade, como se os fizesse à última vez; e para este fim, pensar muitas vezes na morte na meditação, e quando se deitar, se lembrar que um dia deverá morrer.

18. Nunca deixar de fazer as devoções ordinárias, ou outra obra boa, pelo respeito humano, aridez ou enfado.

19. Não se lamentar, nas doenças, do pouco cuidado dos médicos ou das irmãs, e ocultar suas dores quando for possível.

20. Expulsar a tristeza, e conservar, nas adversidades, o espírito tranqüilo, e a fronte serena, sempre a mesma. Quando se quer o que Deus quer, nunca se deve ficar aflito.

21. Nas tentações, recorrer logo com confiança a Jesus e Maria, e não cessar de repetir os nomes de Jesus e de Maria, enquanto durar a tentação.

22. Pôr toda a sua confiança primeiramente na paixão de Jesus Cristo, e depois na intercessão de Maria, e pedir todos os dias a Deus esta confiança.

23. Depois de uma falta, nunca se perturbar nem desanimar, ainda que se recaísse muitas vezes na mesma falta; mas arrepender-se logo e tomar de novo a resolução de se corrigir, confiando em Deus.

24. Pagar o mal com o bem, ao menos orando ao Senhor pelas pessoas de quem se tenha de lamentar.

25. Responder com doçura, quando se é maltratado por ações ou palavras, e ganhar assim o seu próximo. No entanto, quando se sente comovido, é bom calar-se até que se tenha o espírito calmo. De outra sorte, se cometeriam mil faltas, quase sem se perceber.

26. Para as correções a fazer, ter cuidado de escolher o tempo, em que não se tenham perturbações, nem em si nem na pessoa que se há de repreender; sem o que a correção seria mais nociva do que útil.

27. Dizer bem de todos; a escusar a intenção, quando não se possa desculpar a ação.

28. Socorrer o próximo, quando se puder, e sobretudo os adversários.

29. Não fazer, nem dizer coisa alguma que possa causar pena aos outros, a menos que não seja para mais agradar a Deus; e se acontecer que se falte a caridade para com o próximo, pedir-lhe perdão, ou ao menos falar-lhe com doçura.

30. Falar sempre com voz branda e moderada.

31. Oferecer a Deus os desprezos que sofrer, e não se queixar disso aos outros.

32. Observar pontualmente as regras do convento. — S. Francisco de Sales dizia que a mais austera penitência do religioso é renunciar a sua própria vontade, consentir que a observância das regras seja o sacerdote que, a cada instante, ofereça esse sacrificio a Deus. Repetia freqüentemente que a predestinação do religioso está ligada ao amor das suas próprias regras; e dizia aos superiores regulares que, para bem exercer o seu cargo, eles não tinham mais do que observar as suas regras e fazê-las observar pelos outros.

33. Considerar os superiores como a própria pessoa de Jesus Cristo; e, em consequência, obedecer-lhes pontualmente e sem réplica.

34. Quanto a humildade, amar os empregos mais baixos; escolher para si os objetos mais pobres; abater-se mesmo diante de suas inferiores; não falar de si mesma nem bem nem mal, porque dizer mal de si mesma, às vezes, só serve para fomentar o orgulho; não se escusar quando for repreendida, ou mesmo caluniada, a não ser que seja absolutamente necessário para afastar escândalo.

35. Visitar e socorrer quanto for possível as enfermas, sobretudo as que são mais desamparadas.

36. Dizer freqüentemente a si mesma: Eu entrei no convento, não para viver em delícias, mas para sofrer; não para ser rica, mas para ser pobre; não para ser honrado, mas para ser desprezada; não para fazer minha vontade, mas para fazer as das outras.

37. Renovar sempre a resolução de se santificar e não desanimar, em qualquer estado de tibieza, em que se ache.

38. Renovar cada dia os votos de sua profissão.

39. Conformer-se com a vontade divina em tudo o que é contrário aos sentidos, como dores, doenças, afrontas, contradições, perda de bens, morte de parentes ou de outras pessoas amigas; e por isso, fazer nesta intenção todas as suas obras, comunhões, meditações, orações, pedindo a Deus a graça de amar e cumprir sua vontade.

40. Recomendar-se às orações das pessoas piedosas, mas ainda mais aos Santos do paraíso e sobretudo à Maria Santíssima; estimar muito a devoção a esta divina Mãe, e não deixar passar nenhuma ocasião de a inspirar aos outros.

APÊNDICE II.

Máximas espirituais que toda a religiosa deve ler.

De que serve ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?

Tudo acaba; a eternidade não acaba nunca.

Mais vale perder tudo, do que perder a Deus.

Um pecado por leve que seja, nunca é um mal leve.

Quem quer agradar a Deus, deve renunciar a si mesmo.

Tudo o que se faz para sua própria satisfação, é absolutamente perdido.

Para se salvar, é mister estar sempre com receio de se perder.

Morrer e agradar a Deus!

O pecado é o único mal, que se há de temer.

Tudo o que Deus quer, é bom; deve se querer tudo o que ele quer.

Quem não deseja senão Deus, está sempre contente, aconteça o que acontecer.

Eu devo me afigurar que, no mundo, não há senão Deus e eu.

O mundo inteiro não pode contentar o meu coração; só Deus o contenta.

Toda a nossa felicidade consiste em amar a Deus, e o amor de Deus consiste em fazer sua vontade.

Toda a nossa riqueza está na oração; aquele que ora, obtém tudo o que quer.

Um dia sem oração mental deve ser considerado um dia perdido.

Quem deixa a oração, diz Sta. Teresa, se põe por si mesmo no inferno.

Não passeis um dia sem fazer uma leitura espiritual.

O ponto de honra é a peste da vida espiritual.

Para ser humilde de coração, e não de boca, não basta dizer que é digno de desprezo, é preciso amar ser desprezo.

Que sabe fazer uma religiosa, se não pode sofrer uma afronta por Deus?

Quando vos insultarem, tomai tudo por gracejo.

Quando se pensa no inferno que se mereceu, toda a pena parece leve.

Quem ama a pobreza, possui tudo.

Nas coisas do mundo, é preciso escolher a menos boa, e nas de Deus, a melhor.

Uma religiosa obediente é a alegria de Deus e do convento.

A verdadeira caridade consiste em fazer bem a quem nos faz mal, e ganhá-lo por este meio.

Para que servem as riquezas e as honras da terra, no momento da morte?

É um grande favor de Deus, ser chamado a seu santo amor.

Deus não deixa nenhum bom desejo sem recompensa.

Nenhum apego, mesmo as coisas boas, não pode ser bom.

Sejamos reconhecidos, mas a Deus antes de tudo.

Estejamos, pois, resolutos a não recusar a Deus nada, escolhendo sempre o que for mais agradável.

A mais bela oração de um enfermo, é se conformar com a vontade de Deus.

Vida santa e prazeres sensuais, não podem andar juntos em acordo.

Quem confia em si mesmo, está perdido; quem confia em Deus, pode tudo.

Que maior felicidade pode experimentar uma alma, do que saber que agrada a Deus.

Deus está pronto para se dar sem reserva aos que tudo deixam por seu amor.

O único caminho da santidade é o dos sofrimentos

É pela aridez e pelas tentações que Deus experimenta aos que o amam.

Quem ama a Deus e confia nele, não se pode perder.

Peçamos a Deus que nos dê uma terna devoção a sua Santíssima Mãe.

Aquele que vê Jesus crucificado, sofre tudo sem se lamentar.

Aqui na terra, quanto mais se ama Deus, tanto mais se fica contente; tudo o que não é feito por Deus, torna-se um motivo de sofrimento.

Toda espécie de inquietação, mesmo para o bem, nunca vem de Deus.

Contanto que um não cesse de andar, chegará com certeza.

Quem não deseja senão Deus, é rico e feliz; não tem necessidade de nada e se ri do mundo.

Nada pode bastar a quem Deus não basta.

Deus, Deus só, e nada mais!

APÊNDICE III.

Aspirações de amor a Jesus Cristo.

Meu Jesus, vós só me bastais.

Ó meu amor, não permitais que eu me separe de vós. Quando é que vos poderei dizer: Meu Deus, eu não posso mais vos perder.

Senhor, quem sou eu, para que procureis tanto vos fazer amar por mim?

A quem hei de querer amar, se vos não amo, meu Jesus!

Eis-me aqui, Senhor, disponde de mim como vos aprouver.

Dai-me vosso amor, e eu nada mais vos peço.

Fazei que eu seja toda vossa antes de morrer.

Padre Eterno, pelo amor de Jesus Cristo, tende piedade de mim.

Meu Deus, eu vos quero a vós só, e nada mais.

Ó meu Jesus, quem me dera consumir-me inteiramente por vós, que vos consumistes inteiramente por mim!

Se eu tivesse morrido enquanto estava em pecado, não poderia mais vos amar; agora que vos posso amar, vos quero amar com todas as minhas forças.

Eu vos consagro toda a vida que me resta.

Eu não quero senão o que quereis, e quero tudo o que quereis.

Fazei, meu Jesus, que eu vos encontre apaziguado, a primeira vez que vos vir.

Fazei que eu antes morra, do que vos torne a ofender.

Vós não me deixareis, e eu vos não deixarei; nós nos amaremos sempre, meu Deus, nesta vida e na outra.

Eu seria bem ingrata para vós, o meu Jesus, se depois de tantas graças, vos amasse pouco!

Vós vos destes todo a mim, e eu me dou inteiramente a vós.

Vós amais aquele que vos ama: eu vos amo e vós me amais também. Se eu vos amo pouco, dai-me o amor que exigis de mim.

Vós me obrigastes tanto a vos amar; fazei-me vencer tudo para vos agradar.

Permiti que vos ame uma alma, que tanto vos ofendeu.

Fazei-me conhecer que imenso bem sois, afim de que vos ame muito.

Eu vos quero amar muito nesta vida, para vos amar muito na outra.

Eu espero vos amar eternamente, ó Deus eterno!

Ai! porque não vos amei sempre! porque não morri antes de vos ofender!

Eu vos dou minha vontade, minha liberdade; disponde de mim como vos aprouver.

Eu não quero outra felicidade senão a de vos contentar, ó Bondade infinita!

Ó meu Deus, eu me regozijo, porque sois infinitamente feliz.

Vós sois onipotente; fazei-me santa.

Vós me procurastes quando eu fugia de vós; me amastes, quando eu desprezava o vosso amor; não me abandoneis agora que vos busco e amo.

Este dia seja o em que me dê inteiramente a vós!

Dai-me todas penas, mas não me priveis da felicidade de vos amar.

Eu vos agradeço por me terdes concedido tempo para vos amar.

Eu vos amo, meu Jesus; eu vos amo; e espero acabar minha vida, repetindo: Eu vos amo, eu vos amo.

Eu vos quero amar sem reserva, e fazer tudo o que eu souber que vos agrada.

Prefiro o vosso prazer a todos os prazeres do mundo.

Aceito todas as penas, contanto que vos ame, ó meu Deus.

Quem me dera poder morrer por vós, meu Jesus,
como morrestes por mim!

Ó! quem me dera poder por vós, meu Jesus, co-
mo morrestes por mim!

Ó! quem me dera poder conseguir que todos vos
amem, como mereceis!

Ó vontade de Deus, vós sois meu amor!

Ó Deus de amor, inflamai-me de amor!

Ó Maria, atraí-me totalmente a Deus.

Ó minha Mãe, fazei que eu recorra sempre a vós:
vós me deveis fazer santa; assim o espero.

Viva Jesus, nosso amor, e Maria nossa esperan-
ça!

DEO GRATIAS.

Fim do II Volume